

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

# **A PONTE ESTAIADA**

**OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA**  
**NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**  
**PARA A CIDADE DE SÃO PAULO**

————— Luciana Rossi Cotrim —————

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

# **A PONTE ESTAIADA**

## **OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA**

### **NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

### **PARA A CIDADE DE SÃO PAULO**

---

Luciana Rossi Cotrim

---

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Semiótica.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira.

SÃO PAULO

2013



## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autora: Luciana Rossi Cotrim

**A Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira na construção de sentidos para a cidade de São Paulo.**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Professora Doutora Ana Claudia Mei Alves de Oliveira,  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **Banca Examinadora**

---

Professora Doutora Cintia SanMartin Fernandes,  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

---

Professora Doutora Valdenise Leziér Martyniuk,  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## **AGRADECIMENTO INSTITUCIONAL**

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP,  
ao Programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica (COS),  
ao Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS),  
à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)  
e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
pelo incentivo e apoio à pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Dora, minha mãe, por sua existência, pelo seu ser.  
Alcir, meu pai, pelo não ser mais, mas eternamente sendo.  
Regis, meu marido, pelo amor, paciência e força.  
Claudia, minha irmã, pela coragem, pelo ir além.  
Ricardo, meu sobrinho, pelo afeto, inteligência e determinação.  
Leonardo, meu sobrinho, pela criatividade, sagacidade e prazer.  
E meus *pets*, Xandy e Vivi, que foram minha companhia diária nesse desafio.

Para os colegas presentes nesse percurso:

### **No incoativo**

Adriana Tulio Baggio  
Graziela Rodrigues  
Sílvia Sampaio de Alencar  
Tatiana Rovina Castro Pereira

### **No durativo**

Adelina Bracco  
Mariana Albuquerque  
Paolo Demuru  
Maria Paula Piotto  
Thaís Vieira Sena

### **No terminativo**

Alexandre Bueno  
Marc Bogo  
E, especialmente, o “anjo” Rafael Lenzi

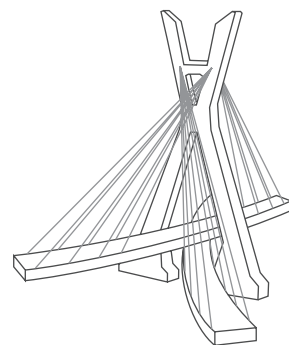
E os adjuvantes muito queridos

Douglas Rodrigues Gomes  
Fabio Caim  
Kathia Castilho  
Zilda Cotrim

E aqueles que, mesmo sem saber, participaram deste trabalho:

Alexandre Hepner, Marcelo Bispo dos Santos, Mundano,  
Santiago Calatrava e o Engenheiro Francisco Catão Ribeiro.

E, por fim,  
aos Profs Drs José Luiz Aidar Prado e Eugenio Trivinho  
e, muito especialmente, à minha orientadora,  
Profª Drª Ana Claudia Mei Alves de Oliveira,  
pelo saber, pelo sentir e pelo risco.



*Uma ponte é sempre a promessa de um encontro,  
de uma reunião, de uma convergência.*

Maria Cristina Frias (2008)

## RESUMO

Para além da funcionalidade viária, a Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira é apropriada por visibilidade que produz efeitos, a partir de uma tessitura de discursos sincréticos entretecidos por meio de diferentes linguagens: urbanística, arquitetônica, estética, midiática, e que constroem a visibilidade da urbe, caracterizando um modo de presença polissêmico que promove processos comunicacionais e sociopolíticos que a significam para São Paulo e seus habitantes e justificam sua escolha como objeto de estudo. A pesquisa refere-se à maneira como a ponte agrega novos significados à metrópole ao se fazer vista e vivida pela população, projetando mundialmente a própria cidade e seus habitantes. A principal hipótese é que os efeitos de sentido de sua visibilidade e das interações estabelecidas com os sujeitos em diversos acontecimentos contribuem para fazer a cidade de São Paulo ser reinventada, ora como cidade global, ora como província. O arcabouço teórico é a semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas, e sua metodologia do percurso gerativo do sentido nos três patamares: discursivo, narrativo e axiológico; as contribuições da análise plástica de Jean-Marie Floch e Ana Claudia de Oliveira e a análise do sentido sensível e os modos de apreensão, assim como dos regimes de interação e de sentido desenvolvidos por Eric Landowski. O corpus abarca a pesquisa histórica da ponte estaiada: a construção, a inauguração, em maio de 2008, e a midiatisação de diferentes ações ocorridas em suas vias até meados de 2013. A este levantamento soma-se a apreensão de seus modos de presença, a partir de sua expressão, visibilidade e interação com a população, divulgados nas mídias e captados pela pesquisadora. A conclusão é que os sentidos da Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira vão além dos discursos emblemáticos produzidos intencionalmente por seus destinadores e convocam, na rotina diária cidadina, a circulação de valores de (não) pertencimento entre os que vivem na cidade e fora dela, unindo-a ao mundo. Essas narrativas e suas axiologias foram consideradas míticas pelo semantizar da ponte em suas redes significantes: como a rede viária da região onde se localiza e a da cidade, as redes de interações entre sujeitos e as redes invisíveis que midiatisam globalmente a cidade de São Paulo.

**Palavras-Chave:** Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira. São Paulo. Semiótica discursiva. Comunicação. Regimes de visibilidade, de interação e de sentido.

## ABSTRACT

Beyond road functionality, Estaiada bridge Octávio Frias de Oliveira is appropriated by visibility which produces effects, from a texture of syncretic discourses interwoven through different languages: urbanistic, architectural, aesthetics, mediatic, that build the city's visibility, characterizing a polysemic way of presence which promote communicational and sociopolitical processes that signify it to São Paulo and its inhabitants and justify this choice as study object. The research refers to the way the bridge aggregates new meanings to the metropolis as it makes itself seen and lived by population, projecting the very city and its inhabitants worldwide. The main hypothesis is that the sense effects of its visibility and of interactions established with subjects in different happenings contribute to the city of São Paulo to be reinvented, sometimes as a global city, sometimes as a province. The theoretical framework is Algirdas Julien Greimas' discursive semiotics, and its methodology of sense generative path in three levels: discursive, narrative and axiologic; the plastic analysis' contribution from Jean-Marie Floch and Ana Claudia de Oliveira, and the sentient sense and apprehension ways' analysis, as well as the regimes of interaction and of sense developed by Eric Landowski. The corpus embraces Estaiada Bridge's historical research: its building, its inauguration on May 2008, and the mediatization of different actions occurred on its roads until mid-2013. To this survey is added its presence ways' apprehension, from its expression, visibility and interaction with population, disclosed in media and picked up by the researcher. The conclusion is that Estaiada Bridge Octávio Frias de Oliveira's senses go beyond emblematic discourses intentionally produced by its addressers and call upon, in the city's everyday routine, the circulation of values of (not) belonging among those who live in and out of the city, linking it to the world. These narratives and its axiologies were considered mythic in the act of semanticizing the bridge in its significant networks: as the road network of the zone where it is located and the city's, the interactions networks among subjects and the invisible networks that worldly mediatize the city of São Paulo.

**Key-words:** Estaiada bridge Octávio Frias de Oliveira. São Paulo. Discursive semiotics. Communication. Visibility regimes. Sense interaction.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                  |            |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>                                                              | <b>11</b>  |
| 1.1      | A Ponte estaiada como objeto de estudo .....                                                     | 19         |
| 1.2      | Fundamentação teórica: Semiótica discursiva .....                                                | 22         |
| <b>2</b> | <b>REDE DE ESTAIS E ENTRELAÇAMENTO FIGURATIVO DA PONTE ESTAIADA .....</b>                        | <b>33</b>  |
| 2.1      | O nome: Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira .....                                           | 36         |
| 2.2      | A expressão da estrutura animada da ponte estaiada .....                                         | 39         |
| 2.3      | Uma experiência sensível .....                                                                   | 53         |
| 2.4      | O subterrâneo da ponte estaiada .....                                                            | 59         |
| 2.5      | O sagrado e profano da ponte estaiada .....                                                      | 64         |
| 2.6      | Os elementos da natureza na ponte estaiada .....                                                 | 70         |
| 2.7      | O quadrado semiótico da ponte estaiada .....                                                     | 75         |
| <b>3</b> | <b>REDE URBANA: ESPACIALIDADES, CAMINHOS E NARRATIVAS DO ENTORNO<br/>DA PONTE ESTAIADA .....</b> | <b>84</b>  |
| 3.1      | Espacialidades do lado Berrini: o discurso Bratke-Collet .....                                   | 88         |
| 3.2      | Espacialidades do lado Berrini: as empresas privadas .....                                       | 91         |
| 3.3      | Espacialidades do lado Berrini a partir da construção do CENU .....                              | 94         |
| 3.4      | Espacialidades do lado Berrini: bairro nos arredores da ponte estaiada .....                     | 98         |
| 3.5      | Espacialidades do lado Real Parque: comunidade .....                                             | 104        |
| 3.6      | Espacialidades: Avenida Luis Carlos Berrini vs Avenida Doutor Chucri Zaidan .....                | 108        |
| 3.7      | Espacialidades: discursos do Outro .....                                                         | 112        |
| 3.8      | Espacialidades: a rede de ligação programada .....                                               | 120        |
| <b>4</b> | <b>CONSTRUÇÃO DA PONTE ESTAIADA: REDES DE VISIBILIDADE<br/>LOCAL E GLOBAL .....</b>              | <b>125</b> |
| 4.1      | As redes discursivas que tornaram a ponte estaiada midiática .....                               | 132        |
| 4.2      | As redes interdiscursivas que tornaram a ponte estaiada global .....                             | 135        |
| 4.3      | As redes interdiscursivas que tornaram as pontes símbolos do poder econômico .....               | 142        |
| 4.4      | As redes discursivas que tornaram a ponte estaiada emblema de São Paulo Global .....             | 147        |

|          |                                                                            |            |
|----------|----------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>5</b> | <b>REDE SOCIAL: A PONTE ESTAIADA E A COMUNIDADE .....</b>                  | <b>152</b> |
| 5.1      | O discurso do outro: a passeata .....                                      | 158        |
| 5.2      | O discurso do outro: o grafite .....                                       | 161        |
| 5.3      | O discurso de muitos: a sociedade .....                                    | 167        |
| <br>     |                                                                            |            |
| <b>6</b> | <b>REDE DE INTERAÇÃO: PONTE ESTAIADA E SUJEITOS DA CIDADE .....</b>        | <b>169</b> |
| 6.1      | Rede dinâmica de interações .....                                          | 171        |
| 6.2      | Rede da inauguração: identidades e alteridades em jogo .....               | 174        |
| <br>     |                                                                            |            |
| <b>7</b> | <b>REDE DE SENTIDOS DA PONTE ESTAIADA PARA A CIDADE DE SÃO PAULO .....</b> | <b>188</b> |
| 7.1      | Práticas de vida na ponte estaiada .....                                   | 203        |
| 7.2      | Rede de interações na ponte estaiada: identidades da cidade .....          | 211        |
| <br>     |                                                                            |            |
| <b>8</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                          | <b>221</b> |
| <br>     |                                                                            |            |
|          | REFERÊNCIAS .....                                                          | 232        |
|          | BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....                                              | 242        |
|          | REFERÊNCIAS DAS IMAGENS .....                                              | 248        |



# 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O que gostaríamos de captar um pouco melhor  
é o vivido do sentido nas suas evoluções ligadas ao  
próprio curso das coisas, tal como elas se apresentam,  
se é possível dizer, vistas da ponte, quase com os pés  
dentro d'água, e não como elas são concebidas  
à distância, vistas das margens.*

Eric Landowski (2001, p. 21)

**A Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira é o objeto desta pesquisa.** A dissertação é resultado do mestrado realizado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com concentração em Signo e Significação nas Mídias na linha de pesquisa “Análise das mídias”. Este é o fim acadêmico e formal, socializado nas práticas programadas para a obtenção do título de mestre, cuja vivência contribuiu para uma retomada pessoal do exercício do pensar metodológico, da abstração conceitual e da (re)formação para a reflexão e análise aprofundada e crítica a partir de um objeto de estudo. Entretanto, esse processo foi mais do que isso: foi um viver semiótico na apreensão de sentidos que fazem ser modos e estilos de vida, tanto no âmbito individual (da própria vida da autora desta pesquisa) como no coletivo (grupos de referência, comunidades, tribos, população), porque modalizam a ponte estaiada e a fazem ser o que é: fulgurante, animada, viva e socializada.

A definição do objeto escolhido se pautou prioritariamente pelo interesse pessoal, pela experiência de vida, além do desejo da investigação acadêmica. A pesquisadora trabalhou, durante anos, nas transversais da Avenida Engenheiro Luis Carlos Berrini. Foram três períodos distintos: em 1988/89, ocasião em que a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini tinha sido recém inaugurada; posteriormente em 1991/92, fase do processo de consolidação econômica da região e, na última vez, a mais longa, entre os anos de 1994 e 2008, fase em que pudemos presenciar a construção da Ponte Octávio Frias de Oliveira (Fig. 1). Por uma coincidência da vida (será uma coincidência ocasional ou um chamamento?), após a escolha da ponte estaiada como objeto de estudo, retornamos à região para um trabalho de consultoria, iniciado em setembro de 2011 e que permanece até o momento. A experiência possibilitou a oportunidade de frequentar, semanalmente, um edifício localizado na Avenida Luis Carlos Berrini, a uma quadra da ponte estaiada, o que permitiu estar com ela e vê-la de uma visão muito privilegiada, nas alturas do 17ª andar. Lá está ela, toda segunda-feira, com sol, chuva, névoa, durante o dia ou à noite, nas discussões, nas brincadeiras para aliviar o estresse ou na concentração do trabalho, basta levantar o olhar e ela aparece majestosamente invadindo o escritório.

Como bem escreve Eric Landowski (2001, p.23) “é no próprio objeto, considerado naquilo que tem de irredutivelmente único, que se deve procurar localizar os modos de agenciamento e as propriedades singulares que o fazem significar”. A ponte estaiada sempre nos intrigou por sua grandeza e, durante esse período, muitas vezes surgia a questão: por que e como uma obra com função de transpor o rio Pinheiros foi construída com essa amplitude? O que significaria o alto impacto e a visibilidade proporcionados por seu aspecto arquitetônico e urbanístico? Sendo uma monumental estrutura fincada à beira do rio Pinheiros, utilizada e vista por milhões de pessoas todos os dias, qual seria sua projeção socioeconômica e midiática? Essa curiosidade foi aguçada ao ver que, no dia de sua inauguração, além dos eventos oficiais programados, ocorreram manifestações entabuladas por grupos que clamavam por questões sociais representadas, de alguma maneira, na ponte.

Desde então, diversas ações e eventos ocorrem em suas pistas, modificando seu uso como ponte, tornando-a palco e plateia de outras práticas da cidade, confirmando a obra como parte da vida dos cidadãos que com ela interagem de diversos modos. Muito mais do que uma mera passagem que atravessa o rio, sua trajetória ultrapassa a função pragmática e coloca-a significativamente na e para a cidade de São Paulo.

A ponte estaiada, inaugurada em 10 de maio de 2008, faz parte do Complexo Viário Real Parque, localizado em uma rica região da cidade: entre o bairro do Brooklin Novo e do Real Parque. O complexo encontra-se entre a Marginal Pinheiros e a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, no entroncamento com a Avenida Roberto Marinho. É uma área da cidade que merece atenção especial, pois naquele espaço estão estabelecidas muitas empresas multinacionais do setor de serviços e comunicação, como Vivo, Claro, Telefônica, Rede Globo, Walt Disney Company Brasil, Microsoft, HP e Nokia, entre outras de grande porte e de considerável importância econômica para a cidade. A ponte é vizinha ao CENU (Centro Empresarial Nações Unidas), conhecido por seus edifícios suntuosos, que abrigam parte das sedes dessas empresas.

A estrutura grandiosa da ponte é composta por um imenso mastro, construído com duas hastes cruzadas para sustentar duas pistas estaiadas sobrepostas em curvas independentes de 60° que atravessam o rio Pinheiros. Essas vias viabilizam a passagem de oito mil carros por hora (TRINDADE, 2008).

A solução de engenharia estrutural empregada em sua construção foi inovadora, a ponto de ela ficar globalmente conhecida como a única ponte estaiada no mundo com duas pistas curvilíneas ligadas a um mesmo mastro. Entre as grandes pontes brasileiras, é uma das primeiras a utilizar a técnica de estaiamento em seu projeto e, desde a época de sua construção, foi denominada popularmente como “ponte estaiada”. Mesmo após sua nomeação oficial, foi como “ponte estaiada” que continuou a ser chamada e será assim referenciada neste trabalho. A ponte estaiada veio para fazer sentido.





**Figura 1** Edifícios em que a pesquisadora trabalhou: [1] Edifício City Salem (1994/2000), [2] Edifício Bandeirantes (1988/89), [3] Edifício Paulista de Seguros III (2000/08), todos da Construtora Bratke Collet, [4] Edifício River Park (1991/92) e [5] Edifício Berrini Trade Center (2010 até a presente data).



Para a realização desta pesquisa, entendeu-se que o objeto de estudo, como toda produção humana, é dotado de axiologias, narrativas e discursos que, ao mostrar-se, produz sentidos. Nesse caso, em especial, sentidos para além de si, pois alcançam a cidade de São Paulo e a sua população. A pesquisa buscou averiguar como se constitui a visibilidade daquele lugar, criado por simulacros e estratégias que conferiram emblematicidade à ponte estaiada, tornando-a um dos marcos da urbe. A partir da detecção de quais efeitos de sentido são depreendidos da obra, procurou-se entender como se dão as operações significantes e quais valores são transferidos à cidade.

Para além das linguagens arquitetônica, urbanística e midiática, a abordagem metodológica escolhida possibilita um aprofundamento analítico sobre o sincretismo presente nos discursos e nas narrativas que a significam, a ponto de torná-la produtora de sentidos. Essa escolha torna esse estudo original e diferenciado de outras pesquisas já realizadas sobre o objeto.

No campo da engenharia, existem pesquisas publicadas sobre pontes estaiadas, algumas contemplam inclusive o mesmo objeto de nosso estudo. No recorte da arquitetura, do urbanismo e da geografia, encontram-se pesquisas que tratam da mesma região da cidade onde está a ponte estaiada. Na área da comunicação e semiótica, existem trabalhos que pesquisam a constituição dos discursos das cidades (e de edificações específicas) e o processo de comunicação entre sujeitos. No levantamento prévio realizado, não se detectou nenhuma pesquisa em que a ponte estaiada tenha sido escolhida como objeto.

Cabe aqui uma apreciação pessoal da autora desta pesquisa. Estudar a ponte estaiada do ponto de vista da engenharia é importante por tudo que seu projeto trouxe de inovação às técnicas e aos usos dos recursos, que foram responsáveis por promovê-la mundialmente. Analisar a ponte estaiada pelo campo urbanístico possibilita o entendimento de como se deu a formação de uma nova centralidade e o que essa região representa para a cidade de São Paulo. Discorrer sobre a ponte na visão midiática é compreender como se estabelece um lugar emblemático na metrópole e suas consequências nos setores sociais e mercadológicos. Pesquisar a ponte estaiada no âmbito social é se aprofundar no entendimento de como ocorrem os arranjos e as relações sociais, das pessoas que estavam naquele espaço e os que lá permanecem: grupos e diferentes tribos que utilizam a ponte e estão presentes no seu entorno. Mas nenhum desses campos de estudo daria conta da completude do que hoje significa a ponte estaiada na cidade.

No início do trabalho, uma questão metodológica foi foco de preocupação da pesquisadora e se configurou em um impasse. Cultivado pelas ciências exatas, desenvolveu-se um fazer científico proposto por regras, padrões e crenças de uma ciência construída sem o envolvimento do cientista, definida pela imparcialidade e pela distância do pesquisador de seu objeto de estudo. Uma ciência que pressupõe que a distância do fato é essencial para o cientista estar apto a analisá-lo. Nessa condição de afastamento e de imparcialidade, a produção científica se

consolida independente de onde, de como e por quem esteja sendo construída e realizada. No campo das ciências humanas, esse procedimento afastou o pesquisador do ato e da prática, incrementando uma ciência humana de laboratório.

Em contraste à abordagem acima, outra concepção científica considera em sua prática todo o ambiente como parte integrante da construção do conhecimento científico. Em alguns arcaísmos teóricos, com enfoques mais abrangentes (LANDOWSKI, 2001), propõe-se que a vivência do pesquisador esteja inserida no contexto estudado e, portanto, faça parte da construção do conhecimento: em um pensar, viver, fazer e construir simultâneo e conjunto.

A semiótica foi fundamental na resolução desse impasse: sua metodologia de análise cobre perfeitamente essa questão sem abrir mão dos rigores científicos essenciais para o trabalho de produção do conhecimento. A semiótica postula que o pesquisador está inserido no bojo de seu estudo e considera que a relação que o semioticista estabelece com seu objeto é parte constituinte da análise e também semiótizável. O impasse inicial foi resolvido e a semiótica foi o constructo teórico escolhido para esta dissertação.

Para entendimento dos princípios da teoria, uma apresentação de seus conceitos e definições se faz necessária. O que estuda a semiótica? A semiótica estuda o sentido. O termo no *Dicionário de Semiótica*, dos autores Greimas e Courtés, é definido como o processo que:

[...] é empregado em sentido diferente, conforme designe (A) uma grandeza manifestada qualquer, que se propõe a conhecer; (B) um objeto de conhecimento, tal qual aparece no decorrer e em seguida à sua descrição; e (C) o conjunto dos meios que tornam possível seu conhecimento. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 448)

A semiótica foi desenvolvida e difundida por diversos teóricos e, em consequência desses estudos, surgiram distintas linhas de pensamento. As três principais correntes presentes nos dias atuais são a semiótica francesa ou greimasiana, a peirceana e a da cultura russa. O arcabouço teórico deste trabalho é fornecido pela semiótica francesa. A base teórica foi desenvolvida por Algirdas Greimas, apoiado na linguística, em especial nos estudos de Saussure e Hjelmslev, e, no bojo da revolução estruturalista da antropologia, nos estudos de Lévi-Strauss e na fenomenologia de Merleau-Ponty. O teórico concebeu os processos de construção de sentido pelo entendimento dos sistemas e das relações produzidas entre objetos e sujeitos. Nesse caminho, preconizou uma semiótica que se constrói nas relações. Por isso mesmo, ela jamais poderá ter o estatuto de ciência acabada.

A semiótica francesa ou discursiva (como também é nomeada) estuda o processo de geração de sentido e a circulação de valores entre sujeitos e objetos, enquanto dotados de competência modal. Em outras palavras, é capaz de operar um programa de doação de valores a um sujeito de estado que, por meio dessa aquisição, torna-se capaz de agir e se transformar

em sujeito do fazer. Nessa fase, Greimas desenvolveu a metodologia do percurso gerativo do sentido, basilar da conceituação da semiótica discursiva que concebe três patamares de análise: discursivo, narrativo e axiológico.

Em outra vertente, temos o trabalho realizado por Eric Landowski que, integrando o grupo de Greimas desde o início, postulou os regimes de interação e de sentido, estudo sistematizado ao longo de décadas, cujo estado atual encontra-se publicado em seu livro *Interacciones arriesgadas* (2009). Esses desenvolvimentos estão ancorados no entendimento dos princípios relativos à maneira como são construídas as relações do sujeito com o mundo, com o outro e consigo mesmo, ou seja, com a(s) alteridade(s) que possibilitam a dinâmica construção identitária.

A semiótica atual permite o acesso a significados e a significantes presentes em qualquer arranjo de linguagens, manifestações e práticas sociais. Como arcabouço teórico e metodologia geral, pode ser utilizada em qualquer campo de estudo que se expresse por discursos próprios. Por meio da captação dos efeitos de sentidos produzidos pelos sincretismos de suas linguagens, bem como as interações entre sujeitos e objetos, sujeitos e sujeitos, a análise semiótica auxilia a entender os sentidos presentes nas manifestações, possibilitando a apreensão de novas dimensões e valores.

Nesta pesquisa, a orientação metodológica da semiótica discursiva nos permitiu adentrar nas particularidades da ponte estaiada, com suas múltiplas linguagens de diferentes campos do conhecimento, decompondo suas redes, estratégias e discursos, desbravando suas articulações, na busca dos sentidos que estão revestidos em sua estrutura. Como apontado acima sobre o fazer da análise semiótica, é fundamental explicitar que neste estudo o pesquisador, ele mesmo parte da população, vive em relação e em ato com a ponte estaiada e também é parte dessa construção de sentidos. Segundo Landowski (2001, p. 25), em “tais processos, captáveis somente ao vivo, gostaríamos também de poder analisá-los — tanto mais que, em vez de sermos suas simples testemunhas [...], somos agora, de maneira direta, partes interessadas no resultado da sua própria maneira de fazer sentido ao se realizarem”. Assim, como pesquisadores da semiótica discursiva, imergimos nessas manifestações para vivê-las de todas as maneiras em que se apresentem.

Por fim, é fundamental ressaltar que esta pesquisa também faz parte do projeto temático de pesquisa coletiva “Práticas de vida e produção de sentido da metrópole São Paulo e dos paulistanos: regimes de visibilidade, regimes de interações e regimes de reescritura”, coordenado pela Profa. Dra. Ana Claudia de Oliveira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, centro de comunicação e semiótica – PUC-SP: COS). Seu objetivo geral é realizar um estudo comparativo das cidades de São Paulo e de Roma por meio de um recorte de suas práticas de vida e de lugares da cidade, que têm ou não visibilidade nas várias mídias. O *corpus* abrange distintas formas de expressão da cidade e das práticas de interação entre habitante e



cidade. Essa pesquisa coletiva parte de uma série de investigações realizadas pelos *ateliers* do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que conta com a coorientação de Eric Landowski (Centre national de la recherche scientifique – CNRS, *Centre de recherches politiques de Sciences Po* – CEVIPOF).

### 1.1 A Ponte estaiada como objeto de estudo

A ponte estaiada foi escolhida como objeto de estudo porque entendemos que sua dimensão figurativa, formada por uma polissemia de linguagens que lhe confere visualidade exclusiva e singular na urbe, produz efeitos de sentidos que são apreendidos pela população. Consideramos que os seus discursos e suas narrativas dinamizam a circulação dos valores, que são vividos nas diferentes interações estabelecidas entre a ponte, os habitantes e a cidade.

O problema a ser estudado refere-se à maneira como a ponte (res)significa a metrópole ao se fazer vista e vivida pela população, projetando globalmente a si mesma e a própria cidade. Perguntamos: em que medida os sujeitos e a cidade são (res)significados pelos sentidos corporificados nesse objeto de valor “ponte estaiada” que, destinado pelo Poder Público, assume ser para eles?

A principal hipótese que queremos testar é se os efeitos de sua visibilidade e as interações estabelecidas com os sujeitos fazem a cidade de São Paulo ser (res)significada em termos de cidade local e também de cidade global. Procuramos entender como a visibilidade da ponte se impõe na cidade e como se configuram as interações com os sujeitos que nela vivem e que da ponte usufruem, examinando as seguintes explicações hipotéticas:

- Os discursos planejados pelos destinadores oficiais da ponte estaiada objetivaram caracterizá-la como emblemática;
- Essa emblematicidade foi construída com o apoio de instituições privadas e veículos midiáticos;
- A estratégia desse fazer ser emblemático era projetar globalmente, tanto a ponte estaiada, e os envolvidos em sua construção, como a cidade de São Paulo;
- Nas interações com outros sujeitos ou objetos, é possível ver outros sentidos da ponte estaiada, que vão além do emblema de sua construção simbólica;
- Nas narrativas da ponte estaiada, pode-se ver outros valores identitários da cidade e da população que incorpora novas axiologias;
- As manifestações que nela ocorrem, de caráter cultural, social, político ou midiático, reiteram e atualizam os sentidos da identidade cidadina.

O trabalho visa verificar, para além dos discursos oficiais, os modos de presença da ponte estaiada que são articulados por discursos sincréticos (produzidos pelo entrelaçamento de diversas linguagens, como a urbanística, arquitetônica e midiática). Esses discursos fazem ser

o seu modo de presença e fazem ver sentidos outros para a cidade de São Paulo. Também conferiremos se a ponte estaiada tem funções e papéis diferentes, podendo ser sujeito conforme o acontecimento de que participa. Por último, examinamos se na rotina cidadina, como objeto semiótico capaz de interagir com os sujeitos (pessoas, instituições, empresas e população), a ponte produz novos sentidos, promovendo a circulação de diferentes valores que ressemantizem a vida cidadina.

O *corpus* compreende a ponte estaiada, surgida para facilitar o acesso viário a diversas áreas da cidade e, complementarmente, outros usos que dela são feitos no cotidiano, tais como maratonas, desfiles, iluminação comemorativa especial, performances artísticas e sociais, além de sua aparição em um grande número de peças publicitárias e midiáticas. Para dar conta da análise dos regimes de interação e de sentido e contribuir na sua construção teórica, foi necessário selecionar uma série de manifestações e de práticas de caráter social, cultural e midiático, perfazendo um conjunto de ações que será analisado e segmentado a partir de seus sentidos, na busca de valores que são constitutivos da existência da ponte.

A extensão do *corpus* pode ser operada, nessa linha de pesquisa, por meio do recurso teórico das repetições que formam as isotopias, explicada por Greimas e Courtés (2008, p. 275): “[...] de caráter operatório, o conceito de isotopia, designou, inicialmente, a iteratividade” que, por sua vez, “garante ao discurso-enunciado a homogeneidade”. As isotopias dessas manifestações acolhem a análise da organização das figuras nos discursos da ponte e permitem ver a figuratividade, definida por Greimas (2002, p. 74): “não apenas como uma ornamentação das coisas”, mas como a rede de possibilidades que, abertas, deixam entrever criações de mundos por meio dos arranjos e das escolhas do(s) destinador(es) transformando-as em mundos de linguagens.

O material coletado foi veiculado na internet no período entre janeiro de 2008 e meados de 2013, principalmente nos seguintes veículos digitais: o portal G1, pertencente às Organizações Globo, os portais do Estado de São Paulo, da Folha de São Paulo e o portal UOL. Além desses meios, pesquisamos ações individuais e de grupos específicos, que caracterizam iniciativas próprias e únicas dos cidadãos. Para analisar essas manifestações, buscamos algumas redes sociais na internet, em que são postados textos, filmes e imagens diretamente pelos autores. Acessamos as imagens do Panoramio e do Skycrapercity, do canal de compartilhamento de imagens Flickr, no qual acessamos mais de 1.300 imagens. Na rede Foursquare, especializada em geolocalização, analisamos 60 comentários dos *check-in* referentes à ponte estaiada e assistimos a mais de 30 vídeos no Youtube. Por fim, montamos uma página da ponte estaiada no Facebook e outra no canal de imagens Pinterest, que tem 61 seguidores.

Em seguida, apresentamos a listagem das manifestações selecionadas para estudo. Primeiramente, os acontecimentos ocorridos durante a inauguração da ponte estaiada: a

cerimônia oficial de lançamento com desfile de carros antigos, as manifestações dos moradores da favela do Jardim Edith e dos integrantes do Movimento Bikers.

No segmento do esporte, escolhemos eventos realizados anualmente na cidade de São Paulo, como a prova pedestre Maratona Internacional de São Paulo e a prova ciclística World Bike Tour. Na área cultural, selecionamos o filme *Ensaio sobre a Cegueira*, de Fernando Meirelles e, na música, a capa do *cd single* da banda norueguesa A-HA, denominado *Foot Of The Mountain*. Nas artes plásticas, a obra *Ponte Estaiada 2011*, do artista Fernando Naviskas, e a *Happy Birthday São Paulo*, do artista Lobo, e a instalação urbana realizada com uma carruagem de estilo imperial que foi pendurada no mastro da ponte. Por último, o vídeo publicado no Youtube, intitulado *Cartão Postal*, que foi criado pela artista plástica Cristine de Bem e Canto.

Na área midiática, escolhemos os programas jornalísticos *SPTV* e *Bom Dia São Paulo*, ambos da Rede Globo, que contam com a presença da ponte estaiada como cenário do estúdio panorâmico, um episódio do *Programa Pânico na TV* em que a ponte aparece e a divulgação do *Grande Prêmio de Fórmula 1* no Brasil, na qual Emerson Fittipaldi corre com uma Lotus 72 pela ponte. Na área de programas de entretenimento, selecionamos programas veiculados pela Rede Globo, a saber: um episódio do *Programa Domingão do Faustão*, que exibiu um salto de paraquedas da ponte estaiada realizado pelo paraquedista Sábila, as cenas da reedição da novela *Guerra dos Sexos* em que a ponte estaiada é a paisagem vista nas janelas do escritório do personagem Otávio, interpretado por Tony Ramos, e cenas da novela *Passione* em que a ponte aparece desde o primeiro capítulo.

No campo da publicidade, indicamos a manifestação batizada de *Ponte Iluminada Telefônica*, que foi patrocinada pelas empresas Vivo (antiga Telefônica) e Rede Globo de Televisão, como parte do projeto *Natal Iluminado 2010*, o desfile de moda *Elle Summer Preview* que transformou a ponte estaiada em uma passarela para modelos internacionais desfilarem moda praia e as divulgações dos seguintes eventos: seminário internacional *São Paulo Consumer Trend Seminar*, realizado pela consultoria de tendências *Trendwacathing*, e *Bridges Brazil 2011* e *2012* da área de engenharia, em que a ponte foi escolhida como tema e ilustração das edições, além de vários filmes publicitários que utilizam a ponte estaiada como cenário, principalmente no setor automobilístico (FIAT, Hyundai e Volkswagen) e na telefonia celular (TIM e Claro).

Nas ações sociais, elencamos a Comemoração do Dia Mundial de Conscientização do Autismo e a Comemoração da Hora do Planeta (movimento global antiaquecimento). Como ações emblemáticas, distinguimos o lançamento do selo com a ponte estaiada na Série “Relações Diplomáticas: Coreia do Sul – Pontes” e a série “Selos Personalizados” de São Paulo, a escolha da ponte estaiada como *badge* para representar a cidade de São Paulo na rede virtual Foursquare e diversas coleções fotográficas publicadas nas redes sociais. Por fim, algumas ações individuais ou de grupos específicos como a existência do Rotary Club SP Ponte Estaiada

(em que em seu logo estampa a ponte), a sessão fotográfica realizada pela modelo Lorena Bueri, eleita Gata do Paulistão (Campeonato Paulista de Futebol) e furtos de fios de cobre e acidentes nas vias da ponte.

## 1.2 Fundamentação teórica: Semiótica discursiva

Para estudar todas essas manifestações que envolvem a ponte estaiada, valemo-nos da base teórica da semiótica discursiva. Os fundamentos teóricos utilizados na dissertação serão apontados nos parágrafos a seguir. Greimas (1974), em seu texto “Por uma semiótica topológica”, desenvolveu uma metodologia de análise semiótica das cidades, que forneceu a base para a análise.

Em sua abordagem, Greimas pontua que o objeto da análise topológica pode ser definido como inscrição da sociedade no espaço e também como leitura dessa sociedade por meio do uso do espaço. Essas dimensões são constitutivas da análise semiótica da cidade, conforme utilizada nessa pesquisa: o significante espacial (relativo à sociedade no espaço) é atribuído sob as formas de figuras do mundo natural e permite uma “linguagem espacial”, ou seja, permite falar “espacialmente” dos objetos, independente de sua espacialidade. O significante espacial pode ainda dar “pistas” significativas da presença do homem no mundo. O significante cultural (sociedade através do espaço) pode ser apreendido no fazer dos sujeitos na cidade, pois eles imprimem diversas linguagens e ideologias no espaço mesmo da cidade por meio de suas ações.

Greimas (1974) propõe articulações entre os aspectos das cidades passíveis de generalização, que servem como ponto de partida para o estabelecimento das principais isotopias da leitura semiótica. Segundo o autor, as cidades são percebidas como objetos globais e, miticamente, são pensadas como um objeto eufórico molar. Essa consideração possibilita um primeiro eixo geral, que se apresenta na oposição entre /euforia/ vs /disforia/.

Essa primeira oposição, com valores positivos e negativos, pode estar configurada em uma tríade sociológica que comporia três sistemas: o estético, o político e o racional. O estético é relativo à beleza e à feiura, o político, às questões morais e sociais, e o racional, à eficácia e à funcionalidade. No plano sintagmático, esses sistemas explicariam vários objetos parciais do espaço urbano. Outra categoria fundamental, para esse tipo de análise, advém de dois conceitos dotados de caráter universal, isto é, a oposição /sociedade/ vs /indivíduo/, como Greimas postula:

Indivíduo e sociedade, universo individual e universo cultural, parecem-nos conceitos coextensivos, lugares virtuais enunciados, susceptíveis das mesmas investidas semânticas tal como na definição do espaço tópico, a partir da oposição aqui vs alhures somente o

“ponto de vista”, isto é, a ocorrência do lugar enunciado e do lugar da enunciação, decidirá o tipo de discurso que se fará sobre a cidade, podendo esta ser considerada ora como “cultura urbana”, ora como um “estilo de vida” do cidadão. (GREIMAS, 1974, p. 123).

A partir do espaço tópico da ponte estaiada e redondezas, e das várias enunciações coletivas e individuais ocorridas naquele lugar da cidade, buscaremos entender o estilo de vida cidadão e a cultura urbana de São Paulo a partir da depreensão de seus sentidos.

Ainda na metodologia de leitura da cidade, Greimas (1974) propõe que, como um enunciado, a cidade será entendida por meio de uma gramática textual que se manifesta a partir do uso da linguagem espacial, permitindo leituras das qualidades e das propriedades sensíveis que são reconhecíveis nas relações entre os sujeitos e a cidade. Essas propriedades são as sensações visuais, sonoras, térmicas, olfativas, etc., sendo o espaço o totalizador dessas qualidades. Nessa perspectiva, o teórico trata dos enunciados de estado, referentes à relação do sujeito com esse mundo, e sobre os enunciados do fazer, pressupondo uma ação do sujeito em suas instâncias individual e coletiva que dão conta das transformações e das produções desses estados. Assim, pode-se supor um fazer individual e um fazer coletivo na produção significativa das instâncias coletivas e individuais.

Mais recentemente, Landowski fez contribuições de grande valia para a análise das cidades e das práticas da população. Em seu texto “Voiture et peinture: de l’utilisation à la pratique” (2012), propõe a distinção entre o conceito do uso e da prática. Para o autor, o conceito de uso é definido pela existência de um objeto que é regido e condicionado por dispositivos pré-estabelecidos que, quando utilizados, consolidam e confirmam o seu valor operacional, como, por exemplo, o automóvel, que serve para a locomoção de um lugar a outro. O uso é pré-estabelecido na constituição dos objetos e das coisas, e nas cidades não é diferente, com suas leis e regras já anteriormente programadas.

O conceito da prática extrapola o de uso, pois nele está pressuposta uma interação significativa entre sujeitos e objetos que transcende o valor de uso dos objetos, criando sentidos excedentes que, inclusive, determinam a qualidade da relação entre ambos. A prática inventa as suas próprias condições e possibilidades de ocorrência e, nessa perspectiva, é sempre uma ação criativa. O conceito de prática pressupõe uma relação intensa e única entre sujeitos, sejam eles seres ou objetos. O autor explica:

Tudo isto pode ser resumido ao dizer que se, na perspectiva da utilização, as coisas têm uma “significação”, elas adquirem mediante suas práticas um sentido inédito. [...] O que é acrescentado, [na relação com as práticas] é um excesso de sentido e um supercrescimento de valor que transcendem suas funções. A emergência de tais efeitos supõe, entre sujeito e objeto, ou mais comumente entre o eu e o outro, uma relação que não seja essencialmente

da ordem do saber ou do conhecer (conhecer a função do objeto e saber usá-lo), mas da ordem do sentir e do compreender. (LANDOWSKI, 2012, p. 245)<sup>1</sup>

Landowski propõe que as práticas, em sua gama de possibilidades, permitem ver uma diversidade de sentidos que são apreendidos em relação e em ato. Por suas características, o autor considera que as práticas requerem, como procedimento de análise, uma abordagem mais ampla que dispõe sobre o modo de apreensão dos sentidos das práticas em si. O analista precisa mobilizar a sua própria capacidade de apreensão sensível para captar, inclusive sensorialmente, os sentidos dinamizados nas práticas sociais que os fazem únicos. Essa abordagem metodológica foi fundamental para a análise de várias manifestações sociais e culturais que ocorreram nos cinco anos de existência da ponte estaiada.

Em uma revisão histórica, em 1974, Greimas propôs que a análise dos enunciados na enunciação da cidade ocorreria, como o primeiro nível de avaliação, a partir da escolha de unidades de base, traços elementares e distintivos, que se constituem em categorias fêmicas: são retas, curvas, ângulos e suas oposições que possibilitam as primeiras articulações da significação, bem como sua combinação em figuras espaciais, que formam quadrados, triângulos e círculos que comporão as configurações dos objetos. O estudioso postula que:

[...] a supercomposição de unidades basilares produz configurações que correspondem às expansões dos enunciados em discurso, ficando entendido que, uma vez reconhecido o nível discursivo, o enunciado/figura já é uma unidade discursiva que pode substituir o discurso inteiro em expansão. (GREIMAS, 1974, p. 135).

Posteriormente, no bojo da semiótica plástica, Floch (1985) denominou essas unidades basilares como formantes do tipo eidético, ou seja, da forma, que se articulam com os formantes cromáticos, relativos à cor e à sua intensidade, e os formantes topológicos, concernentes à distribuição na superfície em que o objeto é constituído.

Em “Semiótica figurativa e semiótica plástica”, artigo que integra a reunião dos avanços da semiótica visual (ou plástica, como preferia Floch), Greimas (1984) discorre sobre a proposição de análise do plano da expressão ao plano do conteúdo de uma manifestação. Afirmar que a plástica é uma linguagem segunda, desenvolvida a partir da dimensão figurativa da semiótica do mundo natural. O autor concebeu a existência de uma operação de tradução entre a semiótica das linguagens e a semiótica do mundo natural (logo, uma tradução intersemiótica), que deu origem aos procedimentos que ancoraram análises das várias manifestações culturais, como as artes plásticas, escultura e arquitetura, etc. Nesse estudo, Greimas também trata da

---

1. Nota: Tradução nossa.

relação entre os dois planos da linguagem de toda e qualquer totalidade de sentido, como proposta por Louis Hjelmslev (1975), incorporando à semiótica os dois planos: o de expressão, formado pelos elementos plásticos, como os citados acima, e o plano do conteúdo, que estão em correlação. Essa biplanaridade foi entendida como organizadora de todo o uso de linguagens, sendo que os tipos da articulação correspondente entre os elementos desses dois planos homologam os tipos de sentidos simbólicos e semissimbólicos.

A semiótica plástica é resultante de uma pesquisa coletiva em torno de Greimas que foi formulada mais coesamente em um modelo de análise pensada por Jean-Marie Floch, em seu livro *“Petites Mythologies de l’œil et de l’esprit. Pour une sémiotique plastique”* (1985). A partir dele, muitos outros desenvolvimentos foram realizados, como destaque à contribuição de Ana Claudia de Oliveira, com a introdução da noção de formante matérico em articulação com os outros formantes. Os estudos do sentido sensível e os modos de apreensão (e o modo como ambos se articulam para se fazer sentidos) são desenvolvidos no ato de teorizar a semiótica plástica:

Considerando que um texto visual, qualquer que este seja: arquitetura, escultura, paisagem natural ou pintada, desenhada, gravada, fotografia, é construído por um arranjo específico de sua plástica, organizada por mecanismos estruturais particulares de seu sistema com as suas regras, resultando em uma dada sintagmatização das unidades mínimas; optamos por denominar plástica a semiótica que se ocupa da descrição do arranjo da expressão de todo e qualquer texto visual. (OLIVEIRA, 2004, p. 12).

No plano de expressão de um texto ou objeto semiótico, a análise ocorre por meio da relação que os formantes estabelecem entre si e por sua interrelação com os sujeitos enunciatários. Os elementos mínimos, ou seja, os formantes, que são “traços não figurativos e dimensões básicas da imagética que é manifestada, na superfície” (Oliveira, 2004, p. 122), formam as figuras do nível discursivo. Os formantes pictóricos são constituídos pela dimensão cromática (as cores do espectro cromático), a dimensão eidética (relacionada às formas) e, dependendo do objeto de estudo, os formantes matéricos (materiais, técnicas e procedimentos que atribuem uma corporeidade ao objeto), por último, a dimensão topológica (a ocupação de um espaço-suporte em que são distribuídos os objetos estudados e sua combinação nesse mesmo espaço-suporte do conjunto). Esses formantes têm funções discriminatórias estabelecidas nas oposições de contrastes que permitem isolá-los para a análise, inclusive em relação ao todo. Quando as unidades básicas da expressão são iteradas na figuração, formam um feixe de traços que compõem as figuras articuladas na constituição do objeto semiótico, possibilitando o acesso ao plano do conteúdo. Segundo Oliveira:



[...] a linguagem pictórica se constrói a partir de uma peculiar semiose que se estabelece entre os dois planos constituintes de sua estruturação: o plano da expressão e o plano do conteúdo. As relações desses dois planos ultrapassam a representação imagética em si e dependem do tipo de contrato intersubjetivo entre enunciador e enunciatário, que orienta os graus de aderência do pictórico com o mundo real. (OLIVEIRA, 2004, p. 116).

Em outras palavras, é pela decomposição dos componentes que fazem ser a totalidade estética, em que é possível acessar as figuras de mundo contidas no plano do conteúdo, plasmadas nas figuras de linguagens formadoras do mundo figurado. O exame da organização de um objeto semiótico pelo plano de expressão, de caráter sintático, ocorre pelo estudo da figuração visual das manifestações na superfície perceptível da interação com os sujeitos enunciatários. O plano do conteúdo comporta os componentes semânticos do objeto estudado, que se articulam aos elementos figurativos do plano da expressão. A análise da configuração em sua totalidade abarca os sentidos postos enquanto expressão do conteúdo. A configuração do plano da expressão, em coexistência com o plano do conteúdo, possibilita acessar o nível narrativo do texto-objeto e evidenciar o processo de geração de sentido.

Oliveira (2004) mostra a importância da descrição refinada e minuciosa do plano de expressão para que se possa entabular a análise semiótica de uma obra. Ela diz que:

A descrição do plano de expressão de uma configuração repousa na organização sintática e semântica e é, portanto, um estudo tanto do enunciado (que possibilita a caracterização da relação-função das qualidades plásticas), quanto da enunciação que explica a intencionalidade do arranjo discursivo através do conjunto de marcas deixadas na manifestação textual da organização a fim de direcionar o olhar do observador, conduzindo-o a reconstituí-la pelo modo com que ela se mostra, ou seja, pelo seu regime de visibilidade. É a partir do inventário dos elementos componentes e da apreensão de sua semiose relacional, portanto que a descrição da obra centra-se no estudo das comparações entre as informações do plano de expressão com aquelas em que o plano de conteúdo nela instala. (OLIVEIRA, 2004, p. 122).

A título de exemplo, os formantes da dimensão cromática (relativos às cores do espectro cromático e à intensidade de luz que precipita a tonalidade das cores) na ponte estaiada são principalmente o amarelo dos estais e o cinza do mastro e das vias. Pela dimensão eidética, vemos o cruzamento das linhas do mastro da ponte, que está relacionado às formas e aos aspectos geométricos (linhas, curvas, triângulos e suas variações). Nos formantes matéricos, apreendemos o cimento, os estais e outros materiais, técnicas e procedimentos que atribuem



uma corporeidade à ponte estaiada. Por fim, na dimensão topológica, tem-se o ambiente em que está localizada a ponte estaiada, a ocupação de um espaço em que são distribuídas e combinadas as suas dimensões e sua relação com outros objetos.

O conjunto de formantes constituem figuras que podem corresponder a um ou mais elementos do plano do conteúdo, a partir de como são apresentados na configuração global do plano de expressão e nas articulações que estabelecem com as entidades semânticas. No plano do conteúdo, são os elementos semânticos, detectáveis justamente por sua implicação com os elementos do plano de expressão, que compõem investimentos de valores que conferem significado ao objeto semiótico. Esses conteúdos, quando homologados com o plano de expressão, constituem-se em temas. Sobre a tematização, Bertrand esclarece:

A tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais. Assim, para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema. Este último dá sentido e valor às figuras. (BERTRAND, 2003, p. 213).

Voltemos ao exemplo da cidade para apresentar o percurso gerativo de sentido proposto por Greimas como percurso de análise da construção da significação. A enunciação da cidade, seus processos sociocomunicacionais, suas linguagens presentes nas edificações compõem o nível discursivo. Nesse nível encontram-se os componentes aparentes do objeto semiótico que, por meio das linguagens (visual, sonora, olfativa ou tátil) e seus sincretismos, arranjam os seus modos de presença. A análise do nível discursivo acessa essa configuração enredada que possibilita ver outros sentidos. A essa rede dá-se o nome de figuratividade do objeto. Em palavras inspiradas em Greimas (1974), a figuratividade é a operação de um sistema que compreende a correlação entre um significado e um significante, vinculados ao mundo natural e à língua natural (presentes na cidade), que possibilitam a compreensão do processo entre um objeto e um sujeito.

Na produção de sentido de um objeto semiótico, está pressuposto um duplo fazer dos sujeitos participantes: o fazer do enunciador-destinador dirigido ao fazer do enunciatário-destinatário, que reage a esse fazer. Pereira (2011, p. 23) afirma que “o primeiro produz as estruturas de concretização dos sentidos, deixando ao destinatário percursos para reconstituí-los, o segundo processa esses percursos do destinador, gerando o sentido organizado”.

A metodologia desenvolvida por Greimas para a análise desse processo é explicada como

[...] a geração semiótica de um discurso [que] será representada sob forma de um percurso gerativo que comporta bom número de níveis e de componentes, distinções que nada mais

são do que algo provisório, operacional, mas que permitem situar, uns em relação aos outros, os diferentes campos de exercício da atividade semiótica. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 456).

Mais detalhadamente os autores precisam que a

[...] economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística) vale dizer, a disposição de seus componentes uns em relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulando que, podendo todo objeto semiótico ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um “percurso” que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. (GREIMAS; COURTÉS, 2008 p. 232).

O nível discursivo é o mais complexo pelo qual se acessa o nível intermediário, postulado como o nível narrativo das performances dos sujeitos com outros sujeitos, objetos e coisas. É por esse nível que se chega ao nível mais profundo, o fundamental, no qual são diagramados os valores essenciais, articulados na construção do objeto mítico. Cada nível homologa o outro e nessa sucessão o analista reconstrói o processamento semiótico do sentido. Para elucidar o modo como ocorre esse processo, Pereira (2011) afirma que:

Nível a nível, o sentido recebe sucessivos investimentos: os valores profundos do Nível Fundamental (lógico-conceitual) são investidos de aspectos antropomórficos no Nível Narrativo (que simula o fazer do homem no mundo, de forma ainda abstrata, nas buscas do sujeito pelo objeto de valor ou nos seus encontros) até serem aspectualizados sintaxicamente na enunciação (em atores, tempo e espaço) e tematizados e figurativizados semanticamente em um Discurso textualizado [...], passível de ser apreendido e compreendido (por semioticistas ou cidadãos), de sua superfície até seu nível mais profundo. (PEREIRA, 2011, p. 33)

O processo dos diferentes componentes sintáticos e semânticos do percurso gerativo de sentido é sintetizado pelos autores no diagrama reproduzido abaixo, com base em Greimas e Courtés (2008, p. 235):

| PERCURSO GERATIVO              |                                                                                                        |                                 |                                                            |
|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|------------------------------------------------------------|
|                                | Componente sintático                                                                                   |                                 | Componente semântico                                       |
| Estruturas<br>sêmio-narrativas | Nível profundo                                                                                         | SINTAXE FUNDAMENTAL             | SEMÂNTICA FUNDAMENTAL                                      |
|                                | Nível de superfície                                                                                    | SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE | SEMÂNTICA NARRATIVA                                        |
| Estruturas discursivas         | SINTAXE DISCURSIVA<br><br>Discursivização:<br>• actorialização<br>• temporalização<br>• espacialização |                                 | SEMÂNTICA DISCURSIVA<br><br>Tematização<br>Figurativização |

**Quadro 1** Quadro sintético do percurso gerativo do sentido.

Fonte: Greimas e Courtès, Dicionário de Semiótica, 2008.

No diagrama acima, a estrutura dos níveis está especificada de modo sintético, possibilitando ver a generalidade dos componentes sintáticos que se homologam nos componentes semânticos: cada patamar de análise reverbera os elementos constituintes no exame da construção dos sentidos.

Na comunicação entre enunciador/destinador e enunciatário/destinatário pressupõe-se que esses sujeitos interagem na construção do discurso, sendo também participantes do processo. Sujeitos actantes que estão interligados e que sofrem os processos de actorialização, espacialização e temporalização, eles empreendem a performance discursiva.

No nível narrativo, sempre haverá um sujeito que pode se relacionar transitivamente com um objeto ou com outro sujeito, estabelecendo laços entre eles. Barros (2005, p. 20) evidencia que as estruturas narrativas simulam a história do homem em busca de valores e de sentido. Além disso, as estruturas narrativas também criam o simulacro da relação entre sujeitos estabelecida por meio de contratos e de conflitos que marcam os relacionamentos humanos. Dois modos relacionais básicos existem entre sujeito e objeto: as relações de junção que são relativas aos enunciados de *estado*, e preconizam duas posições distintas: a de conjunção e a de disjunção; e as relações de transformação, presentes nos enunciados de *fazer*, que operam a passagem de um estado a outro, como, por exemplo, de um estado conjuntivo a um estado disjuntivo e vice-versa.

Nessas interações, os objetos semióticos dispõem de duas funções básicas: podem ser objetos modais, com competência de modalizar ou de modificar a relação do sujeito com os valores e os fazeres da narrativa, e objetos descritivos, que são caracterizados por valores apropriados como resultado da ação do sujeito.

As sequências narrativas em que ocorrem as transformações são chamadas de programas narrativos. Quando relacionados, por pressuposição, eles formam um percurso narrativo. No percurso de geração de sentido canônico, o sujeito precisa buscar competência para a obtenção do objeto de valor. Para isso, ele deverá cumprir provas e ultrapassar obstáculos para alcançá-lo, chegando a ser qualificado modalmente para a ação.

Complementarmente a essa sintaxe de junção, Landowski (2005) teorizou a sintaxe da união, que aprofundou os estudos da semiótica nas interações dos sujeitos, postulando atualizações sobre os modos de agir de sujeitos e objetos, uns sobre os outros: o “estar no mundo”, o “fazer ser” (modos de existência dos sujeitos) e o “fazer fazer” (modos de ação dos homens sobre os homens). Nesses estudos, formulou os regimes de sentido e de interação como princípios relativos à maneira pela qual o sujeito constrói suas relações, com objetos corporificados do mundo, com o outro e consigo mesmo. Trata-se de um desenvolvimento teórico muito importante para a descrição e a análise das interações que ocorrem na (e ao redor da) ponte estaiada.

Landowski preconiza que os sujeitos mobilizam-se em busca da significação. No processo das relações que se estabelecem, instauram acordos, preveem o desdobramento de suas artimanhas e tentam limitar o risco do inesperado. Nessa perspectiva, o teórico concebeu quatro regimes de interação que se intercambiam nas diferentes práticas sociais: os regimes da programação, da manipulação, do ajustamento e do acidente, que permitem ver processos de ordem semântica e sintática nos respectivos modos de construção do significado e das relações entre sujeitos e/ou objetos.

O regime da programação é definido pelas regularidades de comportamento, de condicionamentos, de operações e de regras sociais. O regime da manipulação pressupõe que as interações são regidas por intencionalidades, ou seja, pelo emprego de estratégias necessárias para fazer o outro crer, querer e agir. Ambos são regidos pela sintaxe do regime de junção entre sujeito e objeto de valor, regulando as passagens de estado de disjunção a conjunção (e vice-versa).

O regime de manipulação ocorre quando um sujeito competente, o destinador, decide manipular o outro, o destinatário, a aderir a um fazer proposto por ele. Para que o destinatário queira fazer algo e chegue a realizá-lo de fato, é necessário que o destinador, atuando como manipulador, faça o outro saber e crer nas vantagens daquele fazer. Nesse processo, opera-se uma intenção de convencimento persuasivo do destinador para com o destinatário, para que ele não deixe de conformar-se ao querer do destinador manipulador.

Qualquer que seja o modo de expressão utilizado pelo manipulador, tanto na avaliação dos valores em jogo quanto no entendimento das motivações dos sujeitos destinatários, haverá a recorrência ao inteligível e ao sensível na formulação da sua estratégia intencional e motivacional para se fazer crível. Quando a manipulação é aceita pelo destinatário em seu fazer interpretativo, firma-se entre ambos um contrato, um acordo tácito baseado na confiança, na credibilidade que faz com que esse último acredite e queira fazer o objetivado pelo destinador. É uma “promessa”, segundo Landowski (1992), que ativa a modalidade do querer fazer e que se mostra com o aceite e a adesão àquilo que lhe é colocado à prova.

No regime de ajustamento, os sujeitos estão em relação recíproca regida pela sensibilidade perceptiva e reativa que, em harmonia estética, sensória e reflexiva, possibilita o emergir do sentido no ato de senti-lo junto. Por último, o regime do acidente, regido pelo acaso, tem papel possivelmente catastrófico por causa de sua ocorrência aleatória, um instante surpreendente e inesperado que carrega um potencial risco imprevisto. Os dois últimos regimes são ambos regidos pela sintaxe de união entre sujeitos.

Como se contemplará no decorrer deste trabalho, contratos e conflitos serão vistos nas interações entre actantes, concretizados pelas figuras do Poder Público, das empresas privadas, dos grupos específicos, da população e da ponte estaiada. Como objeto semiótico, a ponte estaiada possibilita a obtenção e a transferência de valores que conferem sentidos aos percursos dos sujeitos em ação, inclusive estabelecendo novos actantes-destinadores na dinâmica da prática social, o que permitirá vislumbrar novos sentidos para São Paulo. Apreender essa dinâmica é a busca que será empreendida nos últimos capítulos desta pesquisa.

Para encaminhamento, esta dissertação foi elaborada em seis capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Rede de estais e entrelaçamento figurativo da ponte estaiada”, estudamos os componentes verbais presentes em seu nome e sua manifestação figurativa, que comporta os elementos dos planos de expressão e de conteúdo que compõem sua figuratividade. No segundo capítulo, chamado “Construção da ponte estaiada: redes de (in)visibilidade local e global” analisamos como as teias que mediatizam a ponte e a cidade foram tecidas para gerar visibilidade global à ponte estaiada e, a partir desse processo mediático, vemos como se constituíram as operações interdiscursivas com outras famosas pontes internacionais, buscando entender como se processam os seus significantes que alinham, pelo parecer, sentidos de cidades globais às metrópoles onde se localizam.

No terceiro capítulo, intitulado “Rede urbana: espacialidades, caminhos e narrativas no entorno da ponte estaiada”, apresentamos uma breve contextualização histórica, analisamos o processo de desenvolvimento daquela região da cidade e as ligações da ponte estaiada com os bairros próximos, rodovias e estradas, outras cidades e suas conexões com outros tipos de transporte. Em seguida, no capítulo “Rede social: a ponte estaiada e o Poder Público, iniciativa privada e comunidade”, pesquisamos a construção dos discursos entre destinadores e

destinatários e, a partir das ações que ocorreram no dia da inauguração da ponte, pesquisamos como se estabeleceram os regimes de interação entre os sujeitos participantes. No quinto capítulo (“Rede de interação: ponte estaiada e sujeitos da cidade”), estudamos como as práticas sociais valem-se da ponte, tornando-a palco, cenário ou plateia, e propomos uma categorização das práticas na busca do entendimento da produção dos sentidos que podem ser generalizáveis e que são conferidos à cidade de São Paulo. Terminamos o trabalho com as considerações finais, apontando novos acontecimentos e possíveis desdobramentos para a análise sobre os tipos de valores e de sentidos que a ponte estaiada produz para a cidade de São Paulo, uma cidade repleta de contradições.

REDE DE ESTAIS E  
ENTRELAÇAMENTO  
FIGURATIVO DA PONTE  
ESTAIADA

*A Ciência, para Da Vinci, devia estar fortemente amparada pela observação e pela experimentação – e ele critica as argumentações científicas idealizadas e desligadas da experiência sensível com o mesmo vigor com que condena as demonstrações baseadas em “argumentos de autoridade”.*

*O Cientista, como o Artista, deveria ser um observador e um experimentador – e os sentidos deveriam ter um papel fundamental tanto em uma como em outra destas formas de apreensão da realidade.*

José D'Assunção Barros (2008)

**A ponte estaiada intriga desde antes de sua construção, não só pelo processo de sua constituição, mas também por aquilo que ela pôs em discurso na cidade.** O que dizer de uma obra que recebe muitos apelidos já na época de sua inauguração? A ponte foi chamada de estinlidão, de “X” da Xuxa, de ponte estragada, de “X” dos analfabetos, ponte frias, bridge globeleza e, finalmente, de seu próprio nome: Ponte Octávio Frias de Oliveira. Essas alcunhas carregam um grau de ironia e nos apontam que há muito que apreender sobre a ponte. Acreditamos que ela tem muito a nos dizer e nós a dizer sobre ela.

O que pode significar a associação da ponte com um grande estilingue, ou seja, com uma arma para arremessar pedras e matar animais? E a analogia direta entre os vocábulo *estaiada* e *estragada* que, além de propor que a ponte seria um dano à cidade, também faz chacota com certa confusão inicial sobre o nome da ponte: a população se perguntava se o nome correto era “estaiada” ou “espraiada”, primeiro por desconhecer o significado da palavra estaiada e, segundo, pelo fato de a ponte estar localizada na Avenida Águas Espraiadas, hoje denominada Avenida Roberto Marinho. Há, ainda, a brincadeira com o termo “frias”: sobrenome do homenageado que nomeou a ponte e a expressão popular “ser ou estar numa fria”? No dicionário Houaiss<sup>1</sup>, verificamos que a conotação da palavra “fria” é um substantivo feminino que denomina uma situação adversa, embaraçosa ou de grande dificuldade. Em outra acepção, a palavra serve de nomeação para pistola (arma de fogo portátil), cujo significado reitera o sentido de arma presente no termo estilingue.

E o que dizer da associação entre o “X” da estrutura da ponte e a maneira de assinar daqueles que não sabem escrever? Por trás estaria uma crítica velada àqueles que foram responsáveis pela construção da obra? Ou essa associação guarda outros sentidos como, por exemplo, a própria população ser ignorante, no sentido lato da palavra, ou seja, de não conhecer os verdadeiros motivos que fizeram ser a ponte?

---

1. Versão on line do Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa.



Há ainda a relação entre o cruzamento das hastes da ponte com a letra inicial do nome da Xuxa, apresentadora brasileira conhecida como a rainha dos baixinhos, que fez quase toda a sua carreira na Rede Globo de Televisão e, por isso, está diretamente ligada a imagem da emissora. Existe um vídeo sobre a ponte estaiada intitulado *Portal da Xuxa*, que estabelece uma associação com a ponte estaiada (que está localizada à frente da sede paulista da Rede Globo de Televisão). Seria a ponte um portal midiático? Por fim, ainda no campo das associações, ocorre mais uma com a Rede Globo de Televisão, que criou o termo *globeleza* (para representar a modelo que caracteriza o carnaval da emissora) e *bridge*, em inglês, ponte. O que de midiático e espetaculoso tem a *globeleza*, que a tornou globalmente conhecida, e desencadeou essa associação com a ponte estaiada, inclusive reiterando a ligação direta com a Rede Globo de Televisão?

Esses chistes, mais do que apenas brincadeiras bem humoradas, apontam para o fato de que muitos outros sentidos em seus discursos e narrativas estão entranhados na ponte. Temos muito a analisar, tanto no aspecto verbal como no figurativo, na diversidade de linguagens que compõe a presentificação da ponte estaiada. Como inspiração, comecemos não pela ponte em si, mas por uma declaração sobre ela feita pela filha do homenageado que deu seu nome à ponte estaiada: Octávio Frias de Oliveira. No dia de sua inauguração, Maria Cristina Frias afirmou:

Uma ponte é sempre a promessa de um encontro, de uma reunião, de uma convergência. Nesse sentido, o batismo dessa obra é uma homenagem apropriada para quem conheceu Octavio Frias de Oliveira. Meu pai era um homem de diálogo, que gostava de aproximar as pessoas umas das outras, que gostava de promover a reunião de pontos de vista diferentes. Ele próprio foi a ponte do que muitas pessoas eram para o que viriam a ser<sup>2</sup> (10 de maio de 2008).

Esse trecho da fala de Maria Cristina introduz muito apropriadamente o início desta dissertação: a ponte estaiada é apresentada, em comparação ao seu pai, como “viabilizadora de diálogo, de aproximação entre sujeitos, de um encontro entre pontos de vistas diferentes e de ser uma promessa de vir a ser”. A fala sugere que, além de permitir a passagem (de automóveis), a ponte tem em si mesma a propriedade que modaliza sujeitos a se movimentarem de um ponto a outro, de percorrerem um caminho de diálogo e de interações em busca de sentidos. Em si mesma, ela permite tanto o distanciamento como a aproximação, a visão do detalhe e da totalidade, dependendo do ponto de vista de quem a vê e interage com ela. Por pressuposição,

---

2. CREDENDIO, J. E.; TAKAHASHI, F. (2008) “Ponte estaiada Octavio Frias de Oliveira é inaugurada em SP” publicada na Folha Online no dia 10/05/2008.

perguntamos se a ponte pode promover o encontro de pontos de vistas diferentes, até mesmo contrários, mas que apontam um novo caminho, um vir a ser. Acreditamos que sim, que Maria Cristina tem razão.

## 2.1 O nome: Ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira

Sob o alento do trecho descrito e a sátira dos codinomes oferecidos à ponte, iniciamos a análise semiótica pelo aspecto verbal do seu nome: ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira. Vamos primeiro à palavra *ponte*. No dicionário Houaiss<sup>3</sup>, o vocábulo é apresentado como um substantivo feminino que designa uma “obra construída em aço, madeira, cimento armado etc. para estabelecer mesmo nível de comunicação entre dois pontos separados por um curso de água ou qualquer depressão do terreno”. O termo *ponte*, em uma das derivações por extensão de sentido, é definido como “qualquer estrutura que liga duas partes homólogas” e, no sentido figurado, como “qualquer elemento que estabelece *ligação entre pessoas ou coisas*”. Os grifos são nossos e propositais para salientarmos que o significado da palavra homologa a citação acima: são dois pontos diferentes que ligam e caracterizam, na espacialização, a relação de objetos ou pessoas que, pelo movimento, se aproximam ou se distanciam, se comunicam e se relacionam.

São os elementos dessa relação que procuramos analisar neste projeto. A ligação estabelecida no processo de comunicação “entre pessoas ou coisas” neste trabalho será entendido como entre sujeitos e objetos, entre sujeitos ou, mais precisamente, entre a ponte estaiada e as pessoas, a cidade, o país e o mundo. É fundamental esclarecer que, nessa perspectiva, entendemos a ponte estaiada não apenas como objeto carregado de valor, mas também como sujeito dotado de competência modalizadora nas relações estabelecidas com outros sujeitos. Explicando de outra maneira, a partir de Landowski (2012), além do uso ordinário, presente na passagem de automóveis e nas interações entre a ponte e os homens (habitantes da cidade), é possível a existência de novas práticas que produzem outros significados e sentidos provenientes dos efeitos, das impressões e das sensações surgidos na relação entre eles. Essa interação tem a capacidade de modalizar/significar/mudar os sujeitos em questão. Nessa acepção, podemos supor que existe entre esses dois sujeitos a possibilidade de, como disse Maria Cristina Frias, um encontro, uma reunião ou, pela vertente da semiótica, uma interação regida por conjunção ou até mesmo por ajustamento.

Guardemos o que a análise do verbete *ponte* nos ofereceu: pontos de vista diferentes que, pelo movimento e pela passagem, podem se encontrar, se comunicar e se relacionar para um vir a ser repleto de sentido. Prosseguindo nossa análise verbal, no mesmo dicionário, encontramos o verbete “estai”, que dá origem à palavra estaiada. O termo é apresentado

---

3. Versão on line do Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa.

como um substantivo masculino, que corresponde a “cada um dos cabos que sustentam a mastreação para vante (a parte da frente do navio, entre a caverna-mestra e a roda de proa)” ou ainda “cabo de arame ou haste metálica inclinada que sustenta a chaminé ou outra peça do navio”. Um termo náutico que configura, numa embarcação à vela, os cabos colocados no sentido longitudinal que seguram as velas e ajudam na manobra de uma embarcação que se movimenta em função do vento.

Imediatamente uma apreensão se impõe: a ponte estaiada, uma estrutura fixa, guarda uma intertextualidade com os navios. Nas pontes estaiadas, os estais dos barcos à vela são empregados para segurar e suportar a própria ponte. Uma imagem se forma: a de uma ponte-nau, cuja função principal é o deslocamento sobre as águas de um ponto ao outro da “terra firme”.

Existem dois tipos diferentes de pontes suspensas: a ponte pênsil, reconhecida por seu formato de ‘M’ alongado, e a mais atual, a ponte estaiada, cujo formato é mais semelhante a uma letra ‘A’. A ponte estaiada não precisa de duas torres e quatro ancoradouros como a ponte pênsil. Em vez disso, os cabos tracionados, vão da plataforma a uma única torre, onde são presos. O mastro de uma ponte estaiada é responsável por absorver e lidar com as forças de compressão e de tensão da estrutura perante o vento, como também ocorre na embarcação à vela.

Sob o olhar semiótico da análise verbal, a expressão “ponte estaiada” apresenta uma reiteração, no nível semântico, com a presentificação da água nos dois vocábulos. Ambos apresentam estruturas que auxiliam os homens em sua relação com a água, presente na natureza, ou seja, possibilitam o movimento do homem nesse ambiente aquático. Nos rios, ultrapassando-os por meio das pontes e, no mar, deslizando nas navegações à vela. Os termos carregam a iteração do deslocamento entre dois pontos diferentes de “terra firme”. No nível narrativo, os termos equivalem a objetos que fornecem competência aos sujeitos para a realização do deslocamento entre dois pontos que, nesse caso, estão intermediados pelos significados do mundo aquático (que deve ser ultrapassado). Se o termo *ponte* nos trouxe a figuração horizontal, os *estais*, por sua vez, acrescentam a verticalidade que se presentifica nas velas e nas pontes desse tipo. Guardemos essas questões para serem retomadas posteriormente neste capítulo.

Finalizando a análise verbal do nome da ponte, temos a homenagem com a agregação (e o endosso para a obra) de um nome reconhecido na vida paulista e nacional: Octávio Frias de Oliveira. Jornalista e editor do diário *Folha de São Paulo*, Octávio Frias era, antes de tudo, um grande empreendedor. Anteriormente à aquisição do jornal, o empresário fundou um Banco Imobiliário (o Banco Nacional Interamericano) e criou a empresa Transaco, uma das primeiras corretoras de valores do Brasil que vendia ações diretamente ao público, ou seja, às pessoas físicas. Também foi empresário da construção civil, levantando vários edifícios (o mais conhecido deles foi o Copan) e fundou a Estação Rodoviária de São Paulo (a antiga

Rodoviária da Luz). Em 1962, comprou a *Folha de São Paulo* e a transformou no jornal de maior circulação do país, condição mantida até hoje. Como editor, nas páginas do diário, sempre expõe suas ideias com teor crítico, propagando uma postura de abertura política, agregadora de tendências e de opiniões diversas, fato que fez da Folha um dos veículos de comunicação mais democráticos e importantes do Brasil.

Octávio Frias de Oliveira foi um empresário inovador, plural e multifacetado, que representou, por um longo tempo, a própria comunicação brasileira. Ele foi, mais recentemente, o responsável pela constituição de um dos maiores grupos de comunicação nacional: o Grupo Folha de São Paulo que, além do jornal, é detentor do Universo Online – UOL (o primeiro e maior portal nacional da internet) e de empresas de distribuição, de pesquisa e de geração de conteúdo. Como citado anteriormente, Maria Cristina Frias, sua filha, definiu sua personalidade e seu estilo como o de “um homem de diálogo, que aproximava as pessoas e promovia a reunião de pontos de vista diferentes”. O homenageado que deu nome à ponte estaiada foi o criador de um dos principais veículos paulistanos de comunicação, divulgando no decorrer do tempo notícias e histórias da vida da cidade. Podemos dizer que é o retrato da cidade e o jornal “mais paulistano” de todos os tempos (Fig. 2).

O discurso metaforizado de Maria Cristina Frias confirma a história de vida de seu pai, agora emprestada para a ponte. No discurso da filha e na vida do empresário, confere-se a presença da comunicação, do movimento contínuo, do ir em busca de algo e das relações pautadas por vários ângulos de visão que se encontram e que geram sentidos transformando a vida dos sujeitos. Também por associação metafórica, esses sentidos são atribuídos à própria ponte estaiada, sugerindo que a obra é também inovadora, multifacetada e plural em si mesma, podendo ser estendida em suas narrativas e em seus discursos. O batismo da ponte estaiada já a fez ser emblemática, em razão de o nome escolhido revestir a ponte de sentidos relativos à vida do homenageado e de seu poder de comunicação, poder econômico e poder político. Essas marcas da vida de Octávio Frias produzem sentidos que se incrustam nas estruturas da ponte e vemos a força do nome de alguém que faz a ponte já nascer poderosa.

Outro aspecto interessante a salientar é a presença da cidade de São Paulo que está no nome do veículo de comunicação e se recompõe na “paulistanidade” do empresário jornalista e na própria localização da ponte estaiada. Podemos apreender nesses significantes, não uma São Paulo qualquer, mas uma São Paulo que, além de guardar uma história, é principalmente metrópole da comunicação, da inovação, do empreendedorismo e do futuro.

Sintetizando esse primeiro tópico da análise verbal da nomeação da ponte estaiada, vimos que o deslocamento, a continuidade do movimento e a possibilidade de encontro de pontos de vistas diferentes foram homologados em vários trechos da análise. O deslocamento, o movimento e a passagem estão presentes no programa de uso da ponte estaiada: levar pessoas motorizadas a transpor o rio, de um ponto a outro da cidade. Esse programa ganha valor quando

iterados também por outras práticas e outros elementos significantes: a horizontalidade e a verticalidade apreendidas nos estais das pontes e dos navios que atravessam as águas, no discurso de Maria Cristina Frias e na vida de seu pai. Todos esses valores emblemáticos são transpostos para a ponte logo na sua inauguração.

## 2.2 A expressão da estrutura animada da ponte estaiada

Vamos prosseguir com a análise figurativa e plástica da ponte estaiada. Nosso objetivo é buscar o entendimento de sua presença no mundo e como ela produz efeitos de sentidos que significam as interações dos sujeitos com a vida da cidade. Na semiótica, postula-se que todos os sujeitos e objetos são captados por meio do seu regime de presença, ou seja, a maneira como eles se colocam no mundo. Pela apreensão do regime de presença, é possível se ter acesso ao regime de sentido dos sujeitos e dos objetos e das suas interações. Landowski (2004) explica essas relações:

De fato, o regime de presença no “mundo em que vivemos” comanda o regime de sentido segundo o qual o mundo pode significar para um sujeito. Mas em contrapartida o mundo-objeto é ele mesmo um mundo sensível cujo modo de presença em relação a nós condiciona a maneira como vivemos e, por conseguinte, nosso grau de disponibilidade diante dele enquanto lugar de emergência potencial de um sentido. (LANDOWSKI, 2004, p.106).

A ponte estaiada foi analisada a partir de sua linguagem espacial. Esse procedimento permite realizar o exame, pelas indicações contidas na ponte, de seus atributos sensíveis apreendidos da sua figuração, que se manifestam na sua visualidade e nas interações com os sujeitos da cidade. É a partir do modo de presença da ponte na cidade que podemos apreender sua figuratividade.

A ponte é composta por duas pistas independentes, curvas e estaiadas, que são conectadas a um mesmo mastro, que mede 138 metros de altura, com largura transversal máxima na base de 76 m e largura transversal mínima no topo de 35,30 m, o que a torna comparável a um prédio de 46 andares. A torre é formada por duas hastes ocas, com paredes de 40 cm de espessura que se entrecruzam mais ou menos na metade de sua altura. Essa torre é ligada a 144 estais pintados de amarelo que se conectam na extensão das duas pistas de concreto de 900 metros cada uma. Os estais são cabos de aço que sustentam a estrutura gigantesca da ponte. Sua iluminação é composta por holofotes, que normalmente projetam luz branca, mas que podem assumir outras cores, como vermelho, azul e verde, lançando na armação de concreto diversas combinações cromáticas. No mastro existem escadas fixas, com cerca de 490 degraus, totalizando aproximadamente 89 metros.









H



I



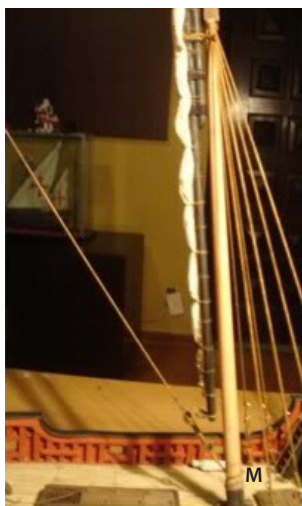
J



K



L



M



N



**Figura 2** Ao olhar imagens, o verbal faz a mitologia semântica do nome da ponte e do seu tipo de construção.

Segundo a descrição no site da Prefeitura de São Paulo, a estrutura é composta por

estais que variam de 15 a 25 cordoalhas de aço, revestidas por uma bainha de polietileno amarelo, cuja finalidade é proteger os estais da chuva, do vento e dos raios do sol. São 492 toneladas de aço, que se fossem colocadas lado a lado daria para percorrer 378 mil metros, equiparável à distância entre a cidade de São Paulo e a de Ourinhos. O maior estai tem 195 metros e o menor 78 metros (..). O comprimento das pontes é de 2.887 metros. Os vãos estaiados possuem 290 metros, com 16 metros de largura. (...). Nos 290 metros estaiados de cada lado foram colocadas placas de alumínio chamadas de “narizes de vento”, utilizadas para dissipar o vento nas pistas. Tanto as pontes quanto o mastro são pintados com um verniz antipichação que permite até quatro lavagens consecutivas.(...) Os testes de vento, com uma maquete, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mostrou que as pontes suportam ventos de até 220 km, ou um furacão de nível 4 (escala de um a cinco). (Prefeitura do Município de São Paulo)<sup>4</sup>.

A obra consumiu 58.000 metros cúbicos de concreto e 3.000 toneladas de aço. Somente os 144 cabos (estais) pesavam 492 toneladas. Esses números fazem saber a grande dimensão do empreendimento e fazem ver quão importante se tornaria na visualidade da cidade.

O primeiro elemento da visualidade que vamos destacar é a altura da ponte (Fig. 3). A sua verticalidade é uma das características mais marcantes do seu modo de presença na cidade. A elevação, o formato em cruz das hastes e os estais presos às vias são amplamente vistos e reconhecidos em todos os ângulos do entorno. A altura do mastro, equivalente a um prédio de 46 andares, coloca a obra como a quarta edificação mais alta da cidade (comumente a ponte é comparada ao Edifício Terraço Itália). Como publicou a revista *Veja* São Paulo à época de sua construção: “No seu topo avistam-se pontos distantes como a pista do Aeroporto de Congonhas e a Represa de Guarapiranga<sup>5</sup>”.

Em uma primeira visada, observamos a importância dos formantes eidéticos e das figuras geométricas que configuram a estrutura da ponte estaiada. No início deste trabalho, citamos vários semantismos vistos nos apelidos (inspirados na altura e no formato cruzado das hastes da ponte) que marcam o ambiente mostrando como é grandiloquente sua presença na cidade.

---

4. NOGUEIRA, M. R. Complexo Viário Real Parque. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras. São Paulo, 2008.

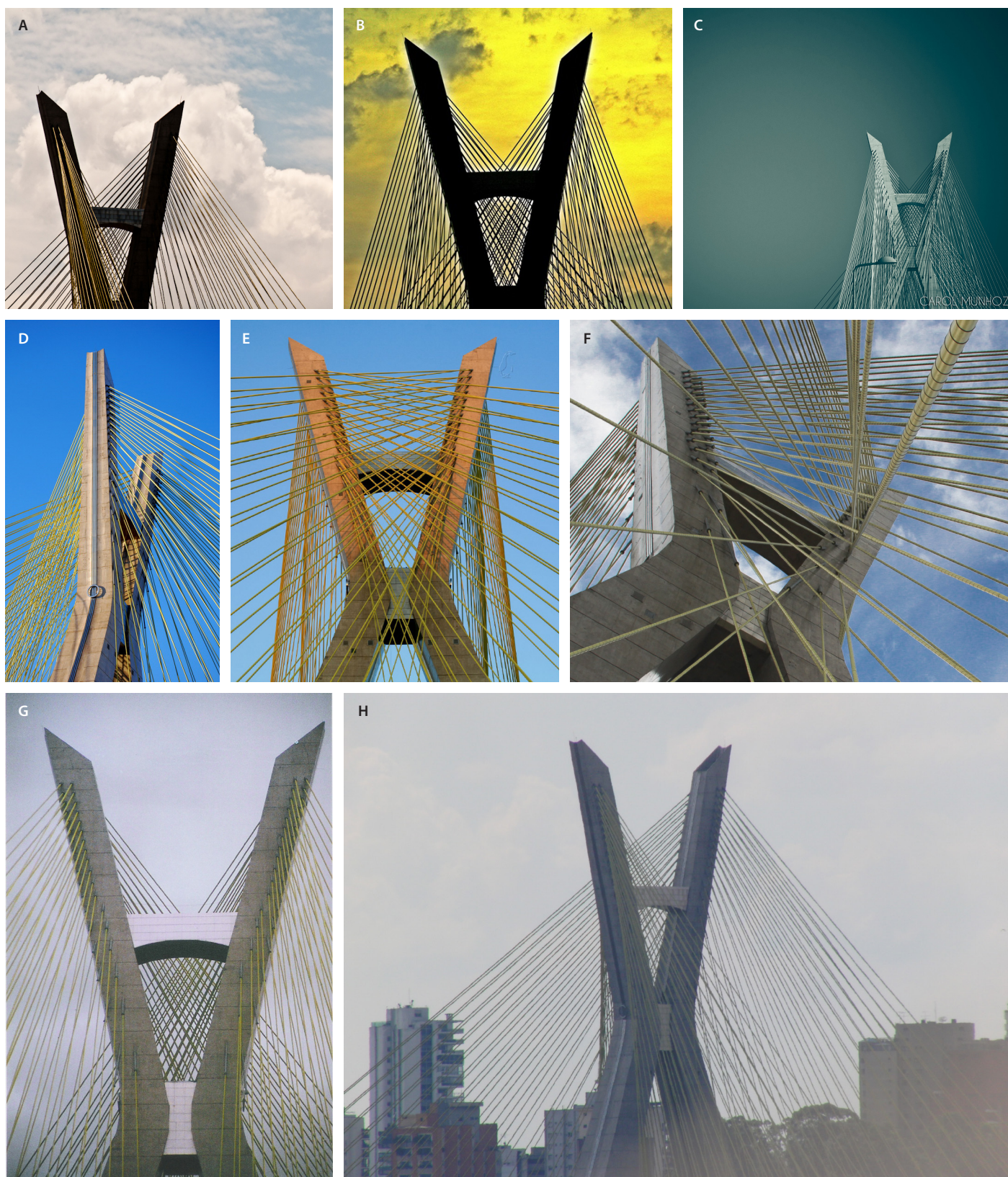
5. BRISOLLA, F.; RODRIGUES, M. V.; RODRIGUES, M.; OLIVEIRA, V. “A gigante da Marginal” publicada na revista *Veja* São Paulo, ed. 2031 – 24 de outubro de 2007.





**Figura 3** A configuração da verticalidade do mastro permite ver a oposição plástica: alto vs baixo e o cruzamento das hastes é um dos elementos mais marcantes do seu modo de presença na cidade (parecer de ligar céu e terra).





**Figura 4** Configuração das hastes superiores chanfradas: impressão de continuidade que leva ao céu, como braços levantados em celebração.

Essa verticalidade marcante e dinâmica na região presentifica a oposição plástica inicial: alto vs baixo. A figura que se vê nos dois largos traços cruzados da obra parece ligar o céu e a terra por meio da imensa cruz das hastes, que se conectam ao céu, em sua elevação e, se ligam a terra, enraizada no solo, abaixo de nossas vistas. A percepção que se tem com o efeito de sentido desse parecer é que o mundo terreno (o baixo) e o celestial (o alto) se uniram por meio dessa enorme estrutura animada.

A forte impressão que ela provoca e o fato de, muitas vezes, a vermos em movimento (do veículo em que estamos), faz com que sua presença sugira inclusive uma “gestualidade” própria. Suas hastes em “X” parecem como “braços levantados” para o céu e “pernas longas, abertas”, que suportam o corpo em pé, coladas no solo das margens do rio Pinheiros (Fig. 4). É como se a ponte estivesse em uma posição de celebração e de aclamação, como em uma espécie de prática ritual. Em uma olhada mais precisa, vemos que as hastes superiores, os braços que levam aos céus foram “cortados” transversalmente, dando a impressão não de uma quebra (que um corte seco faria), mas de continuidade, como se as hastes prosseguissem em direção aos céus. Se anteriormente falamos de deslocamento, da passagem contínua entre pontos distintos ou opostos, essa condição também se reitera nas hastes superiores que levam aos céus. Nesse movimento que se eleva e nos leva para a imensidão, temos a impressão de que a ponte alcança as alturas do céu, acessando seus significados.

Dando vazão a essas reflexões somos impelidos a compará-la ao corpo de um homem. Nessa percepção, podemos apreender outras formas dessa estrutura-corpo gestual: os seus ombros, na figura de um retângulo horizontal que liga as hastes na parte intermediária superior da ponte, bloco que é retilíneo na sua horizontalidade superior e levemente curvado no traçado da parte inferior, semelhante a ombros humanos, que sustentam o tronco e os braços. Abaixo, no encontro das duas hastes, a cintura da ponte está demarcada. Da mesma forma que temos a sensação de braços que se ligam ao céu, suas hastes-pernas parecem se projetar e se fixar no solo, conformadas por uma estrutura que lembra pés enormes com botinas.

Não é à toa que a revista *Veja*, em sua capa da edição de 24 de outubro de 2007, escreveu que *nascia* um cartão postal, conferindo-lhe uma condição humana (um nascimento) e um modo de estado (“um ser”) (Fig. 5). Além disso, a chamada da capa já atestava sua categoria de ser emblemática, mesmo antes de sua inauguração. Fortalecendo esses efeitos de sentido, a capa mostra a construção da ponte estaiada, que foi fotografada de baixo para cima, técnica fotográfica que intensifica sua grandiosidade e seu gigantismo. A descrição ilustra a sua emblematicidade, afirmando que já se tornou uma referência que *se impôs* (pela sua força) no cenário paulistano por meio de sua verticalidade impressionante:

Estamos falando de um dos pontos mais altos da cidade – são 25 metros menos que o Edifício Itália, por exemplo. A arquitetura da Ponte Estaiada (...) se impôs no cenário





**Figura 5** O título da capa da revista *Veja São Paulo*, de 24 de outubro de 2007, refere-se ao nascimento, que é uma condição humana, de um emblema. Discurso que confere, antes mesmo de sua inauguração, um “modo de estado”, antecipando o efeito de sentido de gestualidade da ponte.

paulistano mesmo antes de sua inauguração, prevista para março de 2008. E, seja qual for a avaliação sobre o resultado estético, a obra ainda em construção já se tornou uma referência pela complexidade de sua estrutura.

Na associação com o corpo humano, abaixo da cintura ocorre a interseção das duas vias, motivo que fez a ponte ser estaiada. É essa junção das vias que fizeram ser a ponte e, nesse sentido, metaforicamente, seriam os órgãos genitais responsáveis pelo corpo gestual. A imagem da capa da revista *Veja* mostra, de forma intensa, a projeção da via e o posicionamento da interseção que recebe uma via e projeta a outra.

Como dissemos acima, a parte inferior das hastes abaixo das vias não é tão visível quanto a superior. Nessa parte da ponte, há uma quebra na estrutura, na continuidade dada na verticalidade de suas hastes e, na gestualidade da ponte estaiada, esses prolongamentos sugerem enormes pés que ligam e se (re)ligam, por suas vias, ao solo dos quatro lados da cidade. Essa gestualidade traz à ponte sentidos de animação, reveste-a como um ser animado possuidor de energia própria que lhe dá vida como a um ser humano. Mais adiante, podemos associar a movimentação constante em suas pistas com a circulação de sangue nos corpos humanos que os mantém vivos. Apreendemos nessa associação sentidos que dinamizam a existência ponte na cidade.

Vamos aprofundar o detalhamento e a análise das partes da estrutura da ponte. O comprimento das pontes é de 2.887 metros. As pistas foram construídas em curva de 60°, medem 900 metros cada e os vãos estaiados possuem 290 metros, com 16 metros de largura. Na conexão das pistas com as ruas da cidade, existem grandes blocos de cimento que impedem o acesso à via de bicicletas e transeuntes. A forma geométrica, associada ao aspecto eidético, nos mostra um traçado horizontal curvilíneo, contínuo, que perpassa o rio nos dois trechos. Na horizontalidade das pistas suspensas e contínuas, pode-se apreender uma nova dimensionalidade ofertada por outro cruzamento formado pelo encontro na intersecção das duas vias. Essa configuração apresenta um novo cruzamento na horizontal, acima do nível do solo e do rio, que reitera o formato da cruz que aparece verticalmente na estrutura das hastes vista na elevação do mastro ligando céu e terra. O cruzamento repetido também na horizontalidade, no entroncamento das vias contínuas que perpassam as águas do rio e se conectam à terra reitera os significantes e atualiza os sentidos da ligação vital presentificada na própria intersecção, como vimos na descrição da gestualidade da ponte e na ligação entre céu e terra, entre terreno e divino, cuja relação guarda a problemática original do ser humano e o mistério de sua origem.

Outros elementos do formante eidético aparecem na horizontalidade, logo abaixo das vias suspensas: o traço grosso que marca o leito do rio Pinheiros, reiterando novamente a presença do ambiente aquático e, em contraponto, a terra e o asfalto sólido das margens e das vias da Marginal Pinheiros, que recortam a cidade em dois lados. No nível do solo, existem duas pistas

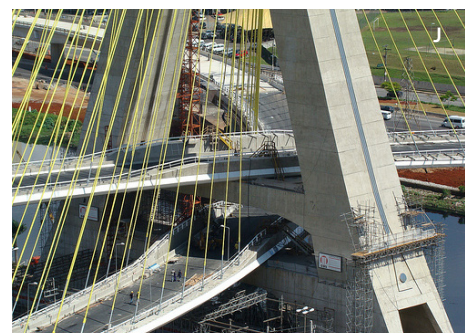
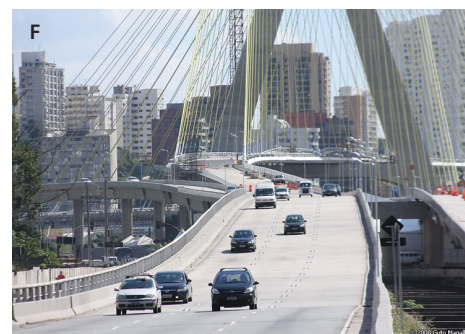
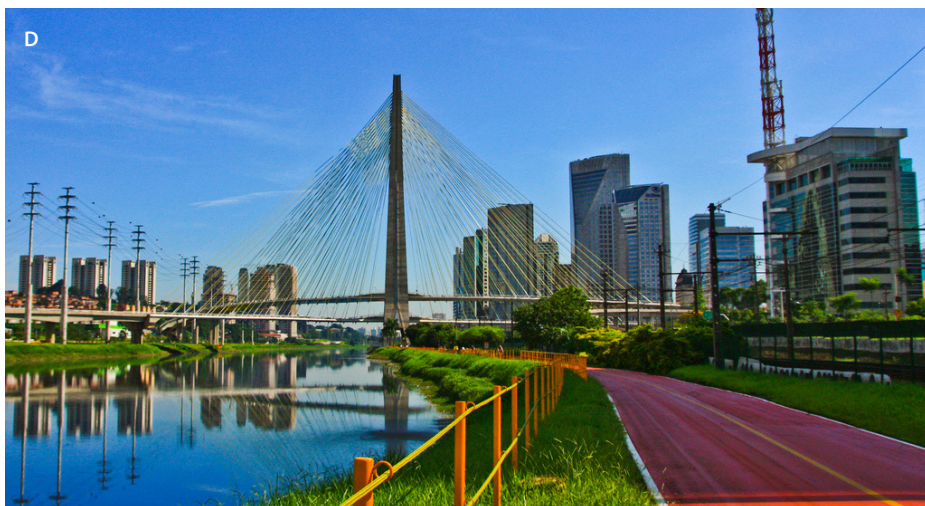
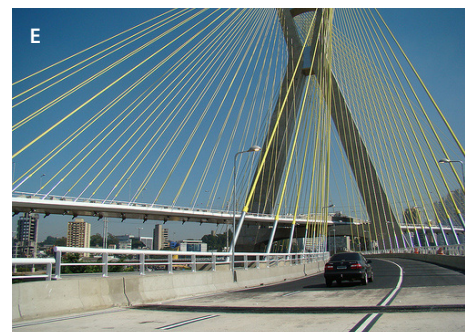
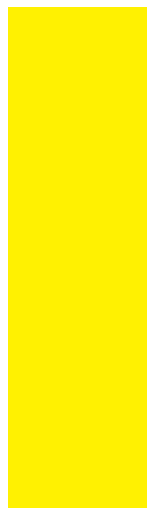
vermelhas: uma do lado do Morumbi, que é a via marginal de manutenção tanto da obra como de outros equipamentos da cidade (como os fios de eletricidade e a canalização da EMAE – Empresa Municipal de Água e Esgotos) e que são acessadas apenas por funcionários dessas empresas. Do lado do Brooklin, vemos a presença da ciclovia, inaugurada em 2010, ao lado da linha ferroviária da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que é bem pouco utilizada depois do advento das ciclovias nas ruas da cidade, durante os domingos (Fig. 6).

Vimos, nessa descrição inicial, que os traçados presentificados na horizontalidade da ponte estaiada carregam em si um componente semântico relacionado ao contínuo, pois todos eles têm a função de deslocamento, ou seja, de levar de um ponto a outro (no mundo natural e, também, no discursivo e narrativo). As vias estaiadas, a pista de manutenção, a ciclovia e as linhas do trem levam e trazem os homens ao seu destino, isto é, ao encontro de seus objetivos no prosseguimento de suas vidas. Do ponto de vista narrativo, pode-se dizer que se constitui o deslocamento de um ponto inicial (o aqui) para o fim do percurso (o lá). Narrativamente, o percurso implica uma quebra do contínuo que leva ao alcance do destino objetivado e, quem sabe, à obtenção dos valores ansiados. Observa-se ainda que esses temas do conteúdo também reiteram a apreensão vista anteriormente na análise do nome da ponte: o deslocamento (dos barcos) nas águas dos rios ou dos mares. Veremos que a continuidade da passagem e a descontinuidade dos pontos e paradas são significantes na produção de sentidos da ponte estaiada.

Vistos os elementos do formante eidético, seguimos com os componentes matéricos. O mastro e as pistas estaiadas foram erguidos em concreto armado protendido. Suas propriedades conferiram à ponte umas de suas características primordiais, que a difere de outras pontes: a tensão necessária para aguentar sua pesada estrutura e a flexibilidade indispensável para amenizar o impacto dos ventos no mastro e nos estais, suportando a movimentação da ponte. Quando passamos por ela, temos a sensação que ela se mexe (como se estivesse deslizando na água) – e isso realmente acontece com a força dos ventos. No topo das hastes, é mais perceptível o movimentar da ponte, pois, nesse ponto, ela balança contínua e ritmadamente, mais ou menos, em uma distância de 30 centímetros. Ocorre, então, outra reiteração entre a ponte e os navios – o balançar constante da ponte-nau como em uma navegação. São esses elementos que provocam a percepção de suspensão das pistas que, na horizontalidade, parecerem até flutuar acima do rio. Apreendemos nessa visualidade duas oposições plásticas líquido vs sólido e leveza vs dureza que se reiteram sistematicamente na configuração da ponte.

Para embelezar as hastes da ponte, foram colocados detalhes em metais brilhantes em sua estrutura: um grande aro de metal – quase um luminoso círculo – que se localiza na parte intermediária da ponte e os verticais feixes brilhantes de aço que correm nas laterais das hastes, terminando no pé da ponte num triângulo de metal. Esses detalhes se presentificam





**Figura 6** Hastes inferiores: impressão de segurança, de fortaleza e de firmeza, como “pernas e pés fortes” para sustentar as pistas que perfazem a horizontalidade da ponte e, visualmente, possibilitam ver outro cruzamento nas vias, reiterando a configuração vertical.



quase como uma marca, um brasão moderno que distingue essa ponte de tantas outras. No contraponto da leveza, dada no balanço e na luz brilhante dos detalhes em aço, temos a tonalidade acinzentada do liso luminoso no concreto protendido, que agrega a percepção de solidez, de segurança de postura na magnitude da ponte.

Parte das pistas – as rampas dos viadutos – é moldada em placas de um tipo de pavimentação lisa, de cor branca que, além de facilitar a passagem dos automóveis, mais uma vez itera o aspecto de leveza e a sensação de suspensão no ar. Como são placas, ao trafegar sobre elas, dentro do carro sentimos a passagem de uma para outra, em um constante, ritmado, intermitente e sonoro saltitar por suas junções, quase como um batuque suave e envolvente. Já, na parte central das vias, embaixo do entrelaçamento dos estais e do mastro, a pavimentação muda para asfalto, de cor preta, que traz certo “peso” e aprofundamento a esse trecho da ponte estaiada. Nessa parte da passagem, o trajeto é constante, liso, sem saltitar. Essa alternância das cores – preto e branco – e a existência de trechos ininterruptos e outros com leves solavancos quebram com a continuidade da pavimentação e fortalecem a oposição leveza vs dureza.

Até esse momento da análise, apreendemos, pela visualidade da ponte, algumas reiteraões configuradas que homologam sua organização figurativa e nos privilegia com o acesso à sua figuratividade.

A cruz do mastro liga o céu e a terra e seus significantes, celeste e terreno, enquanto o segundo cruzamento das vias enredam os significados da existência e do mistério da vida humana. Além das oposições mencionadas acima, na configuração plástica, verificamos a oposição inicial alto vs baixo, céu vs terra e a iteração do contínuo vs descontínuo, presentes nos deslocamentos, tais como na água do rio e nas vias que unem a ponte às ruas da cidade, possibilitando aos homens (motorizados, em transporte público ou ciclovias) conectarem-se de um lado ao outro. Qual o sentido dessa conexão? Conexão e movimentação, de caráter eufórico, do estar integrado à vida cidadina naquela região que é efervescente em sua rotina com muitas pessoas, em seus trabalhos, circulando pelas ruas, no vai e vem dos trens e dos ônibus que levam e trazem os cidadãos para seus afazeres na dinâmica dos edifícios empresariais que recebem inúmeras pessoas e empresas parcerias de seus negócios, em um movimentar intenso de (re)unir objetos, sujeitos e valores.

O “X”, que se reitera no plano da expressão, se articula no plano do conteúdo com os temas da cruz, considerada um símbolo universal. A Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Sul afirma que “Os egípcios [...] a consideravam uma chave mágica que abria a fronteira da imortalidade”. No site da instituição, foram listados significados de 102 cruzeiros diferentes<sup>6</sup>. Essa chave mágica não seria o acesso à resposta sobre a questão universal da vida humana que, descoberta, lhe proporcionaria a vida eterna? Ou no significativo religioso posto acima

---

6. ECLESIA - Arquidiocese Ortodoxa Grega de Buenos Aires e América do Sul.

no encontro com Deus na vida celestial? Temas que são presentificados na configuração mítica das cruzeiras da ponte: a vertical significa a ligação com o divino (o mundo de Deus) e a horizontal, na ligação com o terreno, com o mundo terreno e a força vital dos homens. Numa outra apreensão desse tema, questionamos: não seria a imortalidade o *continuum ad eternum*, a simbologia semântica máxima do contínuo? A mortalidade, em seu oposto, o significante máximo do descontínuo, ambos presentificados na configuração da ponte.

Vamos analisar a presença dos estais amarelos que ligam e envolvem as duas cruzeiras presentes na ponte. Os estais são elementos estruturais flexíveis, formados por feixes de cabos de aço. São 144 estais que medem entre 78 a 195 metros e, em conjunto, pesam 492 mil quilos. Eles são responsáveis por manter suspensos dois trechos das vias. Há entre 15 e 25 cabos de aço em cada um dos estais, que são encapados por um tubo amarelo de polietileno que protege o aço contra corrosão. Sem nenhuma norma ou obra para referencial, os engenheiros definiram uma distância livre mínima de 10 cm entre os cabos.

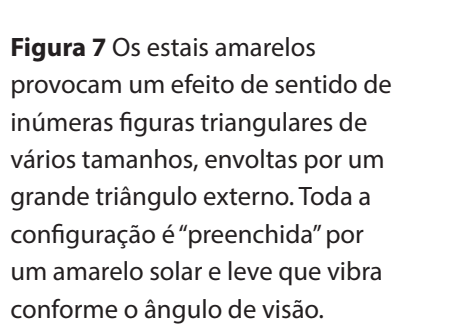
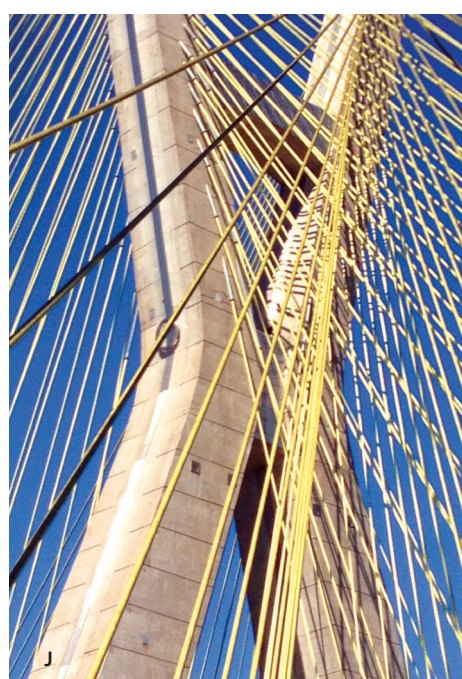
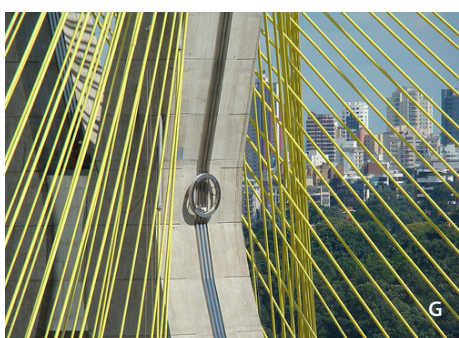
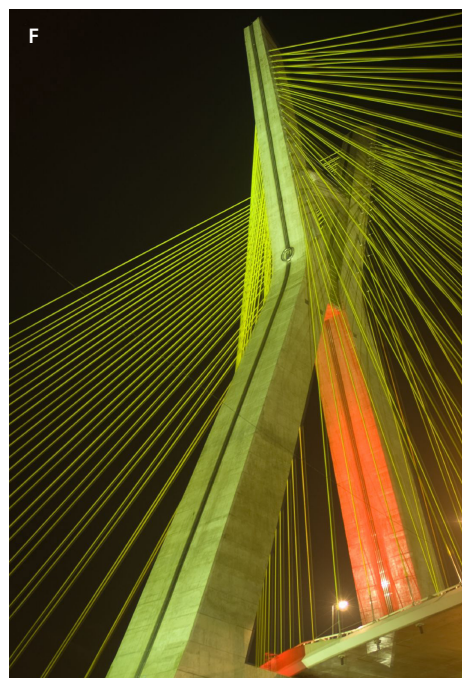
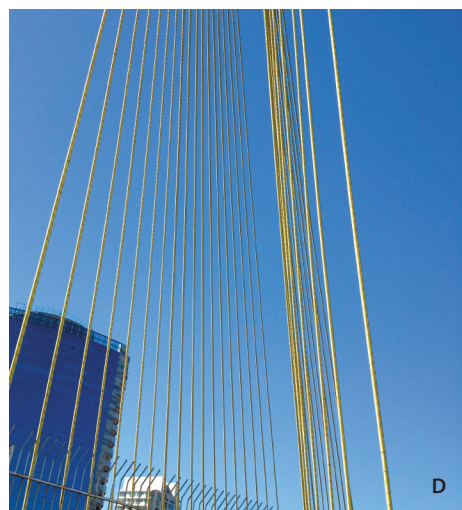
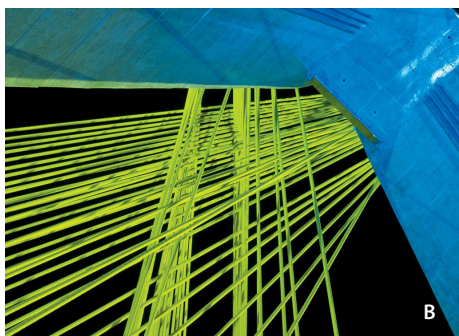
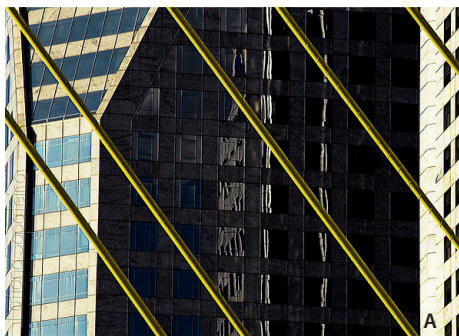
Os estais, presos às vias, seguem em direção longitudinal até a parte final superior das hastas da ponte, conformando um entrelaçamento de intensa visualidade na cidade. O engenheiro Francisco Catão Ribeiro (2009), sócio presidente da Enescil, empresa responsável pela engenharia da ponte, afirmou que “o mastro único para dois tabuleiros (vias) provoca inédito entrelaçamento dos estais após o cruzamento das pistas”. O sequenciamento paralelo dos estais amarelos formam vários triângulos que, na intersecção, tanto real como visual, com o mastro e os tabuleiros, provocam diferentes visões, dependendo do ponto em que se esteja observando a ponte. Ao longe, têm-se a percepção de figuras triangulares grandiosas que são preenchidas por um amarelo vibrante e leve, quase transparente, em uma ilusão de óptica caracterizada como figura-fundo. A visão dos feixes de estais formando triângulos suspensos nos vários lados do rio e, para quem observa de cima, de um passeio de helicóptero, vê que essas figuras são multiplicadas quatro vezes nas pistas estaiadas sobre o rio. A figurativização dos estais espanta pela forma triangular em que se vê a totalidade do conjunto, mas também surpreende na visão do detalhe, em que as formas triangulares se repetem milhares de vezes em cada “encontro” visual dos cabos. (Fig. 7)

O amarelo do polietileno, brilhante e reluzente, parte do formante cromático, ilumina o visual. Trata-se de uma cor primária, clara, que simbolicamente está associada ao sol e à energia da vida. Nessa escolha cromática, é detectável uma intencionalidade do destinador que planejou o efeito que percebemos. O engenheiro Francisco Catão Ribeiro, responsável direto pelo projeto da ponte estaiada, declarou que “A decisão de usar o amarelo levou em conta o entrelaçamento visual dos estais, em razão do cruzamento entre as pistas. Se a opção fosse por uma cor escura, haveria um efeito visual ‘sujo’. Já com o amarelo, criou-se uma espécie de névoa vibrante”.

---

7. RODOVIAS E VIAS. “O novo cartão postal de São Paulo” Revista Rodovias e Vias, ed. 33. Curitiba, 2007.





**Figura 7** Os estais amarelos provocam um efeito de sentido de inúmeras figuras triangulares de vários tamanhos, envoltas por um grande triângulo externo. Toda a configuração é “preenchida” por um amarelo solar e leve que vibra conforme o ângulo de visão.



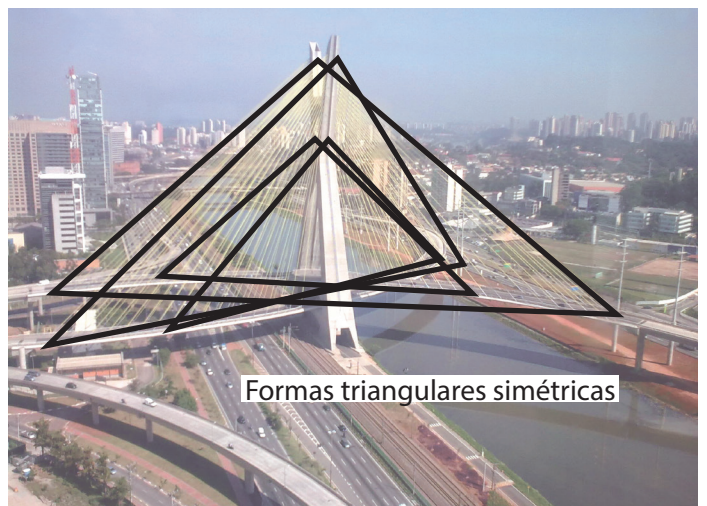
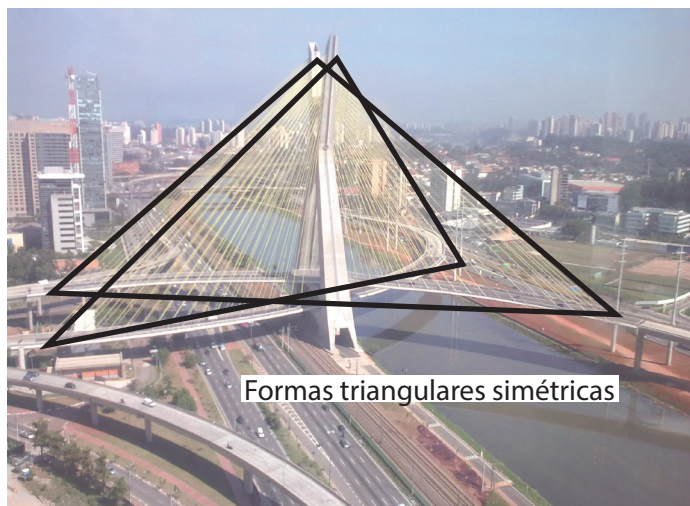
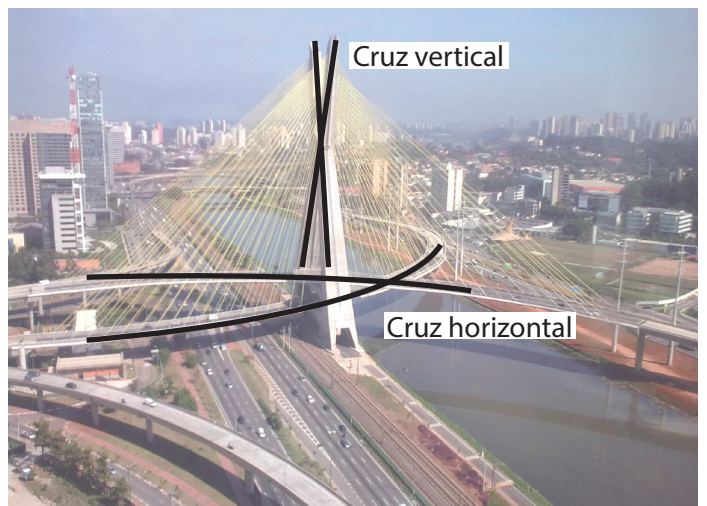
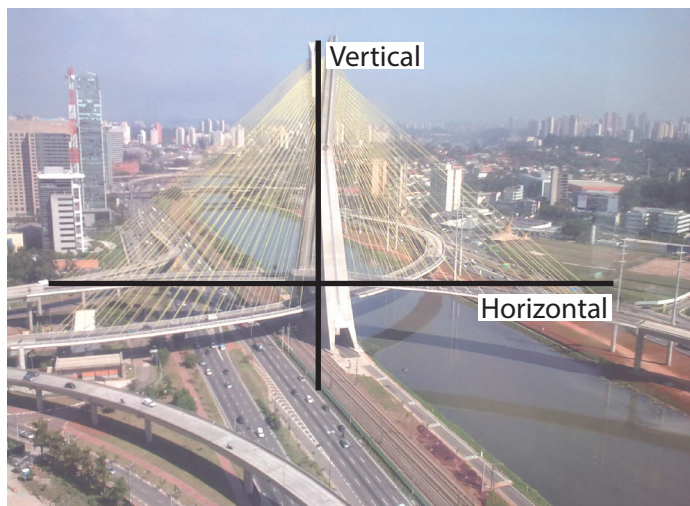
Os estais estão colocados paralelos e presos às vias na parte mais baixa da ponte e seguem em direção ao mastro em linhas diagonais, formando, na visualidade, um conjunto de vários triângulos que podem ser vistos por todas as perspectivas e ângulos de visão. Observável nas formas triangulares e entretecidas que formam a malha de estais, detalhamos essa conformação: o ângulo reto dos triângulos sempre é formado pelo encontro do mastro com as pistas, que são curvilíneas. O resultado dessa configuração são os triângulos de estais em diagonais perfeitas, que se entrelaçam, provocando a percepção de vários triângulos simétricos, repetidos e entremeados por toda a visualidade da ponte. O parecer é de uma rede ou de uma tela, ou seja, um tecido de estais que liga o mastro às pistas. Essa estética simétrica confere à ponte a sensação de equilíbrio, de ritmo e de estabilidade, que reforça a questão da segurança trazida pelo cimento, mas principalmente avigora o sentido de sutileza, de leveza, de uma tessitura suave e marcante oferecida pela perfeita rede de estais em suspensão acima das pistas. Uma *névoa vibrante*, suspensa, que nos remete à energia do sol e aos ares do céu.

A força das oposições plásticas dinamiza o plano de expressão da ponte estaiada, e compõe a percepção impressiva que descrevemos acima. Estas oposições pode ser verificadas no esquema desenhado. (Fig. 8).

### 2.3 Uma experiência sensível

Concebam um dia de passeio, em um sábado ensolarado de cores resplandecentes do inverno (como hoje, um sábado, dia 6 de julho de 2013). Um dia em que o tempo é mais lento e o espaço é mais amplo. Um dia sem stress. Nos nossos automóveis, seguimos pela cidade, com vidros semiabertos para sentir o vento, o aroma e o calor gostoso da estação. Estamos na ampla via expressa da marginal Pinheiros, que nesse dia está fluida e descongestionada, permitindo a visão aberta de toda a região. Trafegando por suas pistas no sentido Sul Santo Amaro para o Oeste – Marginal Tietê, a ponte desponta logo após a passagem pela ponte Morumbi e, conforme nos aproximamos, ela vai crescendo, tomando forma. Primeiramente, no nosso campo de visão, aparece uma pequena porção de sua parte superior, suas hastes, ou seja, “seus braços levantados” unidos ao céu sem nuvens em um azul celeste radiante que se mostra em todo horizonte. Aos poucos, em um jogo de revela/esconde com os edifícios da região, começa a aparecer os seus estais, que riscam a espacialidade tonalizada de azul. Nesse momento, em uma visão parcial de sua totalidade, a percepção que se configura é de uma pequena forma única, triangular e clara, emparelhada acima e ao lado dos grandes arranha-céus com suas antenas captadoras de sinais, revelando que a ponte, também como os edifícios, está conectada com o mundo.

**Figura 8** Esquemas que mostram o plano de expressão da ponte com as diversas oposições presentificadas: vertical vs horizontal, contínuo vs descontínuo, dureza vs leveza. A multiplicidade de formas triangulares e simétricas. Elementos que homologam o conteúdo e permitem ver os efeitos de sentido de equilíbrio, animação e perfeição que a ligam ao mundo celeste e terreno.





Acomodados em nossos carros no contínuo deslizar das pistas da marginal, vamos chegando mais perto e a sensação perceptiva vai aos poucos se alterando, os estais começam a “se separar” e a nossa visão recebe a repetição paralela e simétrica, longitudinal e contínua desses componentes. As cores começam a se diferenciar: vislumbramos o amarelo fino dos cabos, que se mistura aos raios solares, que turvam momentaneamente nossa visão, e, em seguida, aparece a cor cinza imponente das vias circulares e das fortes hastes da ponte, marcando o espaço aéreo. O som do vento, o calor aconchegante das tardes de inverno e a visão equilibrada dos estais convidam a uma sensação de devaneio, sonolento e aquecido pelo dia de inverno.

Nesse instante, quase como em um sonho, as pistas aparecem no nosso campo de visão, elevadas e suspensas, longilíneas e insinuantes em suas curvas. Toda a estrutura vai ganhando força e poder e as vias se tornam convidativas, tomando conta de toda área de nossa visão. A sonolência é quebrada pelo impacto da visualidade grandiosa e envolvente. Por um instante, a respiração para. Esse é o momento da decisão: ou se adentra a alça do viaduto para passar pela ponte ou segue-se direto pela marginal, transpondo-a por baixo, em sentido oeste.

A percepção do volume grandioso, forte e alto do mastro cruzado, visível por qualquer ângulo, vai ficando para trás quando se adentra em suas vias. Outras sensações tomam conta da experiência que se inicia com o elevar das vias, aproxima e envolve os prédios e construções ao redor. Primeiro sentimos o pequeno solavanco contínuo na passagem do carro sobre as placas do asfalto dos viadutos que dão acesso às vias da ponte, perceptível pelo balançar ritmado do nosso corpo e, logo em seguida, uma parada: a entrada na ponte, uma quebra que transforma o movimento em continuidade, sem solavancos, plainando no asfalto abaixo do entrelaçamento dos estais. Durante esse deslocamento, os cabos crescem, figuram enfileirados ligando o céu e a terra. Sua presença é forte e grandiosa. É impressionante a constância visual dos estais claros, radiantes e ritmados, que parecem se mover, pelo movimento do carro nas vias e na ponte. Eles tomam vida quando, cada vez mais acelerado, se movem, provocando a sensação cujo ápice ocorre quando se está sob à ponte no ponto central do mastro estaiado. É impossível não direcionar o olhar para os lados e para cima, observando a força e a magnitude rítmicas no amplo espaço amarelo das fileiras simétricas dos estais que, acima de nossos automóveis, nos protege (Figs. 9 e 10).

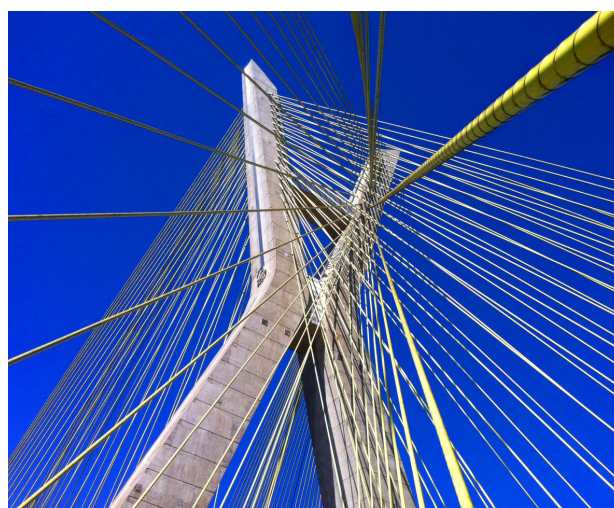
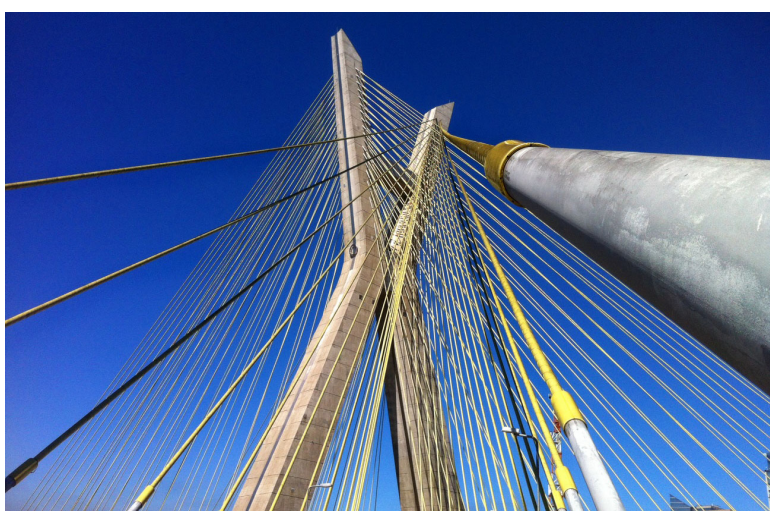
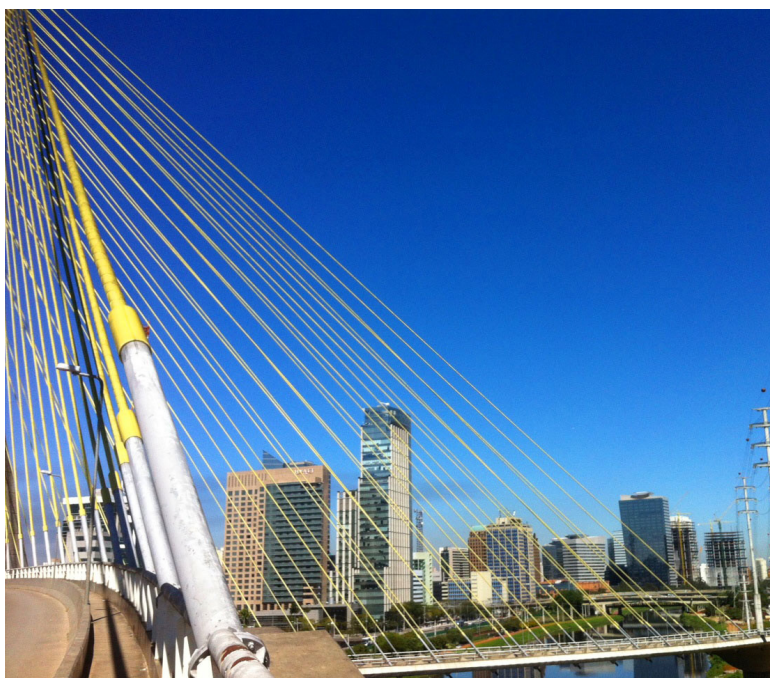
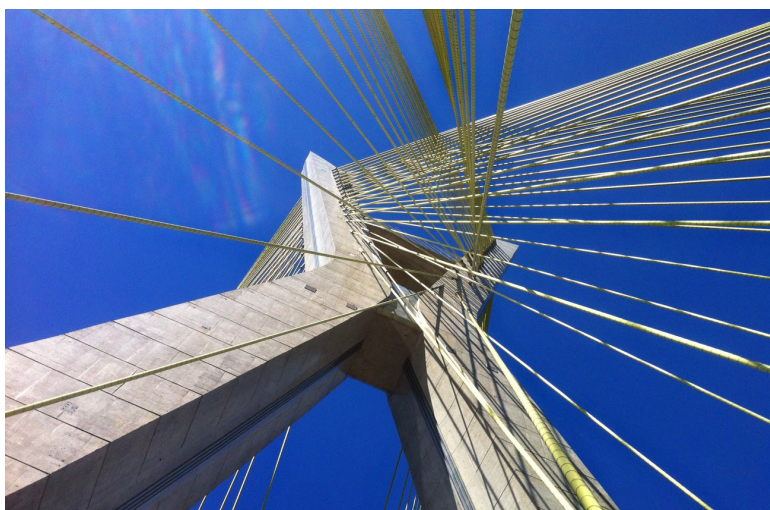
Os altos cabos parecem se unir, formando uma torre amarelada e transparente acima das nossas cabeças. O movimento curvo, em função da curvatura das pistas, joga nosso corpo de um lado a outro, impelido pela força centrípeta. A sensação impressiva passa por uma estranheza inicial, mas depois nos abarca no deslumbramento da situação e entra em nossos corpos numa sensação de estarmos sendo absorvidos por essa magnitude esplendorosa e poderosa que, no alto empuxo amarelo ligado ao céu, aparado por suas pistas, acima das águas convidativas que emergem do rio, faz com que sintamos a conexão com a vida, com o





**Figura 9** O trajeto de uma experiência sensível, em uma tarde de inverno: um azul denso e luminoso com o sol que compõe a plástica do ambiente. Movimento aberto e constante em uma pista expressa sem congestionamento.





**Figura 10** A percepção estética na passagem por baixo dos estais: grandiosidade, perfeição e proteção pelos elementos amarelos que se repetem até o céu.



céu, com o rio, com a terra e, por segundos, sentimos a comunhão com todo o universo. Esse sentido sentido passa fulgaz por todo o nosso corpo e se esvai para o mundo, depois de nos transformar pela experiência.

No instante seguinte, já não estamos mais “dentro” dessa estrutura, formada pelos estais, alta e emparelhada que se movimenta continuamente. Iniciamos a descida pelo viaduto, refazendo as mesmas percepções anteriores até a chegada da rua. O sentir único fica para trás e retomamos o nosso passeio na tarde ensolarada de sábado. Porém, aquele instante uno permanece em nossa memória e pode ser atualizado quando quisermos: uma breve e intensa experiência de um sentido sentido com a ponte, por ela e nela, que nos faz sentir e ter consciência da amplitude da existência e do fazer humano. Incorporar o sentido vertiginoso da sua evolução, de sua força e de seu poder, que se acelera cada vez mais e se espalha por todos os lugares do mundo que, de forma deslumbrante, faz com que sintamos a proximidade, um tanto quanto perigosa, da mudança radical, em que o invento será tão poderoso quanto seu inventor, e este, como cria, poderoso como seu criador, ou então a possibilidade desastrosa do invento se tornar o próprio criador. Um experiência de energia vital.

A experiência de transitar pela ponte estaiada pode, também, tomar cores e sensações diferentes que são condicionadas pelos fatores da situação em ato, como, por exemplo, o período do dia (ou da noite), o clima, a disponibilidade para a vivência dos sujeitos em questão. É evidente que, nos dias ensolarados, os estais são mais luminosos, seu amarelo resplandece e sua estrutura se torna mais vibrante e sublime, suspensa pelos viadutos fazendo com que toda a sua compleição fique mais clara e se sobressaia na espacialidade. Ela também se avanta, mostrando sua ligação com o céu e com a terra que a suporta.

Diferentemente, nos dias nublados, em que o sol não se faz presente como adjuvante, nós vemos o amarelo dos estais mais esmaecido, alterando a intensidade de sua dinâmica. Por isso, o que mais se destaca é a grande estrutura das hastes que faz ser o mastro cruzado, com todo seu peso e solidez, tonalizado na cor cinza do cimento que se mistura ao dia acinzentado. Um *ton sur ton* rasgado pela cruz que se liga às pistas enraizadas no ambiente, evidenciando o seu aspecto forte, sólido e seguro: a configuração do terreno se expressa. Em uma outra experiência intensa, um sábado à tarde, dessa vez no verão de janeiro, com típicos dias quentes e chuvosos no período vespertino, algo parecido aconteceu. A impressão citada acima se fez visível na marginal Pinheiros. Com a proximidade da chuva, de grandes nuvens carregadas, de um cinza escurecido, se fizeram vistas e, instantaneamente, a tempestade se formou, caindo rápida sobre as pistas da marginal. Com o solo e o asfalto molhado, espelhando o entardecer chuvoso do verão, a ponte estaiada e os altos edifícios ao redor tomaram uma expressão diferente. Mais tensa, mais misteriosa, mais incólume, frente àquele furor da natureza que se exprimiu por meio de suas águas, seus trovões e raios elétricos, que são interceptados pela ponte e



se conectam com a energia telecomunicacional da espacialidade, fazendo-a fluir por todos os cantos do planeta. (Fig. 11). Dessa vez, um sentido de pequenez frente àquele estrondoso lugar, um parecer que o mundo estava aborrecido, bravo e que alguém estremecia e fazia estremecer aquele lugar com seus trovões e raios, alguém muito poderoso, mas a ponte estava lá: segura, forte, protegendo àqueles que por lá passavam. A obra dos homens em franco combate com a obra de Deus.

Outras vivências, totalmente diferentes, podem ocorrer durante o período noturno. Nessa situação a ponte se mescla com a noite e o que vemos são milhares de pontos de luz branca, quase prateada e cintilante que ilumina pequenos pedaços da estrutura, provocando um efeito de claro/escuro, de ver e de esconder as partes da ponte. Conforme o trânsito dessa hora do dia, imensos traços brilhantes e grossos, vermelhos e brancos reluzentes se fazem ver por toda a extensão de suas vias e pelas marginais, formando uma rede iluminada e contínua que se estende por toda a cidade. Luzes vivazes que integram os carros e seus motoristas e demarcam sua imobilidade na cidade que se diz móvel em sua enredada discursividade, permitindo ver mais uma de suas contradições.

## 2.4 O subterrâneo da ponte estaiada

O relato da experiência acima nos mostrou os sentidos da magnificência e da plenitude da ponte estaiada. Em sequência a esta análise, um questionamento se impôs. Se a ponte estaiada põe em discurso essa visibilidade grandiosa, haveria alguma parte dela que não estaria tão evidenciada? Procuramos avaliar outros ângulos não tão visíveis da visualidade da ponte. Encontramos outra parte de sua configuração que não é tão explícita visualmente e que guarda outros sentidos. Vamos tratar do subsolo da ponte estaiada, que está localizado no rio e no subterrâneo. Diríamos que esse nível é parte da (in)visibilidade da ponte estaiada que se conforma abaixo dela, no leito do rio e na canalização do córrego Águas Espraiadas que desemboca direto no rio Pinheiros.

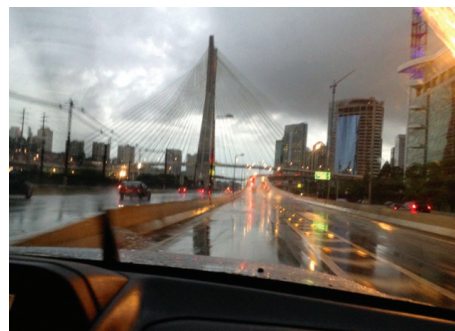
Começemos pelas águas do rio Pinheiros.

As águas dos rios são fruto da natureza. O rio é natureza. E natureza é vida. Mas, para nós, paulistanos que vivemos junto ao rio Pinheiros, sabemos que não existe vida nesse rio. Há muitos anos o rio está morto, consequência de todos os dejetos jogados em seu leito. Em um parecer científico, a colega Adelina Bracco comentou sobre a apreensão dessa figuratividade

...do rio que corre na imensa “vala” (...) que lhe foi reservada pelo avanço da ocupação das marginais. (...) também tem um papel temático, que é de conduzir dejetos. Trata-se de um rio morto, malcheiroso, disfórico para os enunciatários, no qual o poder público já aplicou



**Figura 11** A visualização de uma experiência sensível, em uma tarde chuvosa de verão: tempestade que se formou, com nuvens carregadas, que imediatamente esconderam o sol. Muita água derramada que, molhando as pistas, fez tudo se duplicar. O parecer da ponte é mais tensionado, acinzentado e seguro. Efeitos de sentido que a fazem parecer incólume frente àquele furor da natureza.



(?) e teria de continuar aplicando imensos recursos para que voltasse à vida, sem a garantia de que isso lhe rendesse a visibilidade eufórica da ponte. (BRACCO, 2012).

Não ver o rio é demonstrativo de uma política pública, que a ponte vai encobrir, uma vez que realmente a percepção do rio é disfórica. As suas águas não são mais transparentes (na verdade, são negras) e nos arredores respiramos o “ar” inebriado com o cheiro desagradável proveniente da contaminação por substâncias tóxicas. Mas o que não podemos ver, o que nos é (in)visível são os agentes agressores desse mal: os emissários de esgotos, oleoduto, cabos de telecomunicações, galerias de águas pluviais que cospem seus resíduos nas margens do rio. Vale lembrar que esses equipamentos foram construídos para atender a vida urbana da grande metrópole em um processo que fez o rio Pinheiros ser o que é hoje. Destacamos um trecho escrito no site do Projeto Pomar Urbano da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de São Paulo:

Com tantas transformações as margens do rio perderam as matas ciliares e a vegetação natural foi se extinguindo. Na pequena faixa de terra restante foram implantadas linhas de transmissão de energia, interceptores e emissários de esgotos, oleoduto, cabos de telecomunicações, galerias de águas pluviais e também estradas de serviço para as operações de desassoreamento. O rio Pinheiros passou a receber esgoto doméstico e resíduos industriais, o que acabou por comprometer a qualidade de suas águas e a sobrevivência da fauna local.<sup>8</sup> (Prefeitura do Município de São Paulo - Secretaria do Meio Ambiente).

Essa situação degradante ocorre em toda a extensão dos rios Pinheiros e Tietê, dentro da capital de São Paulo. Um fato importante acontece embaixo da ponte estaiada. Além do rio Pinheiros, abaixo da ponte, existe um lugar exclusivo: o deságue das águas pluviais do córrego Águas Espraiadas, que corre submerso abaixo da Avenida Roberto Marinho (antiga Avenida Águas Espraiadas).

Na altura da Avenida Luís Carlos Berrini, sob as pistas do viaduto que ascende para a travessia da ponte, está localizada a Estação de Bombeamento “Engenheiro Eduardo Yassuda” – sistema de controle de enchentes da Prefeitura Municipal de São Paulo, com o canal de adução e a central de bombeamento responsável pela drenagem do córrego Águas Espraiadas. Nessa área situa-se um túnel por onde passa lama, esgoto e lixo provenientes do encanamento do córrego, direto para o rio Pinheiros. Nas imagens (Fig. 12), podemos conferir a visualidade “escondida” da área e o processo de limpeza do canal, realizado com um trator manejado por um funcionário público que retira os dejetos sólidos do local (por sorte ou acidentalmente, naquele dia, o funcionário estava lá realizando esse trabalho).

8. Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo, Pomar Urbano.

A estrutura que contém o córrego é formada, em sua verticalidade, por grandes paredões paralelos de cimento que adentram o solo por uns 10 metros e estão inteiramente marcados pela umidade vinda da terra e da água. No final da estrutura, encontra-se a entrada do túnel que acessa o rio Pinheiros, onde existe uma enorme estrutura de ferro enferrujado que funciona como comporta das águas, abrindo e fechando conforme a situação de drenagem. Na parte de cima dos paredões, no nível do solo, foi colocada uma sequência paralela de blocos de cimentos que ligam, transversalmente, os dois lados das paredes do canal: a construção desse espaço sugere que é necessário conter a vazão e a pressão das águas para que não haja um provável “transbordamento” do córrego ou do rio que jogariam seus dejetos pela cidade.

Ao fundo, acima da comporta e na beira da calçada da Avenida Nações Unidas, vemos uma pequena construção de tijolos cor de terra, que é a estação de bombeamento das águas do córrego. Partindo dela, em paralelo, seguem duas fileiras de grades altas na cor verde que cercam toda a área do canal, como se fosse para “aprisionar” essa cena ocultada. Abaixo das pistas do viaduto, existe uma alça viária (uma curva na rua) que é usada para retorno dos automóveis. Em ambos os lados, as ruas são cercadas com as grades nas calçadas. No lado oposto à central de esgoto, a grade continua acompanhando as pistas até que a inclinação do viaduto chegue mais próximo ao solo.

Por toda a extensão acima das grades, temos a estrutura de cimento grandiosa e retilínea da parte de baixo das vias do viaduto que seguem para a ponte, suportadas por enormes braceletes que se unem a um gigantesco pilar redondo de cimento que segura e sustenta toda a edificação. A impressão é de um aprisionamento, pois há um fechamento da área que fica escondida sob o viaduto e as pistas da ponte. Quem se coloca na calçada da alça da rua, de frente para o sentido Jabaquara, tem a visualidade da parte de baixo da via do viaduto que termina no encontro com o chão. A impressão é de um longo “teto” que encobre o local e segue descendente até terminar em um ponto infinito, na junção do paralelismo, entre o teto e o canal. O fim, mais um ponto de descontinuidade da continuidade.

Do lado oposto, temos as duas alças do viaduto que se separam no alto para o duplo acesso à ponte, constituindo-se em uma forma vazada, semicircular e, entre elas, ao fundo, a visão resplandecente da verticalidade da ponte estaiada. A sensação é como se a ponte estivesse separada e elevada em direção ao céu, destacada dessa figuração encontrada no solo e no subsolo, com o canal e o que sobrou do córrego Águas Espraiadas cercado por toda essa estrutura de concreto, de ferro, de entulho e de sujeira. Ao lado do córrego, mas um pouco mais distante, há uma área reservada, um bolsão, o único lugar em que é permitido estacionar automóveis. Em oposição à parte superior da ponte estaiada, onde a circulação é permanente, em seu “subsolo” os carros param e lá podem permanecer estacionados, paralisados por longo tempo.





**Figura 12** A visualidade da central de bombeamento e drenagem do córrego Águas Espraiadas como parte da (in)visibilidade que se conforma abaixo da ponte estaiada. Percepção de sujeira, dejetos e mau odor advindos de seu subsolo em uma área totalmente gradeada. Reiteração da repetição, vertical e paralela, dos estais amarelo-solar e grades verde-vegetação.

No horizonte, vemos a grande verticalidade da ponte com seus efeitos de sentido aberta para o mundo e, na horizontalidade do subterrâneo, escondido, submerso e quase invisível, observamos a extensão do canal de escoamento do córrego, cercado por grades altas de ferro pintadas de verde escuro. Nessa área, como na parte superior da ponte, podemos captar a simetria entre os lados do lugar divididos pela via suspensa do viaduto e a configuração que se reitera no entrelaçamento das grades, também configurando o formato de rede. Na globalidade, a simetria ora é composta por estais, ora é formada por grades e blocos de cimento. Nesse ponto da área, ambas as estruturas são visíveis na mesma cena, mas cortadas e separadas pela grande estrutura curva de cimento das pistas do viaduto e, em perspectiva, as redes se sobrepõem e se entrelaçam, mesmo estando espacialmente separadas. Nessa configuração mais uma oposição se instaura: aberto vs fechado que se percebe nessas duas espacialidades.

No plano de expressão daquele ambiente, vemos figurativizados os formantes eidéticos, cromáticos e matéricos nos pesados traços paralelos horizontais e verticais, assemelhados a uma rede prisional. É como se fosse uma trama que mascara o rio e seus excrementos mal cheirosos, que exalam pelos ares um odor desagradável. Naquele lugar disfórico, percebemos os restos decompostos e podres da natureza urbana, vinculados ao aprisionamento e ao exílio, à imobilidade e à paralisia. Lá, naquele subterrâneo, ocorre o descontínuo, o ponto final.

## **2.5 O sagrado e profano da ponte estaiada**

Todos os elementos presentes e reiterados no plano de expressão da ponte nos encaminham para o plano do conteúdo e para a apreensão dos temas que revestem a ponte de significados. Vimos que a simetria, apreendida no feixe de figuras do formante eidético, é reiterada no modo de presença da ponte, fato que justifica um aprofundamento de seus semantismos. O uso da simetria é recursivo em todo o universo cultural: das artes, da arquitetura, das ciências naturais, e, inclusive, na nossa rotina diária e nos objetos da nossa vida comum, como, por exemplo, em uma tesoura, um par de óculos e, especialmente, na maioria das nossas vestes, que protegem nosso corpo, também simétrico. Antes mesmo da cultura humana, a simetria é um forte componente presente na natureza: nos animais (uma borboleta, uma mosca,...), nas plantas (uma rosa, ou um girassol...) e no corpo dos mamíferos.

Várias descobertas e teorias, nos campos da matemática, da biologia e da física têm como base os vários tipos de simetria. Na arte também proliferam muitos exemplos: a cultura grega e romana, o renascimento e parte da cultura moderna têm sua produção fundamentada na simetria. Historicamente, a simetria denotou um sentido de perfeição, de equilíbrio e, principalmente, de beleza estética. Por isso, é tão recorrente nas construções, como templos, igrejas e catedrais que são a perfeição instituída na casa de Deus, assim como castelos, prefeituras, fóruns, etc. que representam o domicílio dos homens sábios e poderosos. Até os

dias atuais, como nas residências de estilo neoclássico, e em outras manifestações, a estética simétrica é valorizada e reconhecida como admirável. É interessante notar que a harmonia trazida pela simetria é assimilada quase de forma intuitiva pelos padrões da beleza física: geralmente, as pessoas que são consideradas belas são aquelas que têm os dois lados do rosto exatamente iguais.

Esses temas referentes à simetria presentes no plano do conteúdo homologam o plano de expressão da ponte estaiada. Na parte superior da ponte, a repetição simétrica ofertada pelas formas triangulares, multiplicadas por toda a ponte, em conjunto com a cromaticidade, com as proporções e com os materiais produzem um apelo estético intenso e uma sensação de equilíbrio, de ritmo e de regularidade, ou seja, a beleza própria desse objeto. Os elementos ritmados da rede/malha/tela de fios amarelos reluzentes convocam efeitos de sentido de beleza, de encantamento, de enlaçamento e de proteção relacionados ao mundo profano, ao mesmo tempo em que evocam os efeitos de ligação, de perfeição e de enlevo relativos ao mundo sagrado. Na continuidade regular, a estética simétrica figurativiza o fluir, a certo ritmo, de um ponto a outro, de um estado a outro, do baixo ao alto, da terra ao céu.

Essa simetria também se manifesta na parte inferior e convoca outros efeitos de sentidos, opostos aos da parte superior, como a quebra, o aprisionamento e a paralisia. Se na parte visível da ponte apreendemos sentidos que remetem ao mundo celestial e ao terreno, poderíamos inferir que os sentidos da parte inferior nos levam ao mundo infernal? No dicionário Houaiss, a primeira definição de inferno é “local subterrâneo habitado pelos mortos”, definição clássica para o termo. A acepção mais surpreendente é a última definição do vocábulo, que homologa nossa análise e define inferno como: “local onde caem resíduos líquidos de fabricação ou água que moveu alguma instalação; vazadouro”. Não estão lá os restos apodrecidos da água, de animais e de objetos descartados pela população, que serão vazados para o rio Pinheiros? São conteúdos que atualizam valores ligados à morte, em contraponto aos estais e as vias da ponte, que transmitem vida em movimento. Essa contraposição é também iterada na cena dos carros parados no bolsão e circulando em movimento acima da ponte.

A figuratividade captada da ponte, detalhada nas formas triangulares homologadas pelas qualidades semânticas acima apresentadas, implica a busca de novas operações semissimbólicas apreendidas no plano do conteúdo. Os quatro triângulos que delimitam a visão global do entrelaçamento dos estais de cada via e que condicionam a repetição infinita de triângulos no seu interior na relação estética e simétrica da beleza e da perfeição, nos conduz a uma operação de intertextualidade simbólica. Os triângulos retomam a figura simbólica da Santíssima Trindade.

A Santíssima Trindade, doutrina simbolizada na forma do triângulo, é acolhida pela maioria das igrejas cristãs que professa um Deus único. A figura preconiza três seres distintos: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que visualmente são plasmados nos vértices da estrutura triangular:



acima, o Pai celestial, embaixo, no ângulo esquerdo, o Filho encarnado que assumiu a natureza humana e, à direita, o Espírito Santo, o elo entre o divino e o terreno (Fig. 13). Em alguns emblemas da Santíssima Trindade é presentificado a Crucificação de Cristo. Não podemos deixar de notar que, por semelhança na gestualidade da ponte, as hastes superiores, seus “braços levantados”, assemelham-se aos de um homem quando crucificado.

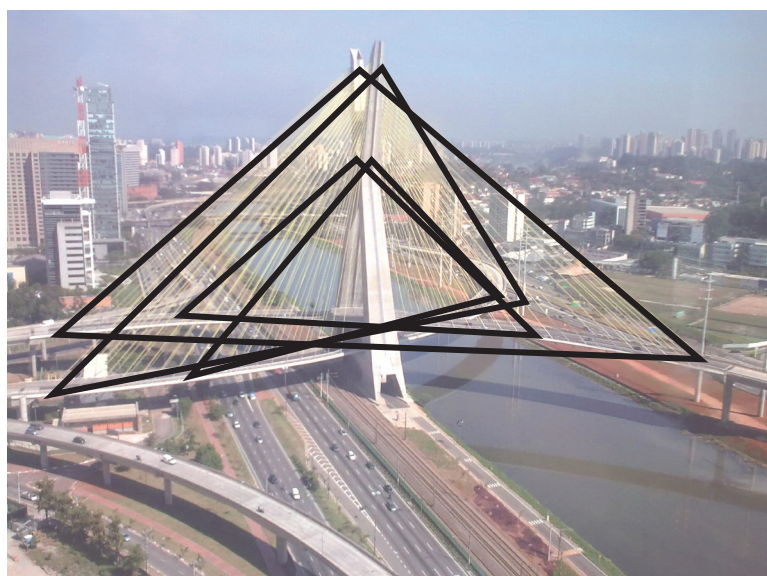
O resultado dessa parte da análise pode ser associado, analogamente, ao conteúdo das apresentações sobre a construção e o projeto arquitetônico da ponte estaiada nas palestras realizadas pelo engenheiro Catão Francisco Ribeiro em eventos sobre arquitetura e engenharia. No encerramento das palestras, o engenheiro faz, de maneira associativa, uma relação do projeto da ponte com algumas teorias matemáticas e estudos relacionados à vida humana. Inicia explicando os Números de Fibonacci, uma sequência recursiva de números representada geometricamente pela união dos quartos da circunferência de todos os quadrados obtidos na sequência e que, unidos, constituem uma espiral (denominada Espiral de Fibonacci). Igualmente à simetria, na natureza há inúmeras representações simbólicas dessa figura espiralada, como, por exemplo, nos moluscos náuticos, na couve-flor, na disposição dos galhos das árvores ou das folhas de uma haste, no abacaxi e no ouvido humano. Essas aparições não são matematicamente perfeitas, mas foram convencionadas como correlatas à Espiral de Fibonacci (Fig. 14).

Outra operação matemática referenciada na apresentação do engenheiro é o Triângulo de Pascal, que também está presente na concepção da ponte na forma triangular de sua figuratividade. Trata-se de um triângulo numérico infinito formado por binômios de Newton. Vemos que formas básicas e recursivas, presentes do mundo terreno, se repetem sucessivamente na estrutura da ponte estaiada.

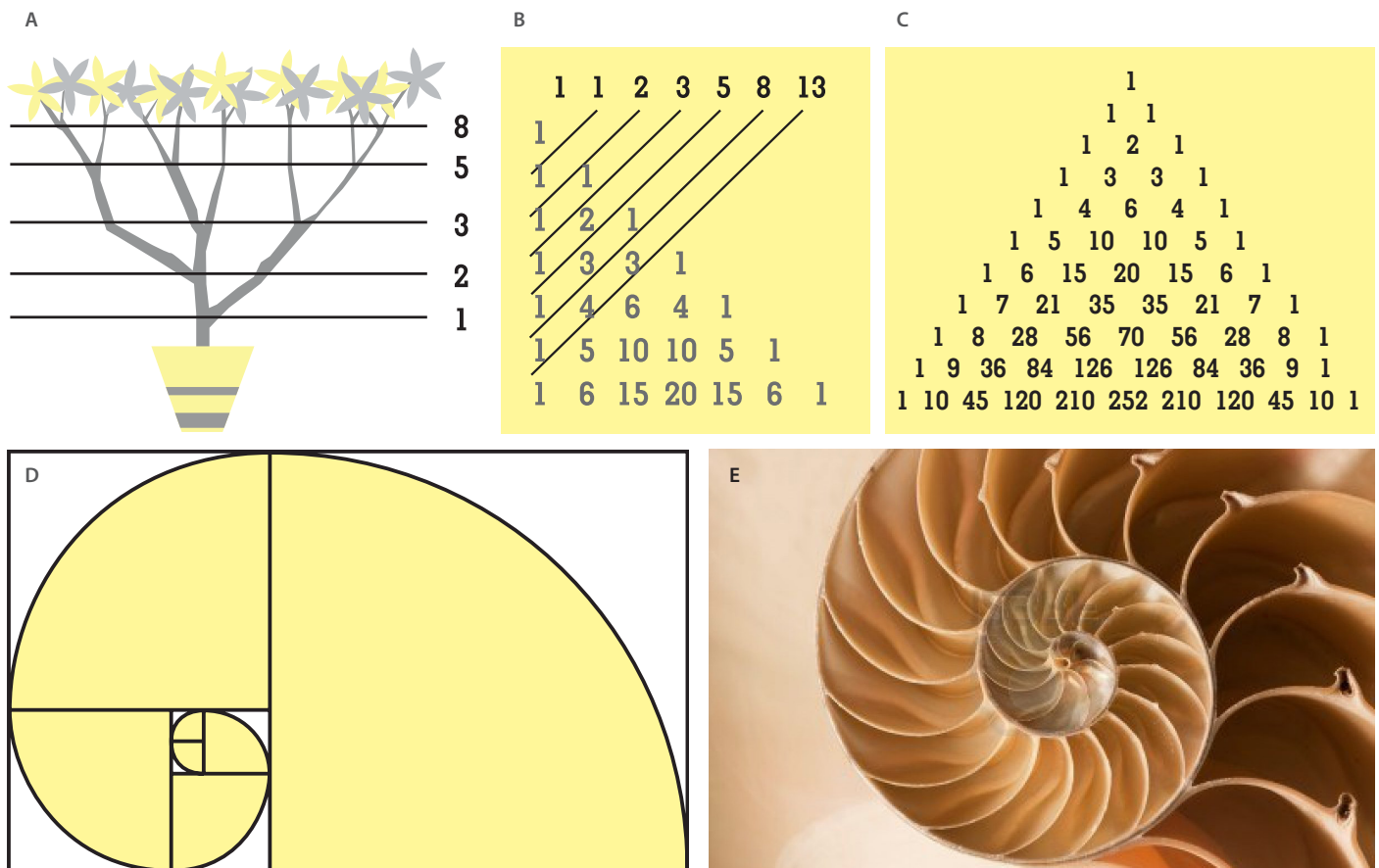
Esses procedimentos matemáticos apresentados no projeto estrutural pelo Engenheiro Catão também aparecem na concepção do “Homem Vitruviano” de Leonardo da Vinci (Fig. 15). Trata-se do desenho de uma figura masculina desnuda, com membros do corpo simultaneamente em duas posições sobrepostas em um quadrado e em um círculo. A obra é uma referência a Marcus Vitruvius Pollio, que foi um arquiteto e engenheiro romano que viveu no século I a.C. O estudioso produziu uma obra denominada *De Architectura* (aprox. 40 a.C.), em 10 volumes, que se constitui no único compêndio europeu do período grego-romano que permaneceu até os dias atuais, servindo de inspiração aos elementos arquitetônicos e estéticos das edificações atuais.

Estudiosos, cientistas e artistas da época da Renascença sempre estiveram em busca da perfeição, ou seja, de padrões estéticos belos que invariavelmente envolviam a simetria, a proporção e o ajuste das dimensões e das formas. A base e a inspiração para essa busca incessante era encontrada na natureza, a partir da crença de que o mundo natural conferia respostas singulares para função e forma necessárias às obras e aos seres humanos. Nesse

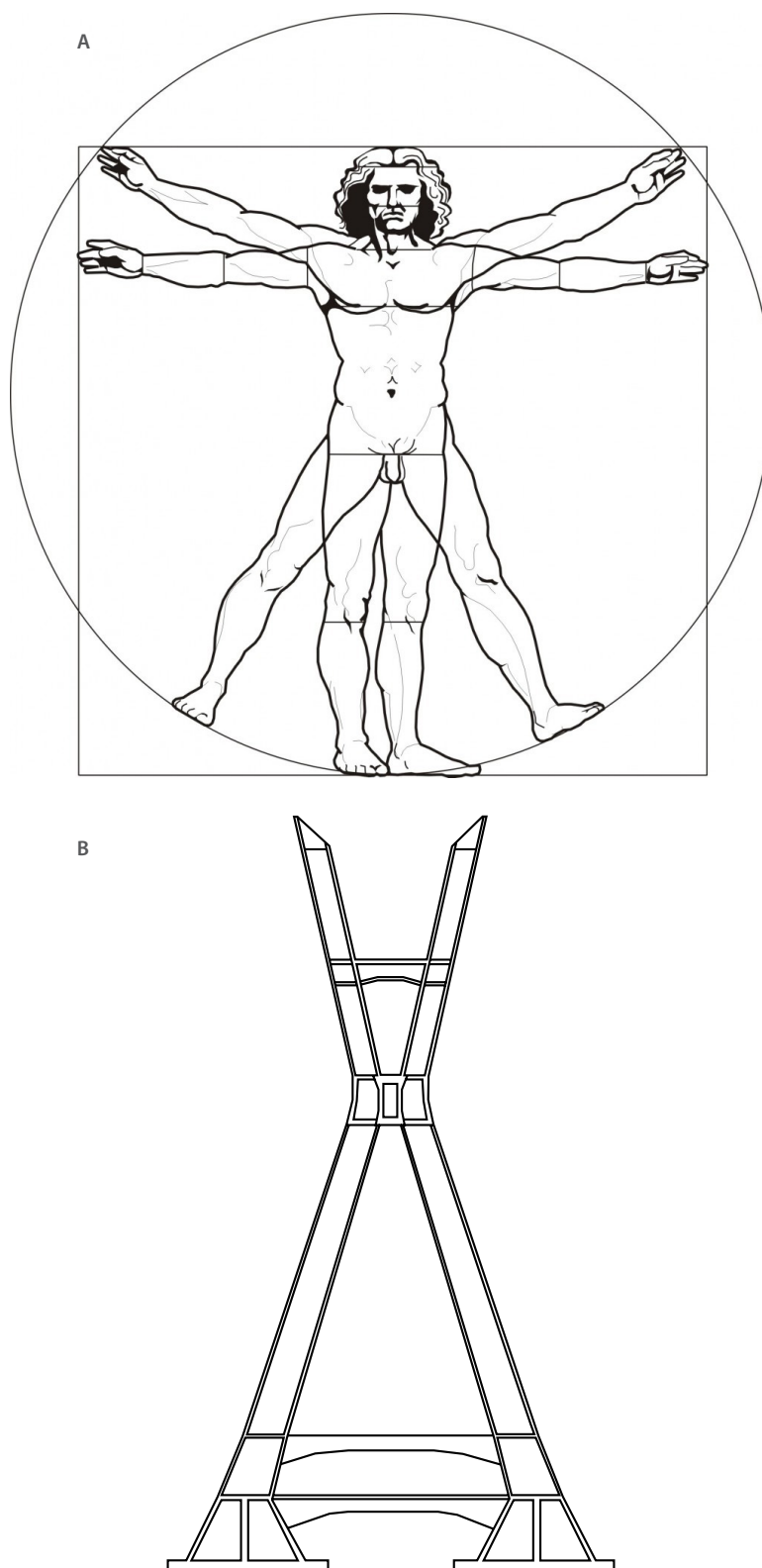




**Figura 13** Temas do plano do conteúdo homologados pelo plano de expressão: associação figurativa e semântica com a Santíssima Trindade.



**Figura 14** Operações lógico-matemáticas históricas que são representadas na natureza e no ser humano que também se presentificam no *Homem Vitruviano* e no projeto da ponte.



**Figura 15** A relação interdiscursiva entre o *Homem Vitruviano* e a ponte estaiada, que significa a perfeição humana e divina, que gerou a alcunha para a ponte de Mastro Vitruviano.

cenário, Vitruvius se fez presente em grandes artistas da Renascença e, em especial, no trabalho de Leonardo da Vinci. O artista buscou incessantemente a forma perfeita nos objetos e nas pessoas. Apresentado por Vitruvius no livro *De Architectura*, essa obra é um conceito considerado um cânone das proporções do corpo humano. O desenvolvimento de um determinado raciocínio matemático que foi embasado, em parte, na divina proporção (também chamada de proporção áurea, número de ouro, número áureo ou proporção de ouro) é uma constante real algébrica irracional denotada pela letra grega  $\Phi$  (PHI). A divina proporção sempre foi empregada na Arte, sendo frequentemente utilizada em pinturas renascentistas, como as de Giotto e nos trabalhos de Da Vinci. O *Homem de Vitruvio* mostra-se como um modelo ideal para o ser humano, cujas proporções são perfeitas, segundo o ideal clássico de beleza.

A imagem representa uma pedra angular nas tentativas de Leonardo da Vinci em relacionar o homem à perfeição da natureza. Ele acreditava que o funcionamento do corpo humano apresentava uma analogia com o funcionamento do universo e que o “microcosmo era reflexo do macrocosmo” ou, de outra maneira, o que estava no mundo terreno também estava no mundo celeste e vice-versa. Essas relações entre a natureza e o universo, entre o terrestre e o celeste também foram apreendidas nas análises anteriores da ponte estaiada.

As relações matemáticas, que estão presentes nas duas obras, evidenciam uma operação semissimbólica que conferiu sentidos à ponte estaiada. Essa semelhança como o *Homem Vitruviano* fez com que a ponte-estaiada-gestual recebesse a alcunha de “Mastro Vitruviano”. Os conteúdos das apresentações realizadas pelo Sr. Catão Ribeiro ratificam a análise da figuratividade da obra e denotam os efeitos de sentidos que se dão a ver nessa obra magnífica.

Operações discursivas que produzem efeitos de sentido referentes ao “ser”, homem ou Deus, profano e sagrado, que significam a ponte como um lugar emblemático desse tempo e da cidade. Como descrito no dicionário Houaiss, o emblema é “figura simbólica, ser ou objeto concreto representativo de uma ideia abstrata. Distintivo ou insígnia de instituição, sociedade, associação etc., utilizada no traje ou em objetos a elas relativos”. Um emblema de São Paulo, *stricto sensu*. Sentidos que remetem à força vital, à origem e ao mistério da vida que são transferidos a essa estrutura viária e a esse novo lugar surgido na cidade de São Paulo.

## 2.6 Os elementos da natureza na ponte estaiada

Ampliando nossa análise, vamos nos ater à globalidade do lugar em que se encontra a ponte estaiada. A ponte faz parte do Complexo Viário Real Parque e está localizada em uma região privilegiada no bairro do Brooklin Novo. Nos arredores do lado direito da Marginal estão localizadas muitas empresas multinacionais de grande porte e de importância econômica para a cidade. Os estabelecimentos são construções diferenciadas, em sua maioria compostas



de edifícios altos e de paredes externas de vidro, com arquitetura arrojada e iluminação personalizada. Essa região se constitui como uma nova centralidade da cidade, marcada pelo poder midiático e global e se fez ser uma área econômica e turística para a cidade de São Paulo. Trata-se de uma área em que impera o dinamismo dos negócios, das telecomunicações e suas ligações internacionais.

Tudo isso tendo a ponte como sintetizador, envolta por um ambiente em que se presentificam a água, o ar e a terra. De imediato, como caracterizadora desse ambiente, temos a forte presença das águas do rio Pinheiros e as suas margens de terra que suportam as vias expressas das marginais.

A água já se fez presente na análise verbal do nome da ponte e, como vimos, está vinculada aos significados de deslocamento, passagem, movimento e aos valores de mudança. Vimos que nesse ambiente do rio Pinheiros e do córrego Águas Espraiadas, as águas são mortas, ou seja, se deslocam, se movimentam, mas não conduzem à vida.

Também a terra, em seus sentidos de estabilidade e de segurança, aparece nas margens do rio e na parte inferior da ponte com as pistas e os arredores do subsolo da ponte. Nesse espaço estão assentados os trilhos do trem, a ciclovia e as vias de manutenção dos equipamentos públicos envolvidos por uma rala vegetação e toda a rede viária do local que possibilita o movimentar dos transportes e o ir e vir da região.

Na análise da verticalidade do mastro e dos estais amarelos, observamos também a presença do ar, figurativizado no céu, e os valores ligados ao mundo sagrado, reiterados na harmonia, no equilíbrio aéreo e simétrico dos estais da ponte. Em contrapartida, a configuração plástica também se reitera no subsolo e em seus odores, remetendo a valores opostos. Sabemos que o ar também é um elemento da natureza.

Todos esses componentes da natureza (água, terra e ar) estão presentes nas dimensões cruzadas da ponte e em seu subsolo. Esses componentes reiterados homologam esta análise e, quando pensados na globalidade, trazem à tona a existência do quarto elemento simbólico da natureza: o fogo. Esse elemento da natureza estaria associado à ponte?

Vimos que o vermelho, cor do fogo, foi apreendido no plano de expressão da ponte presentificado nos longos pisos vermelhos da pista de manutenção, na ciclovia construída com materiais tingidos de vermelho e nos trilhos do trem que misturam a terra e a ferrugem, formando a cor avermelhada. São três vias vermelhas, com aparência marcante, que podem ali instalar, pela escolha figurativa, o fogo. Mas essa figurativização homologa a presença do elemento fogo na configuração da ponte estaiada? Em uma primeira visada, responderíamos que não.

Somente quem vive a ponte todos os dias, em momentos de grande fluxo, repetidas vezes, apreenderia os seus sentidos de movimentação e, provavelmente, responderia de forma afirmativa a essa questão. O fogo está presentificado no próprio uso da ponte: permitir

a passagem dos homens em seus carros. Durante a noite, o cromatismo rubro aparece nas pistas tingidas de luzes avermelhadas e brilhantes dos faróis dos carros em movimento (ou parados no trânsito). Na hora do *rush*, no início da noite, as luzes dos carros formam novas “linhas” vermelhas tremulantes sobrepostas ao longo das vias da ponte. Esse colorido hesitante noturno, em movimento, se parece com as chamas do fogo (Fig. 16).

Os traços figurativos que associamos ao fogo marcam o fazer performático dos sujeitos: na pista de manutenção, os homens trabalham consertando e mantendo os bens da cidade, na ciclovia se exercitam usufruindo os equipamentos da cidade e à noite transitam motorizados sobre as vias da ponte na volta do trabalho. A energia do fogo é transposta, figurativamente, para o movimento presente no andar/correr/dirigir pelas vias e pelas pistas. Mais uma vez, a iteração do deslocamento, do contínuo e do caminho se faz presente na movimentação e permite ver o dinamismo do local.

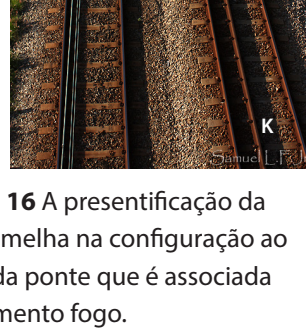
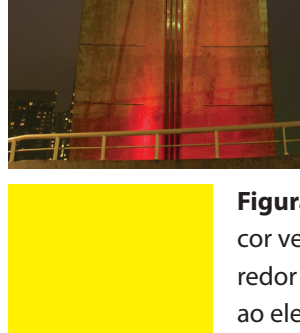
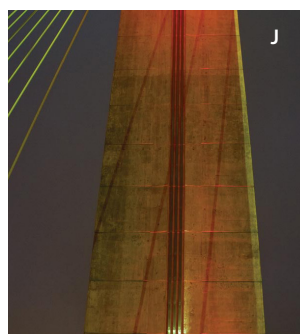
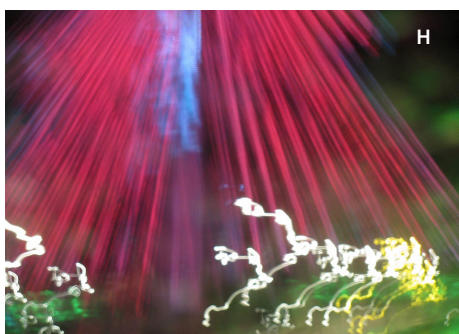
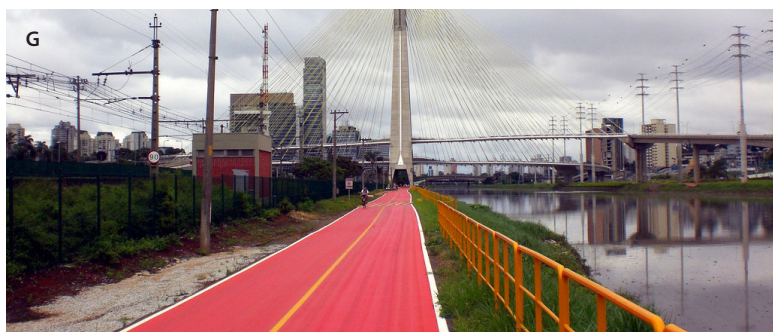
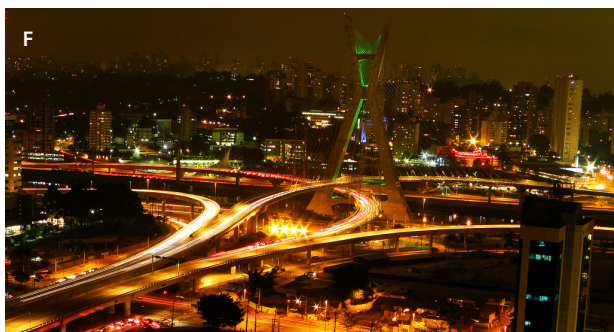
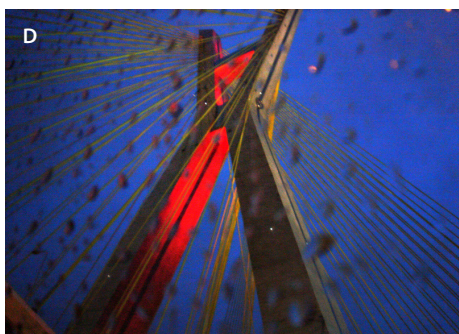
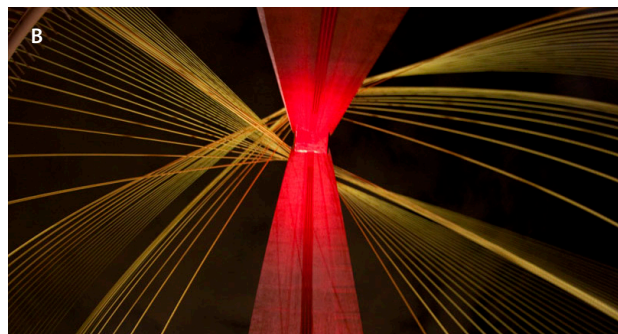
O exame mostrou que, no plano da expressão, os quatro elementos da natureza estão presentes na figuratividade da ponte estaiada (Fig. 17). No plano do conteúdo, o simbolismo dos quatro elementos da natureza, que confere vida ao mundo, é proveniente dos primórdios da filosofia e deu origem a diversas crenças e ideias. Inicialmente, acreditava-se que a criação da matéria era atribuída a um elemento diferente: ora o fogo, ora a água. No Ocidente, no período pré-socrático, o conjunto dos quatro elementos era visto como o resultado de forças sutis que se manifestavam através de transformações recíprocas entre elas. Segundo o Prof. Pedro Luiz Malagutti, do departamento de matemática da Universidade de São Carlos, foi Aristóteles quem introduziu as ideias de matéria e forma arranjadas por meio dos quatro elementos. Conforme escreveu o professor, o filósofo acreditava que:

Quando a matéria recebe a forma, ela se organiza nos quatro elementos perceptíveis: quente, seco, frio e úmido, ou seja, a matéria dos seres físicos é aquela que recebeu a forma dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Todas as substâncias naturais seriam assim combinações desses elementos em proporções variadas. (MALAGUTTI, 2004)

Essa teoria foi ensinada na Idade Média e chegou ao Renascimento. O conceito é antigo também no Oriente, tendo sido disseminado na Índia e na China, bases do Hinduísmo e do Budismo, respectivamente. Atualmente, é referência presente em várias obras de expressão literária, plástica, musical e científica. Grande parte das seitas, das crenças e das práticas espirituais, como esoterismo, maçonaria, astrologia, entre outras, consideram o tema como representante da perfeição do mundo humano. Uma reiteração temática à perfeição que vimos, apontada no *Homem Vitruviano* de Leonardo da Vinci.

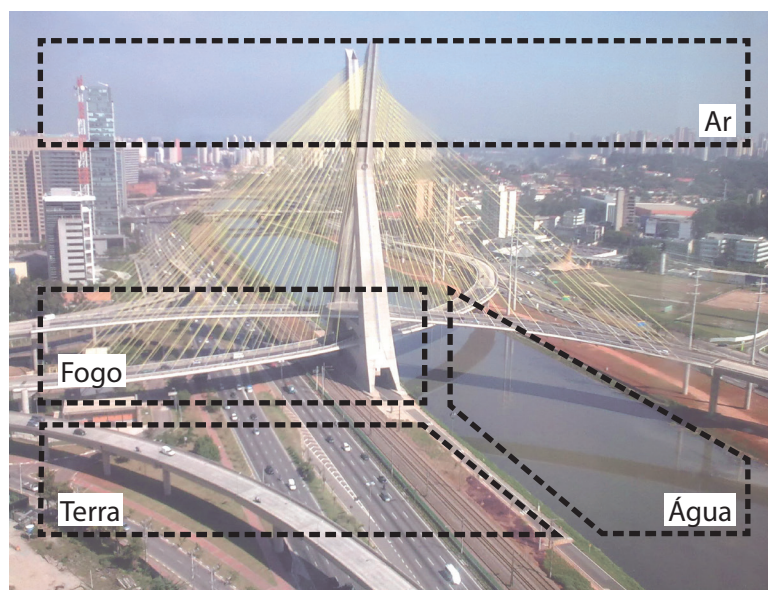
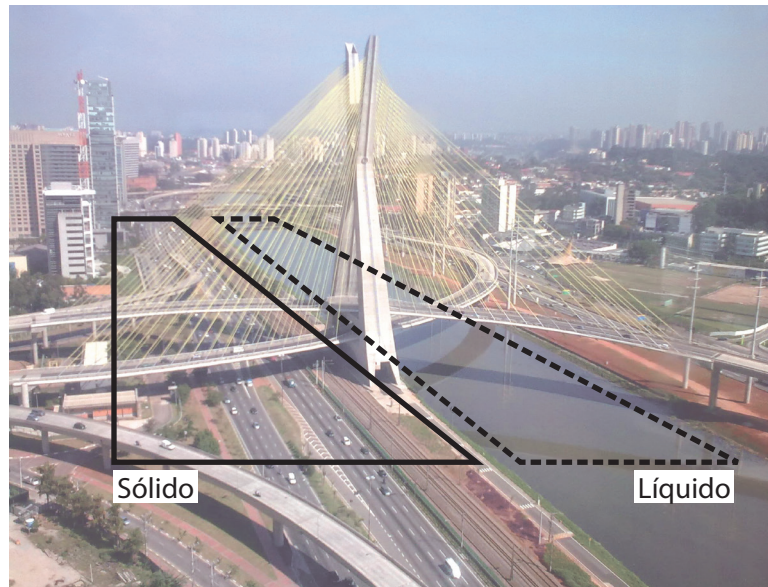
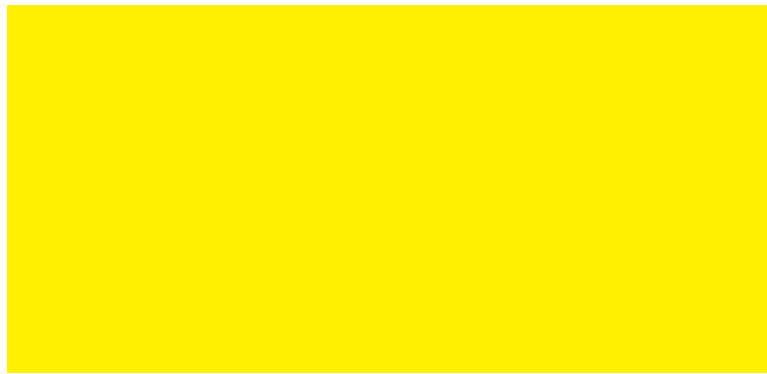
Nos dias atuais, em algumas ciências, há quem corresponda os quatro elementos clássicos aos quatro estados da matéria: sólido, líquido, gasoso e plasma. O plasma é um estado físico





**Figura 16** A presentificação da cor vermelha na configuração ao redor da ponte que é associada ao elemento fogo.





**Figura 17** Esquema que identifica a presença dos quatro elementos da natureza presentes ao redor da ponte.





da matéria que pressupõe o aquecimento e possibilita a condução elétrica. Por isso, está relacionado ao fogo, que não é matéria, é energia. Não seria esta a figurativização dos faróis e das luzes na ponte estaiada? Os faróis não recebem uma carga elétrica para permanecerem acesos emitindo luz, que é energia? As luzes dos faróis são como um fluido de luz vermelha que se ilumina ao receber a corrente elétrica. Luzes energéticas que refletem inúmeras vezes nos vidros espelhados da maioria dos edifícios na região e que também são a energia da luz elétrica nos escritórios que viabiliza o trabalho, os negócios e as relações de comunicação que se estabelecem com o mundo todo. Como por ironia, é muito frequente na região os apagões de energia e a falta da luz elétrica (mesmo estão ao lado da Usina da Traição, responsável pela geração de energia para São Paulo) que faz com que tudo pare: os faróis não mais controlam o trânsito, os elevadores não levam as pessoas aos seus escritórios e elas não podem usar seus computadores, motivo que faz com que as empresas dispensem seus funcionários e as empresas parem de funcionar naquele dia.

Essa energia apreendida na figurativização desse elemento da natureza é aquela que evidencia a performance dos sujeitos na região, conferindo a dinâmica eufórica do lugar ao se movimentar e fazer acontecer todos os dias.

## 2.7 O quadrado semiótico da ponte estaiada

Como uma iniciativa para apreensão da significação e da axiologia da ponte estaiada, propomos à semelhança e à lógica do quadrado semiótico, a esquematização das posições dessas relações que contém o X da ponte e que chamaremos de quadrado semiótico da ponte. Nossa intenção é a apreensão da circulação de valores e suas relações postas nesse objeto semiótico. Denis Bertrand (2003, p. 178) escreve sobre o uso dessa modelagem: “O quadrado semiótico pode ser apreendido e utilizado (...) como um modelo posicional e taxionômico, formando um paradigma que indica as posições relativas dos termos uns em relação aos outros”.

Utilizamos como procedimento metodológico uma prática própria da semiótica: na definição das posições do quadrado semiótico buscamos, todas as acepções dicionarizadas de seus termos. O principal objetivo desse método é precisar o termo que compõe cada posição do quadrado e que será descrito no diagrama. A descrição das acepções dos termos foi evidenciar todas as variações semânticas que, provavelmente, estão contempladas na globalidade de sentidos da ponte estaiada e que se prestam como indícios no prosseguimento das análises realizadas. Por isso, serão apresentados separadamente em notas de rodapé para possível citação ou consulta.

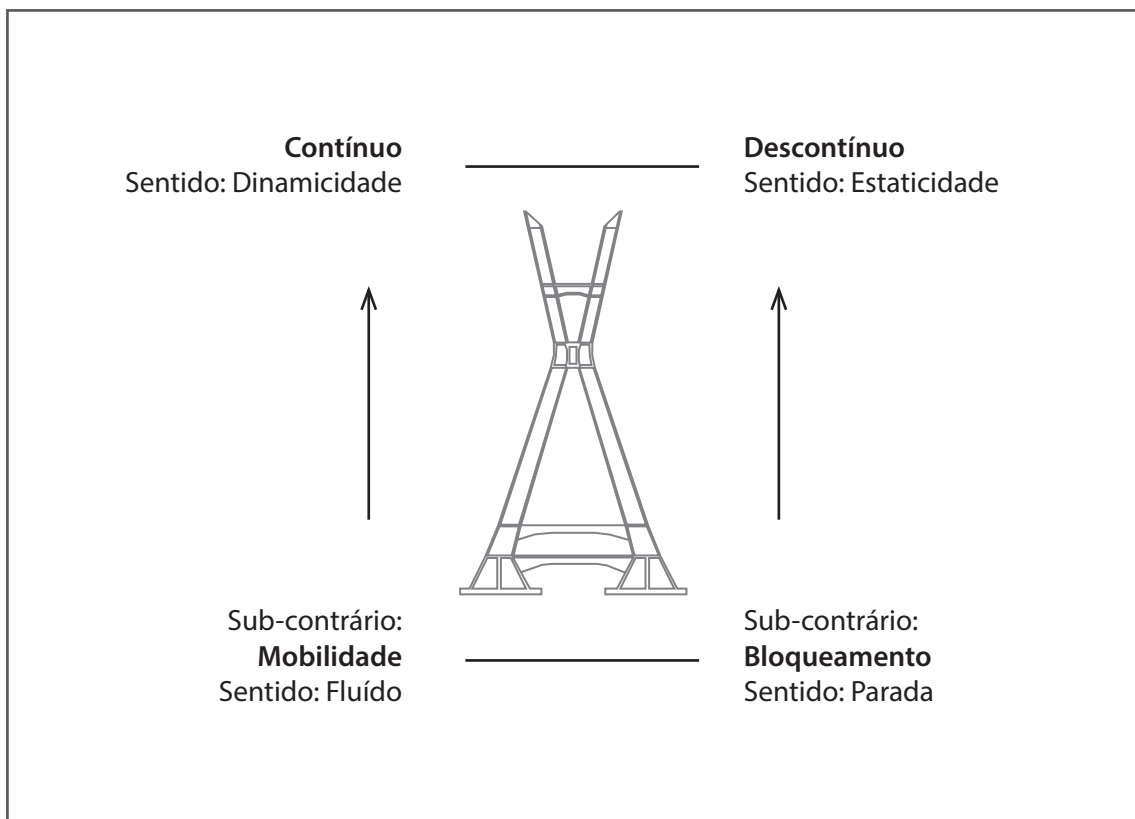
Em outra definição do quadrado, Bertrand (2003) diz que ele pode ser considerado:

como um modelo dinâmico que apresenta sucessivamente, no plano sintagmático, a passagem de uma posição a outra. Constitui assim, no nível profundo, a forma primeira das estruturas que, num nível mais superficial, se desdobrarão em arquitetura narrativa” (BERTRAND,2003, p. 179).

Descrevemos essa circulação de valores axiológicos no quadrado semiótico da ponte a seguir.

Na apreciação global da ponte, captamos a articulação da categoria formal /continuidade/ vs /descontinuidade/ que foi apreendida na figuratividade da ponte e estabeleceu a relação de contrariedade inicial nas relações do quadrado.

Podemos ver o diagrama do quadrado da ponte no esquema a seguir



**Diagrama 1** Quadrado semiótico da ponte estaiada.

O sema /contínuo/ é conformado, no plano da expressão, na própria estrutura da ponte com suas pistas e vias, que se conectam à marginal e a outras avenidas da cidade, e na movimentação geral dos automóveis e dos transportes públicos, além das pessoas que circulam nas redondezas para a realização de seu trabalho, muitas vezes em passagem apressada no cumprimento de seus horários e de suas agendas. Essa visualidade homologa o plano do conteúdo, em que se mostra diariamente a força da atuação corporativa no trabalho das empresas midiáticas e multinacionais que são parte daquela região e constroem uma São Paulo do futuro no presente. O termo “dinamicidade” foi escolhido para essa posição no quadrado porque, semanticamente, contém os significados de toda a movimentação, agilidade e produtividade que se faz ver naquele lugar.

O termo criado “dinamicidade” foi oriundo do adjetivo dinâmico e foi substantivado, incorporando a sua função de “denominar as coisas” ao seu significado, recurso utilizado em outros termos deste trabalho. Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra dinâmico apresenta as acepções são: 1) relativo ao movimento e às forças; 2) que se modifica continuamente, que evolui; 3) que pressupõe movimento, mudança, devir; 4) que considera as coisas em seu movimento; 5) que envolve grande atividade, criatividade e agilidade; 6) que se revela muito diligente, ágil, empreendedor; 7) tônico (‘com maior intensidade’); 8) que indica processo ou mudança de estado; 9) que está em constante processo de mudança; mutável. O significante de ser relativo ao movimento e às forças é o principal aspecto semântico da dinamicidade que consideramos no quadrado semiótico: tanto o significado de movimento como o de força foram captados no plano de expressão e do conteúdo presentes na figuratividade da ponte. Os demais significados também são indicativos semânticos da configuração do lugar, como, por exemplo, algo que evolui, que pressupõe mudança e transformação, que se relaciona ao devir, que envolve atividade, agilidade e um jeito empreendedor, etc. aspectos trabalhados na análise realizada nesse capítulo.

No quadrado, a contraposição é o /descontínuo/ que na ponte é manifestado nos grandes congestionamentos, quase diários, em que tudo para: os carros nas ruas, as pessoas nas plataformas da Estação Berrini (quando há problemas no circuito da CPTM), as filas nos pontos de ônibus de pessoas atônitas sem transporte, etc. É dado a ver também no subsolo da ponte, nos dejetos do córrego, nos carros estacionados ao redor e na estrutura abaixo da ponte por onde passam poucos automóveis ou pessoas. Pode-se pensar na descontinuidade a partir das recorrentes quedas de energia na região.

O termo escolhido na posição do /descontínuo/ é a estaticidade. Com o mesmo procedimento apontado acima, a estaticidade vem do termo estático e comporta as seguintes definições: 1) sem movimento, parado, imóvel; 2) sem desenvolvimento, sem atividade, paralisado; 3) que expressa um estado, sem nenhuma ação ou mudança. A configuração do lugar, como descrito acima, é exatamente a hora do *rush* quando tudo para e vemos as pessoas

paradas nos escritórios e nos bares, esperando que o caos do trânsito se dissipe. Com o mesmo raciocínio, destacamos também a expressão “sem desenvolvimento”, visto que se trata de um lugar em se diz ser a região de maior desenvolvimento econômico e tecnológico do país.

Para prosseguirmos na construção do quadrado, é necessário estabelecermos os subcontrários das posições iniciais em que veremos as relações de contraditoriedade e complementaridade. O subcontrário de /contínuo/ é o /não descontínuo/ que apresenta uma relação de contraditoriedade com o /descontínuo/ e de complementaridade ao /contínuo/. O termo para essa posição é mobilidade<sup>9</sup>.

A palavra apresenta os seguintes significados: 1) característica do que é móvel ou do que é capaz de se movimentar; 2) possibilidade de mover (algo, alguém ou a si mesmo); 3) capacidade de mudar, de apresentar variações; 4) possibilidade de ir para outro lugar rapidamente (definições que se relacionam a essa posição do quadrado<sup>10</sup>). A mobilidade está presente na constituição do plano de expressão da ponte, inclusive em seu projeto construtivo em que a flexibilidade e a mobilidade eram necessárias para a execução desse tipo de construção estaiada e também na iluminação multicolorida que se mexe e possibilita que a ponte mude sua configuração plástica a qualquer momento. Além disso, é preciso se lembrar dos aspectos da configuração da espacialidade que disponibiliza várias opções para os cidadãos se locomoverem pela cidade e de suas redes de conexão digital que possibilitam estar em qualquer lugar em qualquer tempo.

O termo relativo à mobilidade é “fluído”, que, no dicionário, relaciona-se ao que corre ou se expande como líquido, palavra relacionada ao verbo fluir que apresenta as seguintes acepções: 1) correr com certa abundância ou em fio (a propósito de líquido), manar; 2) ter origem, provir, derivar, emanar; 3) diminuir de intensidade, desfazer-se; 4) percorrer distâncias (no espaço ou no tempo) com rapidez, correr, circular. Em especial, algumas dessas acepções comportam alguns dos sentidos apreendidos pelo plano do conteúdo da ponte estaiada: destacamos “percorrer distâncias (no espaço ou no tempo)” que descrevemos acima e que apreendemos em todas as ligações com os países no mundo, de forma atemporal pelas vias das redes, e que sintetizamos no par de expressões “divino e terreno”.

---

9. Outras acepções da palavra mobilidade: 1) facilidade para andar, saltar, dançar, fazer ginástica etc.; 2) facilidade de passar de um estado de espírito a outro, de uma convicção a outra etc.; volubilidade, inconstância. Nessa última acepção, exprime-se a ocorrência da noção de contraditório que também se mostra na relação do quadrado com o /descontínuo/.

10. Destacamos nessas acepções a característica que se reitera e que expõem a qualidade “de ser capaz de”, presente nos termos “possibilidade, capaz, capacidade de mudança”. Atentamos para o fato de que na semiótica essa qualidade está relacionada ao próprio sujeito que é competente ou busca a competência para realizar a performance, para mudar de estado, do ser/fazer/ser. Essas definições, de alguma forma, apontam a própria capacidade do lugar e de seus habitantes e da potencialidade da ponte de ser sujeito.



Continuemos com a análise do subcontrário de /descontínuo/ que é o /não contínuo/ em cuja posição do quadrado aparece o termo “bloqueado”. O termo aparece nos engarrafamentos que interrompem todas as saídas e nos elevadores que não se abrem quando falta energia. Na estrutura da ponte, nos blocos de cimento que impedem a entrada de pedestres em suas vias, no subsolo cercado que separa a área do restante da espacialidade do lugar e na comporta que controla a saída da água do córrego Águas Espraiadas.

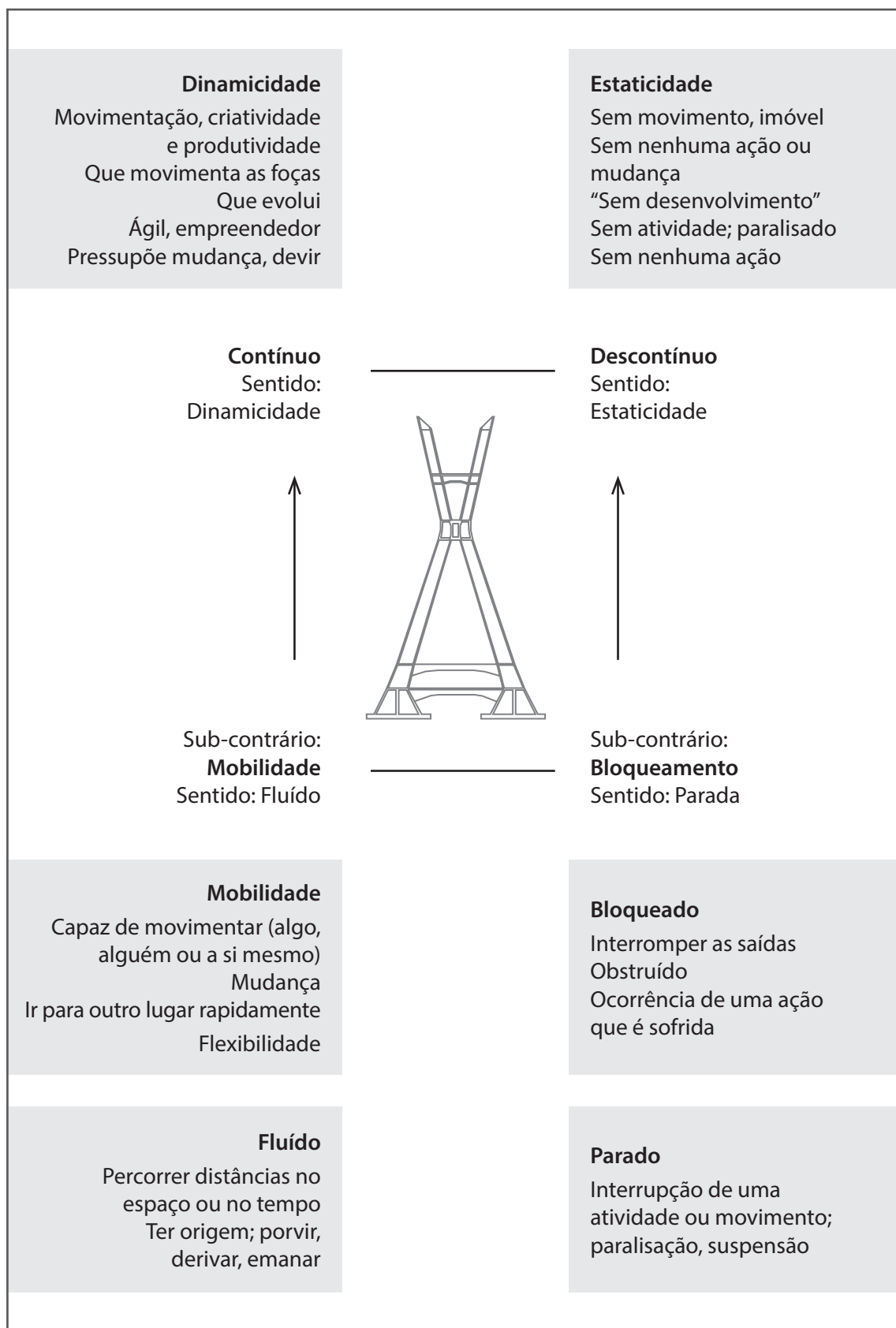
A palavra apresenta as seguintes acepções<sup>11</sup>: 1) que se bloqueou, que sofre ou sofreu bloqueio; 2) que não é possível passar, entrar ou sair, devido a algum obstáculo físico ou impedimento externo, obstruído; 3) que não se pode movimentar ou deslocar livremente, impedido; 4) que tem seu funcionamento, ação, realização ou desenrolar interrompido ou impedido de iniciar, não disponível; 5) que não admite saída ou entrada de dados, registros etc. ou que não os processa, sob determinadas circunstâncias; 6) cercado por bloqueio, sitiado; 7) que não se expressa ou se manifesta livremente, que sofreu bloqueio ou repressão; 8) que não transmite ou recebe sinais, mensagens, informações etc., por ação de alguma característica de funcionamento ou dispositivo (diz-se de aparelho)<sup>12</sup>. A posição no quadrado concentra muitos elementos e sentidos que são referidos nas situações da ponte, tanto na configuração estrutural, como no desempenho das pessoas nesses lugares com a referência, por exemplo, à questão dos dados e recebimentos de sinais nos equipamentos digitais.

O termo que se produz para a região é de “parada<sup>13</sup>”, sendo exatamente essa condição que se faz ver em todo o entorno da ponte estaiada e no local como descrito acima. A palavra apresenta as seguintes definições: 1) lugar em que se para; 2) ação ou efeito de parar; 3) interrupção de uma atividade ou movimento, paralisação, suspensão; 4) empreendimento, esforço ou situação difícil; 5) local onde param os ônibus; 6) ocorrência, evento, caso; 7) ação ou coisa que se considera feita, ocorrida ou em processo de realização, fato. As primeiras acepções estão diretamente ligadas ao processual nas relações do quadrado semiótico e possibilitam ver a questão do contínuo pressuposto na ocorrência da ação na maioria das acepções.

11. Outra acepção da palavra bloqueado: 1) que se realiza com compressão ou oclusão da glote e cujo espectro acústico se caracteriza pela liberação de grande quantidade de energia num curto espaço de tempo.

12. Vale salientar que as variações do termo mostram que, em grande parte, há a ocorrência de uma “ação que é sofrida”, permitindo ver a existência de algo ou alguém que determina essa ação, ou seja, uma alteridade.

13. Outras acepções da palavra parada: 1) formação militar em face do inimigo; 2) desfile cerimonial de forças militares; 3) lance, mão de um jogo; 4) valor que se aposta em cada lance; 5) defesa de um golpe; 6) golpe de capoeira; 7) indivíduo ou animal difícil de ser controlado; 8) pessoa ou coisa muito bonita, atraente; 9) quantia pela qual se contrata uma corrida de cavalos ou rinha de galos; 10) aposta que se faz nessa corrida ou rinha; 11) fanfarrice; 12) assunto, tema, matéria.



**Diagrama 2** Quadro Semiótico da ponte com acepções que evidenciam os sentidos das posições.

Esses termos constituem as posições taxonômicas do quadrado semiótico da ponte estaiada e estabelecem as suas interrelações descritas acima.

As relações que são indicadas nas flechas verticais e horizontais são diretas e se pressupõem, como, por exemplo, do movimento fluído se vai à dinamicidade ou do parado para o fluído. As relações de maior tensão são as de contrariedade, apontadas no cruzamento das posições do quadrado, entre contrários e subcontrários, pois se determinam no quadrado semiótico da ponte por forças que são referentes ao próprio movimento e ao fazer acontecer. Nas relações transversais, “bloqueado/dinamicidade” e “dinamicidade/bloqueado”, a força depreendida é a “ação”, na qual a primeira relação foi nomeada Ativação e a segunda Inativação. Essa força que se relaciona ao poder de fazer acontecer tanto da ponte, que leva automóveis de um lugar a outro, como no lugar que promove o desenvolvimento econômico de São Paulo é também a força isolada e paralisada de outras manifestações que não aquelas ratificadas pelo lugar.

A outra transversal “movimento” se refere às relações entre “estaticidade/fluidez” e “fluidez para a estaticidade”. Depreendemos como a força da “pulsão”, que no primeiro par denominamos impulsão e no segundo, repulsão. Ligada à energia vital, essa força é a que põe em movimento todo o acontecer do lugar, como se ele se revitalizasse em si mesmo para sua continuidade e, na outra relação, expulsasse aqueles ou aquilo que impedisse esse movimento.

Para finalizar a construção do quadrado semiótico, temos as categorias tímicas que valorizam os microuniversos semânticos, transformando-os em axiologias. Elas são denominadas pelo termo neutro aforia, que se desdobra no termo positivo /euforia/ e no negativo /disforia/ e estão na dêixis esquerda e direita do quadrado semiótico. No lado esquerdo está a dêixis da euforia que conforma as posições “dinamicidade e mobilidade”, e que nesse esquema recebeu o termo de valor tímico “vitalista”.

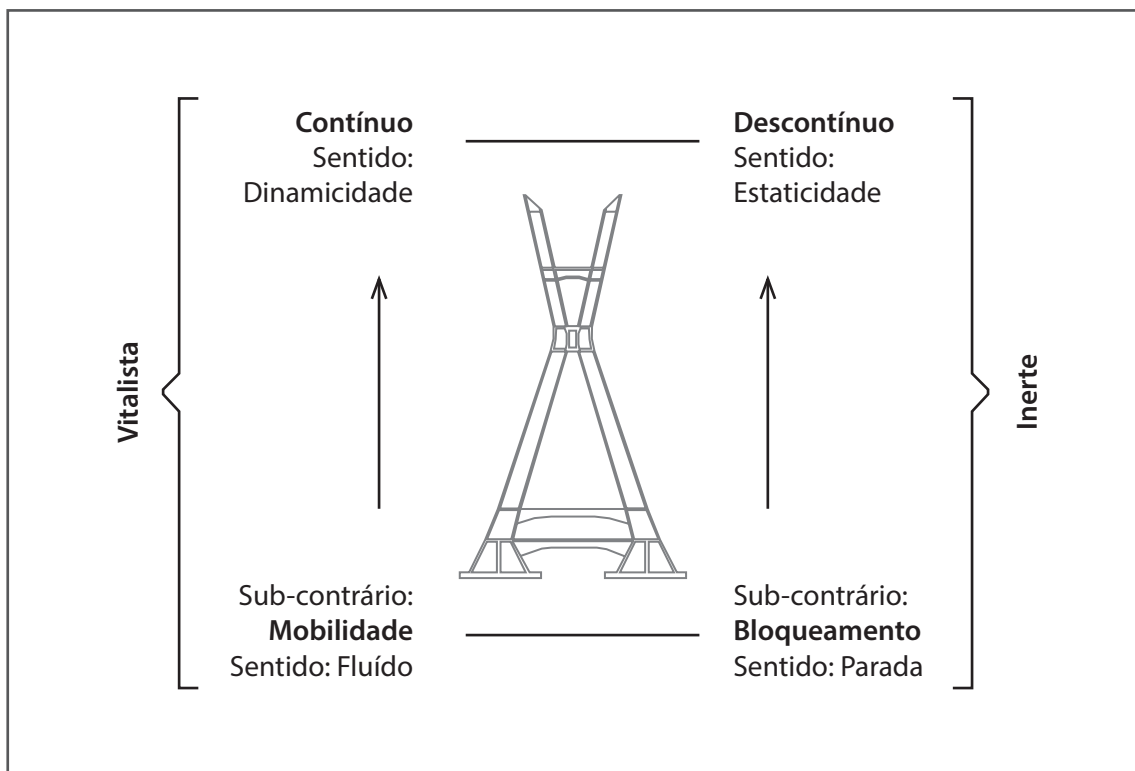
O termo vitalista se origina do vocábulo vital<sup>14</sup>, relativo à vida e que expressa as seguintes acepções: 1) que é necessário para a manutenção da vida ou que a afeta de maneira essencial; 2) que desempenha função essencial num organismo; 3) que é caracterizado pela vida, capaz de viver; 4) que dá vida e vigor, vivificante. Acepções recobrem de valor os aspectos eufóricos da ponte estaiada e preconizam os seus sentidos.

A expressão vitalista, além de significar esses conteúdos semânticos, também se refere ao movimento do vitalismo, que postula a existência de uma força ou impulso vital que explicaria os fenômenos relativos aos seres vivos. Essa concepção prega que a condição da vida não é explicada nem pela física, nem pela química, pois se condiciona a processos próprios como o desenvolvimento, a fertilidade, a concepção, processos autônomos da matéria, definidos pelo acontecer autônomo da vida orgânica. O termo atualiza a antiga concepção grega e medieval de alma. Este é o sentido que queremos destacar: uma região que se autogera, se autogere e

14. Outras acepções do termo Vital: 1) relativo à vida; 2) que é essencial, de primordial importância..

se autodimamiza pelos próprios movimentos cíclicos da movimentação das ruas, que andam e param, conforme o horário do dia, pela circulação dos sinais elétricos e digitais, que a coloca presente e viva em qualquer lugar do planeta, pelo desenvolvimento que faz São Paulo e o país crescer. Uma direta associação à concepção da vida humana que em si mesma tem algo de divino, como caracterizado no significado de impulso vital no vitalismo, em toda a análise da figuratividade da ponte estaiada.

Os termos tímicos “estaticidade” e “bloqueado” estão englobados na dêixis da disforia, no lado direito do quadrado que foi denominado com o termo “inerte”. Suas acepções dicionarizadas são: 1) sem atividade ou movimentos próprios; 2) desprovido de movimento, que não dá sinal de vida, imóvel, inanimado; 3) carente de energia física ou moral, abatido, apático, prostrado. Significados que justamente valorizam os termos tímicos do subsolo da ponte e da situação caótica que ocorre nos momentos em que tudo para. No diagrama do quadrado, podemos ver apontadas esses valores.



**Diagrama 3** Quadrado Semiótico da ponte estaiada.



Nos próximos capítulos, estudaremos a espacialidade da região onde a ponte se localiza, analisaremos as conexões que se estabelecem com a ponte, por meio dos transportes, e de suas ramificações nas redes que ligam São Paulo, seus bairros, outras cidades e outros países. Em todo o desenvolvimento que virá a seguir pela análise das manifestações e das interações, buscaremos apreender os sentidos do parecer e do ser, na busca de re(ver) os valores identitários e axiológicos investidos na ponte estaiada que são compartilhados com os habitantes da cidade.

**3**

**REDE URBANA:  
ESPACIALIDADES,  
CAMINHOS E NARRATIVAS  
DO ENTORNO DA  
PONTE ESTAIADA**

*Como é que faz pra lavar a roupa?*

*Vai na fonte, vai na fonte*

*Como é que faz pra raiar o dia?*

*No horizonte, no horizonte*

*Este lugar é uma maravilha.*

*Mas como é que faz pra sair da ilha?*

*Pela ponte, pela ponte*

*A ponte não é de concreto, não é de ferro.*

*Não é de cimento.*

*A ponte é até onde vai o meu pensamento.*

*A ponte não é para ir nem pra voltar.*

*A ponte é somente pra atravessar.*

*Caminhar sobre as águas desse momento.*

Lenine e Lula Queiroga (2006)

**Neste capítulo, nosso objetivo é analisar o que se pode ver no entorno da ponte estaiada,** suas ligações com outras áreas da cidade e sua relação com os viventes dessa região de São Paulo. Em especial, a Avenida Luis Carlos Berrini, que a ponte também ultrapassa, porque trouxe significações para o lugar. Uma avenida e um bairro que despontou rapidamente e que se estabeleceu para São Paulo, para o Brasil e para o mundo como um novo polo urbano e econômico. Esse é o caminho pelo qual iniciamos nossa abordagem: trilhando um pouco a história dessa parte da metrópole paulistana. Iniciaremos com uma resumida apresentação do desenvolvimento histórico da região, analisando como ocorreu o processo de figurativização, procurando entender os fazeres dos sujeitos que, em suas ações performáticas, imprimiram linguagens e ideologias próprias na espacialidade da cidade.

Em um levantamento histórico, no qual nos apoiamos, realizado por Mariana Fix (2007) que apresenta o desenvolvimento dessa região dividido em três períodos. O primeiro, entre 1973 e 1980, foi caracterizado pela construção dos primeiros grandes empreendimentos na marginal do Rio Pinheiros: o Centro Empresarial São Paulo e os edifícios denominados pela autora como os da fase “Bratkelândia” (construtora Bratke-Collet). O segundo período, entre 1983 e 1995, foi assinalado pela entrada dos fundos de pensão para viabilizar financeiramente a construção de edifícios, como o São Paulo Office Park (Fundação Previdenciária de empresas privadas), o Edifício Phillips (Fundo Phillips), o Birman 21 (marco do início da internacionalização da construção do local) e o WTC – World Trade Center (contemplado com vários fundos de investimento). A partir de 1998, o último período, motivado pela estabilidade econômica e pela euforia imobiliária, se caracterizou pela construção do CENU – Centro Empresarial Nações

Unidas (fundo da CEF – Caixa Econômica Federal), do Birmann 29 (J.P. Morgan, entre outros) e do BankBoston (propriedade e sede atual do Itaú Personnalité).

Esses períodos marcam o que se tornou a Avenida Luis Carlos Berrini, pois cada um deles instalou novas edificações que mudaram a espacialidade do lugar e uma temporalidade do agora em que atua enquanto ator da cidade. Os destinadores de cada período foram responsáveis por imprimir uma nova figurativização que produziu novos sentidos à região. Essas ações, que configuraram os espaços, também se refletiram na vida dos moradores da área.

Começamos pelo princípio: até o fim dos anos 1960, o local onde se encontra a Av. Luis Carlos Berrini era constituído por uma várzea pantanosa, conhecida como “dreno do Brooklin”, que recolhia as águas dos córregos da região. Havia poucas residências de família e comércio local. O espaço vazio era preponderante e a várzea ocupava uma grande área. Em 1965, após o término das obras de um canal de escoamento para os córregos, deu-se início a construção da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini (Fig. 18). O principal motivo de sua construção foi cobrir o canal de drenagem e não se planejava ampliar a circulação viária. Somente nos anos 1970, depois de sua pavimentação, é que começou o processo de verticalização da avenida com a construção de alguns edifícios comerciais.

A primeira grande iniciativa empresarial nas margens do Rio Pinheiros aconteceu em 1973, com o início da construção do Centro Empresarial São Paulo – CENESP, próximo à Ponte João Dias, em um local estritamente industrial (não havia prédios de escritórios) (Fig. 19). O CENESP foi idealizado pelo grupo Bunge y Born, que tinha a intenção de centralizar as sedes de suas empresas, espalhadas no centro de São Paulo. O projeto foi um marco na cidade: em uma área total de 400.000 m<sup>2</sup> construídos, o conjunto de prédios quadrados de oito andares para escritórios demarcou um dos limites da região e serviu de incentivo para outras empresas se interessarem pela área. O CENESP continua a ser até hoje o maior empreendimento situado na Marginal Pinheiros, abrigando dez mil funcionários e uma média de outros cinco mil visitantes diários.

A empresa argentina Bunge y Born, na atualidade denominada apenas Bunge, está há mais de 100 anos no Brasil com negócios diversificados, como processamento de alimentos e comércio internacional de grãos. Na época da mudança para o CENESP, detinha o controle de várias empresas brasileiras, dentre as quais a S.A. Moinho Santista (produção de grãos), Sanbra (indústria alimentícia) e Coral (tintas). Segundo o seu *site*, “participou ativamente para concretizar a vocação brasileira de grande produtora de alimentos”. Um dos primeiros destinadores privados, a empresa multinacional mudou a espacialidade do lugar, construindo o conjunto de prédios alocados em um terreno de grande visibilidade na região. Esse conjunto instaurou um novo plano de expressão da espacialidade. Foi a primeira empresa privada que reuniu a força do poder econômico e das transações comerciais, iniciado com exportação de grãos, ligando a empresa aos portos e aquela região a outros países, inaugurando a vocação da área.





**Figura 18** Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini, em 1975, período em que se iniciou a verticalização da avenida com a construção de alguns edifícios comerciais.



**Figura 19**  
A construção do CENESP: a espacialidade do terreno vago em 1970, a construção que marcou a chegada das empresas internacionais ao local em 1976 e o conjunto de prédios nos dias atuais, ainda como o maior empreendimento situado na Marginal Pinheiros.

A inauguração do CENESP imprimiu uma nova linguagem espacial àquela região, instaurando um novo estilo de trabalho no local. Essa mudança gerou o interesse de outros empresários – agentes destinadores – nesse novo modelo de trabalho.

### **3.1 Espacialidades do lado Berrini: o discurso Bratke-Collet**

A construtora Bratke-Collet foi a primeira a se interessar em agenciar a transformação da Avenida Luis Carlos Berrini. Nos anos 70, os proprietários da construtora definiram uma forma de atuação que foi fundamental para o sucesso da empreitada: especializar-se em edifícios de escritórios, inaugurando um estilo próprio. A meta era se diferenciar das grandes construtoras que dominavam o mercado de edifícios residenciais e de escritórios localizados na Avenida Paulista e na Avenida Faria Lima. A intenção da empresa era atender o mercado de empresas de médio porte, oferecendo-lhes espaços flexíveis e soluções estruturais mais modernas por preços menores. Essa decisão rompeu com o que era estabelecido como modo de trabalhar das grandes empresas, que tinham nessas avenidas o referencial de localização.

A grande maioria dos edifícios da nova construtora tinha uma mesma linguagem arquitetônica: construções de doze andares em média, com o andar térreo aberto e livre, e uso de materiais de acabamento mais rústicos e mais acessíveis. No nível discursivo, esses traços elementares e repetidos em suas construções produziram uma nova visualidade para a avenida: com essa linguagem figurativa, se fez uma descontinuidade espacial na região, rompendo com a configuração anterior, contrapondo-se ao padrão vigente que, até aquele momento, era desenvolvido para os imóveis empresariais.

A vinda da construtora Bratke-Collet para as redondezas da Avenida Luis Carlos Berrini fez com que a região ganhasse um novo perfil, ou seja, uma nova configuração que tornou a área um centro de negócios. Atualmente, a empresa se autodenomina como “a construtora que inventou a Berrini”. No *site* da empresa encontra-se a seguinte versão enaltecida da história:

[...] Roberto Bratke e Francisco Collet avistaram uma grande área e tiveram uma visão. Uma visão de futuro. Era uma região de várzea, próxima à marginal Pinheiros, que “ligava nada a coisa alguma”. [...] Grande oportunidade para construir prédios de escritórios de acordo com a nova era digital que vinha pela frente. Edifícios com grandes vãos, sem pilares, desenho moderno e funcional. [...] Vinte anos depois [...] haviam construído 60 edifícios, mais de 800 mil metros quadrados. Foi assim que deram vida a uma avenida chamada engenheiro Luís Carlos Berrini. (Site da construtora Bratke-Collet)

Com cunho publicitário, o enunciador do texto discursiviza como era a região (“uma região de várzea que ligava nada a coisa alguma”) e se autodenominam responsáveis por “dar vida” à

área. Destinatadores que fizeram ver a nova avenida, que até então não era percebida na cidade. Geralmente, esse papel é da administração pública, mas nesse caso a própria iniciativa privada atuou como destinador urbano da região e fez com que a Avenida Luis Carlos Berrini fosse vista e reconhecida pela sociedade.

No início da empresa, a estratégia utilizada por esse destinador foi o convencimento por mecanismos de sedução e de intimidação dos diversos destinatários, sejam eles os vendedores dos terrenos, os compradores e os possíveis interessados em imóveis. O discurso da empresa era de cunho estritamente comercial: oferecia-se aos proprietários das casas residenciais de classe média um bom negócio, ou seja, a compra imediata de seus imóveis sempre por um preço pouco abaixo do mercado, mas com pagamento imediato. Para aqueles que resistiam à venda, ele mostrava que todos ao redor estavam realizando o negócio. Grande parte dos imóveis foi vendida à construtora, sem que seus proprietários conhecessem o objetivo real da compra. Por meio de estratégias de intimidação, o discurso de manipulação do destinador fez com que os destinatários tivessem que aderir à oferta, por uma ação modalizada por um querer, dever ou saber ser “irrecusável” tal negócio, visto que a maioria da população residente o estava aceitando.

Assim, a Bratke-Collet adquiriu mais de 30 terrenos para a construção dos edifícios, quase garantindo o domínio exclusivo da verticalização da Berrini no início da década de 1990. Com a meta empresarial executada, a avenida foi ganhando em sua espacialidade uma linguagem arquitetônica mais homogênea e específica na composição dos edifícios projetados pela construtora (Fig. 20). Essa dinâmica ocorreu até meados da década de 1980, época em que começaram a aparecer empreendimentos de outras empresas.

As inovações feitas pela empresa, e implementadas nas formas, cores e uso de materiais, estabeleceram um novo estilo e uma nova visibilidade na espacialidade da região: prédios com plantas abertas e livres, pilares posicionados na periferia do edifício, marcados por ângulos agudos ou por paredes curvas e grandes áreas envidraçadas. Essas construções fizeram ver não só um novo estilo urbanístico, mas principalmente uma nova figuratividade que (re)escreveu e (re)semantizou a região. De uma área totalmente aberta e pouco povoada, a Berrini se transformou em um local de negócios para uma classe de trabalhadores emergentes: os pequenos escritórios de serviços e os profissionais autônomos mais “profissionalizados”, inaugurando também um novo modo de trabalho. A ascensão de uma categoria de empreendedores que sonhavam com o negócio próprio e acharam um lugar para se estabelecerem.

A fase de construção da Berrini impactou o desenvolvimento urbano e econômico de São Paulo de tal modo que, em outubro de 1985, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realizou uma exposição com uma grande maquete de 12 metros da avenida e catorze painéis fotográficos com as plantas de alguns prédios. A exposição seguiu para várias cidades brasileiras



**Figura 20** Edifícios construídos pela Bratke Collet que imprimiram uma nova visibilidade para a Av. Luis Carlos Berrini. Uma nova linguagem arquitetônica e visual se fez ver nas construções, que instalaram um estilo de trabalho moderno, em escritórios amplos, abertos, flexíveis e adaptáveis às novas empresas que surgiam no mercado. A sequência dos prédios mostra a evolução na linguagem e os efeitos de sentido da nova visualidade estética dos edifícios.



Ed. Bandeirantes (1977)



Ed. Morumbi (1977)



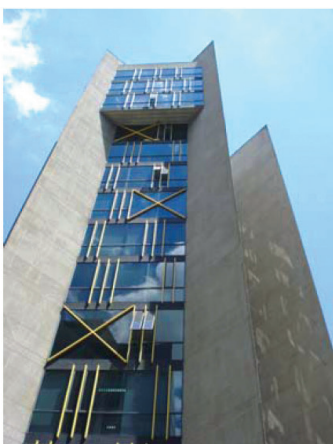
Ed. Fortaleza (1978)



Ed. Urca (1978)



Ed. Gávea (1983)



Ed. Flórida (1983)



Ed. Uchôa Borges (1989)



Ed. Baronesa  
de St. Seve (1992)



Ed. Ars/ Oswaldo  
Bratke (1986)



Ed. City Salem (1990)



Ed. Plaza Centenário (1995)



Ed. Bolsa de Valores do  
Estado de São Paulo (1997)



e também foi exibida no American Institute of Architects, em Washington, nos Estados Unidos. Essa foi uma das primeiras iniciativas de construção da visibilidade internacional do lugar.

Esse primeiro período da presença dos irmãos Bratke na região instaurou o modo de ser do destinador empreendedor e capitalista, que tratou a região como uma linha de produção de um produto inventado e desenvolvido por eles. Os irmãos Bratke se colocavam como líderes empresários por suas próprias realizações e empreendimentos, tal como a ideologia dos *self made man*. Contudo, havia uma diferença significativa, uma vez que a construtora se fez ser, ao mesmo tempo, um agente público e privado, destinando a urbanização da área e se capitalizando com ela: fez do lugar público, um produto privado. Relação que veremos se repetir em grande escala e de modo oficial.

A ação dos empresários estabeleceu novos padrões e novas tratativas que destinaram aquele lugar, definindo a nova visibilidade e transformando a região (até então residencial, em comercial) para os novos negócios de empresas de médio porte, ágeis, atuantes no segmento de serviços. Essa estratégia instalou a nova identidade do lugar, que já se construía como um produto capitalista projetado para o futuro.

A partir dos anos 1990, com a chegada da concorrência, os projetos da empresa evoluíram na linguagem arquitetônica. Foram incorporados novos elementos à configuração dos edifícios, advindos da utilização de novos materiais, do uso de novas cores, de inovações em revestimentos cerâmicos e chapas de alumínio nas fachadas. Apareceram novos formantes cromáticos, como o tom mais terroso da cerâmica e a prata da luz do alumínio e dos vidros que compunham as fachadas espelhadas, e formantes matéricos, como novas cerâmicas com qualidades táteis (mais rugosas e quentes) e as chapas de alumínio (geralmente lisas e geladas). Nesse período, a arquitetura de Bratke imprimiu uma abundância de acabamentos e elementos ambíguos responsáveis por assinalar a fase de um estilo urbanístico mais atualizado, porém com total alinhamento comercial. Parte do cenário que atualmente existe na Avenida Berrini é resultado dessa configuração construída por um único agente privado, que foi capaz de poder fazer o desenho urbano da avenida conforme suas próprias estratégias, tendo-se instaurado como o principal destinador do discurso visual da espacialidade dessa parte da cidade.

### **3.2 Espacialidades do lado Berrini: as empresas privadas**

Nesse efervescente ambiente de crescimento, em maio de 1982 foi inaugurado o Morumbi Shopping (Fig. 21), reforçando a consolidação dessa nova configuração: tratava-se do maior centro comercial do país, localizado no lado sul da Avenida Berrini, nas cercanias da ponte do Morumbi, inaugurando uma das características marcantes desse lugar como local de grandes conglomerados comerciais. Discursivamente, o shopping marcou uma posição sintática na área, sendo uma espécie de divisa entre o nascente núcleo de empresas de negócios da Berrini



**Figura 21** A fachada e a área ocupada pelo Shopping Morumbi, o primeiro grande empreendimento comercial instalado no bairro. Na atualidade, representa o marco sintático da região: a fronteira entre a Berrini, como a nova centralidade empresarial de São Paulo, e as áreas mais ao sul da cidade, que também estão se tornando empresariais.

e a região mais ao sul, onde ainda predominavam os parques industriais, os galpões e os grandes terrenos desocupados. Com o shopping, ocorreu uma gradual ampliação de público no local, reforçando a sua importância como um lugar adequado para a formação de uma nova região empresarial e comercial na cidade de São Paulo.

Por sua localização, ainda tida como distante por parte da população, o novo shopping adotou um discurso de cunho mercadológico que referenciava a cidade. Ele ainda se apresenta como um centro de consumo e de lazer de São Paulo, oferecendo ampla estrutura para seus frequentadores. Em seu *site*, posiciona-se ao lado de importantes empresas da região e reitera sua relevância ao se comparar, por meio de analogia, com a própria capital do Estado de São Paulo, quando declara o slogan “Completo como São Paulo”. O texto do *site* diz que o Morumbi Shopping:

[...] está localizado na zona sul de São Paulo, em uma área de forte presença de escritórios de grandes empresas, dentre eles o Centro Empresarial, os estúdios da Rede Globo, enormes torres de escritórios como o American Business e a nova sede do Bank Boston (atual Itaú Personnalité) (Site Morumbi Shopping).

A partir do início dos anos 1990, a avenida ganhou grandiosos e diferenciados edifícios e centros comerciais, construídos por novas empreiteiras que resolveram investir na região, principalmente nos terrenos ainda vagos ao longo da Marginal Pinheiros. O primeiro destaque foi o Centro Empresarial Phillips, inaugurado em 1991 e implodido no primeiro semestre de 2008 (ação que gerou visibilidade à área, por se tratar da primeira implosão em uma região comercial adensada, com muitos edifícios altos).

Entre 1995 e 1998, foi lançado o Edifício Mandarin, o Plaza Centenário, conhecido como *Robocop* (nome bastante sugestivo), o World Trade Center (que incorpora o Shopping D&D) e o Sheraton São Paulo WTC Hotel. Como apontado por Mariana Fix, esse período foi determinado por novas estratégias empresariais. Entraram em cena os grandes fundos de pensão na viabilização financeira dos edifícios, como o São Paulo Office Park, que foi construído por uma Fundação Previdenciária de empresas privadas, e o Edifício Phillips, por meio da Fundação que leva o seu nome. O Birmann 21 e o WTC – World Trade Center foram contemplados com vários fundos de investimento e marcaram o início da internacionalização da construção empresarial.

Como narrativa, vemos nesse período a mudança do poder fazer que emergiu a partir de um sujeito único, na fase dos Bratke, para o poder de um sujeito coletivo, uma organização formada por fundos de pensão, que em sua constituição carrega a identidade empresarial das corporações que representam e a de seus funcionários que contribuem para o fundo. Se antes tínhamos um poder fazer de um único sujeito que se relacionava com outro sujeito, a partir desse período se estabeleceu o poder do coletivo dos fundos empresariais e se refinaram as



estratégias políticas de manipulação para a obtenção dos fins desejados, sobretudo porque o poder público não tinha uma ação forte nesse contexto. Na espacialidade, esse processo foi se fazendo aos poucos, gerando uma nova visibilidade que compôs a formação identitária do bairro. Segundo Hepner (2010), a linguagem arquitetônica e o sucesso comercial dos empreendimentos da Bratke-Collet se deveram principalmente ao processo de construção de uma nova identidade para essa região. Ele afirma que:

Um dos principais diferenciais desta região da cidade – e que até hoje representa um forte atrativo – é o seu aspecto simbólico de espaço controlado e planejado, direcionado para promover a produtividade, a eficiência e o convívio “harmonioso” entre as empresas. Mais tarde, quando a Berrini começou efetivamente a se consolidar como uma nova centralidade empresarial, esta identidade foi ainda acrescida pelos valores do status, da exclusividade e da sofisticação inerentes a um espaço disputado e disponível apenas àqueles capazes de arcar com seu custo elevado. (HEPNER, 2010, p. 219).

### **3.3 Espacialidades do lado Berrini a partir da construção do CENU**

Com a mudança e a estabilidade na economia do país, o setor imobiliário cresceu e gerou um período de grandes construções na área. O maior representante dessa fase é o CENU - Centro Empresarial Nações Unidas. Um complexo comercial propagado como o maior empreendimento empresarial da América Latina, onde se encontram alguns dos maiores edifícios do país, incluindo o luxuoso Hotel Hilton de São Paulo, que possui uma ligação subterrânea com o World Trade Center. O local se tornou um dos principais centros financeiros e do setor terciário do país (Fig. 22).

Localizado em frente à ponte estaiada, nas quatro torres do CENU estão agrupadas muitas companhias, em sua maioria, internacionais e ligadas ao setor terciário. Por exemplo, nos 36 andares da torre Norte, 26 andares são ocupados por 93 conjuntos de empresas dos ramos de telecomunicações, informática, internet e eletrônica. Entre elas, estão Computer Associates International, Nokia, Terra Networks Brasil, Sky, General Eletric, HP do Brasil, Microsoft, Blackberry e Software Ag do Brasil. A construção do CENU contou com vários Fundos de Investimentos, dentre eles o da Caixa Econômica Federal, instaurando o poder público como sujeito dessa narrativa, mas com objetivos muito mais comerciais do que como administrador do bem público. Além da força empresarial de companhias de serviços especializados, a área se tornou forte também no segmento do comércio, em que são encontrados os shoppings Morumbi, Marketplace e D&D, as megalojas de decoração e de material de construção como Etna, C&C e Leroy Merlin, além de hotéis internacionais e outros serviços. Como dissemos a respeito do CENU, na área do entorno, também se encontram várias empresas multinacionais,





**Figura 22** O CENU - Centro Empresarial Nações Unidas, inaugurado em agosto de 2000, é um um condomínio empresarial que abriga quatro grandes edifícios: o Hotel Hilton de São Paulo, o Shopping Nações Unidas, o shopping de decoração D&D e o World Trade Center. Tornou-se o maior empreendimento empresarial da América Latina e sua inauguração, na virada do século, marcou a vinda das grandes empresas multinacionais para a região, projetando a cidade globalmente.



Eco Berrini



Itaú Fidelité Marginal Pinheiros



Shopping Market Place



Hotel Hyatt



**Figura 23** No início da década, começaram a surgir novos empreendimentos viabilizados por conglomerados financeiros internacionais. Mais recentemente, com o surgimento dos megaedifícios tecnológicos, consolidou-se a visibilidade da área como o maior polo empresarial midiático e de serviços do Brasil. Os efeitos de sentido da visibilidade e os modos de ser dos executivos e trabalhadores da região deram a ver o poder econômico e a forte influência mundial, que projetaram São Paulo como “cidade global”.

dentre outras atuantes na área de comunicação, como a Vivo, a Claro, a Rede Globo e a Walt Disney Company Brasil.

Nessa parte da cidade, foi produzida uma nova visualidade com o surgimento dos megaedifícios tecnológicos, caracterizando um polo empresarial midiático e de serviços de alto poder econômico e de intensa influência comunicacional. Além do mais, foi nesse período que se constituíram os fazeres de empresas internacionais que instauram naquele espaço os processos de transações internacionais que levaram São Paulo a se constituir por sua visibilidade e por sua ação como uma cidade global. Carlos afirma que:

[...] uma das características da chamada “cidade mundial” é a emergência do setor de serviços altamente especializados, articulando espaços com uma racionalidade e eficiência assentada na competitividade e estabelecida em padrões impostos internacionalmente. É esse comportamento que se vislumbra em São Paulo (CARLOS, 2002, p. 139).

No início dos anos 2000, os lançamentos começaram a se ampliar em todas as direções da avenida. Nesse período, foram lançados o Hotel Hyatt e a sede do Bank Boston, que posteriormente foi denominado Itaú Fidelité Marginal Pinheiros (após o Banco Itaú ter adquirido o Bank Boston no Brasil). Uma nova conformação figurativa começou a surgir na região: o aparecimento de prédios inteiramente fechados por vidros refratários e brilhantes nas fachadas, o maior uso de placas de alumínio e o cimento claro, muitas vezes na cor branca que, frequentemente, possui um detalhe com design inovador para marcar sua presença. Essa nova fase minimizou a preponderância do discurso visual impresso pelos irmãos Bratke e promoveu uma nova configuração presente até os dias atuais. Em torno da avenida, existem atualmente cerca de cem prédios comerciais (Fig. 23).

Durante todo esse período, as interações entre os sujeitos foram se complexificando, pois passaram de relações entre sujeitos individuais para sujeitos coletivos, posto que na fase mais recente as transações foram realizadas entre empresas. A população residente já tinha se dizimado, dando lugar aos grandes edifícios e aos pequenos negócios para atender a nova população que chegava com as empresas: restaurantes, lanchonetes, lojas de roupa, muitas vezes fundados pelos próprios moradores que ali residiam. Nessa etapa, até as microempresas foram compradas pelas grandes corporações internacionais de construção e de locação. Também as estratégias discursivizadas foram ganhando um caráter mais político, em que, mais do que o querer fazer e o poder fazer, se estabeleceu o saber fazer para convencer todos os agentes envolvidos, incluindo o governo e a sociedade.

### 3.4 Espacialidades do lado Berrini: bairro nos arredores da ponte estaiada

Atualmente, o que se presentifica nos quarteirões entre a Avenida Luis Carlos Berrini e a Avenida Nações Unidas são blocos de edifícios altos, brilhantes e contíguos que trazem efeitos ao parecer da região como uma muralha ou como um cinturão que ilhasse o lugar, criando fronteiras em relação aos espaços próximos. É interessante ressaltar que uma das vias que abriga a maioria das empresas, representantes de seus países de origem, tenha o nome de Avenida Nações Unidas. Uma referência direta à ONU - Organização das Nações Unidas, uma instituição internacional com 192 países participantes, que, por princípio, deveria zelar pelo bem comum mundial, na qual apenas os cinco maiores e mais poderosos países têm poder de veto. Uma situação análoga se fez ver na região da Berrini? Mas que lugares são esses que foram delimitados por esse cinturão de aço?

Se adentrarmos o bairro, do outro lado da Avenida Berrini, encontraremos uma paisagem muito diferente. Seguindo pela rua central, a Avenida Padre Antonio José dos Santos, entre a Berrini e a Avenida Santo Amaro, ainda encontramos um bairro residencial de classe média, com sobrados ou casas térreas, com jardins e portões baixos, em que muitas vezes vemos pessoas sentadas tomando sol (Fig. 24). As ruas, algumas delas de paralelepípedo, são arborizadas e com pequenas praças ao redor. No meio do bairro, está incrustada a Hípica Paulista, uma área com enorme área gramada (Fig. 25). Observamos nessa região modos e estilos de viver que também existiam na Berrini, em um passado relativamente recente. Ao mesmo tempo, também pode se ver certa resistência presentificada nos modos de vida da população, como sujeito coletivo, que se mostra em seus fazeres, como na vila que foi fechada para preservar a privacidade e o estilo, ou ainda na presença das últimas ruas de paralelepípedo que, mesmo emendadas com asfalto, resistem ao tempo.

Os sujeitos desse lugar são famílias, algumas remanescentes da imigração alemã, com seus filhos e animais, que caminham ao redor da Hípica, caracterizados por um estilo de se vestir informal, muitas vezes esportivo. São sujeitos que desfrutam do prazer de estar naquele espaço, na prática de caminhar, apreciar a conversa com os que estão próximos em uma relação de ajustamento com seus partícipes, vivendo-os na interação em que se descobrem.

Observamos nas ruas do bairro mais próximas à Berrini, um processo de sincretização das linguagens dos discursos visuais, arquitetônicos e sociais que se metamorfoseiam com o estabelecimento do comércio, das pequenas empresas de serviços e restaurantes que ocupam as primeiras ruas paralelas à avenida. Se, por um lado, é possível perceber os modos de resistência da população, por outro também se faz ver a miscigenação entre os dois lugares em um processo que mesclou a espacialidade desse lugar. Respingados pelo bairro, já existem novos edifícios que remontam à visualidade da Berrini, em uma clara relação de contraposição ao que está posto naquele lugar. O parecer topológico permite ver a invasão





**Figura 24** Adentrando o bairro paralelo à Av. Berrini, a espacialidade se altera completamente, permitindo ver um outro modo de ser e estilo de viver também presentes na região. O lugar é formado por ruas arborizadas, algumas ainda com paralelepípedos, com residências térreas ou sobrados e pequenos comércios. Os habitantes circulam em atividades esportivas e sociais, mostrando relações e hábitos de vida comunitária mais tradicional. Os sentidos são de uma São Paulo mais provinciana e tranquila.





1911

## SOCIEDADE HÍPICA PAULISTA

**Figura 25** O bairro rodeia a Sociedade Hípica Paulista, que foi fundada em 1911 e é um dos clubes mais tradicionais do Brasil voltado para a prática de esportes equestres. Ela ocupa uma grande área verde do bairro. Sua sede foi declarada patrimônio de utilidade pública pela Prefeitura de São Paulo. A instituição instaura os sentidos da importância histórica e dos valores tradicionais do bairro, que foi formado por famílias de origem alemã.

que aos poucos vai tomando conta do lugar. Esse tipo de contraponto também pode ser reconhecido na área da Berrini, onde vemos um pequeno restaurante enclausurado pelos enormes prédios ao redor.

No cinturão da Berrini estão situadas empresas internacionais que são reconhecidas globalmente, como a Nokia, a Microsoft e a General Electric que figuram nas principais listas e rankings das empresas mais valiosas e mais lembradas no mundo. Apenas a presença de seus logotipos já impõe seus poderes ao lugar. Seus funcionários, espalhados pelo mundo, conectam-se diariamente, estabelecendo relações totalmente virtuais e tomando decisões que podem impactar qualquer um de seus mercados, qualquer grande cidade do planeta. Essas práticas do mercado de trabalho, muitas vezes digitais e atemporais, estão impregnadas nos estabelecimentos empresariais constituídos nos edifícios ultratecnológicos, nas ruas e nas avenidas da região. Nessa espacialidade, é comum um modo de ser regido pelo ambiente do trabalho: pessoas vestidas com o padrão executivo, com seus celulares e *tablets*, andando pelas ruas, almoçando nos restaurantes e, muitas vezes, enquanto tomam café, conversam através de seus *devices* com pessoas do outro lado do mundo (Fig. 26). Também é rotineiro o encontro de pessoas de diferentes nacionalidades, pois as empresas abrigam estrangeiros em seus escritórios. Uma cena corriqueira que acontece nesses edifícios são os elevadores lotados de indivíduos, que falam simultaneamente três ou quatro línguas diferentes, durante o deslocamento pelos andares.

No processo de continuidade desse fazer coletivo, nos últimos anos, nos arredores da Avenida Luis Carlos Berrini vêm surgindo novos lançamentos residenciais que conjugam, como propagado, um moderno estilo de morar cuja proposta é a de agregar a vida pessoal à vida profissional (Fig. 27). Em outras palavras, morar ao lado do trabalho, em espaços que mesclam um estilo contemporâneo, urbano e executivo. Esses lançamentos reescrevem e efetivam um novo modo de morar na região: em grande parte, seus habitantes são trabalhadores executivos que priorizam seus trabalhos em detrimento de outras práticas sociais, muitas vezes sujeitos de passagem que permanecem naquele lugar por um período determinado pelo cumprimento de seus fazeres corporativos. Com seus equipamentos digitais sempre às mãos, prezam pela produtividade e não diferenciam o tempo do trabalho e o tempo do lazer e de convívio com outros grupos sociais. Estão em sintonia com a tecnologia midiática das empresas que atuam e buscam para suas vidas privadas a mesma condição.

No estilo de vida desses sujeitos manifesta-se um padrão observado pelas constâncias do mesmo modo de vestir e nos mesmos modos de ser dos sujeitos, que parecem ser regidos pelo regime da programação, no qual o sujeito obedece ao pré-estabelecido orientado pelas regras das corporações. Regidos por seus destinadores (as empresas privadas), esses destinatários se fazem ver no mesmo modo em que são configuradas as empresas, em um processo de busca





**Figura 26** As quadras entre as avenidas Berrini e Nações Unidas são povoadas por executivos e funcionários das empresas, em sua maioria multinacionais, localizadas na área. Os modos de viver são programados pelas regras empresariais que padronizam os estilos e os comportamentos. Nos horários de almoço é comum ver uma multidão de pessoas indo e vindo pelas ruas, sempre vestindo um mesmo tipo de indumentária: ternos e roupas escuras. É muito frequente o uso de celulares e gadgets que mimetizam os modos de vida desses cidadãos do mundo. À noite, a área fica quase deserta.



VENDAS E INFORMAÇÕES: (11) 3421-8676 | contato@geoberrini.com

GEOBERRINI

R. JEAN PIERRE X  
R. WILLIAM KEVIN X  
R. LEE DE FOREST

A



61m² a 108m² - 1 ou 2 suítes no melhor do Brooklin



**Figura 27** A espacialidade entre a Avenida Luis Carlos Berrini e a Avenida Nações Unidas, conformando um cinturão de modernos e platinados edifícios que fazem ser a identidade do lugar, em contraposição com o bairro e o outro lado do rio Pinheiros. À frente, a ponte estaiada ratifica os sentidos de modernidade e de globalização que foram investidos na região.

do valor identitário que está plasmado no estilo empresarial do destinador, seja ele o chefe ou a empresa em que trabalha, procurando ser uma extensão dela. Se na região da Berrini se fez ver uma muralha no espaço e nos modos de vida de seus sujeitos coletivos, o limite entre vida privada e vida pública não existe, pois uma se mistura à outra. Percebendo esse processo, a indústria imobiliária lançou novos empreendimentos que oferecem apartamentos que são lar/escritório, como *home offices*, ou como residências coladas às empresas multinacionais ou construídas conjuntamente no mesmo espaço. Parte do fazer do sujeito coletivo do lugar, essas práticas programadas contribuem para a produção dos efeitos de sentidos de internacionalização, de instantaneidade e de movimentos em rede digitais e comunicacionais, características que conferem o sentido de globalização a esse local da metrópole. Esse modo de ser permite visualizar uma nova identidade para a região, que deixou de ser somente paulistana para se tornar internacional.

No processo da ação de desenvolvimento urbanístico e econômico da região, detectamos que a temporalidade do fazer continuado, além de interpor ritmos de vida diferentes a seus habitantes, combina, por mecanismos de embreagem, sentidos e valores que são ligados ao passado (tradicionais de um lugar) com outros sentidos que apontam para o futuro. Na espacialidade, vemos a mesma relação estabelecida em um lugar que guarda aspectos visuais que permitem ver um morar do sujeito coletivo, no viver comunitário e de estilo provinciano que não é demarcado por fronteiras, mas é feito ver e ser pelas relações entre os sujeitos. A situação é oposta à da população da área da Avenida Nações Unidas, que abriga sujeitos individuais, que convivem apenas pelas relações de trabalho, em uma espacialidade murada formada pela proximidade dos prédios.

### **3.5 Espacialidades do lado Real Parque: comunidade**

No outro lado da Berrini e da Avenida Nações Unidas, perpassando o rio Pinheiros, a espacialidade se altera em um processo de descontinuidade visual do lugar. Entretanto, ambos os lados estão ligados pela ponte estaiada. Como isso se configura?

Vejamos como se instaura a visualidade desse local. Entre essas espacialidades, encontra-se o conjunto viário chamado “Complexo Viário Real Parque”, que foi construído para auxiliar a travessia do rio Pinheiros. Suas vias se prolongam na Marginal Pinheiros e na Avenida Roberto Marinho, facilitando o acesso a bairros como o Morumbi, Jabaquara e Campo Belo, se constituindo como uma alternativa de acesso ao aeroporto de Congonhas e à Rodovia dos Imigrantes (pois o projeto visou desafogar a Avenida Bandeirantes). É formado por dois viadutos e pela ponte estaiada e está localizado em frente ao CENU e à favela Real Parque no bairro Real Parque.

O Real Parque é um bairro nobre no distrito do Morumbi e está situado no limite entre as zonas oeste e sul da cidade de São Paulo, fazendo limite com o Jardim Leonor, Jardim Panorama e Brooklin Novo. Trata-se de uma área da cidade também bastante verticalizada. Apesar de ser considerado um bairro nobre, possui uma vasta área onde está concentrada a comunidade da Favela Real Parque, localizada na Avenida Nações Unidas, à margem do rio Pinheiros. Um dos limites da favela é a megaloja da rede Leroy Merlin. A favela é constituída por vários núcleos que foram sendo edificados com o passar dos anos pelos próprios moradores ou pela administração pública, como, por exemplo, o grupo de edifícios do Projeto Cingapura (levantados a partir de 1995, na gestão do então prefeito Paulo Maluf).

Em setembro de 2010, após a assinatura de um contrato entre a Secretaria Municipal de Habitação e o consórcio formado pelas empresas OAS e Constran, a Prefeitura iniciou um novo projeto de reurbanização da favela, com a substituição de parte dos barracos existentes por 28 conjuntos habitacionais (total de 1.135 apartamentos). No dia 29 de dezembro, dois dias antes do final do mandato daquela gestão, a Prefeitura entregou 180 apartamentos no recém-nomeado “Residencial Real Parque”. Podemos ver as novas construções à beira da Marginal Pinheiros, compostas por dois ou três enfileiramentos horizontais de prédios bastante coloridos.

Por conta desse processo de reurbanização que é promovido pelo agente público, o que se vê na favela são áreas de diferentes visualidades: uma parte com blocos de prédios escuros, cor de terra, remanescentes da administração de Maluf, outra parte com edifícios, em sua maioria, claros e coloridos, construídos na gestão do prefeito Kassab, e outros ainda mais recentes, em uma tonalidade monocromática entre o acinzentado claro e o branco, originados na nova gestão municipal. Essas construções foram realizadas à frente da Marginal, em um leve aclave no terreno e, pelo posicionamento topográfico, encobrem a visualidade restante da favela, que fica por detrás dos prédios. A cada ano que passa são perceptíveis as alterações nessa área, com a construção de novos prédios ou a destruição das casas de madeira. O conjunto dos prédios parece formar uma cortina, que a torna assim invisível e, ao ser ocultada, esconde parte da “realidade” do Parque. Na imagem aérea (Fig. 28), observamos que a favela está isolada: de um lado, árvores, de outro, os prédios e à frente, os conjuntos habitacionais na Marginal Pinheiros.

Essa disposição na espacialidade do lugar e da manifestação da linguagem visual faz ver construções com diferentes componentes cromáticos e eidéticos, presentes em cada um dos conjuntos, dando a ver também as estratégias discursivas de cada destinador da administração pública. Diferentemente do lado Berrini, ao longo do tempo, a visibilidade desse local foi construída apenas pelo destinador administração pública, que fez valer suas estratégias e intencionalidades políticas frente ao sujeito coletivo, deixando marcas que mais eternizam suas ações do que viabilizam um modo de viver adequado aos favelados.



D



**Figura 28** No outro lado do rio Pinheiros, defronte da ponte estaiada, está localizada a favela Real Parque, com suas diferentes visualidades manifestadas nas construções à beira da marginal, permitindo observar as estratégias discursivas de cada destinador da administração pública. As imagens realizadas em anos diferentes retratam a evolução das construções que ainda escondem parte dos barracos e das casas originais da favela.



Em um procedimento interdiscursivo, nos dois lados da espacialidade cortada pelo rio, pode-se ver construções de prédios diferentes, que fazem parecer uma descontinuidade espacial, como o parecer de uma fronteira. De um lado, a edificação de um cinturão prateado e, de outro, um parecer de cortina toda colorida, que remete a figura de um artesanato de *patchwork*, tendo a ponte estaiada como conexão, fazendo valer a ligação entre essas espacialidades, seus sujeitos e seus modos de viver.

Analizamos os modos de viver do sujeito coletivo do bairro e das quadras entre a Berrini e a Avenida Nações Unidas. Como serão os modos de viver dos sujeitos da favela? A origem das famílias que lá se instalaram é de migrantes dos estados do norte do Brasil, que para São Paulo vieram para se tornarem trabalhadores e operários da construção civil, na edificação dos bairros do Morumbi e da infraestrutura do local. Enquanto construíam imóveis de alto padrão e equipamentos públicos da cidade, também construíam suas moradias de madeira com o refugo de materiais descartados em seus próprios locais de trabalho. No decorrer dos anos e do crescimento da favela, outras pessoas se instalaram miscigenando-se à população, processo não tanto de caráter físico, mas principalmente de caráter moral: malfeitores, bandidos e traficantes se instalaram ali. Esse processo migratório é constante e se faz ser na população, da qual uma parte foi expulsa pelas desapropriações realizadas e outra parte se realoja nas novas construções da administração municipal.

Nessa região englobante, apreendemos a quebra, o descontínuo do lugar, pela divisa do rio, que é perpassado pela ponte, e se dá a ver entre a visibilidade da grandiosidade e da pungente riqueza dos altos edifícios comerciais de, em média, mais de 20 andares e a favela escondida, quase na invisibilidade, coberta pelas construções de poucos andares da comunidade do Real Parque. Essa situação é completamente diferente em relação ao espaço do bairro e à região empresarial, em que não se configurou uma barreira visual. Ao contrário, já se faz ver uma permeabilidade entre as espacialidades, que também é vista nas práticas dos sujeitos. Nessas interações, não se estabelece a relação de segregação, mas a de assimilação pelo querer/fazer acordados entre si.

O processo social foi constituído diversamente no lado do Real Parque, pois outras forças de caráter polêmico se fizeram ver e ser junto a essa comunidade. Sem ter como destinador as empresas privadas, portanto, sem o poder econômico instituído, estando à mercê da administração pública que, como vimos, tinha motivos políticos distintos dos da comunidade, foi se configurando a presença de um sujeito coletivo como um outro ou uma alteridade, diferente dos outros dois sujeitos coletivos mencionados anteriormente. A comunidade se fez como um sujeito não estabelecido, que vive em um processo migratório e em cujas vidas mesclam-se valores contraditórios entre o bem e o mal. Um outro que não é reconhecido e que, por não possuir a mesma identidade, não é aceito e se quer segregar, mas que efetivamente é ligado ao outro lado do rio pela ponte estaiada.

### 3.6 Espacialidades: Avenida Luis Carlos Berrini vs Avenida Doutor Chucri Zaidan

No estudo da espacialidade do lugar formado pelos arredores da Berrini e pela favela do Real Parque, em seu contraponto espacial, foi observado um elemento semântico da topologia que reitera a análise feita acima. Enquanto nomeação, mas não como via, o final da Avenida Luis Carlos Berrini termina no início da Avenida Doutor Chucri Zaidan, exatamente no local em que está a ponte estaiada. Com novo nome, a avenida segue até depois da confluência com a ponte do Morumbi, que vai em direção ao bairro de mesmo nome.

O trecho completo da Berrini ocorre entre a ponte estaiada e a Usina Elevatória de Traição, que é responsável por controlar o fluxo das águas do Rio Pinheiros e por aumentar a capacidade de geração de eletricidade. Esses pontos topográficos, que funcionam como a sintaxe da via, são investidos de sentidos por semantismos figurativos, pela semelhança que apresentam com antenas captadoras de sinais elétricos e digitais que marcam a continuidade da via.

Na extensão completa da topologia da via de dois nomes, a ponte estaiada é o ponto aspectual que marca a alteração da nomeação. Essa mudança estabelece uma descontinuidade sintática e semântica por causa da alteração do nome da via. Esse traço nos incentivou a pesquisar a origem de sua dupla nomeação com intuito de conhecer quem foram os personagens que lhe emprestaram os nomes. O engenheiro Luis Carlos Berrini ficou conhecido no Brasil por sua importância para o desenvolvimento de técnicas de avaliação na definição de preços imobiliários. Como engenheiro avaliador oficial do Banco do Estado de São Paulo, desenvolveu estudos avaliativos que foram publicados na *Revista Engenharia Mackenzie* e no *Boletim do Instituto de Engenharia*. Em 1949, ele escreveu a mais significativa obra sobre o assunto, o livro intitulado *Avaliações de imóveis*, no qual desenvolveu teses e variadas fórmulas usadas como conceitos fundamentais para identificação dos atributos que compõem o valor do imóvel<sup>1</sup>.

Chucri Zaidan ficou conhecido como o “médico dos pobres”. Nasceu em Damasco, na Síria, e, formado em medicina, atendeu na primeira guerra mundial. Veio para o Brasil em 1925 e, em janeiro de 1931, se naturalizou cidadão brasileiro. Foi um médico muito querido pela população e por aqueles que dele receberam não só tratamento médico, mas também, em muitos casos, ajuda material e espiritual. Em 1966, completou 50 anos de profissão (15 no Brasil), recebendo da Câmara Municipal de São Paulo o título de Cidadão Paulistano<sup>2</sup>.

De um lado da avenida, o Sr. Luis Carlos Berrini, que incrementou o mercado imobiliário com suas técnicas avaliativas para precificação dos imóveis, extremamente valorizados na

---

1. FEDERMAN, G. B. História dos 50 anos do IBAPE. Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia da Bahia.

2. LACAZ, C. da S. Chucri Zaidan (1891-1980). Texto publicado em maio de 2007 no *site* da Associação Médica Líbano Brasileira, e parte integrante de obra do mesmo autor, intitulada: MÉDICOS SÍRIOS E LIBANESES DO PASSADO: Trajetória em busca de uma nova Pátria.



avenida que leva seu nome. Do outro lado, o médico Chucri Zaidan, que acolheu e tratou da população menos favorecida, representada pela favela Jardim Edith que por anos habitou a região e a avenida que leva o seu nome. Na intersecção desses nomes, encontra-se a ponte estaiada, ladeada por um médico que se preocupou com questões sociais e um engenheiro que atentou para as questões mercadológicas, sendo esse mais um efeito de sentido que compõe a sua figuratividade e corrobora as diferenças e as oposições daquela região.

A ponte estaiada marca uma descontinuação entre dois trechos: semioticamente, cada trecho (no término de uma avenida e no início de outra) perfaz um programa narrativo de uma mesma narrativa que ocorreu e ocorre por meio do fazer dos sujeitos naquela espacialidade (Fig. 29). A mudança de programa narrativo é perceptível na configuração do espaço: a maioria dos edifícios, centros comerciais e escritórios das empresas da nova economia foram estabelecidos na Avenida Luis Carlos Berrini, bem próximos à ponte: esse é o epicentro da cidade dita global. Caminhando em direção à Avenida Doutor Chucri Zaidan, onde se dá a quebra da continuidade pela mudança da nomeação das avenidas, existem muitos caminhos/acessos para entradas e saídas de diversas ruas. Ao atravessar por baixo da ponte estaiada, encontramos, de um lado, um novo edifício de propriedade da Construtora BrooksField, que, como a maioria dos edifícios da região, é uma construção alta de vidros espelhados escuros ocupando a quadra bem ao lado da ponte. Do lado oposto, atravessando a rua, encontra-se a sede da Rede Globo de Televisão paulista com sua extensa área verde usada como heliporto. Em seguida, já no trecho da Chucri Zaidan, ainda podem ser vistas pequenas construções, barracos e comércios informais, que são residuais da grande comunidade favelada que existia naquele espaço e que foi destituída para a edificação da sede da Rede Globo e de hotéis de luxo. (Fig. 30)

Tanto esses últimos habitantes como os que moram na favela do Real Parque se constituem como um sujeito coletivo que, como dissemos, se configura como uma alteridade. Um outro que não é reconhecido pela população dominante, por ela não é aceito e que, por isso, sofre um processo de expulsão e de segregação. O lugar ocupado pela favela é o remanescente espacial que marca o fazer ser do Outro. Ela se constitui como uma pequena comunidade e como um lugar de resistência frente aos usos e às práticas que acontecem atualmente. Sob o ponto de vista histórico, essa região, bem como a região da Berrini, foi composta em grande parte pelas comunidades de favelas com seus moradores advindos de diversos locais, que formaram a grande comunidade do Jardim Edith, do Real Parque e de Paraisópolis.

Como postulado por Landowski (2002), esse sujeito coletivo é figurativizado como o “Estrangeiro”, pois não é pertencente ao lugar, sem nele se fixar. Do ponto de vista do sujeito coletivo dominante, é configurado como um sujeito mutante que busca objetos de valor diferentes, constituindo-se como uma alteridade às vezes invisível. Acerca dessas diferenças posicionais, sintáticas, nas sociedades e suas implicações, Landowski (2002) afirma que:





**Figura 29** O primeiro mapa mostra a localização espacial da ponte estaiada, ladeada pelo CENU - Centro Empresarial Nações Unidas, Rede Globo, favela Real Parque e o novo condomínio da ex-favela Jardim Edith, evidenciando a proximidade territorial, que contrasta com os diferentes estilos de viver de seus habitantes, explicitando as contradições presentificadas nos modos de morar da população. O segundo mapa mostra a espacialidade da região e a extensão da via com dois nomes: Av Luis Carlos Berrini e Av. Dr. Chucri Zaidan, que significaram com suas diferentes histórias de vida cada parte dessa via. O primeiro foi reconhecido por criar um método de cálculo do valor imobiliário e o outro, médico, por atender a população carente das favelas.





**Figura 30** Trecho do final da Av. Berrini e início da Avenida Dr. Chucri Zaidan, próximo à ponte estaiada, onde se localizam algumas construções oriundas do período em que existiam as fave-las. São pequenos comércios e residências que resistem à nova urbanização, contrapondo-se aos grandes edifícios, presentificando a história da região e expondo os sentidos contraditórios desse lugar e da cidade de São Paulo.



[...] o sujeito coletivo que ocupa a posição do grupo de referência [...] fixa o inventário dos traços diferenciais que, de preferência a outros possíveis, servirão para construir, diversificar e estabilizar o sistema das “figuras do Outro” que estará, temporária ou duradouramente, em vigor no espaço social considerado. Para isso a simples vida em comum dos grupos sociais, com as desigualdades, em primeiro lugar, de ordem econômica, com as segregações de fato [...] que ela gera, e com todas as outras disparidades latentes que ela torna manifestas, fornece uma infinita variedade de traços diferenciais imediatamente exploráveis para significar figurativamente a diferença posicional que separa logicamente o Um do Outro. (LANDOWSKI, 2002, p. 13).

Observamos que, tanto na Favela Real Parque como na Avenida Nações Unidas, foram constituídas fronteiras demarcadas figurativamente no espaço que definem esses sujeitos coletivos. Nas relações entre ambos os sujeitos, se estabeleceu um processo de segregação motivado por diferentes estilos de vida e modos de viver que se contrapõem. Como um outro refletido, há um outro social configurado no outro lado do rio e, embora separados e segregados entre si, para ambos a presença do outro é vista e sentida. Sabemos que a alteridade (como o Outro) guarda invisibilidades que também perfazem a identidade do Um. Sendo assim, eles se ligam pelos sentidos contraditórios e essa conexão é dada, na visibilidade, pela ponte estaiada e pelos seus sentidos, tanto que os traços espaciais contrários e os diferentes modos de ser e de agir ainda podem ser vistos em ambos os lados, nos barracos remanescentes na Avenida Chucri Zaidan e nos edifícios e na megaloja de esportes no lado Real Parque. As formas de viver e as relações interativas desses sujeitos, de caráter polêmico, permitem ver a difícil construção da identidade do lugar que se mescla com valores que, ora se opõem ora se contradizem. Essa configuração possibilita observar na temporalidade e na espacialidade conflitos que determinam essa formação identitária, que não é só desse local, mas é também de toda a cidade de São Paulo. Naquela região, a conformação identitária também se faz ver ligada à espacialidade da ponte estaiada, pois, no seu programa de uso, conecta os sujeitos de um lado, conformando a continuidade, mas no seu programa mítico, como vimos no primeiro capítulo, configura a quebra e a descontinuidade temporal e espacial das interações dos sujeitos desses lugares. As práticas sociais serão temas aprofundados nos capítulos 5 a 7.

### **3.7 Espacialidades: discursos do Outro**

Sabemos que todo esse processo de transformação que permitiu ver a construção da ponte, bem como todas as alterações viárias no local, ocorreu pelas ações do poder público, viabilizadas pela Operação Urbana Consorciada, um instrumento de política urbana previsto

na Lei Federal nº 10.257/2001, conhecida como Estatuto da Cidade. O artigo 32, parágrafo único, define a operação urbana consorciada como:

[...] o conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Público municipal, com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados, com o objetivo de alcançar em uma área transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e a valorização ambiental.

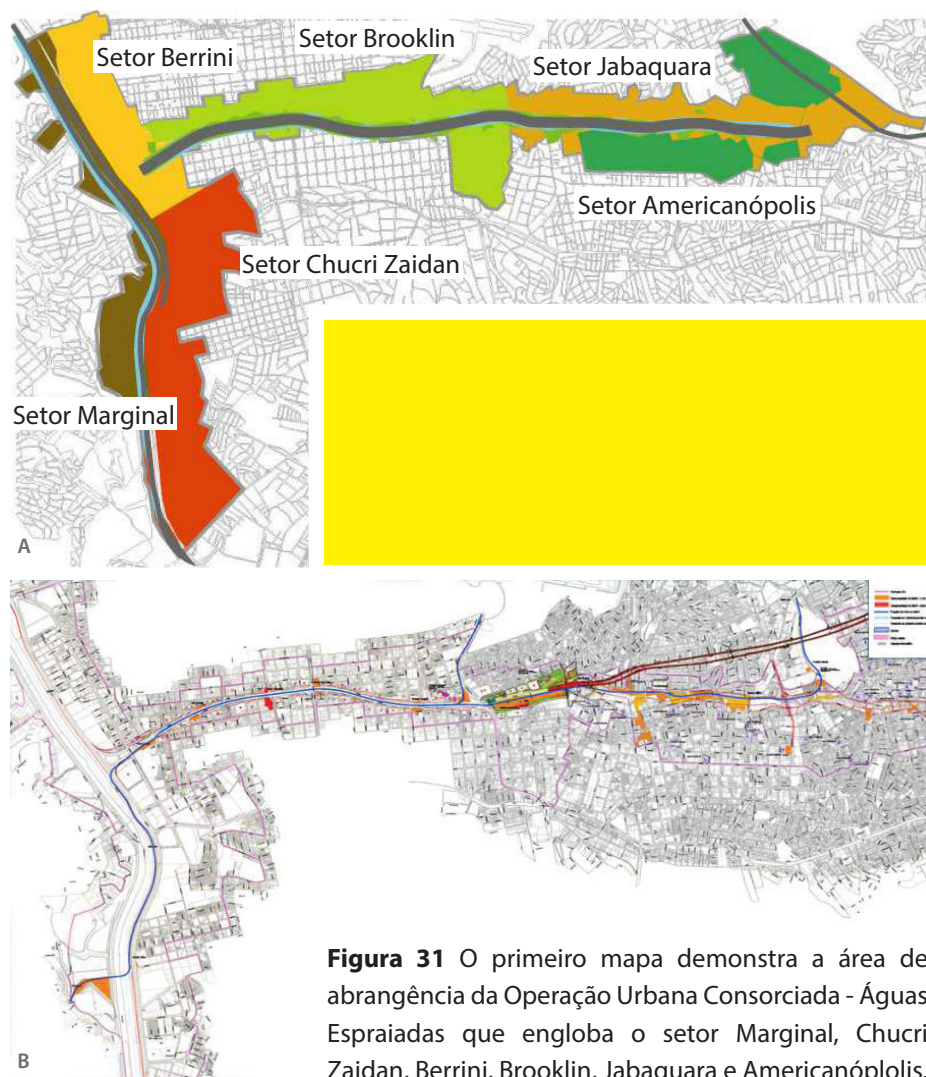
A construção do Complexo Viário Real Parque foi parte desse programa de urbanização, denominado Operação Urbana Consorciada – Águas Espraiadas OUC-AE, que também contempla a (re)urbanização dos setores Berrini/Marginal/Chucri Zaidan. Por meio desse programa legalizado, a Prefeitura de São Paulo pode estabelecer um novo plano de ocupação para a região. As obras viárias dessa operação ainda estão em andamento e em contínua mudança, provocando uma ampla transformação do traçado viário da região (Fig. 31).

As OUC previam a venda de CEPACs (Certificados de Adicional de Construção) das regiões próximas, ou seja, permitiram modificar a lei de zoneamento que estabelece o padrão de construção na cidade. A operação remete à administração Marta Suplicy (do Partido dos Trabalhadores, 2001-2004), quando foram regulamentados os CEPACs, títulos que poderiam ser emitidos pela prefeitura e utilizados para pagamento de obras ou leiloados na Bolsa de Valores. Na lógica dos investimentos financeiros, a valorização dos títulos é imperativa, o que obrigou a prefeitura, ao realizar a emissão dos CEPACs, a garantir as condições para que esses ativos se valorizassem ou se correria o risco de instituir uma espécie de moeda “podre”. Assim, foi considerada razoável a promoção dessa valorização por meio da concentração ainda maior de investimentos públicos. A OUC Águas Espraiadas, operação que viabilizou a construção da Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira, se deveu a essa especulação.

As primeiras emissões de CEPACs foram realizadas para a construção do complexo de pontes do Real Parque e para as habitações de interesse social. Na fase atual da operação, está prevista a construção de oito estações, ligando o Aeroporto de Congonhas à Estação Morumbi da Linha 9-Esmeralda da CPTM. Esse trecho, perpendicular ao rio Pinheiros, terá 7,7 km de extensão, com as estações Jardim Aeroporto, Congonhas, Brooklin, Vereador José Diniz, Água Espraiada, Vila Cordeiro, Chucri Zaidan e Morumbi, e o planejamento era que as estações estivessem prontas e funcionando até a Copa do Mundo de 2014. O monotrilho elevado em construção na Av. Roberto Marinho irá conectar a ponte estaiada ao bairro do Jabaquara e à Rodovia dos Imigrantes. Vemos que a área viária dessa espacialidade está em plena (re)construção (Fig. 32).

O estabelecimento dessa Operação vinculada aos CEPACs mudou o estatuto das forças dos destinadores que constroem o lugar. Como vimos anteriormente, até essa fase, a administração

## Perímetro da Operação Urbana Água Espaiada



**Figura 31** O primeiro mapa demonstra a área de abrangência da Operação Urbana Consorciada - Águas Espaiadas que engloba o setor Marginal, Chucrí Zaidan, Berrini, Brooklin, Jabaquara e Americanópolis. O segundo mapa sinaliza os processos de (re) urbanização dessas localidades, cujas “intervenções” do poder público transformam a vida desses bairros. Os sentidos de continuidade e descontinuidade estão fortemente significados nessa área da cidade. (Operação Urbana Consorciada Água Espaiada, Diretoria de Desenvolvimento e Gestão, Apresentação da 21ª reunião - 16 de dezembro de 2010).





**Figura 32** As etapas de construção do monotrilho elevado na Av. Roberto Marinho que irá conectar a ponte estaiada ao bairro do Jabaquara e à Rodovia dos Imigrantes, mostrando o processo de transformação pelo qual passa essa parte da cidade.



pública atuava no processo de (re)construção da área apenas por meio de seus agentes financeiros, como a CEF (Caixa Econômica Federal). Contudo, com a promulgação da nova lei, a Prefeitura começou a ser parte ativa do processo de transformação da região, não só como um agente público, mas também como um agente financiador que lucrava em uma clara operação comercial. Além da Prefeitura, muitos outros agentes financeiros internacionais vieram para a cidade com o intuito de participar dessa grande transação imobiliária, que aconteceu a partir de 2008 com o início da OUC-AE, configurando a força e o poder internacionalizado dos destinadores da região, que se mantêm até os dias atuais, como veremos no próximo capítulo.

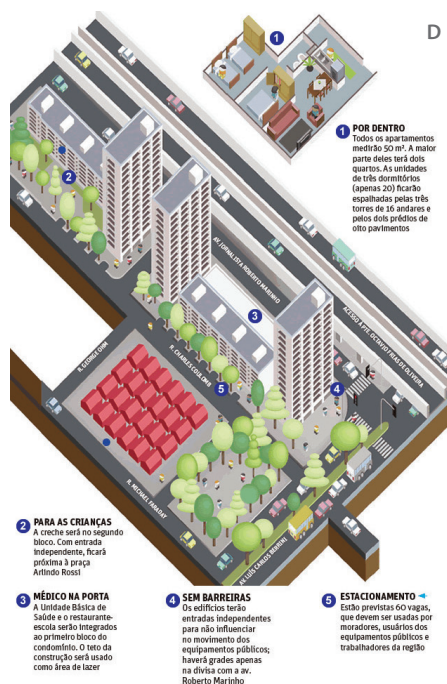
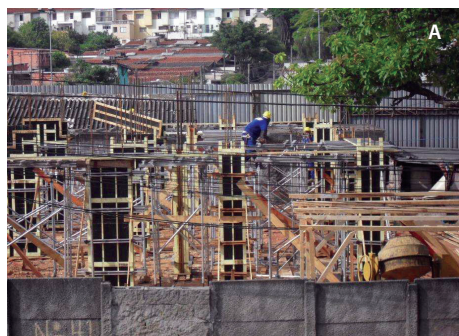
A partir da construção da Avenida Engenheiro Luis Carlos Berrini, e por toda a (re) urbanização da região, engendrou-se uma mudança identitária que redefiniu os novos modos de existir daquela localidade. Parte desse processo é resultante dos vários procedimentos de ordenação, próprios do regime da programação, das regras, leis e operações que viabilizaram as obras, os caminhos e a ocupação social que hoje está estabelecida na região. Além da Prefeitura Municipal de São Paulo, outras empresas da iniciativa privada – os incorporadores, os construtores e os agentes de crédito, todos destinadores manipuladores – foram beneficiadas pelas regras estabelecidas nas Operações Urbanas e fizeram parte desse processo de construção da região da ponte estaiada e do discurso manifesto sobre ela.

Esses sujeitos destinadores instauraram ali um novo estilo de viver, pautado pelas práticas empresariais. Usando uma analogia, podemos dizer que a região transformou-se de “Pessoa Física” (casas e residências de família) para “Pessoa Jurídica” (edifícios empresariais). Para se construir uma nova visualidade para a região (e para as empresas que lá estão) foi necessário segregar a população até então moradora do local, para fazer ver a visualidade de um novo bairro e de uma nova identidade que, para se fazer vista, pressupunha colocar na invisibilidade a sua formação original.

No livro *Presenças do Outro*, Landowski (2002, p. 6) aponta que o “grupo dominante não rejeita ninguém, e se pretende, ao contrário, por princípio, generoso, acolhedor”. Essa foi a estratégia racional discursivizada, desde o período da Bratke Collet até os dias atuais, com o modelo das operações consorciadas, em que se discursiviza os benefícios à localidade, ao ambiente e à sua população. Mas, temporalmente, o discurso foi diferente da prática, especialmente nas ações referentes à população residente no local. Mais de um ano depois da inauguração da ponte estaiada, em outubro de 2009, os principais investimentos continuavam concentrados nos projetos viários do Brooklin e a ponte estaiada ainda era o seu maior chamariz.

Em novembro de 2011, o relatório de acompanhamento das obras do grupo gestor da OUC-AE, que também gerencia a situação das HIS (Habitações de Interesse Social), indicava que a operação contemplaria 47 áreas com as novas moradias, totalizando 115 mil m<sup>2</sup> com potencial para atender, aproximadamente, 6,5 mil unidades habitacionais. Na prática, no final do ano de 2012, estavam sendo construídas apenas 817 unidades (Fig. 33).





**Figura 33** Nesta figura, vemos a transformação de locais de antigas favelas onde estão sendo construídas as H.I.S. (Habitações de Interesse Social) que é parte das disposições da OUC-AE e atendem a um percentual baixo da população que antes residia nos locais. A planta baixa é do novo Conjunto habitacional Jardim Edith, que foi construído na Avenida Roberto Marinho e já está sendo habitado. E uma imagem da única casa da antiga favela que, cercada por obras, permaneceu de pé até junho de 2012.



Landowski postula que o processo de assimilação do outro é regido pelo racional, pelo “pensado”, pelo estrategicamente planejado, como constamos acima. Ao contrário, o processo de exclusão se dá por pressuposição, é regido pela paixão, como, por exemplo, nos movimentos radicais contra etnia, raça e religião. Entre esses dois opostos existe uma gama de possibilidades de segregação, do vizinho que não se cumprimenta até os guetos excluídos socialmente. Segundo o autor, a segregação pode ser pela via econômica, pré-estabelecida, mas essa forma, embora muito frequente, é “posicional”. As instâncias mais significativas são aquelas que se instauram no “viver” social, nas diferenças que vão se formando no cotidiano e podem ser capturadas e figurativizadas nas práticas da cidade.

Em relação às comunidades, verificamos que existe um processo de segregação pela via econômica, que determinava os que eram “favelados”, sem levar em conta que eles conviviam lado a lado com a comunidade residente na área. Por anos essa situação se manteve em boa convivência social. Somente após a chegada das empresas é que de fato a comunidade foi desapropriada e, portanto, oficialmente segregada. O último morador do último núcleo do Jardim Edith, o pipoqueiro José Marcos Carneiro de Santana, o Marcão da Pipoca, foi desapropriado em junho de 2012, depois de morar 40 anos no local.

Mariana Fix (2009, p. 49) afirma que “entre dezembro de 1995 e janeiro de 1996, a maior parte dos moradores do Jardim Edith foi violentamente expulsa, retirada que representou, porém, mais do que a remoção de um obstáculo, a possibilidade de grandes ganhos”. Os artigos da autora mostram como o processo ocorreu, em seu ponto de vista, e como os destinadores tratavam a (não) divulgação dos acontecimentos, que foram, segundo a autora, omitidos da população. Ela escreve que:

As ameaças para que abandonassem suas casas rapidamente, aceitando a proposta da Prefeitura, a falta de alternativa dada aos moradores, as tentativas de corrupção das lideranças, as péssimas condições dos alojamentos provisórios descritos por eles como “campos de concentração”, os cortes de água e luz, os tratores e caminhões de mudança que rondavam os bairros “feito urubus”, a pressão psicológica, a saída de cena da Prefeitura – que deixou as empreiteiras negociarem diretamente com a população –, enfim, toda a sorte de violência e terror praticados contra os favelados e de ilegalidades cometidas pela Prefeitura durante a remoção [...] foi omitida nos relatos publicados em revistas especializadas e nas falas dos promotores imobiliários entrevistados (FIX, 2007, p. 100).

O texto crítico descreve os acontecimentos de forma intensa e, em seu enunciado, instaura um enunciatório distante do ocorrido, como um observador daquela situação. Ao mesmo tempo, como destinador do discurso, busca a adesão do destinatário-leitor com o uso

estratégico de expressões como “péssimas condições”, “a sorte de violência e terror”, “pressão psicológica” e, em especial, as expressões grafadas entre aspas: “campos de concentração” e “feito urubus”, que provocam efeitos de sentidos de repugnância, de ojeriza àquela situação, convocando o leitor a acreditar e a compartilhar essa crítica.

Para efeito de estudo, buscamos um discurso de um dos destinadores das obras que foram realizadas naquela região, com ponto de vista diferente do da autora citada. O trecho do discurso do destinador, que representa as empresas privadas, foi retirado do site oficial do WTC-SP. Podemos averiguar como a empresa procura persuadir o destinatário-leitor sobre os acontecimentos realizados naquela ocasião. Segundo o *site*:

O bairro Brooklin Novo despontava como potencial centro de business, mas não havia prédios. O cenário apresentado era composto por ocupações clandestinas que contrastavam com a possível expansão de uma área econômica paulista. Com o surgimento dos empreendimentos, os empresários sentiram a necessidade de organizar uma associação que mapeasse o bairro, e buscasse soluções de investimento que reverteresse tal situação. Em parceria com a Prefeitura do Estado de São Paulo e a Secretaria do Bem-Estar Social gerou-se benefícios reais para estes moradores e, conseqüentemente, para as novas empresas. Em 2001, Gilberto Bomeny, CEO do WTC-SP e precursor desta ação, foi convidado para ministrar uma palestra em Nova York, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) pelo empenho para a resolução de uma causa socioeconômica (Site World Trade Center - São Paulo, 2012).

Esse texto descreve a situação sob um ângulo de visão totalmente diverso ao da teórica, utilizando outras estratégias para convencer o leitor. Na primeira frase, por meio de *debreagem*, o enunciador coloca o leitor em um lugar projetado e, em seguida, com o uso do vocábulo “mas”, aponta a problemática para a provável impossibilidade do alcance do potencial e desejado futuro. Em seguida, *desembreia* o discurso, apresentando a situação. A partir dessa operação discursiva, expõe a oposição principal, com o uso do verbo “contrastar” (entre a população vivente no local e a expansão econômica) e segue traçando os argumentos do discurso, descrevendo as ações realizadas no passado para alcance do objetivo proposto.

Ambos os trechos discursam sobre o mesmo fato, uma mesma situação ocorrida naquela época. Cada um responde aos objetivos do destinador, fazendo ver as estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador para dar ênfase e veracidade ao ponto de vista defendido. Os dois enunciados discorrem sobre um mesmo sujeito coletivo, representado pela comunidade, que é tratada de maneira oposta: no primeiro, como moradores favelados e, no segundo, como moradores de ocupações clandestinas. Já as empresas privadas, também sujeito do discurso,

são mostradas de forma oposta nas duas citações: são vilãs e malfeitoras no primeiro texto (“ameaçando”, fazendo “tentativas de corrupção” e “pressão psicológica”) e, no segundo, são apresentadas como “organizadoras”, “solucionadoras” e “contribuintes” para a região.

Na citação de Mariana Fix, as expressões “campos de concentração”, “feito urubus” e “violência e terror” instalam o antissujeito, responsável por essas ações, figurativizado nas empreiteiras e na Prefeitura, que se tornam sujeitos do discurso que praticam a violência e toda a sorte de ilegalidades, motivos instauradores da relação polêmica entre destinador e destinatário.

No segundo trecho, destinado pela empresa *World Trade Center São Paulo*, as expressões “ocupações clandestinas” e “moradores” também instalam o antissujeito, figurativizado na comunidade favelada, instalando a defrontação entre sujeitos da narrativa. No entanto, nesse caso, se apresenta uma estrutura narrativa em relação contratual, ou seja, manifestada por uma troca e por um contrato em que as partes entram em acordo, pois há uma relação sobre os benefícios para a população.

### **3.8 Espacialidades: a rede de ligação programada**

Da mesma forma que naquela região um novo edifício é constantemente levantado, uma família da comunidade é transferida e uma casa residencial vira comércio. Na topografia das vias, também ocorre esse processo de transformação, pois todo o ambiente está em contínua (re)construção. No sistema viário, ruas se transformam em avenidas, passagens em pontes, passarelas em monotrilhos, configurando uma rede que se altera e é motivada para ser a conexão de toda a cidade e de todo o Estado de São Paulo. Na espacialidade viária, muitas obras dão a ver um processo de mudança contínua em que novos caminhos, acessos e aberturas estão sendo realizados, dinamizando ainda mais a região.

Atualmente, a topografia da região é delimitada pelas Avenidas dos Bandeirantes, das Nações Unidas, Santo Amaro e Morumbi, vias que marcam suas fronteiras com o Brooklin Velho e os bairros da Vila Olímpia, Moema, Vila Cordeiro e o distrito do Morumbi (Fig. 34). O centro desse local é cortado pela mais nova Avenida Roberto Marinho que, no seu final, cruza com a Avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini que, por sua vez, é delimitada por duas pontes: a Engenheiro Ari Torres e a Morumbi. A primeira dá acesso, por uma alça, à Marginal Pinheiros e termina na Avenida dos Bandeirantes, constituindo-se como uma alternativa bastante congestionada para a ida ao Aeroporto de Congonhas e à Avenida Washington Luís. O outro acesso é dado pela passagem sob o Viaduto República da Armênia, por meio do qual se chega à Rua Funchal, ligando a região ao bairro do Itaim e às Marginais (em direção à zona oeste) ou, pelo mesmo acesso, à Avenida Santo Amaro (cujo extenso corredor de ônibus leva em direção ao centro da cidade). Em direção ao Morumbi, o acesso é realizado pela ponte de mesmo nome e conduz à área mais ao sul da capital. Outro corredor é formado pela Avenida





**Figura 34** Mapa que mostra a topografia do bairro do Brooklin Novo e as principais avenidas que dão acesso a diferentes partes da cidade, configurando a região como um local de passagem e conexão viária de São Paulo.

Roberto Marinho, ainda em construção, que possibilitará o acesso direto ao Jabaquara e à Rodovia Imigrantes, desafogando a Avenida dos Bandeirantes.

Todas essas avenidas são corredores viários com grande fluxo de ônibus, carros e pessoas. A Marginal Pinheiros e a Avenida Nações Unidas são vias expressas e permitem aos automóveis trafegarem a velocidade máxima de 90 km/h. Localiza-se também na Avenida Nações Unidas a linha 9 Esmeralda da CPTM, que liga a Estação Ceasa ao Grajaú, sentido Santo Amaro. É nessa linha, bem próxima à ponte estaiada, que está instalada a Estação Berrini, inaugurada em 14 de junho de 2000, considerada modelo. Ela conta com terminal de ônibus urbano e integração com ônibus intermunicipal, atendendo a todas as necessidades de acessibilidade para qualquer tipo de portador de deficiência. A região também é servida por várias linhas de ônibus, em sistema integrado com a CPTM, e algumas possuem o término na própria avenida, como, por exemplo, as linhas Vila Guacuri, Metrô Conceição, Metrô Armenia e Metrô Vila Madalena. Junto à estação está localizada uma das entradas para a ciclovia, que fica ao lado do rio e da linha férrea. A área parece ser bastante capilarizada, oferecendo mobilidade aos cidadãos, principalmente aos motorizados. Condições diferentes são encontradas por aqueles que se locomovem por meio do transporte público ou a pé, pois ainda se aglomeram nas paradas de ônibus e na plataforma da estação de trem, apesar de toda a infraestrutura descrita anteriormente.

As avenidas, a linha da CPTM, a ciclovia e as linhas de ônibus cumprem um programa narrativo de uso ao realizar o movimentar contínuo dos sujeitos pela cidade. Deslocamento que se faz ligando as Zonas Oeste, Norte, Leste e Centro à Zona Sul da cidade, levando as pessoas de um lado da metrópole para o seu oposto. A extensão dessas vias, seus entroncamentos e sua circulação produzem a narrativa da região.

A ponte estaiada conecta a Avenida Roberto Marinho às Marginais do Rio Pinheiros nas duas direções e é um local de passagem fundamental para a movimentação nas grandes vias da capital paulista. À época da inauguração da ponte, a Prefeitura de São Paulo divulgou massivamente que a obra facilitaria os caminhos para diferentes bairros e regiões da cidade. Segundo uma das declarações oficiais do Prefeito, esse foi o principal motivo para a sua construção. Em uma manifestação pública, o então Prefeito Gilberto Kassab<sup>3</sup> disse que:

[...] a ponte estaiada permitirá a diminuição de 40 minutos no tempo de percurso de veículos da Marginal Pinheiros à região do Jabaquara e à Rodovia dos Imigrantes, na zona sul. E completará, junto com o Rodoanel, os acessos diretos para todas as estradas (Portal G1, 2008).

---

3. Portal G1 – matéria intitulada Serra: parceria com prefeitura não é recado eleitoral publicada em 10/05/08.

Na declaração do destinador da administração pública observamos a tentativa de sensibilizar a população, configurando a região como via de conexão e de acesso para toda a cidade, o que sem dúvida é para envolver a população com a obra para todos projetada. O argumento que ele usou foi o da diminuição do tempo para percorrer o trajeto e facilitar o acesso a essas regiões da cidade. Nesse discurso, o destinador-administração pública lança o destinatário-população para uma temporalidade futura, projeta o enunciário de um “aqui/agora” para um momento futuro, um “lá/então” que aponta o alcance dos objetos desejados: o tempo, referenciado por sua medida de 40 minutos, e o espaço mencionado pelos nomes dos bairros, ambos valores investidos virtualmente na ponte estaiada.

Sabemos que o trânsito na cidade é um dos piores do mundo e que essa questão é bastante sensível para a população. A promessa de facilidade e de mobilidade de acesso a qualquer ponto da cidade, que seria dada por essa rede viária, convoca o objeto de valor objetivado pelo sujeito destinatário que, pela promessa do destinador, poderia ser obtido na construção da ponte estaiada. A prática social mostra claramente essa questão identitária de São Paulo, pois, na sexta-feira anterior à inauguração da ponte, os jornais paulistanos divulgaram o recorde de trânsito na cidade e no mundo: 265 quilômetros de carros quase parados pelas principais ruas e avenidas. Na reportagem intitulada “Conheça os piores trânsitos urbanos do mundo”, publicada no portal Terra em 2010, consta o seguinte trecho:

Em 9 de maio de 2008, São Paulo bateu o recorde de maior congestionamento do mundo, quando veículos se estenderam por mais de 265 km de lentidão nas ruas da cidade. Diariamente, muitos paulistas enfrentam até quatro horas de engarrafamento, que frequentemente superam 160 km de paralisação.

Nas duas citações, observamos que a medida do tempo é discursivizada. No primeiro, a diminuição do tempo gasto para percorrer um trajeto e, no segundo, pelo “enfrentamento” do engarrafamento e da paralisia que faz com que se gaste tempo.

O uso do termo “tempo” permite perceber, no discurso, o sentido que é produzido: um viver que acontece paralisado, sem poder se movimentar, ou seja, inerte, uma situação que surrupia do sujeito mais tempo para viver livremente. Ao invés de estar disponível para outras experiências e para o convívio, se está aprisionado no trânsito engarrafado, paralisado como se o tempo tivesse parado também. Essa questão mostra o objeto de valor dos sujeitos e retoma os valores da axiologia apreendida no quadrado semiótico da ponte.

Se, no início do capítulo, analisamos que o descontínuo está presente na espacialidade colocada nas fronteiras visuais, nesse momento temos a temporalidade regendo o descontínuo, figurado na paralisia e no congestionamento dos automóveis. Se o percurso narrativo da ponte estaiada foi constituído para ligar e manter a continuidade da movimentação, vemos



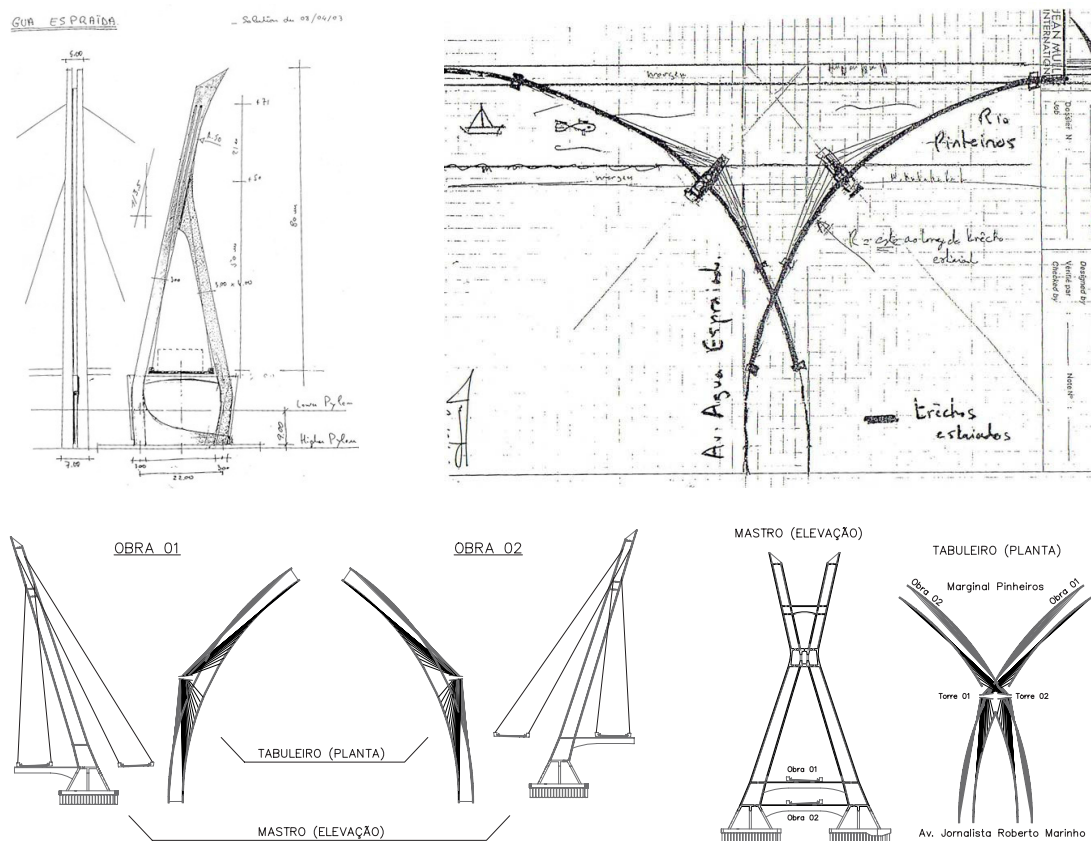
algumas implicações nessa narrativa, que passa por alguns revezes. Inicialmente, pelo sentido de ligação, como traço posicional da continuidade, agravado pelas condições de mobilidade do trânsito, que em certas horas do dia fazem a movimentação parar por completo. Além disso, esse sentido de ligação se coloca em cheque naquele local, que se configura como um lugar em transformação com obras infinitas que por enquanto não ligam e descontinuum os caminhos da cidade com bloqueios e desvios, inclusive abaixo da ponte estaiada.

Além do mais, a lentidão que impera nas altas horas de congestionamento, fazendo ver os automóveis parados, impedindo a ponte de cumprir a função de seu programa de uso, mostra que essa forma de estar, de circular e de viver na cidade está ameaçada. As escolhas da administração pública privilegiaram o meio de circulação individual e motorizado. Em todos esses anos, o poder público investiu milhões em estruturas como a ponte, sem investir massivamente no transporte público, privilegiando a mobilidade por carro e desestimulando a mobilidade por linhas férreas e intermunicipais (uma forma coletiva de se movimentar na cidade). Essas ações vão ao encontro do que deveria ser a administração pública, cujo papel é o de zelar pela coletividade. Mas, ao contrário, ela se prestou a cuidar dos cidadãos quase como somente proprietários de automóveis, pelo menos no que tange ao transporte urbano. É nessa situação caótica que se encontra o trânsito na cidade e a ponte estaiada, como símbolo da movimentação e da circulação, se coloca como uma descontinuidade, no sentido que produz uma ruptura do seu propósito existencial.

**CONSTRUÇÃO DA PONTE  
ESTAIADA: REDES DE  
VISIBILIDADE LOCAL  
E GLOBAL**



**Figura 35** Desenho do projeto básico para a primeira licitação das pontes da Prefeitura Municipal de São Paulo, em que a cor vermelha é utilizada para simbolizar São Paulo, dando a ver a intencionalidade do destinador.



**Figura 36** Projetos da junção das torres em um mastro único realizados pela consultoria Charles Lavigne Architecte e pela empresa Jean Muller International em abril de 2003.



*A minha Europa é a Europa das pontes, que é o que faço.  
A história da Europa se construiu com ligações, com pontes,  
dos antigos mosteiros até a Universidade. Para mim, uma das  
instituições mais eficazes é a Universidade, ela contém a  
noção de trocas, de viagens e encontros, de vínculos.*

Santiago Calatrava (2009)<sup>1</sup>

**O plano de construção da ponte estaiada foi iniciado na gestão da Prefeita Marta Suplicy** com a licitação para realizar o projeto de engenharia. No edital da obra, foi solicitado um projeto básico, com duas pontes estaiadas que passariam sobre o Rio Pinheiros. Essa licitação foi vencida pela empresa Enescil Engenharia de Projetos. No projeto básico apresentado pela empresa para a licitação constavam duas pontes separadas, com vias estaiadas que seriam suportadas por mastros vermelhos, representando a cidade e o Estado de São Paulo (Fig. 35). O cruzamento entre as duas pontes ocorreria bem próximo à Avenida Jornalista Roberto Marinho. Nesse primeiro desenho do projeto, se fez ver a intencionalidade dos destinadores, pois definiram, em sua visualidade, que as pontes apresentariam um discurso composto pelas cores emblemáticas da cidade e do Estado de São Paulo.

No período de desenvolvimento do projeto, a empresa Enescil contou com a participação de uma consultoria francesa, contratada pela Prefeitura de São Paulo, que trouxe o engenheiro Guy Fremont, da Jean Muller International, e o arquiteto Charles Lavigne, da Charles Lavigne Architecte, ambos experientes nesse tipo de construção viária. Os consultores fizeram um estudo próprio, que auxiliou na estruturação do projeto executivo das pontes. A dupla propôs novas técnicas de engenharia e de posicionamento das torres, que viabilizaram a junção de ambas, que seriam suportadas com o entrelaçamento dos estais em um mesmo mastro (Fig. 36). No período de aprovação do projeto executivo, foi contratado o escritório Valente & Valente para a realização do projeto arquitetônico, com o objetivo de fazer ver uma estética harmônica à grande estrutura.

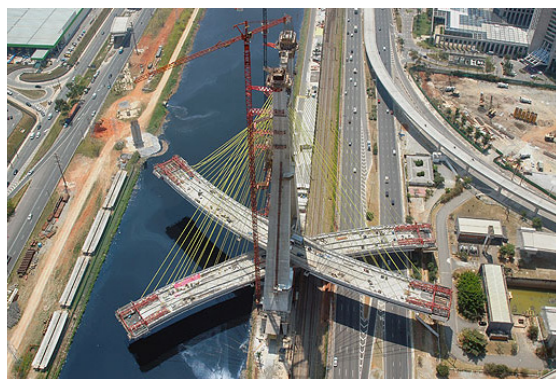
A construtora baiana OAS, também escolhida em licitação, ergueu a ponte estaiada, assumindo a empreitada com o suporte de profissionais da empresa Mendes Júnior e sob a supervisão da Prefeitura de São Paulo. Iniciada em 2003 e finalizada em 2008, a construção envolveu 420 funcionários que trabalharam em dois turnos.

Foi previsto um custo de aproximadamente 184 milhões de reais para a construção do complexo em si e mais 40 milhões de reais para a sinalização viária, a drenagem e a pavimentação. Aconteceram adequações no projeto executivo para ajustes ao uso da

1. Entrevista intitulada "Santiago Calatrava, Arquitecto: A minha Europa é a Europa das pontes multiculturais" concedida por Santiago Calatrava à Euronews de Portugal, divulgada em 30/05/2009 pelo canal Euronews do youtube.



**Figura 37** Detalhamento das fases de construção do entrelaçamento das duas pontes em um único mastro, o que exigiu equilíbrio perfeito entre os segmentos estaiados.



**Figuras 38 e 39** Uma das inovações da construção da ponte foi o espaçamento mínimo de 10 cm entre os estais para o inédito entrelaçamento.



**Figuras 40 e 41** A verticalidade da ponte se fez pelo mastro de 138 m, altura necessária para o funcionamento das rampas de acesso. Na horizontalidade, as alças para acesso local às pistas expressas da Marginal sofreram alterações nas fundações pela presença da estação de tratamento de água.

espacialidade topográfica. Abaixo do rio Pinheiros, e transversalmente à ponte, localiza-se a central de bombeamento, com uma rede de tubulações que controla a vazão e eleva as águas do córrego Águas Espraiadas. No nível do solo, ao lado da ponte, encontra-se a linha de trem da CPTM e, acima da ponte, as linhas de transmissão da Eletropaulo. Foi especialmente preocupante o espaço onde se encontra enterrada a linha de transmissão elétrica Xavantes (a maior do país), que abastece um terço da metrópole paulistana com 345 KV de tensão, de propriedade da Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia): essa linha de transmissão fica sob a estrada que margeia o rio e não podia ser interditada. Todos esses equipamentos urbanos implicaram alterações no projeto executivo da ponte estaiada. As imagens divulgadas pela Prefeitura de São Paulo e publicadas pela Revista *Techne*, em março de 2008, mostram as etapas do desenvolvimento da obra, o detalhamento técnico e os cuidados necessários em sua construção (Figs. 37 a 41).

A edificação da ponte estaiada contou com a aplicação de técnicas inovadoras de engenharia que geraram repercussão internacional à obra e à cidade, e a fizeram ser vista e reconhecida mundialmente por causa da inédita construção de duas vias estaiadas suportadas por um único mastro. A solução que responderia à necessidade de adequação ao espaço, e também propiciaria economia financeira, foi viabilizada com o travamento das pistas no interior do mastro, que melhoraria o controle do impacto do vento sobre a rede de cabos e as pistas estaiadas, proporcionando maior estabilidade para a ponte.

A segunda inovação se fez na determinação do espaçamento entre os cabos nos estais: não havia, no mundo, referência técnica sobre essa questão. Após muitos estudos, foi definido que os cabos teriam de 10 a 20 cm de distância entre deles, garantindo que nenhum cabo se tocassem no entrelaçamento dos estais.

Durante a construção, ocorreram muitas polêmicas que, inclusive, atrasaram a conclusão da obra. A primeira ocorreu durante a troca de mandato na Prefeitura de São Paulo. Quando o então eleito Prefeito José Serra assumiu o comando, usou de sua autoridade e solicitou uma revisão de todo o projeto para analisar sua viabilidade, fato que postergou o início da construção por alguns meses. Durante a execução da obra, muitos urbanistas se opuseram à sua realização, fazendo saber que, em suas opiniões, a ponte estaiada retratava outros objetivos, como o de consolidar uma nova centralidade para a cidade que, unicamente, atenderia aos interesses particulares dos destinadores envolvidos nesse fazer um novo parecer para a região.

Muitas críticas foram tecidas à época, pois o grupo de arquitetos e urbanistas considerava a ponte estaiada uma obra desnecessária para a transposição viária do rio Pinheiros. Segundo esse grupo, os agentes financeiros e construtores tinham apenas interesses econômicos



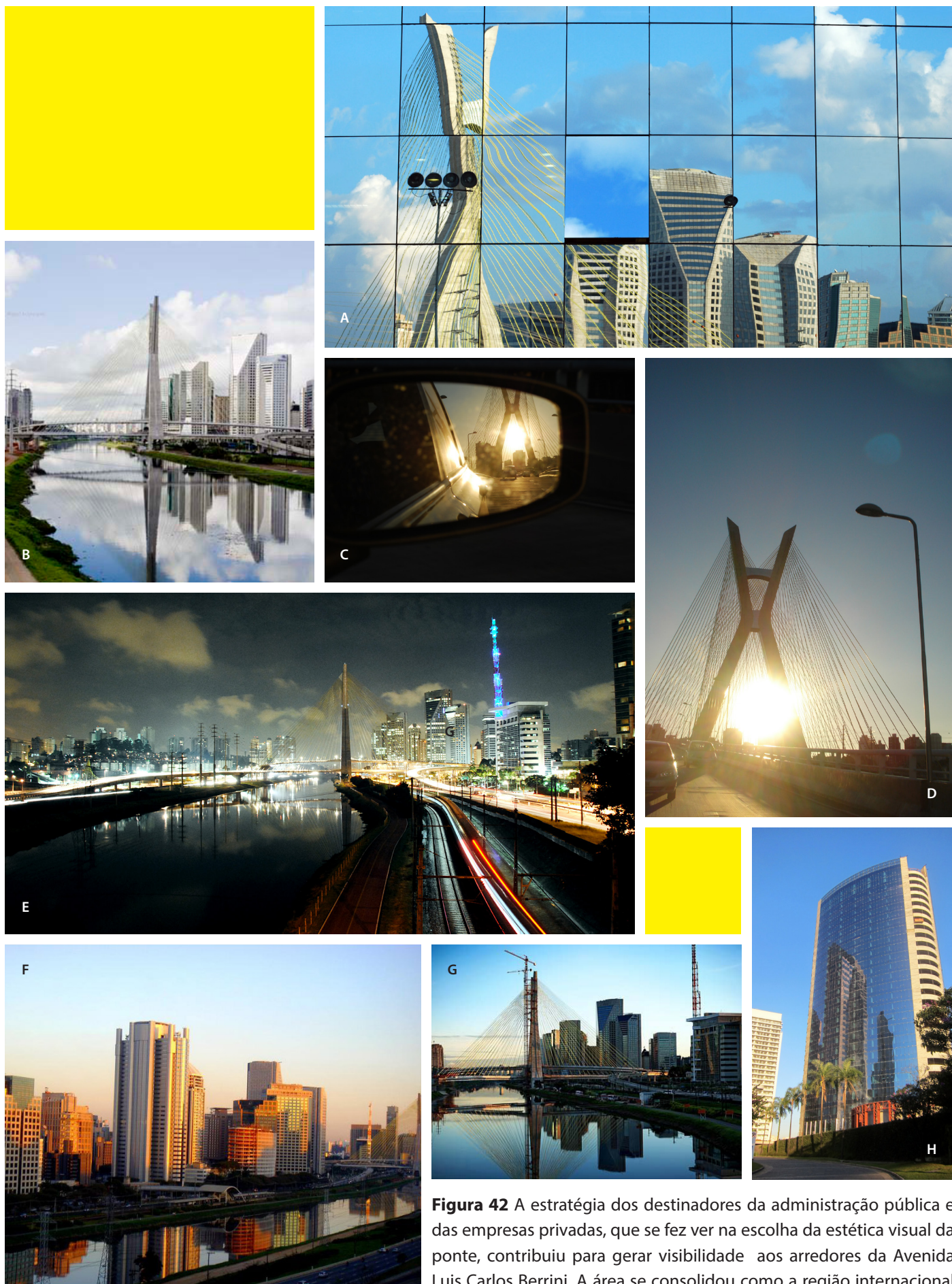
e, fazendo-se parceiros da Prefeitura de São Paulo, programariam uma nova visibilidade para a área, fazendo-a ser a mais empresarial e globalizada na cidade, com o objetivo de poder atrair novos investidores e empresas para o local. Uma das principais representantes dessa corrente, Mariana Fix, urbanista conceituada e autora do livro *São Paulo cidade global*, escreveu a esse respeito:

A solução dos tabuleiros suspensos por cabos – mais complexa do que uma transposição convencional do rio e ainda pouco experimentada no Brasil – produziu a espetaculosidade almejada pela prefeitura, que pretendia fazer da obra um “chamariz” para o mercado imobiliário, mais do que uma solução para o problema viário. (FIX, 2009, p. 41).

Como destinadores da obra, as instituições governamentais e as empresas privadas, na vertente oposta, procuraram fazer valer a decisão, discursando sobre a importância da construção da ponte estaiada em um mesmo mastro. É possível depreender essa intencionalidade nas declarações do engenheiro Catão Francisco Ribeiro (2007):

[...] o mastro em “X” nasceu da necessidade estrutural gerada pelas condições de infraestrutura da região, onde existiam diversas intervenções de outras empresas, como o canal de adução e a estação de bombeamento do córrego Águas Espraiadas da EMAE e também as linhas de transmissão da Eletropaulo, além da linha da CPTM e a própria via da Marginal Pinheiros, todas, obras imensas e de difícil transposição. (RIBEIRO, 2007).

Em outra declaração, o engenheiro afirma que a solução do entrelaçamento das pontes em uma única obra com o mastro em “X” não era consenso, principalmente por parte de outros envolvidos que a viam como uma solução grosseira. Segundo Ribeiro, “para resolver essa questão foi contratado o arquiteto João Valente, designado a fazer a obra ter um aspecto mais bonito e elegante, arredondando linhas, escolhendo frisos e cores, buscando um equilíbrio harmônico, que hoje se vê na ponte estaiada”. Além da narrativa de minimizar o conflito instaurado, no nível do discurso, a questão ligada à estética da ponte estaiada fazia saber a preocupação com a construção de uma visibilidade específica para a área. Para os destinatários – críticos da construção da ponte – esse era um objetivo claro. A urbanista Mariana Fix (2009) afirmou que a ponte estaiada e seus arredores com os edifícios Cenu e o Plaza Centenário, e o *skyline* se constituiriam como uma marca: “Em um processo constitutivo que o aproxima das estratégias empresariais de posicionamento de marcas comerciais e da edificação de um simulacro que projeta a cidade global” (Fig. 42).



**Figura 42** A estratégia dos destinadores da administração pública e das empresas privadas, que se fez ver na escolha da estética visual da ponte, contribuiu para gerar visibilidade aos arredores da Avenida Luis Carlos Berrini. A área se consolidou como a região internacional de São Paulo por abrigar as empresas multinacionais, tornando-a um polo do poder econômico mundial e fazendo com que a cidade alcançasse o status de “cidade global”.



#### 4.1 As redes discursivas que tornaram a ponte estaiada midiática

Narrativamente, o fazer estratégico dos destinadores, sejam eles a Prefeitura de São Paulo, as construtoras, os agentes financiadores, etc., indicava a intencionalidade de criar uma “nova São Paulo, um simulacro de uma cidade global”. Para dar conta desse intento, foram convocados outros destinadores, que deram voz a esse discurso. Um dos principais foi a Rede Globo de Televisão.

Uma das primeiras estratégias discursivas do poder público foi, justamente, dar visibilidade à área pela nomeação da ponte e de seu entorno. O nome escolhido já indicou a intencionalidade: um personagem público, midiático, representante do empresariado, que divulgou São Paulo, por meio de seu jornal, para o Brasil e para o mundo. A estratégia também é feita ver na nomeação atribuída para a localização dos acessos viários próximos: a ponte estaiada *Octávio Frias de Oliveira* pode ser acessada pelo viaduto *José Bonifácio Coutinho Nogueira*, que desemboca na Avenida *Roberto Marinho*.

José Bonifácio Coutinho Nogueira foi fazendeiro, usineiro, pecuarista e secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, tendo construído o Ceasa. Na área das comunicações, foi o primeiro presidente da Fundação Padre Anchieta e dirigiu a TV Cultura desde sua criação até 1972. Posteriormente, ele fundou a EPTV (Empresa Paulista de Televisão), afiliada da Rede Globo na região de Campinas e de Ribeirão Preto, em uma área que abrange 299 municípios.

Roberto Marinho construiu o império que hoje é as Organizações Globo, cuja principal representante é a emissora. O empresário herdou o jornal O Globo, constituído por seu pai, Irineu Marinho, e depois fundou uma cadeia de rádios, que inclui a Rádio Globo e a Rádio CBN. Em 1965, ele inaugurou a Rede Globo de Televisão, que se tornou a principal emissora de televisão do Brasil e a segunda maior do mundo. A Rede Globo fez ver todas as suas forças na produção de telenovelas, que são exportadas para inúmeros países, inclusive a China. Atualmente, suas empresas formam um império de mídia com imensa influência social e política no Brasil.

A emissora construiu sua sede paulista nesse bairro, que se consolidou como uma região empresarial de São Paulo. Em abril de 2007, foram inaugurados, ao lado da ponte estaiada, os dois edifícios da Avenida Dr. Chucri Zaidan, especialmente projetados para geração de jornalismo e de entretenimento, com dois estúdios de 400 e 600m<sup>2</sup>. O conglomerado tem entrada pela Rua Evandro Carlos de Andrade, via que recebeu o nome do ex-diretor da Central Globo de Jornalismo e um dos participantes da implantação do canal Globo News. O prédio, denominado Edifício *Jornalista Roberto Marinho*, abriga, no último pavimento, um “glass studio” (estúdio panorâmico envidraçado) com vista para a ponte estaiada. Esse estúdio iniciou suas atividades no dia 12 de maio de 2008, dois dias após a inauguração da ponte.



Como um dos principais, senão o principal destinador midiático, a Rede Globo foi também responsável por fazer ser e fazer ver o discurso emblemático de um novo monumento viário e também fez ver a mais “nova cidade” que, até aquele período, era apenas reconhecida pela Avenida Paulista. Uma São Paulo global, a partir da imagem retransmitida diariamente do entorno da ponte estaiada e distribuída para o mundo todo. A emissora fez com que a ponte estaiada fosse o símbolo de sua atuação “paulista”, veiculando a imagem da ponte estaiada em vários de seus programas, tanto na televisão como na internet.

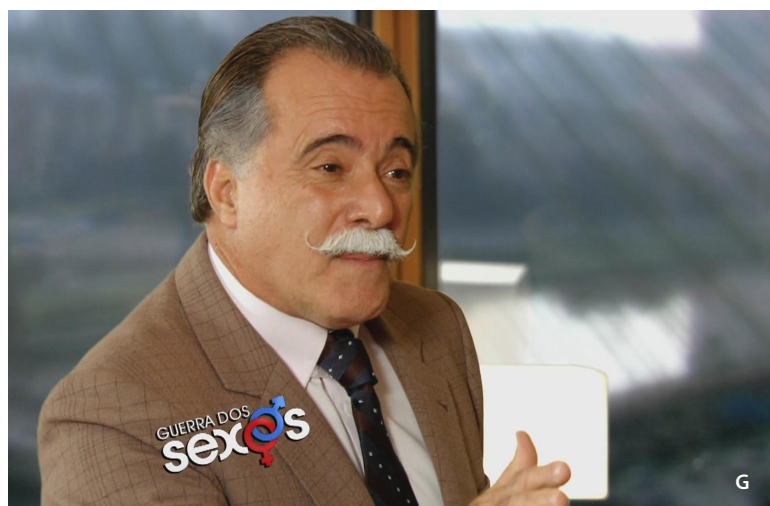
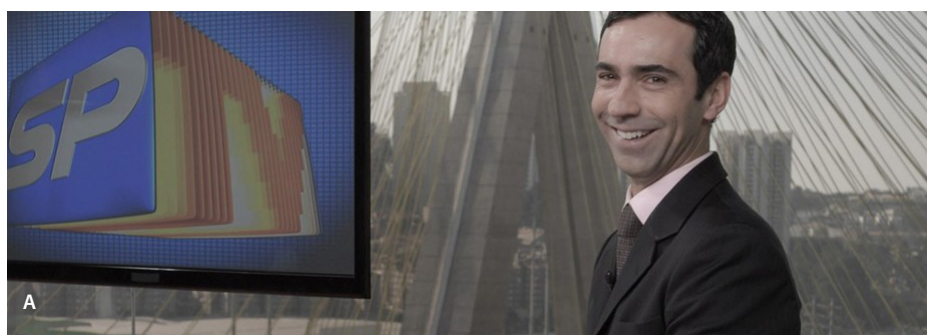
As aparições da ponte estaiada ocorrem, diariamente, nos telejornais *SPTV* – 1ª e 2ª edições, *Bom dia São Paulo* e *Bom Dia Brasil*, nas participações de São Paulo. Foi vista também em diversas novelas, principais produtos de exportação da emissora, como a antiga *Passione*, a segunda versão de *Guerra dos Sexos* e a recém-lançada *Amor à Vida*, em que a ponte aparece tanto em suas cenas como também figura em sua abertura diária, junto a outros ícones emblemáticos da cidade de São Paulo, como o Masp, o Copan e o Edifício Banespa.

A ponte é divulgada também nos programas de canal fechado, como no programa de notícias *Manhattan Connection*, do canal pago da Globosat, transmitido para o Brasil e para o mundo diretamente de Manhattan, em Nova Iorque, de Veneza, na Itália, e de São Paulo, e reforçando essa imagem de “cidade global”, é vista em todos os anúncios da programação paulista da Rede Globo, especialmente o veiculado em janeiro de 2013 sobre o jornalismo paulista e as comemorações do aniversário da cidade de São Paulo (Fig. 43).

Como um forte destinador, a Rede Globo de Televisão não só pode dar nomes para as ruas e para o viaduto, explicitando sua intencionalidade de se fazer “dona” do território, mas também encampou, englobou – no sentido literal, associativo e semiótico – a ponte estaiada, discursivizando sua imagem em rede nacional e internacional.

Essa estratégia discursiva foi corroborada por outro forte destinador: a Prefeitura de São Paulo. Ela fez valer a nomeação das vias públicas e, em parceria com a Rede Globo, realizou diversas outras ações, como eventos esportivos e culturais – alguns até internacionais –, usando a ponte como um palco para fomentar a opinião pública, fortalecer questões políticas e consolidar a imagem de uma São Paulo “cidade global”. Essas ações contribuíram para que a área se tornasse uma região midiaticizada, conectada em rede com o mundo, como se referiu Fix (2009), um “simulacro de cidade globalizada” que, como outras cidades globais, tem exterioridades que a significam como tal: prédios altos de paredes espelhadas que se autorrefletem e grandes monumentos recém construídos. Lemos no site da Prefeitura de São Paulo dizeres que fazem ver essa intencionalidade desde a época da construção da ponte. A PMSP afirma que:

A ponte estaiada virou ponto de referência na cidade antes mesmo de ficar pronta. Durante a construção, diversas equipes de revistas, televisões e agências de publicidade de todo o



**Figura 43** A Rede Globo foi o principal destinador com poder midiático que retransmitiu a imagem da ponte estaiada para o país e para o mundo. Ela fez com que a ponte se tornasse o símbolo de sua atuação paulista e, veiculando-a em sua programação, contribuiu para consolidar o seu discurso emblemático. Nas imagens, vemos o Estúdio panorâmico dos jornais *Bom Dia São Paulo* e *SPTV*, cena da novela *Passione*, a sede paulista da Rede Globo de Televisão em frente a ponte estaiada, uma cena da novela *Guerra dos Sexos* e o cenário do programa *Manhattan Connection*.

país usaram a obra como pano de fundo para fotos de catálogos de moda, e gravações de propagandas comerciais. Alunos de engenharia e arquitetura de universidades paulistanas também visitaram a ponte. (NOGUEIRA, 2008)<sup>2</sup>

Nessa citação é evidenciada a intencionalidade de se fazer ser a ponte um emblema, mais até que o novo ponto de referência: primeiramente, o texto descreve o aspecto simbólico e midiático da ponte, além de enumerar vários setores da área de comunicação, e só depois aponta o interesse técnico e acadêmico que é genuíno e forte por conta da inovação na engenharia de pontes estaiadas.

#### 4.2 As redes interdiscursivas que tornaram a ponte estaiada global

À época de sua construção, muitas outras pontes em cidades pelo mundo estavam sendo construídas, especialmente com a técnica de estaiamento que tinha acabado de ser viabilizada. Por conta disso, a ponte estaiada foi comparada com algumas delas, como se tivesse sido inspirada nessas obras. São projetos grandiosos, que também divulgavam as cidades em que foram construídas. Um dos nomes mais reconhecidos por elevar o desenho de certas obras de engenharia a novos patamares visuais e estéticos é Santiago Pevsner Calatrava, arquiteto e engenheiro espanhol cujo trabalho é bastante divulgado.

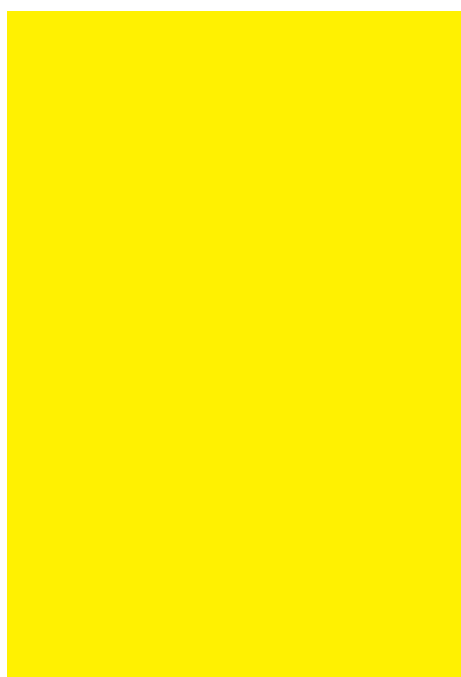
Os trabalhos de Calatrava são, frequentemente, inspirados por formas orgânicas e inusitadas, fazendo ver o movimento e as forças que animam as construções que, em sua maioria, são inspiradas no corpo humano. É autor das conhecidas Puente del Alamillo (1992), na Espanha, Pont l'Assut de l'Or, de Valência (2005), Puente de la Mujer, em Buenos Aires (2001), Sundial Bridge em Redding, na Califórnia (2004), a Jerusalém Chords Bridgein (2005-2008), entre muitas outras obras arquitetônicas (Fig. 44). Foi o pioneiro nesse estilo que atualmente inspira diversos projetos com características semelhantes. Estudamos as pontes de Calatrava com o objetivo de verificar a ocorrência de operações interdiscursivas e internarrativas entre suas obras e a ponte estaiada paulistana. Nosso intuito foi o de buscar isotopias nos efeitos de sentidos em suas configurações e nas ações dos destinadores públicos e privados durante o desenvolvimento dos projetos que homologam os sentidos dessas pontes.

Uma das mais conhecidas pontes de Calatrava, em que se fez ver seu design pioneiro, é a Puente del Alamillo, que foi projetada para ser a porta de entrada da EXPO 92, em Sevilha, na Espanha. Sua estrutura tem 140 metros de altura, 250 metros de comprimento e está localizada no rio Guadalquivir. Semelhante à ponte estaiada paulistana, a ideia original era executar duas pontes simétricas em ambos os lados da ilha, mas a escolha do uso dessa técnica

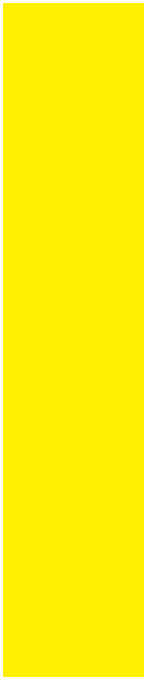
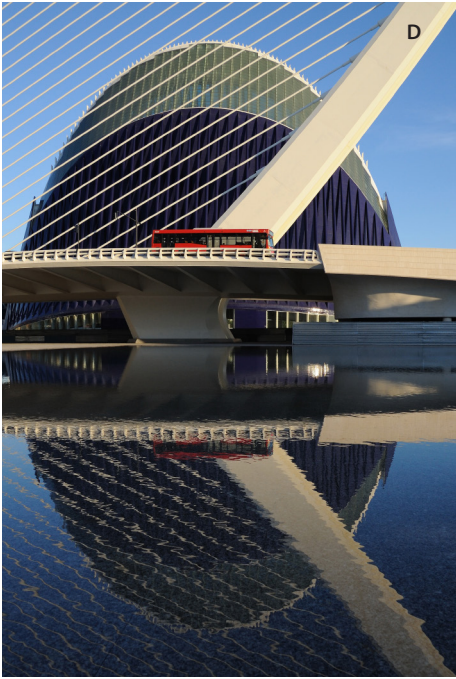
2. Texto disponível no site da Prefeitura do Município de São Paulo, na subseção da Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras.



**Figura 44** Pontes projetadas por Santiago Calatrava: [A] a Puente del Alamillo, na Espanha, [B] a Sundial Bridge, na Califórnia, [C] a Chords Bridge, em Jerusalém, [D, E] a Pont l'Assut de l'Or, de Valência e [F] a Puente de la Mujer, em Buenos Aires. Pontes colossais que viraram emblemas de suas cidades, por causa da moderna linguagem arquitetônica e estética que produz efeitos de sentidos de futuro e de poder. As isotopias nos processos de construção dessas pontes monumentais também permitiram ver as estratégias do poder público de empoderamento e de midiaticização de suas ações e na projeção das cidades como globais. [G] Ações de visibilidade na Pont l'Assut de l'Or, que antes de seu término recebeu o campeonato de Fórmula 1 e [H] a inauguração da Jerusalém Chords Bridge com show de dança e queima de fogos.







de estaiamento considerou as necessidades viárias e, principalmente, o design impactante desejado para a ponte, aspecto que se mostrou muito mais importante na decisão. Antes de sua construção, muitas discussões se fizeram sobre sua concepção e sua execução, pois se questionava a real necessidade do projeto, que resultou em um custo muito mais elevado quando comparado a uma ponte comum. Sem restrições econômicas para a construção, o objetivo era criar uma ponte de importância simbólica. Ela é visível do topo de La Giralda, o antigo minarete da torre tombada pela Unesco, considerada o local sentimental da cidade, ligando o passado de Sevilha ao seu presente.

A Pont l'Assut de l'Or, inaugurada em dezembro de 2008, é o ponto mais alto da cidade de Valência, na Espanha. Possui 125 metros de altura, 180 metros de comprimento e é a segunda maior ponte da Espanha, atrás apenas da Puente del Alamillo. Como aconteceu com outras obras de Calatrava, a ponte também foi objeto de controvérsia, pois o investimento para a sua construção atingiu 34 milhões de euros, 11 milhões a mais do que inicialmente fora orçado. Essa ponte está localizada na Cidade das Artes e Ciências, que inclui o Museu de Ciências Príncipe Felipe e a Ágora, construída por Santiago Calatrava e Felix Candela, no antigo leito do Rio Turia. Trata-se de um dos complexos científico-culturais mais importantes do mundo europeu. A construção do conjunto se iniciou em 1990, quando a prefeitura de Valência fez uma série de intervenções urbanísticas na cidade, intencionando a incorporação de Valência ao mundo globalizado do terceiro milênio e aproveitando a recuperação da área urbana localizada entre o antigo leito do rio Turia e a autopista de Saler. Em agosto de 2008, a ponte foi aberta provisoriamente para celebrar o Grande Prêmio da Europa de Fórmula 1.

Em 1996, o mesmo acontecimento se fez ver na construção da Sundial Bridge, em Redding, na Califórnia, pois os custos subiram muito após o projeto de Calatrava ter sido escolhido, fazendo ser tão controversa a operação que mobilizou até a sociedade civil na decisão. A ponte foi concluída a um custo de US\$ 23,5 milhões e a despesa foi justificada com o argumento de que iria aumentar o turismo na região de Redding<sup>3</sup>.

A Jerusalém Chords Bridgein foi projetada para adicionar um elemento de definição visual para o *skyline* na entrada da cidade de Jerusalém, fazendo-se presente com sua extensão de 160 metros apoiados por 66 cabos de aço, dispostos em forma parabólica em um único mastro de 118 metros. O projeto também foi criticado como uma solução extravagante e cara para um problema que poderia ter sido resolvido por meios mais baratos<sup>4</sup>. O custo final foi de US\$ 70 milhões, mais que o dobro em relação ao orçamento inicial. A cerimônia de inauguração, ocorrida em junho de 2008, custou 500 mil dólares e também atraiu críticas, em particular com o espetáculo de jovens bailarinas que foram obrigadas a usar saias longas e cobrir o cabelo, depois que judeus ultraortodoxos ameaçaram interromper o evento.

---

3. Brown, P. L. (2004).

4. Liz, J. (2008).



Essa ponte se fez conhecida como uma das pontes mais emblemáticas de Calatrava e foi chamada pela revista *Time*<sup>5</sup> de “santuário do design moderno de Jerusalém” que, por seu fazer-se ver, se fez ser uma atração turística. Não só o seu custo, mas a sua estética e seu impacto visual sobre Jerusalém também a fizeram polêmica, sendo aceita em meio à grande controvérsia. Entre seus defensores, o arquiteto e historiador David Kroyanker disse que a ponte ajudou a desenvolver Jerusalém ocidental e seus requisitos modernos<sup>6</sup>, ou seja, fez ser uma Jerusalém contemporânea. De acordo com Calatrava, o formato dessa ponte é semelhante a uma tenda no deserto e também a uma harpa, simbolizando a harpa do rei Davi<sup>7</sup>. Outras interpretações fazem analogia com o busto de um pássaro de pescoço longo e um braço humano.

Na Argentina, na cidade de Buenos Aires, está a única obra sulamericana do arquiteto Santiago Calatrava, a Puente de la Mujer. A ponte para pedestres, de 6,20 metros de largura, 170 metros de comprimento e 34 metros de altura se move para permitir a passagem de navios pelo Rio da Prata. No formato do mastro e na silhueta curva, Calatrava intencionava que se fizesse ver um homem abraçando uma mulher enquanto dançavam tango.

Como vimos no primeiro capítulo, todas as pontes são lugares de passagem, de trajetos e de deslocamento, traços componentes do programa de uso das pontes. Nas pontes de Calatrava, vemos além. Em seus projetos, se fazem presentificados discursos visuais que se assemelham entre si: a reiteração da oposição alto vs baixo na topografia, os efeitos de sentidos intrincados na rede de cabos estaiados simétricos, harmônicos e em equilíbrio, linhas curvas que fazem ver movimento. Um tipo de configuração que se faz ver por sua estética na visualidade das cidades e, por causa de seus componentes impressionantes e estéticos, se faz sentir pelos sujeitos. Além de pontes, essas estruturas são obras arquitetônicas que, mais ainda, produzem efeitos de sentido de obras de arte.

As pontes são fortemente marcadas na espacialidade por seus pareceres, por suas dimensões e também pelo que agregam na visualidade e na visibilidade das cidades. Os elementos figurativos se mostram pelo plano de expressão, mas, para serem homologados como produtores de sentido são associados a conteúdos, presentes em cada uma das pontes e em suas organizações discursivas particulares. Os temas são significativos para cada população citadina e fazem sentido também globalmente. Como, por exemplo, nas relações figurativas da ponte de Jerusalém se faz ver um feixe de figuras que é associado a um braço humano junto à harpa do Rei Davi, que foi rei de Israel e do povo judaico, descendente direto do Messias, o Deus judaico. Essas expressões de conteúdo remetem, como na gestualidade da ponte estaiada, tanto ao ilusório, do mundo celestial (aéreo, divino e sagrado), quanto ao mundo terrestre dos homens e de seus corpos, da existência e de seus significados.

---

5. Kaufman, D. (2007).

6. Rotem, T. (2008).

7. The Associated Press (2008).

Na ponte da mulher, em Buenos Aires, se faz ver o homem abraçando a mulher, figurativizada pelo formante eidético da curvatura da ponte no plano da expressão, que faz parecer silhuetas, homologando o conteúdo “casal que dança o tango”. A dança, presentificada na obra, remete ao espírito portenho – a junção da tradição argentina com o moderno da ponte.

Calatrava, que se autodefine um artista, referenda esse sentido, afirmando que “se a arquitetura continua a ser, antes de mais nada, o sinal mais concreto de uma civilização, ela comporta em si desde sempre uma dimensão sagrada<sup>8</sup>”. A dimensão sagrada e a dimensão terrena são reiteradas nas obras de Calatrava, presentes na figuração das formas e dos movimentos do corpo humano, da natureza e nos temas divinos, que são recorrentes na história da humanidade. Esse tipo de configuração se fez vista em suas obras pelo mundo e, inspiradas em seu estilo, novos projetos apareceram com a autoria de outros arquitetos. Esse ponto também dialoga com nossa análise do primeiro capítulo e permite observar as operações interdiscursivas entretecidas entre suas pontes e a nossa ponte estaiada, reiterando a manifestação que faz ser o parecer dessas pontes que, de alguma maneira, propõem, como diz Calatrava, algo ilusório.

Em outra obra, o Hemisféric, planetário da Cidade das Artes e Ciências, que se localiza ao lado da Ponte Assut de l’Or, em Valência, o arquiteto fez ser visto na estrutura um grande olho aberto que tudo vê. No seu interior, o planetário comporta uma sala de projeções que oferece as mais inovadoras sensações audiovisuais, obtidas pelo melhor suporte tecnológico do mundo.

Calatrava disse que “a nossa visão é muito influenciada pela visão bíblica, em que há qualquer coisa de divino em todos nós. Isto significa que acreditamos na ideia de que, em cada pessoa, há algo de especial, de sagrado, de divino. É algo que ilumina nossa forma de compreender a arquitetura...<sup>9</sup>”. Suas palavras remetem aos efeitos de sentido de suas obras, que vemos reiterados nos sentidos da ponte paulistana e em outras pontes espalhadas pelo mundo. Parafraseando Calatrava, na citação do preâmbulo desse capítulo: a história das cidades, dos povos, de São Paulo e de seus habitantes, sua identidade social se constrói com ligações, com pontes que unem o divino e o terreno e, como as pontes, trazem a noção de trocas, de viagens, de encontros e de vínculos, de transformações entre sujeitos (era essa também a declaração de Maria Cristina, filha de Octávio Frias de Oliveira!).

Afora os elementos figurativos dos planos de expressão e de conteúdo do parecer da figuratividade que significam essas pontes no mundo, é também em suas narrativas que se encontram outras relevantes isotopias. Todas as obras foram alvo de conflitos e de discussões sobre a real necessidade de construção, gerando polêmicas entre os sujeitos envolvidos nessa narrativa, além de custarem muito acima do orçamento inicial previsto. Independente dos destinadores que defendiam a realização das obras, ora poder público ora sociedade civil, a

---

8. Calatrava, S. (2009).

9. Ibid.

questão principal é o conflito estabelecido entre eles. Muitas vezes discursivizado pela questão prioritariamente econômica, como vimos acima, também se faz ver, no aprofundamento da questão, mais um embate significativo relacionado às próprias identidades das cidades. O caso da ponte de Jerusalém é emblemático: a própria existência da ponte contrapõe o tradicional ao moderno com seu estilo arquitetônico, mas principalmente gera outros discursos e ações relacionadas à sociedade, como na religião, conforme explicitado no título da matéria da revista *Time* (um “santuário do design moderno”). A oposição temática dos termos “santuário” e “design moderno” reiteram a oposição entre o tradicional sagrado e o moderno globalizado, indicando o conflito de identidade que também se fez ver e sentir no fazer discriminatório dos sujeitos no evento de lançamento, rechaçando o modo de dança e de vestir das bailarinas.

Outra repetição narrativa, apreendida nas construções dessas obras que significam suas cidades, pode ser encontrada em algumas estratégias praticadas que homologam a intencionalidade dos destinadores. É recorrente a estratégia de realizar ações midiáticas que divulgam essas pontes, criando visibilidade mundial às suas cidades. As ações são diversificadas, como a inauguração de uma ponte no dia do Grande Prêmio de Fórmula 1, a aparição da nossa ponte estaiada no programa semanal *Manhattan Connection* ou, ainda, a criação de um roteiro turístico para o local da cidade. Todas essas ações fazem ver o mesmo objetivo que, narrativamente, indica o fazer dos destinadores na projeção das obras realizadas sobre sua gestão (administradores públicos ou empresas privadas) e, como vimos, essas manifestações estão ligadas ao parecer das pontes.

Santiago Calatrava afirma que “houve um tempo em que construíamos cidades para durarem. Hoje, a lógica do consumo integrou também o modelo de desenvolvimento urbano<sup>10</sup>”. Esses modelos são pautados pelos centros midiáticos, pelos projetos de cidades que dão a ver obras grandiosas, com potencial turístico e que cumprem outros programas narrativos, além daquele que a faz existir e é colocado como seu programa de uso. Essas são ações e fazeres do poder público que mimetizam as pontes-monumentos, contribuem para construir as cidades onde elas se encontram, o simulacro do que se convencionou chamar de “cidades globais”.

Vimos que esses acontecimentos são recorrentes nas construções emblemáticas das pontes atuais, que apareceram a partir de 2005. Nessa mesma esteira discursiva, podemos citar outras famosas e grandiosas pontes, de autoria de vários arquitetos, como a Ponte Qingdao Haiwan, a maior em extensão no mundo, na China, a de Dubai, inspirada nas dunas do deserto e laureada com o nome de Sheikh Mohammed bin Rashid al-Maktoum, pai do Sheikh Rashid bin Saeed, atual governante do Emirado, e a ponte Bandra-Worli Sea Link (BWSL), em Mumbai, na Índia, que oficialmente é chamada Rajiv Gandhi Sea Link, em memória do falecido primeiro-ministro Rajiv Gandhi. Esta última, como todas as outras, foi objeto de numerosas ações

---

10. Ibid.



judiciais, postergando em cinco anos sua construção, que resultou no aumento de custo em 291,2 milhões dólares.

A presença dessas pontes, que se fazem vistas, quase que impostas em suas cidades e, querendo ou não, se destacam pelo parecer e pela visibilidade midiática oferecida, acabam se fazendo ser também pelo poder persuasivo e midiático de seus destinadores e compõem parte das identidades desses lugares. É interessante ressaltar que, em sua grande maioria, as pontes colossais estão sendo construídas em cidades importantes de países em desenvolvimento ou, como se costuma dizer, “emergentes”. As obras estão em países que querem alçar lugar de destaque, de visibilidade, no que se convencionou chamar anteriormente de “primeiro mundo” e, atualmente, de “mundo da globalização”. Exemplos se fazem ver nas pontes da Arábia Saudita, da China, de Israel, da Índia, da Argentina e do Brasil.

### **4.3 As redes interdiscursivas que tornaram as pontes símbolos do poder econômico**

Na esteira dessa reflexão, notamos que alguns países estampam em seu papel moeda suas pontes emblemáticas. Detectamos pontes nas notas de Macau, da China e de Hong Kong, sendo estas últimas duas das principais potências asiáticas do mundo (Fig. 45). O dinheiro é um dos símbolos mais importantes das sociedades capitalistas, circulando por todo o planeta nas transações realizadas entre os países, dando a ver o poder de cada um frente ao mundo. Além disso, o discurso presentificado no dinheiro também faz ser e ver a identidade do país perante o resto dos países. As notas guardam símbolos, personagens e figuras que são parte da história e da identidade nacional de seu povo. Se pontes são escolhidas para fazer ver e expressar a identidade nacional, significa que elas fazem ser, ver, saber, poder toda essa formação identitária, fazendo-se ver a importância nacional e mundial de seus países.

Atualmente, no verso de todas as notas de Euro também figuram pontes. Contudo, elas são fictícias e foram desenhadas por Robert Kalina, em 2002 (Fig. 46). A justificativa divulgada na época para escolha de pontes inexistentes é que alguns países, como a Itália, tinham pontes emblemáticas, mas outros países da comunidade europeia não tinham. Como a intenção era configurar o grande continente feito ver na “união” da União Europeia, seria impossível individualizar ou privilegiar algum dos países. A solução foi trazida pela história e pela cultura europeia comum a todos os países. Assim, cada uma das sete pontes fictícias retratadas nas notas do Euro representam diversos períodos culturais: barroco, clássico, gótico, romântico e modernismo do século XX. Vemos que o objetivo principal, ao retratar essas pontes nas cédulas, era a criação de um simbolismo, apoiado na figuração tematizada das “pontes”, como apresentada na epígrafe deste capítulo, no sentido das pontes que ligam, que dão a ver o contínuo. Para a União Europeia, o simbolismo significou a cooperação e a comunicação entre os países europeus, bem como as relações internacionais do continente.



**Figura 45** No papel moeda de Macau, da China e de Hong Kong são impressas pontes emblemáticas que significam a identidade de cada país e, estampadas no dinheiro, o principal símbolo do sistema capitalista, reforçam o poder econômico e institucional do país perante o resto do mundo.





**Figura 46** Impressas nas notas de Euro, as pontes representam a história e a cultura europeia. A nota de 500 Euros, a mais valiosa, estampa uma ponte estaiada como representante da atualidade. Figurativizadas por sua acepção simbólica, as pontes são significantes da cooperação e da comunicação entre os países europeus e as relações internacionais da União Europeia.



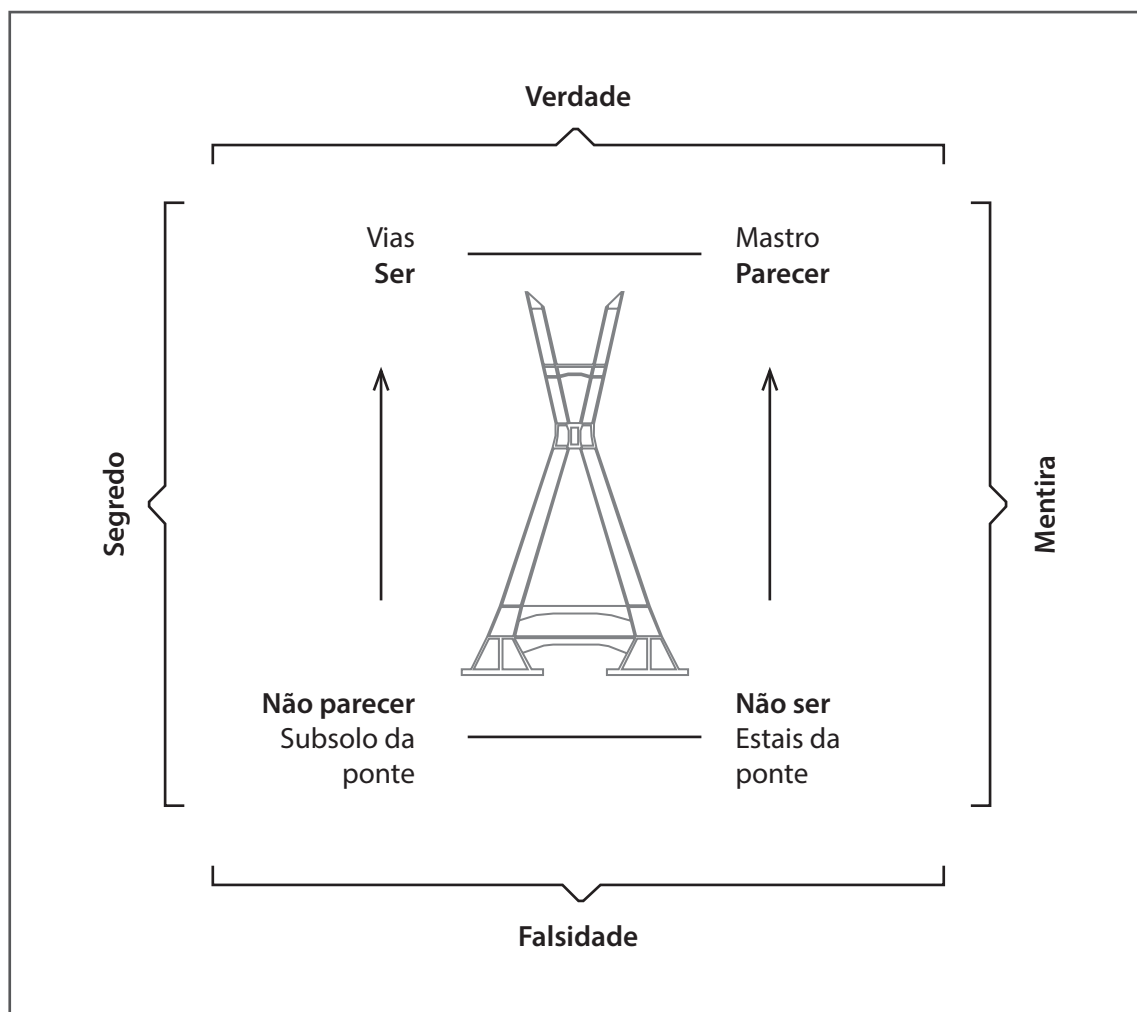
Vemos que as pontes foram escolhidas não por sua existência real e emblemática, como nas notas asiáticas, mas por seu aspecto semântico, como símbolo de ligação na cultura e na identidade histórica. Além disso, os efeitos de sentido produzidos também reforçam o poder econômico que vai estampado no Euro. O discurso reitera a força da integração entre os países, que unidos se fizeram um bloco econômico forte e poderoso para, a partir de então, fazer frente aos outros continentes do mundo. Essa manifestação discursiva colocada no maior emblema capitalista, o dinheiro, nos deu a ver mais um significado para as pontes: o sentido de poder e a força da conquista econômica. Esse sentido também é apreendido e reiterado na análise das várias megapontes construídas, nos últimos cinco anos, ao redor do mundo.

Observamos que essas pontes fixaram um novo lugar nas enunciações das cidades em que foram erigidas e, em todas as narrativas apresentadas, encontramos repetições que significam o poder econômico e o processo de globalização instalado nas metrópoles. As práticas do poder público e privado se configuraram nessas construções e significaram a força econômica global e midiática que se estabeleceu em torno das pontes. No processo de constituição desses lugares, os discursos oficiais, geralmente de cunho político, reverberaram para outros países, em outros continentes, conectando as cidades globalmente.

Vemos nessas enunciações uma relação ligada à veridicção, ou seja, ao ser/ parecer destas pontes emblemáticas, que também ocorreram na ponte estaiada paulistana. Uma segunda categoria do quadrado semiótico é o chamado quadrado veridictório, em que se pressupõem dois enunciados de estado, um deles corresponde ao programa de uso, ou seja, ao ser e o outro incide sobre seus predicados, que se relacionam ao seu parecer e aos sentidos que seus efeitos provocam. Greimas e Courtés (2008) postulam que

a categoria de veridicção é constituída (...) pela colocação em relação de dois esquemas: o esquema *parecer/não parecer* é chamado de manifestação, o do *ser/não ser*, de imanência. É entre essas duas dimensões da existência que atua o “jogo da verdade”: estabelecer a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pág. 533)

Nos capítulos iniciais analisamos a relação do ser da ponte, enquanto passagem, e apreendemos os valores axiológicos do quadrado anterior a partir da oposição básica entre o contínuo e o descontínuo. Por meio da manifestação visual da ponte na cidade, que constitui o seu parecer, examinamos o plano de expressão e de conteúdo e acessamos a figuratividade, que remeteu a outros sentidos da existência da ponte. Pela força dessa relação entre o parecer e o ser da ponte que, como diz Greimas, é o “jogo da verdade”, e que analisamos durante este capítulo, construímos o quadrado da veridicção que servirá de base para as análises posteriores.



**Diagrama 4** Quadrado veridictório da ponte estaiada .

O eixo horizontal superior é relativo ao que o objeto apresenta, produto do ser e do parecer. Portanto, a verdade da ponte se constitui por suas vias e pelo seu mastro que a fazem ser uma ponte emblemática na cidade. No eixo inferior, a falsidade está nos sentidos de ilusão gerados pela tensão entre a imagem construída de ponte símbolo de São Paulo e a posição do subsolo que diz sobre outras questões relacionadas à cidade e à sua construção.

No eixo da verticalidade, do lado esquerdo, o segredo, que se perfaz no e nas vias, referem-se àquilo que parte de sua funcionalidade e de seu programa de uso, mas não é claro, é escondido, como vimos nas ações na própria constituição desta ponte e das outras pelo mundo, que a fizeram ser, representada por suas vias.

Do lado direito, a manifestação da mentira ocorre por meio do sentido ilusório, que na ponte é constituído pelo conjunto de mastro e de estais que, tornaram a ponte mais do que

apenas o seu programa de uso, mas também o emblema da cidade de São Paulo e, de outras cidades, nas pontes espalhadas pelo mundo. Esse eixo se contrapõe ao do segredo, ou seja, da produção de sentidos que encobre outros sentidos.

As articulações apresentadas acima, a partir da análise das pontes de Calatrava, são relativas ao parecer das pontes nos eixos da verdade e da falsidade no quadrado veridictório. Um exemplo desse tipo de discurso, já citado, ocorreu na inauguração de uma das pontes (mesmo sem a ponte estar terminada), realizada no mesmo dia do Grande Prêmio de Fórmula 1. Esse é um dos esportes mais caros e mais tecnológicos do mundo, que conta com patrocínios das principais empresas multinacionais. O campeonato ocorre durante o ano todo e as etapas da corrida são feitas em circuitos de vários países em todos os continentes. Além disso, a prova é transmitida mundialmente por diversas redes de televisão. A Fórmula 1 é um dos esportes mais emblemáticos, por produzir em seu discurso muitos efeitos de sentido: a força do ronco dos motores, o poder de controle da máquina a 300 km/h, a bandeirada da vitória, a alta tecnologia dos carros, a riqueza das marcas e o glamour dos pilotos e suas modelos são “marcas” valoradas, desejadas e vistas no mundo inteiro. Esses sentidos são, por contiguidade, emprestados à ponte que estava sendo inaugurada, que já nasceu poderosa. Nesse exemplo, observamos a figurativização de elementos que se fizeram ver na construção de todas as pontes globais. O dinheiro, as corporações mundiais, a mídia, as marcas, os famosos, as redes tecnológicas que fazem ser a globalização, embalados de modo emblemático no discurso do poder público, se instalam nesses novos lugares dessas cidades, pontuados pelas novas pontes.

#### **4.4 As redes discursivas que tornaram a ponte estaiada emblema de São Paulo Global**

Em São Paulo, esse fenômeno também se repetiu. No caso paulistano, vimos a construção simultânea da ponte estaiada e da sede paulista da Rede Globo ao seu lado. Todos os dias, em sua programação, a emissora enuncia a ponte, colocando-a na temporalidade cotidiana e na espacialidade local, como uma resposta à estratégia midiática dos poderes público e privado, inculcando na população os seus sentidos de força global. Um jogo de poderes praticado pela mais internacional das emissoras brasileiras que, via satélite e em rede global, transmite de modo ritmado e persistente, o sentido emblemático impresso na ponte.

Junto à instalação dessa nova espacialidade, vieram também as práticas do poder econômico e tecnológico das empresas multinacionais que se fixaram na cidade. São Paulo tem essa natureza de receber o novo, é a cidade brasileira que, historicamente, mais desenvolveu sua economia no país. Desde os primórdios, sua vocação foi ser uma cidade de conquistas, que transpunha barreiras e territórios, como na época dos bandeirantes. Em meados do século passado, São Paulo foi motor do período desenvolvimentista, em que a industrialização





**Figura 47** O desenvolvimento paulistano impresso nas espacialidades da cidade. A fase da industrialização com a instalação das fábricas automobilísticas, como a Vemag, que foi construída próxima à Avenida do Estado e hoje se encontra em ruínas. A Avenida Paulista, com poucos casarões remanescentes da época dos Barões do Café, repleta de prédios que foram ocupados por instituições financeiras. A nova região da Berrini, com seus altos edifícios platinados e a ponte estaiada que representam a nova fase econômica e globalizada de São Paulo.

foi preponderante e teve, como marco dessa época, a instalação das primeiras fábricas automobilísticas do país. Várias plantas fabris foram construídas nas áreas mais periféricas e desabitadas das regiões leste e oeste, processo que alargou as fronteiras da cidade.

Na fase seguinte, no final do século passado, foi observado o surgimento da economia de produção de intangíveis que, por meio das redes bancárias privadas, fez do setor financeiro seu maior fomentador e das instituições paulistas, como o Bradesco e o Banco Itaú, os seus maiores representantes. Na espacialidade paulistana, se fez ver uma mudança visual: as instituições bancárias deixaram o local em que se instalaram, na região central, para ocupar a Avenida Paulista, escolhida como lugar dessa nova etapa do poder econômico. Na ocasião, um fenômeno se fez ver: os casarões das famílias tradicionais paulistanas deram lugar aos novos edifícios empresariais, (re)escrevendo a espacialidade, a cultura e os modos de vida lá existentes, remanescentes da época dos Barões do Café.

Mais próximo à mudança do século, uma nova onda econômica se viu acontecer, dessa vez em nível mundial. São Paulo foi, novamente, a cidade brasileira que corporificou essa transformação. Dessa vez, o poder da economia se tornou virtual: negócios *on-line* explodiram, novas empresas de telecomunicações surgiram e a economia *mobile* demandou novas frentes de atuação empresarial. Seguindo sua vocação de conquista, São Paulo recebeu a nova economia e, por meio dela, fez acordos invisíveis e negócios mundiais, intermediados pelas transmissões da rede mundial, nos escritórios das empresas multinacionais que se instalaram na região do Brooklin. Mais uma vez, uma transformação espacial se fez ver: no lugar das residências de famílias de classe média, prédios modernos e tecnológicos apareceram no local. A região do bairro do Brooklin Novo foi o espaço da cidade escolhido para abrigar essa nova onda econômica e mundialmente conectada. A marca dessa onda se fixou no parecer da ponte estaiada, que se tornou o ícone, o “logotipo” desse novo lugar da cidade, com sua visualidade irradiada pela TV Globo. A ponte se fez ser e ver, de forma veridictória, produzindo sentidos ao ser/fazer identitário dessa nova São Paulo, agora projetada como cidade global, cumprindo com as novas práticas e exigências criadas pelo processo de globalização (Fig. 47).

Na continuidade histórica de São Paulo, observamos o jogo de visibilidades e de práticas que é ativado pelo poder econômico e visto pela instalação de novos lugares que se tornam símbolos e referenciam a cidade. Esses processos de (re)escritura são como novas camadas na espacialidade urbana, que transformam a cidade, dia após dia, reinventando-se a cada nova cobertura. São períodos que reiteram a vocação de São Paulo: ser pioneira, desbravadora, ligada aos novos mundos.

Nessa temporalidade histórica que paulatinamente modificou e modifica a cidade, processo instaurado pelo poder fazer e pelo poder ser novas espacialidades e novos discursos que caracterizam São Paulo como uma metrópole dinâmica, midiática e mutável, esse processo

fez ser também a ponte, com seus valores axiológicos de dinamismo e mobilidade, tornando-a a “marca” que significa esse novo lugar.

Como todo o processo transformador implica a quebra de um contínuo, um novo parecer e um novo sentido, muitas vezes também se instauram processos dolorosos em sua população. São frequentes os questionamentos e as reflexões daqueles sujeitos que vivem processos descontínuos, como acontece com parte das populações originárias, sujeitos coletivos desses lugares. Vimos que são comuns as interações coletivas não se fazerem de forma acordadas, baseadas na fideducia. Ao contrário, são relações polêmicas que se instauraram durante esses processos.

Os acontecimentos que tornaram emblemáticos as cidades e suas pontes-ícones, promovendo-as como “cartão postal” das novas “cidades mundiais”, também fazem ser e ver uma relação polêmica de caráter identitário entre os sujeitos, que se instalou e é vista nas enunciações e nos usos e práticas desses monumentos nas cidades. Como, por exemplo, o rechaço dos judeus às bailarinas que se apresentavam na inauguração de uma das pontes: mais do que uma questão religiosa, vemos uma recusa polêmica ao que se enunciou no show de dança na inauguração da ponte. Nesse caso, como em outros, observamos ações que discursivizam os valores de tradição, histórias e práticas de vidas que estão colocadas em cheque, em posição de ameaça e, por outro lado, a enunciação e as práticas das novas construções, de novos hábitos e costumes, com sentidos da globalização instaurados pelo poder econômico e midiático. Esse contraponto, processo de descontinuidade, se instaura entre os sujeitos, constituindo tensões próprias que fazem ser o jogo da identidade desse lugar. Se na espacialidade vemos a constituição de diferentes camadas de visualidades, que são responsáveis por formar novas visibilidades nas cidades, na temporalidade observamos as práticas que ora são coercitivas ora geram defrontações, perfazendo a continuidade e a descontinuidade dos processos narrativos de cada lugar. Essa dinâmica também aconteceu com a ponte paulistana, em que sua constituição fez ser e ver os processos identitários nas manifestações dos sujeitos coletivos e a transformação da espacialidade, narrativas que mostram os processos dinamizadores e também paralisantes, da continuidade/descontinuidade presentes nas forças e nos valores apreendidos nas relações da axiologia da ponte.

Em síntese, o que apreendemos na análise das construções dessas pontes mundiais é, em primeira instância, o estabelecimento de uma nova visualidade de grandes proporções que se constituem pela verticalidade, projetos arrojados, formas simétricas e orgânicas, luzes multicoloridas e incandescentes que mimetizam a visibilidade emblemática e midiática de um lugar na cidade. Como se tratam de pontes que, muitas vezes, foram edificadas perto de portos, rios, locais de passagem, ou seja, lugares que eram pouco valorizados ou até desvalorizados nas cidades, essa nova visualidade construída estabelece uma estatura renovada para esse local.



Num segundo plano, vimos o poder político e econômico se instalando pela força dos agentes dos poderes público e privado, em práticas oficiais que, ora são visíveis ora são invisíveis à população, destinando o modo de ser desse novo local citadino pelo processo de (re)urbanização, que transforma o lugar em um emblema local e global. Ao refletir, de modo processual, vemos que os discursos e as ações se reiteram em São Paulo: a ponte estaiada marcou mais uma descontinuidade na continuidade da cidade, fazendo-se pelo próprio processo de transformação instaurado pelos poderes de seus destinadores.

Na cidade também se fez ver a concentração de empresas multinacionais que fazem o modo de ser e os fazeres desse lugar, fundando nos edifícios platinados, em suas redes virtuais e na força de suas ações, estilos globais que, na temporalidade, desembreiam o futuro no presente. As forças midiáticas que, com o poder de reverberação, levam imagetivamente esses locais e seus fazeres para o mundo, consolidando, com outras cidades, o emblema global. E, por fim, a população que polemiza por resistência, ou acorda por assimilação, e faz ser a questão identitária desse lugar, que se faz nos discursos, ou em ato pelas práticas emersas nesses processos de transformação, apreendidas no “jogo da verdade” das relações do quadrado veridictório. E as pontes e suas cidades continuam... E São Paulo conquista e é conquistada pelo mundo.

**5**

**REDE SOCIAL:  
A PONTE ESTAIADA  
E A COMUNIDADE**

Eu abro a janela do meu barraco, eu olho lá pro outro lado/  
 Tá lá de frente estampada pra minha quebrada /  
 O novo cartão postal a Ponte Estaiada  
 Eu ligo a TV tá lá, no bom dia São Paulo  
 No SPTV primeira segunda edição  
 Minha quebrada estampada, igual um papel de parede  
 A sigla é RP, a tradução e o nome é bonito em dizer  
 essa favela me viu nascer (Real Parque)  
 Real Parque é nós na fé, na esperança de uma vida melhor  
 Chega de caô, eu sou Morumbi R.P.Z.O, sou com muito amor.  
 Ae moro num barraco de madeira quando chove/  
 Só as goteira, eu olho para as parede só tem buraco/  
 Pra tampar tem pano, papel, jornal, saco plástico  
 Eu olho para o chão, o chão é dividido/  
 Uma parte com terra, outro com cimento/  
 Eu olho pras madeira estão apodrecendo/  
 Mais assim no Morumbi  
 eu vou vivendo.  
 Não venha com esse papo que no Morumbi  
 Só mora playboy se fosse assim  
 Eu, Marcelo Bispo da Cruz  
 Tinha nascido em berço de ouro  
 Não preciso falar mais nada essa é minha realidade.  
 Uma música é o foco "Real Parque VS Ponte Estaiada"  
 Não preciso falar mais nada.

Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada  
 Real Parque VS Ponte Estaiada

Marcelo Bispo da Cruz (2011)





**Figura 48** Imagem fixa que aparece no *Youtube* enquanto é cantada a música *Real Parque vs Ponte Estaiada*. Da favela está saindo uma densa fumaça preta, que presume-se ser um incêndio. Provavelmente, a foto foi feita no dia 24 de setembro de 2010, quando um grande incêndio ocorreu na favela. Esse elemento do discurso visual, que “consome” a comunidade, reforça a exclusão identitária presente na análise da música.

**Neste capítulo, daremos voz à favela, por meio de um de seus integrantes: Marcelo Bispo da Cruz, conhecido como Marcelo B. Box.** Morador da comunidade do Real Parque, o cantor compôs o *rap* intitulado *Real Parque vs Ponte Estaiada*<sup>1</sup> (Fig. 48). A epígrafe acima é o trecho final da música. A análise narrativa foi realizada considerando o sujeito tanto como individual, que no discurso é o próprio autor e cantor, quanto como sujeito coletivo, observando que a canção discursa sobre a experiência da população da favela Real Parque, que passa por um processo de (re)construção iniciado com o surgimento da ponte. Muitas famílias foram desapropriadas, segregadas para a periferia da cidade, deixadas ao próprio destino e outras foram realocadas nos novos prédios que estão sendo construídos no local.

Essa música foi publicada no canal de vídeos *Youtube*, no dia 19 de março de 2011. O *rap*, com 3 minutos e 40 segundos, é uma canção longa, cantada em uma mesma intensidade rítmica, cuja fala é compassada e marcada por uma batida característica desse estilo musical. Assim, ao ouvir a música, a sensação é de uma declaração lamuriante, retumbada e redundante, que gera um sentir recorrente e certo desconforto. Na análise da letra da canção, apreendemos imediatamente o primeiro efeito de sentido de oposição que se presentifica no título: “Real Parque VS Ponte Estaiada”, que é repetido oito vezes no trecho final. O título permite observar que a música discursa sobre a favela que está de um lado, enquanto a ponte estaiada está do outro lado.

Sabemos que a ponte, parte da espacialidade do lugar, carrega outros sentidos que possibilitam ver e significam a problemática desse sujeito. O discurso põe em cena o confronto entre os sentidos da ponte estaiada e os da Favela Real Parque. A música mostra mais do que traços posicionais nesses lugares da cidade, a narrativa explicita a relação polêmica entre dois sujeitos coletivos revestidos por esses locais da cidade.

Na escritura dos versos, o conflito é manifestado em toda sua continuidade. O primeiro verso da música apresenta uma operação de dembreagem que projeta o enunciatário para um outro lugar, um lá afastado, que marca uma contraposição de lugares: um sujeito, do barraco, que *olha lá para o outro lado*, o lado oposto e distante. Nesse outro lado, defronte a ele, na música, como “eu”, em um posicionamento cara a cara, de enfrentamento, está o sujeito – eu aqui na quebrada – e seu opositor lá, revestido no *novo cartão postal a Ponte Estaiada*. Aquilo que é *estampado, como um cartão postal ou igual um papel de parede* é um simulacro, um parecer de algo ou de alguém que, na música, faz ver o sujeito oponente na narrativa. Na “pele” da ponte estaiada, mostra-se um oponente poderoso e midiático, que é discursivizado nos telejornais da Rede Globo, em programas de notícias que se repetem ao longo do dia, reiterando sua força e marcando sua presença. Não só à sua frente, mas para todos os sujeitos coletivos, em qualquer tempo e espaço, fazendo-se ser um sujeito onipresente. Na relação narrativa de enfrentamento, esse oponente se torna um antissujeito coletivo.

1. Marcelo B. Box - real parque vs ponte estaiada. Publicada no site Youtube.

Na sequência dos versos, o autor discursiviza o lado favela e, no papel de enunciador do discurso, instaura RP, uma abreviação de Real Parque, um tipo comum de convenção utilizada por grupos como *rappers*, tropas policiais ou gangues. Esse é o sujeito em busca do valor na narrativa. O enunciador coloca que a tradução e o nome são bonitos de se dizer, o que pressupõe significados diferentes para cada um deles. *O nome é Real Parque*. O que seria a tradução de RP, além de Real Parque? Seria a força do sujeito coletivo que poderia fazer-se ser frente ao oponente? Para reafirmar o ser desse sujeito na posição sintática e semântica, ele diz que é esse lugar que vê nascer, reiterando a identidade coletiva. Na continuação dos versos, faz-se ver a qualidade de vida do sujeito coletivo no agora e, em seguida, mais uma vez desembreia para o futuro, um então, quando haverá uma possibilidade de vida melhor para o lugar que, por uma força divina, pela fé e pela esperança do sujeito coletivo (*Real Parque é nós na fé*) faria ocorrer a mudança. Portanto, uma força que não é desse mundo nem existe agora.

Ele protesta: *Chega de caô*, chega de mentira, de brincadeira de mau gostoe de enganação.

Ele também declara: *Eu sou Morumbi R.P.Z.O, sou com muito amor*

Um dos distritos do Morumbi, o bairro Real Parque é composto por áreas muito diferentes que convivem em proximidade: de um lado, áreas de residências de alto luxo e, no oposto, a favela. Ambos no Morumbi, bairro que simboliza e é reconhecido como um dos mais nobres de São Paulo. A afirmação da música desvenda a mentira, a enganação e o *caô*. Ele é *R.P.Z.O.*, que imaginamos ser a sigla identificadora da nomeação Real Parque Zona Oeste. Esse é um tipo de expressão que presentifica a zona da cidade, bastante utilizada por grupos e gangues, muitas vezes para demarcar o território, inclusive quando em confronto com outras gangues. Por exemplo, a expressão muito conhecida: “Eu sou da Z. L.” (a saber, Zona Leste). Portanto, ele é Real Parque do combate e do confronto, mas não deixa de ser também Morumbi, enfatizando, *com muito amor*.

Essa relação contraditória de ser isso e também aquilo permite ver a questão da exclusão identitária. Como pode alguém, como sujeito coletivo denominado *RP*, pertencer àquele lugar (Morumbi) e, ao mesmo tempo, ser excluído dele? Como ser daquele lugar (favela) e não pertencer ao seu englobante (Morumbi)? Com uma interjeição, o enunciador (re)afirma e mostra sua condição: *Ae moro num barraco de madeira*. Portanto, não em um apartamento alto padrão.

Os versos seguintes dão a ver o interior da moradia e o modo de viver daquele lugar. Nesses versos, o enunciador muda o ponto de vista e o novo posicionamento é marcado pelo verbo “olhar”, repetido três vezes, parecendo ser necessário certo distanciamento no espaço para que se possa ver/entender a situação. Além de marcar uma incapacidade para (re)ação, na medida em que a ação de olhar implica o não estar dentro da situação em si. É como se ele tomasse consciência, concluindo que é nessa condição contraditória e sem possibilidade de mudança que se vive em um dos melhores bairros da cidade: *Mais assim no Morumbi eu vou vivendo*.



Em seguida, é colocado um outro sujeito implícito na frase: *Não venha com esse papo*. É com ele que se dá a relação de confronto, discursivizada na negação ao outro, no incoativo descrito no verso. Como resposta, afirma que no Morumbi não moram apenas *playboys*, porque sua existência é exemplo disso, pois mesmo excluído é parte do bairro. Esse outro alguém indefinido foi reiterado em todas as relações de confronto presentes no discurso, figurativizados na ponte estaiada, na Rede Globo, nos *playboys* do Morumbi e no berço de ouro. Todos eles carregam semantismos de poder econômico que apontam para um mesmo oponente: a sociedade capitalista como um sujeito coletivo.

Na contraposição, o enunciador se apresenta e reafirma sua identidade, dizendo: *Eu, Marcelo Bispo da Cruz*, estou aqui presente, como um soldado, que não nasceu em berço de ouro (mesmo sendo “bispo” e morando no Morumbi), mas que clama por seu pertencimento e pela sua identidade. Para categoricamente finalizar: *Não preciso falar mais nada essa é minha realidade*, que encerra o diálogo com uma resposta conclusiva para o sujeito coletivo indefinido. Na dupla negação (*Não preciso falar mais nada*), reafirma a condição de oposição ao sujeito, reafirmando que não adianta argumento nem figurações, pois essa é a sua realidade: ele é do Morumbi, mesmo sendo do Real Parque, e, por isso, a própria exclusão, a dupla negação identitária.

Uma realidade de exclusão e de confronto que o sujeito vive e é resumida em Real Parque VS Ponte Estaiada. Situação de oposição que é enunciada e repetida oito vezes e se itera novamente no título da música, fazendo-a redundante. Essa repetição permite ver, assim, um combate sem fim, sem solução, em que a música é o adjuvante que se apresenta como válvula de escape.

O programa narrativo polêmico permite ver o antissujeito coletivo como oponente do sujeito coletivo, com quem é estabelecida a relação de defrontação de caráter polêmico. Essa relação explicita questionamentos e confrontos humanos que são globais e inerentes às sociedades. Sobre essa questão, Greimas e Courtés (2008, p. 376) postulam que a estrutura polêmica aponta para uma “problemática mais geral – peculiar ao conjunto das ciências sociais – no interior da qual se opõem duas concepções quase inconciliáveis da sociabilidade: a vida social, enquanto luta (de classes) e competição, e a sociedade fundada na troca e na coesão social.” O enunciador põe em discurso, na música, a situação vivida por esse sujeito coletivo e mostra a questão da luta de classes, ainda visível na vida social de São Paulo.

Além dessa questão social, a música também produz outros sentidos do sujeito individual (do autor e do cantor da música) que é posto como ator da enunciação. Vemos que a enunciação também estabelece uma relação entre enunciador e enunciatário, sincretizada em um mesmo sujeito que, antes de tudo fala para si mesmo, interioriza e reflete sobre sua condição. Os versos dizem: *Eu, Marcelo Bispo da Cruz, Chega de caô, eu sou Morumbi R.P.Z.O*, uma identidade ambígua, um ser que é da Favela Real Parque e ao mesmo tempo é do Morumbi. Sujeito sincrético,

enunciador e enunciatário, discursivizado parte como sujeito Morumbi/Ponte estaiada e parte no Real Parque/R.P.Z.O e quando, na verdade, é um só: é *Morumbi R.P.Z.O*, permitindo ver a problemática da identidade desse sujeito individual. A dialética identitária é postulada nas relações de veridicção, como teorizada por Greimas e Courtés (2008, p. 532) que descrevem

O enunciador e o enunciatário são para nós actantes sintáticos que podem ser - e frequentemente o são - subsumidos sincreticamente por um único ator, o sujeito da enunciação (ou sujeito falante). A persuasão e a interpretação, o *fazer-crer* e o *crer-verdadeiro* não são, assim, senão procedimentos sintáticos, capazes de dar conta de uma “busca interior da verdade”, de uma “reflexão dialética”, chamada ou não à manifestação sob forma de discursos com vocação científica, filosófica ou poética.

Se retomarmos os conceitos do quadrado veridictório, que estudamos anteriormente, podemos posicionar o sujeito Morumbi/Ponte estaiada na dêixis do parecer/não ser, ou seja, da mentira, enquanto o “seu lado oponente”, mas também integrante da identidade desse sujeito, o Real Parque/R.P.Z.O., pode ser localizado na dêixis do ser/não parecer, isto é, do segredo: que no enunciado diz ser do Morumbi, mas não parece ser do lugar, pois é diferente do *playboy*. A relação explícita a dialética identitária desse sujeito individual, que também é produto da questão social coletiva presentificada na cidade. Por fim, ele responde: “Não preciso falar mais nada essa é minha realidade”.

O discurso da canção possibilita ver uma dupla problemática identitária: a do sujeito individual, enquanto enunciador (autor/cantor), e a do sujeito coletivo (a situação social dos habitantes da favela). Por conseguinte, uma condição da própria cidade de São Paulo, que tem uma grande parte de sua população residindo em locais com pouca ou nenhuma infraestrutura básica, em comunidades de favelas e ajuntamentos coletivos que, inclusive, podem estar localizados em bairros nobres da cidade.

### 5.1 O discurso do outro: a passeata

Em outra manifestação da população que polemiza com o Poder Público, apreendemos novos sentidos que significam a ponte e São Paulo. Dessa vez, contra a continuidade das Operações Urbanas Águas Espraiadas. A ação pode ser vista no vídeo, publicado no *Youtube*, chamado “Passeata na Av Jornalista Roberto Marinho e na Sede Rede Globo SP<sup>2</sup>”, que foi postado pela TV Jabaquara no dia 23 de julho de 2011. No texto referente à postagem do vídeo, ressalta-se que se trata da “1ª Passeata contra a criação de um Túnel inútil debaixo do solo do Jabaquara

---

2. Vídeo *Passeata na Av Jornalista Roberto Marinho e na Sede Rede Globo SP* publicado no site Youtube em 23 de julho de 2011

na Operação Urbana Água Espraiada do Prefeito". Na abertura do vídeo, um texto explica: "Manifestação contra a construção de um túnel caríssimo e desnecessário debaixo do Jabaquara dentro da Operação Urbana Água Espraiada da Prefeitura de São Paulo, Gestão de Kassab com o apoio de 39 vereadores" que é assinado pela TV Jabaquara - vídeo comunitário. A descrição já apresenta a polêmica e coloca em cena o opositor: a Prefeitura, a OUC-AE, o Prefeito Kassab, 39 vereadores e até a Rede Globo SP. Escolhemos algumas imagens do trajeto realizado para nossa análise (Fig. 49).

Do ponto de vista sintático, ou seja, das posições e dos locais do espaço urbano que são veiculados no vídeo, o ponto inicial da passeata é em uma praça do bairro do Jabaquara. A caminhada segue por toda a Avenida Roberto Marinho, passa em frente à Rede Globo e termina seu trajeto nas vias da ponte estaiada, onde dois moradores discursam sobre os motivos da manifestação. O percurso é exatamente inverso àquele que está sendo realizado pela OUC-AE, que na atualidade se presentifica na construção do monotrilho da Avenida Roberto Marinho, indo em direção ao Jabaquara.

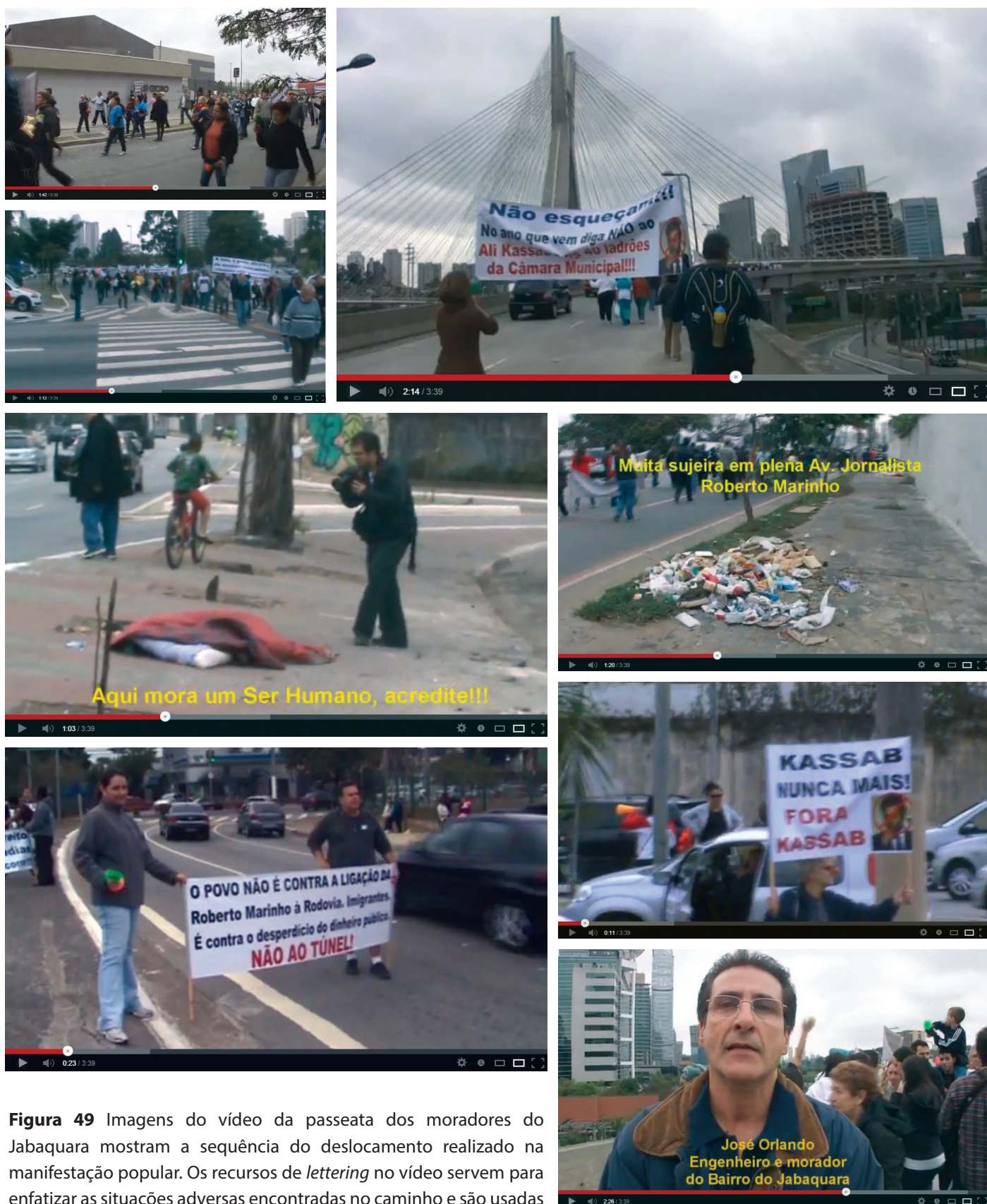
No deslocamento ao longo da Avenida Roberto Marinho, a comunidade discursa seus objetivos, explicitando suas mensagens em faixas panfletárias. Como sujeito coletivo e destinadores do discurso, os participantes usam circunstâncias acidentais durante o percurso para discursivizar críticas à Prefeitura, que é um dos destinatários do discurso do vídeo e antissujeito da narrativa. Os acontecimentos eventuais foram tomados para gerar efeitos de sentido que valorizaram o discurso apresentado na passeata. Por exemplo, no vídeo produzido, escrevem: "Aqui mora um Ser Humano, acredite!!!" ao passarem por um morador de rua deitado na calçada, coberto por panos. Em outra quadra com muito lixo aparente, escrevem: "Muita sujeira em plena Av. Jornalista Roberto Marinho". Estratégia do destinador/enunciador para fazer com que os enunciatários, que veem o vídeo, acreditem no discurso e adiram à causa reclamada.

Uma parada estratégica se fez em frente da portaria da Rede Globo, com a ponte estaiada ao longe. A manifestação no vídeo discursiviza a relação de oposição para com a empresa, colocando-a como oponente ao lado da Prefeitura, além, de questionar o que a emissora faz ser visível ou (in)visível, como no caso da própria passeata

O final da passeata ocorre na ponte estaiada, que figurativiza toda a problemática da manifestação. Em suas vias, o Sr. José Orlando explica as razões do movimento. No letreiro, abaixo de seu nome, aparece escrito: "Engenheiro e morador do bairro do Jabaquara". A declaração profissional parece ser uma estratégia do destinador por provocação ao destinatário, colocando-se no mesmo patamar dos "engenheiros" responsáveis pelo projeto OUC-AE, pela (re)urbanização e pela (re)configuração dessa região da cidade.

Na narrativa da passeata, o sujeito coletivo (esse grupo da população) não adere à promessa do destinador administração municipal, responsável pelas mudanças na cidade. Por





**Figura 49** Imagens do vídeo da passeata dos moradores do Jabaquara mostram a sequência do deslocamento realizado na manifestação popular. Os recursos de *lettering* no vídeo servem para enfatizar as situações adversas encontradas no caminho e são usadas para instigar e reforçar o protesto contra a Prefeitura de São Paulo e contra seus comandantes.

isso, se estabelece um contrato polêmico entre as partes. O sujeito destinatário se posiciona em enfretamento ao destinador, se fazendo saber e se fazendo ver capaz da escolha de seu objeto de valor, que é diferente do que foi prometido pelo destinador Poder Público. Como prova, em seu percurso narrativo, se desloca até o símbolo, representante máximo da autoridade (revestido na ponte estaiada) e o enfrenta de frente, vociferando suas razões.

## 5.2 O discurso do outro: o grafite

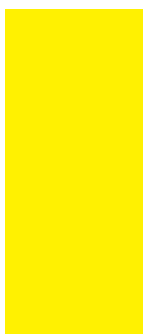
As comunidades da favela Real Parque e do Jardim Edith tiveram pouco poder de mobilizar a mídia. Além de poucas notícias divulgadas nos meios de comunicação empresariais, outras poucas iniciativas se fizeram vistas, como a canção, os vídeos e os textos que podem ser encontrados na internet. Essa realidade gerou baixa visibilidade às comunidades durante o processo de constituição do Complexo Real Parque da OUC-AE. Uma dessas manifestações foi uma iniciativa do conhecido grafiteiro Mundano, que se fez porta voz da comunidade do Jardim Edith por meio de uma série de grafites e fotos que realizou antes e durante o processo de desapropriação e de destruição da favela e que podem ser vistas em sua Galeria no *site* de imagens Flickr<sup>3</sup>. As fotos dos grafites foram publicadas em 18 de março de 2009, período em que Mundano ainda não tinha conquistado o reconhecimento mundial que tem hoje, mas provavelmente foi o porta voz mais midiático daquela população. Na página em que foi feita a publicação, o grafiteiro Mundano (2009) escreveu: “Centenas de famílias foram expulsas para embelezar o entorno da ponte. Hoje o terreno é só ruína, matos e graffiti. Fotos e tramos feitos nos lares em 2006 e 2007, e nos escombros em 2008 e 2009”.

As frases e os desenhos realizados por Mundano na favela vão entrar na composição da imagem do lugar destruído. No período da destruição, ainda havia a presença de famílias que moravam naquele espaço e, em seus afazeres cotidianos, serviam de arranjo para as fotos dos grafites, produzindo força expressiva na imagem e em seus efeitos de sentido estéticos.

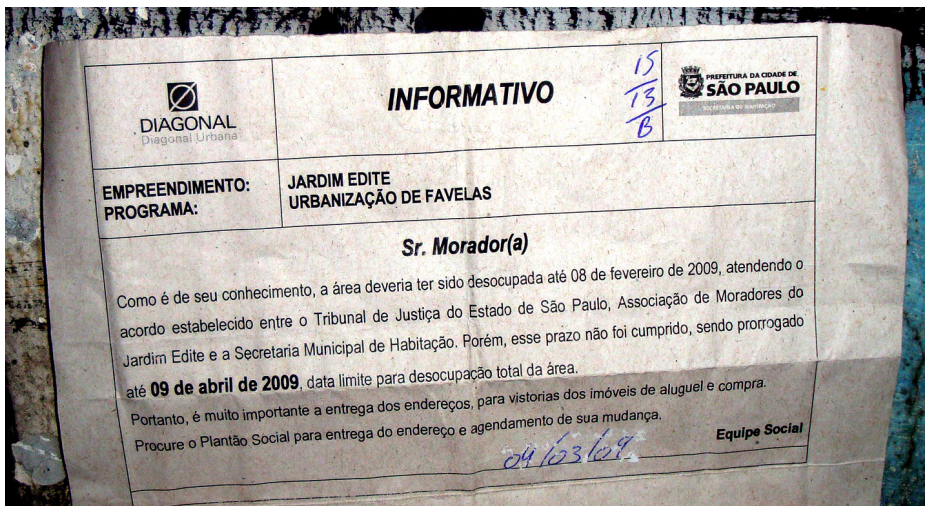
Seus desenhos e suas frases curtas, humoradas e críticas permitiram ver a situação das famílias e da comunidade durante a demolição, compondo um quadro de como foram tratadas. Nas paredes coloridas dos barracos e nos muros da favela, Mundano discursivizou o tema do vivido e o dilema social. Seus grafites contam parte da história dessa gente, mostrando, de forma crítica e implacável, a condição a que foram submetidos. A cada enunciado, a enunciação de um conflito sem solução, que nos textos são evidenciados pelas diversas reticências e pelos pontos de interrogação. Da mesma forma, o conflito pode ser visto também nas expressões que os rostos grafitados apresentam. Como, por exemplo, nas frases que ele grafitou: *...E a remoção continua..., Cidade desigual, Cadê a moradia prometida?, Pra onde vamos?, Futuro...*

3. Imagens disponíveis na Galeria “FAVELA JARDIM EDITE (R.I.P)” de Mundano do *site* de imagens Flickr.









**Figura 50** Fotografias dos grafites de Mundano realizadas na Favela Jardim Edith. Nas paredes coloridas e nos muros da favela, o grafiteiro mostrou a condição vivida pela comunidade que ainda morava nas casas mesmo durante a demolição. Seus grafites explicitam, de forma crítica, o dilema social do qual o poder público foi responsável e dá visibilidade para o que não é pauta nos complexos midiáticos.



Esses enunciados verbais são acompanhados por desenhos espalhados em diversos pontos da favela, compondo efeitos de sentido que dão força à expressividade estética de seu discurso e, na globalidade, denunciam a situação na qual foi colocada a comunidade (Fig. 50).

As imagens colocadas neste trabalho buscam mostrar a situação global. Em uma das fotos, se faz ver uma parede colorida ao lado de um cano quebrado, aberto e gotejante, o grafite feito na cor verde, semissimbolicamente enuncia o que se está vivendo na situação ao narrar: *Estão caindo as últimas gotas de esperança*. Em outro grafite feito em uma parede ladrilhada, sobra de um cômodo da casa destruída, estampou-se um de seus rostos já conhecidos, com olhos arregalados olhando para cima, ou seja, para lugar nenhum, e, ao lado, a inscrição: *Não tinha nada. Era uma casa muito engraçada*, em intertextualidade com a letra de Toquinho e Vinicius de Moraes. Mundano utiliza essa operação para fortalecer e ampliar efeitos de sentido de sua manifestação.

Em uma outra parede de um barraco, ao lado de um dos seus rostos caricatos, ele sentencia: *Já que tudo acaba em pizza, traz uma para cá que tem gente com fome*. Fazendo uso do jargão *tudo acaba em pizza*, muito utilizado para as ações que não resultam em nada, comumente utilizado em relação às ações de políticos e à situação dos habitantes da favela. Esse grafite, realizado antes da remoção dos moradores, foi publicado em uma matéria do Jornal da Tarde em novembro de 2007, no Caderno Cidadão, em cenas da cidade, com o título “Pichação deixada de lado”. A matéria discutia sobre a Lei da Pichação, que originou a Lei Cidade Limpa<sup>4</sup>, mas não mencionava o teor da mensagem do grafite.

Em outro grafite, desenhado em uma parede na beira da calçada, há o desenho de um homem com um dos braços levantado e, ao lado, a inscrição “Descaso”. Na fotografia publicada, um menino da favela é colocado à frente, sobrepondo o desenho com seu corpo e seu braço levantado, como se fosse dele a voz do grafite, que profere a avaliação da ação do poder público nesse lugar.

Em algumas dessas fotografias, a ponte estaiada é inserida na figuração. Pelo próprio posicionamento topográfico em relação à favela, geralmente a ponte está à distância, mas destacada com algum efeito visual que enaltece sua presença na imagem. Isso confere mais força aos efeitos produzidos por ela, expressos também na foto, como grandeza, poder, autoridade, etc., que a coloca como o representante daqueles responsáveis pela demolição da favela, fazendo-a ser o antissujeito da relação polêmica na narrativa.

Em outra fotografia, intitulada pelo autor de “ex-lar<sup>5</sup>”, em disposição de retrato, do meio para a parte superior está a ponte estaiada e, na parte inferior, as paredes e as ruínas do que era habitado, a vida de uma dada população e o entulho da demolição no chão. No que sobrou de

4. Matéria veiculada no Jornal da Tarde, de 11 de novembro de 2007, divulgada por Mundano no site de fotos Flickr, sob o título: Mensagem Mundana no Jornal da Tarde, 01/11/2007(hoje).

5. Imagem disponível na Galeria “Favela Jardim Edite (R.I.P)” de Mundano do site de imagens Flickr, sob o título EX-LAR.

três paredes contíguas, que ainda continuavam em pé, está grafitado *Doce/Lar*. A palavra *lar* está em uma fonte tipográfica diferente, mais grossa, ressaltando o seu significado, e tem ao seu lado um rosto “mundano” com expressão tristonha e inquietante, evidenciando o conflito existente. Na composição da foto, a ponte estaiada no alto da imagem, envolta por nuvens e pelo céu azul, se contrapõe às paredes, ao entulho, à terra e à figura do rosto, também marrom (cor de terra), estampado nas paredes. Ao longe, mais distante, edifícios sinalizam a nova urbanização da região (Fig. 51).

A dicotomia mostrada na imagem fotográfica denuncia o contraponto entre uma espacialidade distanciada, prateada e higienizada, representada pela ponte estaiada e os prédios ao fundo que indicam a “nova” região e um outro local completamente destruído, confuso, caótico e suplicante, que sinaliza a vida da comunidade que ainda (sobre)vive naquele lugar. Nas paredes demolidas, frases como a do *Doce/Lar* propagam um *lar* que um dia pode ter sido doce, mas que naquele instante está aniquilado, amargo e quer ser noticiado como fato do dia, mas que não é pauta dos complexos midiáticos.

Em todas as fotos, a situação conflitante está estampada, dando a ver a realidade em que se encontrava essa comunidade. Nessa como nas demais manifestações, a ponte estaiada encarna o poder do Poder Público, das empresas privadas e da mídia que julgam poder fazer o que se fez com a favela e a sua gente, que não têm o mesmo poder para responder aos atos de seu extermínio. Outra fotografia publicada nessa galeria é uma imagem do aviso de despejo emitido pela Prefeitura Municipal de São Paulo e pela empresa Diagonal Urbana, especializada em projetos de urbanização de favelas. O texto do aviso diz:

Sr. Morador(a)

Como é de seu conhecimento, a área deveria ser desocupada até 08 de fevereiro de 2009, atendendo ao acordo estabelecido entre o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Associação de Moradores do Jardim Edite e a Secretaria Municipal de Habitação. Porém, esse prazo não foi cumprido, sendo prorrogado até **09 de abril de 2009**, data limite para a desocupação total da área. Portanto, é muito importante a entrega dos endereços, para a vistoria dos imóveis de aluguel e compra. Procure o Plantão Social para entrega do endereço e agendamento de sua mudança. Equipe Social. 04/03/09 [data que foi escrita à caneta em cima de algo antes coberto]. Fonte: Galeria de fotos Favela Jardim Edite (R.P.I.), Mundano.

O texto do aviso, em terceira pessoa, evidencia o tratamento formal, impessoal e distante da comunicação do poder público que a faz parecer um modelo comercial. O destinador da mensagem usa a estratégia de intimidação, como é possível ver na reiteração das figuras de poder presentes nos nomes das instituições, na frase “esse prazo não foi cumprido” e na





**Figura 51** Fotografia do grafite intitulado pelo autor de “ex-lar”. A imagem evidencia a oposição entre as espacialidades da ponte estaiada e dos prédios ao fundo que indicam a nova região e o local destruído, sinalizando a vida da comunidade que ainda (sobre)vive no lugar. A frase Doce/Lar significa uma composição, associando que o lugar já foi o lar de muitas famílias.

distinção gráfica da data, apontada como a última possível para o destinatário. A ele, não resta alternativa e deverá obedecer à ordem de despejo.

No conjunto das fotos, a intenção do grafiteiro, destinador da Galeria de Fotos, é estabelecer uma contraposição de discursos. Enquanto sua obra, antes e no ato da demolição da favela, é possível ver e sentir a situação daquelas famílias e de muitas outras favelas que também estão sendo demolidas. Mais do que isso, mostra também a problemática social do imobiliário que há muito tempo está instaurada na cidade de metro quadrado a preço de ouro.

Mundano é um grafiteiro que, nos últimos anos, tem se destacado com a sua arte para além de São Paulo e do Brasil, atingindo o mundo. Ficou conhecido por seus grafites que misturam humor, protesto e crítica social. O seu trabalho é identificado pelos rostos, sempre com olhos arregalados e expressões sérias, acompanhados de frases de protesto, que são vistos em muitas ruas de São Paulo. Na página do *Facebook*, Mundano é apresentado:

Para o grafiteiro Mundano, arte tem a ver com atitude. Há sete anos ele vem colorindo os muros cinzas das grandes cidades. O grafite que espalha por aí - inclusive em carrinhos de catadores de material reciclável - traz personagens e frases de efeito que despertam reflexões, influenciam pessoas e alteram hábitos em manifestações silenciosas e eficientes. (MUNDANO, 2013<sup>6</sup>)

Os discursos promovidos por Mundano, inclusive o analisado acima, buscam ir além do que é mostrado no discurso. Por seus efeitos de sentido, eles convidam seus destinatários (sujeitos do poder público ou da população) a se autoquestionarem e a refletirem sobre a condição social do lugar em que vivem, trazendo à tona a questão da coletividade e da responsabilidade de todos pelo bem comum. Como ele mesmo é definido, “traz personagens e frases de efeito” de sentido para uma descontinuidade reflexiva, que pode mudar práticas, costumes e modos de se viver na cidade. Atualmente, há apenas uma divergência em relação ao texto citado acima: essas manifestações já não estão tão silenciosas assim, pois já ganharam o mundo e a mídia.

### 5.3 O discurso de muitos: a sociedade

Tanto na voz de Marcelo B. Box como no discurso audiovisual da passeata ou ainda nos grafites do Mundano, apreendemos efeitos de sentido que dão a ver um forte questionamento crítico, de caráter social e identitário, que faz ser parte da população paulistana. Como também vimos nos capítulos anteriores, esses discursos permitem ver uma problemática recorrente na maioria das sociedades capitalistas, que são caracterizadas por uma histórica relação entre

---

6. Mundano, página do *site* Facebook.

sujeitos coletivos que se colocam em defrontações, explicitando processos competitivos e luta de classes. São muitas as manifestações que estabelecem narrativas de confrontos com governos, com o mercado privado e, mais atualmente, como confrontação àquilo “que está aí”, ou seja, às más condições de bem estar social em uma sociedade regida pela desigualdade.

Nesses três distintos discursos de habitantes pertencentes à essa cidade, como sujeitos individual e coletivo, apreendemos o processo de poder (ou não) fazer e de se fazer ser na narratividade social, constituindo-se nas práticas dessa cidade plural. Na continuidade da ponte estaiada, da OUC-AE, do poder público e privado e da população de São Paulo vão se fazendo ver processos descontínuos portadores de outros valores que modificam vagarosamente os modos de estar e viver, tanto dos habitantes como da própria cidade. A população, como sujeito coletivo, e os cidadãos, como sujeitos individuais, estão se tornando competentes para ultrapassar os obstáculos e as provas do percurso, enquanto os que têm o poder de fazer, os destinadores, estão se colocando em relação polêmica com os sujeitos. Por isso, também são submetidos a novas narrativas. Esses processos de quebra do contínuo, como uma crise, leva ao crescimento tanto individual como coletivo nas práticas e nas narrativas cidadinas.

Em especial, os discursos e as práticas relacionados à ponte estaiada põem em jogo a rede tecida entre destinadores, destinatários e adjuvantes que buscam objetos de valor que significam a própria identidade coletiva e individual, enquanto cidadãos que vivem na cidade de São Paulo. Uns buscam a preservação do que se é, a conversação pela continuidade, enquanto outros buscam a mudança e o descontínuo que pode levar à liberdade e à consciência social. Outros procuram valores inebriantes de prestígio e de reconhecimento na contemporaneidade tecnológica e virtual da cidade global e, ainda, há aqueles que buscam simplesmente poder ser enquanto cidadãos. Todos esses valores se configuram, em correlação, à axiologia fundamental da ponte estaiada, depreendida no primeiro capítulo, que é parte da teia paulistana e também permite ver valores referentes aos sentidos da nossa identidade. Valores que são percebidos em contínua movimentação: na transformação, nos contrastes entre aqueles que buscam mobilidade e os que permanecem paralisados, ou ainda daqueles que em seus fazeres bloqueiam o movimento, mas que, frente à ebulição dinâmica da vida social de São Paulo, não a seguram.



**REDE DE INTERAÇÃO:  
PONTE ESTAIADA E  
SUJEITOS DA CIDADE**

*Os modos como os sujeitos interagem é como  
projetam e animam os processos racionais, de sensibilidade  
dos corpos e das consistências sensoriais. A condição estética  
para sentir os encaminha para suas tomadas de posição,  
colocação em perspectiva e focalização.*  
Ana Claudia de Oliveira (2013)

**Até esta parte da pesquisa, estudamos os discursos e as narrativas da ponte estaiada na cidade de São Paulo e no mundo.** No primeiro capítulo, depreendemos os efeitos de sentido produzidos pela figuratividade da ponte, que se presentificam na oposição básica contínuo/descontínuo e, de modo relacional, permitem ver os valores processados em sua axiologia, como a dinamicidade e a mobilidade fluida que a fazem ser ponte, e a estaticidade e o bloqueamento que provocam a ruptura do seu propósito existencial. Analisamos também o jogo do ser/parecer no quadrado veridictório da ponte, que dá sentido a muitos dos discursos em que a ponte se faz ver.

No terceiro capítulo, estudamos as narrativas da ponte na espacialidade e na temporalidade da cidade, verificando, a partir das transformações dos espaços urbanos, como se construiu a visibilidade da região, como foram arquitetadas as estratégias dos destinadores para viabilizar essas mudanças e como os modos e os estilos de vida da população foram sendo compostos frente à nova realidade. Vimos como a ponte estaiada veio para ligar toda a rede viária da cidade, inclusive as rodovias, e tornou-se o símbolo máximo dessa nova área da cidade.

No quarto capítulo, pesquisamos os discursos da população que, de alguma maneira, teve a vida transformada por conta da construção da ponte. Analisamos os efeitos de sentido provenientes dessas manifestações, procurando mostrar quais valores identitários se fizeram ver nas narrativas dos sujeitos (individual e coletivo) e como se estabeleceu a visibilidade das ações na sociedade paulistana.

Em continuação à nossa análise, este capítulo tem o propósito de estudar, de forma mais global, os usos e as práticas, como definidas por Landowski, que se estabeleceram entre sujeitos e a ponte estaiada, procurando compreender quais regimes de interação e de sentidos são identificados nessas interações, para correlacioná-los aos sentidos apreendidos nos capítulos anteriores. Buscamos apreender, especialmente, as interações resultantes de práticas significativas que geram valor adicional aos sujeitos que as vivem. Landowski (2004, p.108) postula que “abordar o visível na perspectiva de uma apreensão impressiva voltada para a experiência do sentido experimentado, consistiria em primeiro lugar em reintegrar o ver na globalidade do sentir”. Sabemos que a vivência, primeiramente advinda da percepção visual, é ativada por outras sensações corpóreas, como a audição, o ritmo e o tato. Essa totalidade

de sensações é capaz de gerar estesia na experiência vivida e, a partir dela, provocar “o sentir sentido” que pode ser possível na vivência entre sujeitos e a ponte. A experiência comum aos que transitam de carro pela ponte e por suas vias embaixo dos estais pode se configurar para alguns (e para a pesquisadora) como uma experiência única, como vimos na descrição da experiência no primeiro capítulo.

Quem já trafegou ou andou por essa região sabe que é impossível passar sem percebê-la. Sua grandeza funciona quase magneticamente: os olhos se apercebem dela. Querendo ou não, a ponte estaiada entra no nosso campo de visão. Às vezes, ela se impõe de impacto, inteira, enorme, completa e, outras vezes, vem chegando (ou melhor, chegamos até ela) aos poucos, por partes, até tomar conta de todo o nosso espaço visual. Sua estrutura aparece para nós no meio do cenário urbano, majestosa e onipresente, e nos “obriga” a interagir com ela.

### 6.1 Rede dinâmica de interações

Existe uma diversidade de experiências que podem ser sentidas nas interações com a ponte: podemos imaginar dias chuvosos, tempestades, dias claros e ensolarados, o momento único do amanhecer ou do entardecer, o lusco-fusco com o reflexo do sol e da lua, que espelha e duplica as edificações no leito do rio, entre outras situações. Todos esses elementos figurativos têm papel importante como adjuvantes no discurso da cidade e contribuem para a construção das experiências sensíveis dos sujeitos com os objetos. Landowski reflete sobre essa questão do sentido outro proveniente dos objetos do mundo. Ele escreve:

Entretanto, o objeto que vem assim fazer sentido não poderá, qualquer que for sua natureza, ser somente o que ele é, isto é, ser puramente idêntico a si mesmo. Pelo simples fato de persistir no tempo sob nosso olhar, ele sempre é mais do que isso a que se reduz fisicamente. Ainda que absolutamente imóvel (como é a obra de arquitetura) ele é, ao menos qualquer coisa que se afirma e que dura. Ora, durar é sempre modular, de uma maneira ou de outra, seu próprio ser, [...] isto é, uma maneira específica de estar no mundo que se traduz dinamicamente, de um modo potencial ou atual, na maneira como afirmam diante de nós seu estar-aqui. (LANDOWSKI, 2004, p. 109).

Podemos pressupor inúmeras possibilidades de modulações no “sem número” de interações que poderiam ocorrer entre ponte e sujeitos. Naquela região circulam milhares de pessoas todos os dias e, ao se movimentarem, caminhando ou em seus automóveis pelas ruas e na ponte estaiada, criam um dinamismo próprio. As pessoas, prédios e ponte, em conjunto com a alta circulação diária de automóveis e o tráfego intenso nas horas comerciais, fazem com que a área seja percebida de maneira vitalista e eufórica.



A ponte é a passagem, às vezes diária, dos sujeitos em suas vias. Nessas ocasiões os cidadãos podem, ou não, aperceber-se de sua estética, talvez possam sentir esteticamente suas qualidades, que fazem sentido na experiência vivida. Acerca das questões fundamentais como esta, Landowski (2002, p. 45) afirma que “é a organização específica das configurações objetivas – quer dizer, inscritas no mundo – que, ao comover o sujeito na medida de sua própria disponibilidade, proporciona-lhe a base necessária para apreender ‘outro sentido’ das coisas.” Portanto, disponibilidade é a resposta à questão.

Sabemos que a ponte estaiada com competência sensível e inteligível se faz apreendida e compreendida. Mas nós nos perguntamos: e quanto aos sujeitos, quantos têm disposição no dia a dia para uma apreensão estética e estésica? Acreditamos que muitos. Essa situação pode ser evidenciada pelo regime de presença da ponte e também nas relações e práticas de vida que ela estabelece com a população da cidade. A obra já é mais do que um emblema da cidade, pois já faz parte integrante da vida dos sujeitos. Landowski afirma que a geração de estésias e de sentidos só são possibilitados pelos regimes de presença e nas escolhas dos sujeitos em relação, como explicitado na citação abaixo.

A análise das “formas de vida” que os sujeitos adotam, ou seja, a explicitação de seus regimes de presença no mundo, não é, portanto, separável de uma análise que alcance correlativamente as propriedades de ordem estésica imanentes aos objetos (discursos ou imagens, seres animados e coisas), na falta da qual seria impossível dar conta dos diversos modos como eles se dirigem a nós e nos transformam no que em contato com eles nos tornamos. (LANDOWSKI, 2004, p. 106).

Nessa perspectiva, podemos dizer que a percepção da estética irradiante da obra se faz presente e disponível para os diferentes sujeitos. A percepção pode, inclusive, ocorrer de modos diversos, dependendo do momento, do ritmo e da duratividade das vivências. Ao manter com a ponte uma interação, os sujeitos apreendem os efeitos de sentidos que a significam tanto como objeto quanto como um outro sujeito.

Suponhamos a situação em que o sujeito está regido pela necessidade do dia a dia, pelo cumprimento da rotina obrigatória, de forma contínua e monótona. Nada o sensibiliza nesse caminho diário: a existência da ponte estaiada é funcional, parte qualquer de seu percurso, como possivelmente é também o seu entorno, pois a rotina desse sujeito já automatizou a vivência, fazendo-a sem se dar conta do ato de significação. Nessa situação, a interação é automática e faz parte do cumprimento rotineiro já preestabelecido. Por isso, não surge uma experiência sensível e estésica entre o sujeito e o objeto. Na travessia, esse sujeito não vê ou sente a ponte, que passa despercebida por ele, como parte de um cenário programado, difuso,

monocórdio de uma vida continuada. Conforme Landowski (2005), esse tipo de relação é característica do regime de programação.

Imaginemos outra situação. Um turista que vê a ponte estaiada pela primeira vez e fica surpreendido com sua magnitude, a ponto de essa surpresa admirável quebrar o percurso contínuo de seu passeio. Essa experiência constitui-se como uma descontinuidade impressiva, que deixa o sujeito quase “sem fala”, como algo de tirar a respiração devido à força da vivência estética e estésica. A ponte se faz ser como um sujeito mítico, com poderes de impactar e de paralisar o sujeito, como um ser que domina a relação com o outro. O turista, sujeito da interação, vive a sensação de submeter-se à experiência vivida, desencadeada por um sentido, como em um susto que é invasivo, instantâneo e passageiro, determinado por algo ou alguém desconhecido. Essa vivência é própria do regime do acidente.

Existem aqueles que, em suas rotinas de maneira preestabelecida, estão disponíveis à interação com a ponte estaiada, como um hábito prazeroso que faz parte de sua experiência da vida. Esses sujeitos em interação com a ponte percebem a sua estética harmoniosa e sentem os seus sentidos por meio dos efeitos dos discursos produzidos. Nessa circunstância, a ponte é actante destinador, participante da manifestação e, em conjunção, eles fazem ser a relação de significação, cuja situação é reconhecida pelo regime de manipulação.

Por fim, existe a situação em que sujeitos interagem com a ponte estaiada por opção própria. São aqueles que (re)descobrem a ponte por sua vontade, fora da continuidade da rotina que é regida pela necessidade. Esses sujeitos escolham por opção própria vivenciar a sua estética e sentir todos os sentidos produzidos por ela. Essa interação ocorre de forma aprazível, como uma experiência agradável, melódica, em um sentir o sentido. O regime de interação que se estabelece nesse caso é o do ajustamento entre o sujeito e a ponte (dotada de consistência estésica pelo sujeito), em uma interação que faz ser o sentido. Eles são ligados pelas sensações e pelos sentidos próprios advindos da interação, que ocorre de forma independente, autônoma e livre de intencionalidade.

Nos regimes, supomos a existência de modulações que caracterizam as diversas intensidades presentes nessas interações. São princípios que as regem e as caracterizam no contínuo ou no descontínuo do tempo. Como elementos dessas relações, esses princípios são basilares: o primeiro, a continuidade temporal é relacionada à identidade do sujeito, como no exemplo da vida programada e continuada do sujeito no fazer diário automatizado. O segundo princípio, ligado à descontinuidade temporal, é relativo à alteridade, como no exemplo do susto do turista, em que o sentido surge quando ocorre a quebra da continuidade e faz o sujeito ser um outro após a vivência. Esses princípios também são basilares da dinâmica de valores da ponte e serão retomados na análise das interações. A escritura desses parágrafos objetivou uma retomada sucinta dos conceitos que definem os regimes de interação de sentidos, a partir de modos de viver que acontecem ao redor da ponte estaiada.

Na cotidianidade citadina, verificamos uma dinâmica que também guarda traços e regras normatizadoras: são os fazeres de sujeitos, homens e mulheres, executivos, funcionários e trabalhadores que habitam a região. Especialmente durante a semana, em que homens, com seus ternos escuros, e mulheres, com seus *tailleurs*, vivem o cumprimento da rotina do trabalho nos mesmos horários e com os mesmos afazeres. No final de semana, esse padrão muda e o que vemos é a diminuição da movimentação dos carros, fazendo com que as vias fiquem mais liberadas e, basicamente, se vê a presença de famílias e de pessoas que praticam esporte, principalmente depois da instalação da ciclovia na Avenida Berrini. Além disso, de forma recorrente nesses dias, diversos eventos sociais acontecem nas vias da ponte que mudam totalmente a dinâmica do lugar. Uma série de fazeres coletivos é praticada em suas vias, com propósitos diferentes daquele pelo qual a ponte foi construída, que é possibilitar a passagem de carros acima do rio. Essas manifestações, objeto de nossa próxima análise, são eventos, ações sociais e iniciativas de comunicação que instauram novas interações com os sujeitos que provocam novos sentidos.

## **6.2 Rede da inauguração: identidades e alteridades em jogo**

Para dar conta das interações da população com a ponte estaiada, iniciamos com a abordagem sobre as práticas ocorridas nos eventos que aconteceram no dia da inauguração da ponte. Consideramos que nessas manifestações explicitaram-se a globalidade da dinâmica interacional na ponte e os sentidos para os sujeitos participantes dos eventos.

Em 10 de maio de 2008, um sábado, ocorreu a inauguração da ponte estaiada com uma série de manifestações que aconteceram simultaneamente em suas pistas. Algumas foram planejadas com bastante antecedência, como as de cunho oficial, e outras motivadas por iniciativa de grupos sociais específicos que reivindicavam visibilidade e atendimento às suas demandas.

No primeiro caso, tem-se a cerimônia oficial de lançamento (Fig. 52) com o discurso do Governador José Serra e do Prefeito Gilberto Kassab, a benção do Padre Marcelo Rossi e de D. Fernando Figueiredo, o então bispo da Diocese de Santo Amaro. Houve ainda o agradecimento da filha do jornalista Octávio Frias de Oliveira e, no encerramento, o desfile de carros antigos. Além disso, dias antes, ocorreu uma grande festa promovida pela empresa Phillips em comemoração ao lançamento do projeto de iluminação da ponte realizado pela empresa.

No segundo caso, por iniciativa de grupos sociais, houve manifestações dos habitantes do Jardim Edith, a “passeata” dos integrantes do Movimento Bikers e as gravações de alguns episódios dos programas humorísticos: *CQC – Custe o que Custar*, da TV Bandeirantes, e *Casseta e Planeta*, da Rede Globo. Ao final de tudo, um piquenique comunitário.





**Figura 52** Cerimônia oficial de inauguração da ponte estaiada: discursos, bênção, entrega de placa comemorativa, descerramento de faixa e entrevistas para os veículos de comunicação. São ações protocolares normalmente programadas para esse tipo de evento.

Nesses momentos da inauguração, a ponte estaiada disse a que veio. O portal G1 divulgou a matéria intitulada “Inauguração de ponte em SP tem protesto por moradia e ciclovias - Ciclistas criticaram ausência das bicicletas na política de transportes municipal. Moradores de favelas da região protestaram contra remoção de famílias.” que transcrevemos abaixo<sup>1</sup>:

Nem tudo foi festa na manhã deste sábado (10) durante a inauguração da Ponte Octavio Frias de Oliveira, na Zona Sul de São Paulo. Ao mesmo tempo em que o prefeito Gilberto Kassab (DEM) fazia seu discurso, um grupo de manifestantes gritava palavras de ordem contra a obra. Ciclistas e representantes de moradores das favelas situadas ao longo da Avenida Jornalista Roberto Marinho chegaram cedo ao evento para fazer barulho. Os adeptos das bicicletas buscavam chamar a atenção para a política de transportes na cidade, enquanto os demais criticavam a oferta de novas moradias para pessoas carentes na região. O cicloativista Thiago Benichio, um dos que adotou o apelido “Estilingão” para se referir à ponte estaiada, afirma que cerca de 80 pessoas protestaram no local. A reunião, que terminou com um piquenique no asfalto, foi organizada pela internet. Uma das críticas do grupo é de que a nova obra não atende à legislação municipal que prevê a inserção das bicicletas no sistema viário. A lei 14.266, sancionada em fevereiro de 2007 pelo prefeito Gilberto Kassab, estipula no artigo 11 que “as novas vias públicas, incluindo pontes, viadutos e túneis, devem prever espaços destinados ao acesso e circulação de bicicletas”. “É uma ponte que só privilegia o transporte que já se mostrou ineficaz na cidade, basta ver o recorde de congestionamento de ontem. Ela é um símbolo da insistência de privilegiar o que é um erro”, disse o cicloativista.

#### Moradia

Em outra das alças de acesso da ponte, no lado oposto ao dos ciclistas, estavam moradores que reclamam do custo da obra e das ações da prefeitura para retirada de moradores da região. Alguns representantes do movimento chegaram a levar faixa em que afirmam estar em curso uma “limpeza social” na região. A administração municipal afirma que, após a inauguração da ponte, continuará o projeto da Operação Urbana Água Espaiada, um conjunto de intervenções para a reurbanização de favelas na região. Inicialmente, estão previstos três conjuntos habitacionais, que vão oferecer 1016 unidades. Entretanto, os manifestantes afirmam que o déficit na região é de 8,5 mil.

#### Discursos

Nos discursos, tanto o prefeito quanto o governador ressaltaram a importância da obra para a cidade, mas reafirmaram compromisso com as obras sociais. Kassab ressaltou que

---

1. Matéria “Inauguração de ponte em SP tem protesto por moradia e ciclovias” publicada no site G1, em 10 de maio de 2008.





A



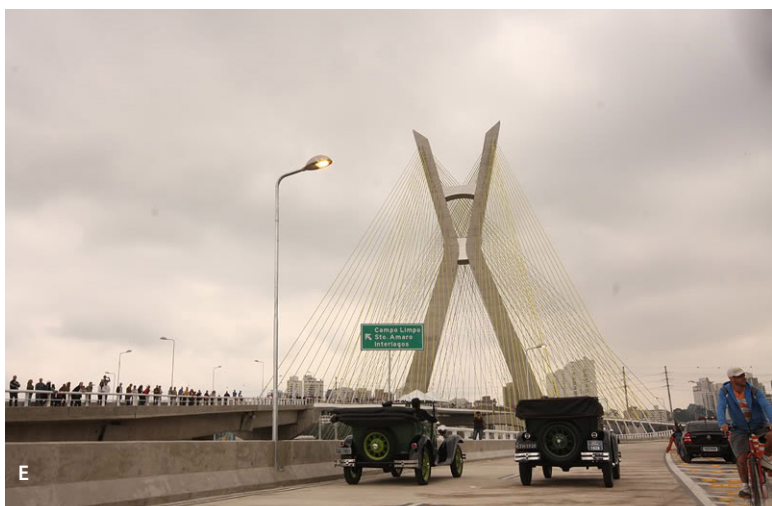
D



B



C



E



**Figura 53** Um desfile de carros antigos ocorreu durante a inauguração da ponte estaiada. Os automóveis antigos circularam por suas vias, passando por todos os grupos que estavam presentes. A ação trouxe maior visibilidade e um cunho midiático para o lançamento.



o maior compromisso de seu governo são os investimentos no setor social. “Reduzimos o número de grandes obras. Por isso, selecionamos com critério as poucas obras”. O governador José Serra lembrou que a prefeitura já começou a trabalhar nos projetos e o estado irá apoiar construindo conjuntos habitacionais para os moradores das favelas na região da avenida.

Especialmente nesse dia, as interações com a ponte foram variadas e diversificadas, atendendo, cada uma delas, a uma modalização própria que as caracterizou em seus regimes de interação. Na cerimônia oficial realizada em uma tenda notadamente montada na via superior da ponte, estavam presentes, além das autoridades citadas acima, secretários de Estado e do Município, vereadores e autoridades federais, como o senador Eduardo Suplicy e o ex-prefeito e deputado federal Paulo Maluf. Além dessas autoridades, também estavam na cerimônia José Roberto Marinho, representante da família Marinho das Organizações Globo, Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Representando os empresários e a família do jornalista Octávio Frias de Oliveira, sua esposa, Dagmar Frias de Oliveira e seus filhos, Maria Cristina, Otavio e Luís. Após a benção do bispo, Gilberto Kassab entregou uma réplica da ponte estaiada ao mestre de obras Abraão Daudi e José Serra entregou outra réplica a Dagmar Frias de Oliveira. Ao final, o engenheiro Catão Francisco Ribeiro, responsável pelo projeto da ponte, segurou a placa inaugural após o seu descerramento. Na saída, os convidados cruzaram a ponte em vans.

Nas cerimônias oficiais, a benção da igreja católica, o ato dos discursos e a entrega de menções, bem como todo o aparato de montagem e de segurança no local são ações planejadas para qualquer inauguração pública. Esse tipo de interação faz ser a identidade dos sujeitos em seus papéis temáticos e são próprias do regime de programação: são previamente programadas pelas regras protocolares e pelos cerimoniais das autoridades. São atos regulares e constantes em sua natureza, instituídos e ordenados para uma plateia, um sujeito coletivo (a população ou um grupo de políticos), tendo como principal ator o poder público, aqui representado pelo Governo, pela Prefeitura e pelas instituições, assim como o empresariado e a Igreja Católica. As interações entre sujeitos são formais, seguras e dessemantizadas. O regime pelo qual se estabelecem essas interações é o da máxima segurança e de mínimo risco, com ações previamente programadas, de baixa significância.

Durante e após a cerimônia oficial, um desfile de carros antigos foi realizado em celebração à inauguração da ponte estaiada, ação que trouxe maior visibilidade ao evento e um cunho midiático para a comemoração (Fig. 53). Vários grupos de antigomobilistas, como os do “Clube do Fordinho” e do “Enferrujado”, foram convidados para a carreata. Após a cerimônia, a associação Clube do Fordinho escreveu em seu site: “Para orgulho dos associados e amigos do

Clube do Fordinho, dezenove modelos A foram os primeiros veículos a trafegarem pela ponte recém inaugurada.”<sup>2</sup>

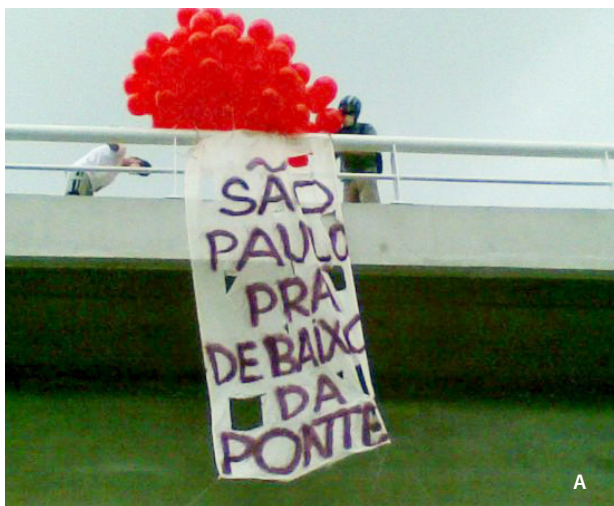
Envolta em uma São Paulo dos prédios multinacionais de espelhos e de brilhos, a ponte foi inaugurada por Fordinhos e Fuscas antigos que desfilaram vagarosamente por suas pistas, lembrando uma São Paulo do século passado, mais lenta e menos congestionada. Além de dar maior visibilidade para o evento, o parecer do desfile colocou em evidência a oposição entre a modernidade estética e tecnológica da construção da ponte estaiada e dos edifícios da região, que recebem em suas garagens carros de última geração, em detrimento à beleza clássica e tradicional dos automóveis antigos que passeavam pelas vias curvas da ponte. O desfile foi uma oportunidade adequada em um espaço apropriado para se instaurar o regime de manipulação, na estratégia intencional do destinador Poder Público de gerar maior visibilidade à obra e, ao mesmo tempo, à própria ação política, na busca de convencer a população da eficácia do projeto de sua gestão, que propiciou uma maior mobilidade para a cidade (estratégia de difícil consecução, tomando por base o dia anterior, em que havia sido anunciado o maior congestionamento da cidade).

Antes mesmo do discurso das autoridades e dos carros antigos desfilarem, na manhã da inauguração, três grupos representantes de causas sociais diferentes se posicionaram em locais próximos com vistas a realizar protestos em prol de suas questões. O maior deles, com cerca de 40 ciclistas, reivindicava a construção de ciclovias e reclamava da proibição das bicicletas transitarem na ponte. A ação planejada pelos ciclistas foi modificada assim que o grupo chegou ao local: a concentração passou para a área onde estavam estacionados os carros antigos, fato que desorientou os guardas e os seguranças do evento. No vídeo intitulado “Inauguração do Estilingão - Ponte Estaiada Octavio Frias”<sup>3</sup>, pode-se conferir como se efetivou a manifestação: os ciclistas se posicionaram atrás do comboio de automóveis antigos e, no início da carreata, adentraram rapidamente a ponte estaiada passando pelo meio dos carros. Policiais tentaram impedir a entrada de alguns ciclistas, mas vários já tinham invadido as vias. O texto descritivo do vídeo que divulgou a prática resume a ação: “Vídeo de inauguração da ponte Octavio Frias (Estaiada), a ponte que é frias e que pobre não entra. Veja o vídeo de uma comemoração que nenhuma emissora mostrou”.

Simultaneamente à manifestação dos ciclistas, outras 20 pessoas cobraram a despoluição do rio Pinheiros e, em outra parte da ponte, outro grupo protestava contra a retirada das favelas da Avenida Jornalista Roberto Marinho (Fig. 54). Os grupos de manifestantes gritavam bordões e portavam cartazes com os seguintes dizeres:

2. “Inauguração da Ponte Estaiada - S. Paulo” no site “Clube do Fordinho”.

3. Vídeo intitulado “Inauguração do Estilingão - Ponte Estaiada Octavio Frias” publicado por Ciclo.Br no dia 10 de maio de 2008 no site Youtube.



A



B



C



D



E





**Figura 54** Ciclistas, moradores da favela e ambientalistas realizaram protestos em pontos diferentes das pistas da ponte estaiada. Equipes de programas humorísticos também compareceram à inauguração da ponte estaiada. Em uma ação imprevista, o grupo de ciclistas mudou seu posicionamento e invadiu as vias no meio do desfile de carros antigos.





**Figura 55** Ao final, pessoas dos vários grupos se uniram no piquenique realizado em uma das vias da ponte estaiada. O grupo se alimentou com pães, tomou vinho, alguns pintaram, outros bradaram bordões em protestos e, todos celebraram suas causas na cerimônia de inauguração.



“Rumo à meta de 300 km de engarrafamento”,  
 “Nota zero”,  
 “Operação Urbana Águas Espalhadas: casas despejadas 8.500 famílias”,  
 “São Paulo pra baixo da ponte”,  
 “Me diz quanto foi \$”,  
 “Construí\$se um pirâmide”,  
 “Limpeza Social em progresso”.

Além dos protestos, que estavam fora do programa do evento, também se fizeram presentes os repórteres do programa humorístico de notícias CQC – *Custe o Que Custar* e do grupo *Casseta e Planeta*. Do primeiro programa, divulgou-se uma entrevista com Paulo Maluf para o repórter do CQC<sup>4</sup>, que fez insinuações sobre a vida política do deputado e brincou ao compará-la com a construção da ponte estaiada. No outro programa, o *Casseta e Planeta*, dois integrantes, um deles imitando o então Presidente Lula, seguem em um carro antigo pelas vias da ponte. Essas manifestações populares, como a dos ciclistas, da comunidade do Jardim Edith, dos defensores do rio Pinheiros e das gravações dos programas humorísticos (embora previamente planejadas), são conduzidas pelo acaso e por aquilo que o momento oferece e não respondem a um roteiro ou a uma programação prévia, o que faz essas interações estarem na condição da imprevisibilidade e do inesperado da situação, potencializando em si mesmas um caráter catastrófico característico do regime do acidente. Embora tentassem, nem mesmo os policiais e os seguranças conseguiram deter as ações por sua rapidez e pela sua momentaneidade, distinguidas pelo descontínuo e pela ocorrência em espaços oportunos que possibilitam a interação e a emergência de seu sentido.

Por fim, coroando a inauguração, ocorreu o piquenique em pleno asfalto das vias da ponte, espaço que foi criado pelos sujeitos para tal manifestação, com direito a toalha xadrez, cesta de vime, pão, sanduíches e vinho para o brinde comunitário (Fig. 55). Iniciativa dos ciclistas, o piquenique uniu os manifestantes: grupos de outros protestos, cidadãos que estavam nos carros antigos e, inclusive, seguranças e policiais do poder institucionalizado. Até o Senador Eduardo Suplicy veio ter com os manifestantes. O ato congregou todos, motivados pela sensibilidade estética do ato, momento único em que a ponte estaiada acolheu os manifestantes em suas pistas para a realização de um piquenique em uma ponte na cidade de São Paulo. Um sentir estético e estésico em comunhão, como é característico do regime de ajustamento. Uma ação comunitária e interativa que expressou o desejo da população naquele momento. No site “Contraponto e fuga”, a reportagem fotográfica dos protestos é acompanhada do seguinte texto, presente nas legendas das imagens, que resume e permite ver os significados que conferiram sentido às interações:

4. Vídeo intitulado “Entrevista Maluf CQC - Ponte Estaiada”, publicado no site Youtube.



Oh, orgulho da cidade de São Paulo!  
 260 milhões numa ponte de gosto duvidoso,  
 por onde só passam veículos motorizados individuais  
 ... a cara da cidade mesmo!  
 Mais um logro rumo à limpeza social  
 – mais de 8.500 famílias de baixa renda estão sendo despejadas  
 – e ao congestionamento apocalíptico  
 – a ponte já liga um engarrafamento ao outro!  
 Mas nem tudo saiu como planejado na grande festa de inauguração do Estilângão, ou  
 ponte estaiada...  
 pedalantes, pedestres, seres humanos – excluídos – uniram-se.  
 Tá chegando a hora: cof, cof, cof!  
 a ansiedade logo transformou-se em ação e frio na barriga.  
 “–Bicicletas não passam!” – Ei, não pode passar!”  
 Do frio na barriga fez-se então a alegria, coletiva, resistente, autêntica e, pelo menos por  
 alguns instantes, livre.  
 “– ia ia ia, cadê as ciclovias? - ia ia ia, moradia e ciclovia!!!”  
 Lindo – e delicioso – piquenique, mais aprazível só se não fosse tanto concreto, tanta  
 poluição ali, a nos rodear...  
 viva a confabulação, a desobediência pacífica e alegre,  
 a não-participação pela ação direta e criativa !!!<sup>5</sup>

O texto é iniciado com uma frase de interjeição enfatizada pelo vocábulo “Oh” e finalizada com um ponto de exclamação: a frase enunciada dispõe a cidade como receptora de sentimento de orgulho. Em seguida, o enunciador descreve o fato em si – o uso de muito dinheiro em uma obra pública duvidosa, finalizando a frase com reticências, apontando a continuidade do questionamento, e segue com a frase “a cara da cidade mesmo!”. Esse jogo posto no texto é a questão principal que move os sujeitos, que contrapõe uma São Paulo, motivo de orgulho, com outra mesma cidade de São Paulo, motivo de dúvida, de desgosto (a colocação do discurso, mais uma vez reitera a oposição, apreendida nos efeitos de sentido da ponte estaiada e nas outras manifestações que analisamos). Na frase seguinte, o texto continua salientando os motivos do desgosto e, com o uso da palavra “mas” mostra que existe uma alternativa, uma nova possibilidade de “virar o jogo” e voltar a se orgulhar. Para isso, houve a instauração do sujeito coletivo descrito como “pedalantes, pedestres, seres humanos – excluídos – uniram-

---

5. Texto intitulado “Grande inauguração do novo cartão-postal de São Paulo ou construísse uma pirâmide!” publicado em 13 de maio de 2008 no site “Contraponto e fuga”.

se” para dar conta da ação. A partir daí, a descrição faz ver e sentir os elementos do risco, da intempestividade e da urgência próprios do regime do acidente: “a ansiedade logo se transformou em ação e frio na barriga. ‘–Bicicletas não passam!’ ‘–Ei, não pode passar!’”. A ansiedade transformada em ação, o frio na barriga e as duas frases que marcam o momento da fratura, do descontínuo e do sem sentido. A mudança de um estado a outro permite ver o regime e o sentir aquele instante que é descrito em seguida: “fez-se então a alegria, coletiva, resistente, autêntica e, pelo menos por alguns instantes, livre”. Sentindo os sentidos do novo, dos valores da liberdade e da vida vivida que é transformadora.

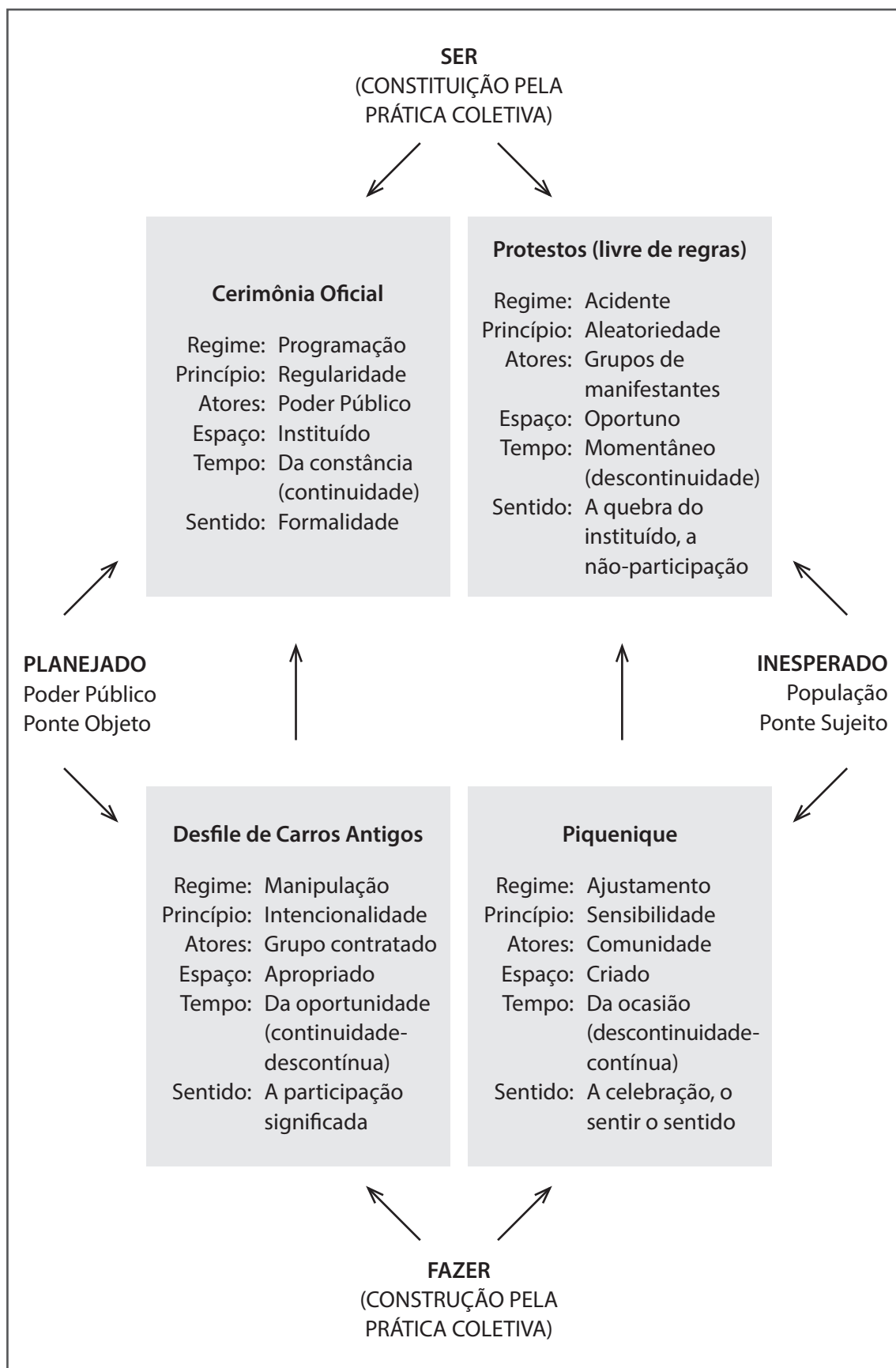
No final do texto, após o êxtase daquele momento, o “Lindo – e delicioso – piquenique” instaura o regime do ajustamento. Na frase “viva a confabulação, a desobediência pacífica e alegre, a não-participação pela ação direta e criativa”, vemos que o significado de “confabular” do dicionário, ou seja, de conversar com familiaridade, de imaginar e de sonhar, que foi possível devido ao “ato libertador” dos sujeitos, prática vivida de forma tranquila, feliz e criativa, em sintonia com a ponte estaiada, instaurou o sentir o sentido expresso na “não-participação no evento do destinador”. Na prática do piquenique, enquanto pessoas produziam obras de arte em pinturas da ponte, havia a ação de alimentar todos os participantes que conversavam e cantavam nas vias do templo moderno de São Paulo: dividir o pão, celebrar com o vinho, o grupo se confraternizando como em um ato religioso, o mesmo ato que, nas celebrações cristãs, simboliza a última ceia.

Apreendemos nesse ato os sentidos da Ponte e seus valores de identidade e de alteridade, axiologias circulantes que prendem e ameaçam, mas também ressurgem e libertam, como vimos no exemplo da inauguração.

As interações na regrada cerimônia oficial e no desfile de carros antigos cumprem o princípio da continuidade, ou seja, não operam sentidos que façam ocorrer uma mudança. No primeiro caso, nas práticas geridas pelo regime de programação, a ponte tem status de objeto dessemantizado e, no segundo, no desfile regido pelo regime de manipulação, a ponte é o objeto de valor que significou a mobilidade.

As interações nos protestos livres e no piquenique são estabelecidas pelo princípio da descontinuidade, ou seja, operam sentidos que determinam uma mudança instituída por meio da alteridade. No primeiro caso, a ponte atua como sujeito adjuvante e, no segundo, no regime de ajustamento que se dá no fazer simultâneo no piquenique, pelo sentir o outro na prática coletiva. A ponte, como sujeito, também viabiliza esse sentir.

Desenvolvemos a partir da análise das manifestações, um esquema dinâmico baseado no modelo de interações de Landowski (2005) para entender os regimes de interações praticados nas ações da inauguração. O diagrama mostra os elementos que compõem cada regime de sentido. Esse diagrama será o ponto inicial do último capítulo desta pesquisa.



**Diagrama 5** Esquema das interações na inauguração da ponte estaiada.



No dia da inauguração e no primeiro momento de sua existência, a ponte estaiada realmente disse a que veio: não apenas para ser um objeto com valor de uso, mas principalmente para ser um objeto ou um sujeito de valor mítico. Vimos que nas ações já se fez ver que a ponte seria revestida de sentidos múltiplos que significariam a ela e também à vida cidadina.

Naquela manhã de inauguração, houve um instante de descontinuidade na narrativa de São Paulo, ou seja, um breve momento em que se estabeleceu a identidade da ponte estaiada. Naquele pequeno período de tempo, pode-se ver os sentidos do regime de programação que definem a ponte como objeto de uso da população, as estratégias do fazer ser a ponte um monumento emblemático e midiático, como planejado por seus destinadores oficiais, e também o início das práticas dos sujeitos que clamam por causas de bem comum. Todos esses eventos e seus sentidos foram reiterados nas análises realizadas nos capítulos precedentes.

Se anteriormente dissemos que na situação caótica do trânsito na cidade, *a ponte estaiada, como símbolo da movimentação e circulação se coloca como uma ruptura do seu propósito existencial*, naquele dia de celebração, a ponte também se fez ver como uma descontinuidade espacial, visto que ainda não servia para o uso da movimentação cidadina. Naquelas condições da temporalidade e da espacialidade, em que se pode observar os sentidos e os valores de sua axiologia, foi mostrado que o seu propósito existencial não se limita a promover a movimentação e circulação na cidade, que também não é só mais um emblema da cidade, mas a síntese da própria identidade da metrópole paulistana.

**7**

## **REDE DE SENTIDOS DA PONTE ESTAIADA**

*A ponte*

*Para cruzá-la ou não cruzá-la*

*Eis a ponte*

*Na outra margem alguém me espera*

*com um pêssego e um país*

*Trago comigo oferendas desusadas*

*entre elas um guarda-chuva de umbigo de madeira*

*um livro com os pânico em branco*

*e um violão que não sei abraçar*

*Venho com as faces da insônia*

*os lenços do mar e das pazes*

*os tímidos cartazes da dor*

*as liturgias do beijo e da sombra*

*Nunca trouxe tanta coisa*

*Nunca vim com tão pouco*

*Eis a ponte*

*para cruzá-la ou não cruzá-la*

*e eu vou cruzar sem prevenções*

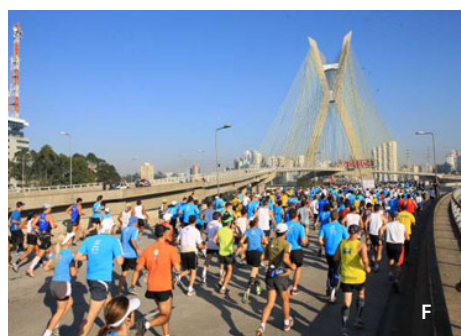
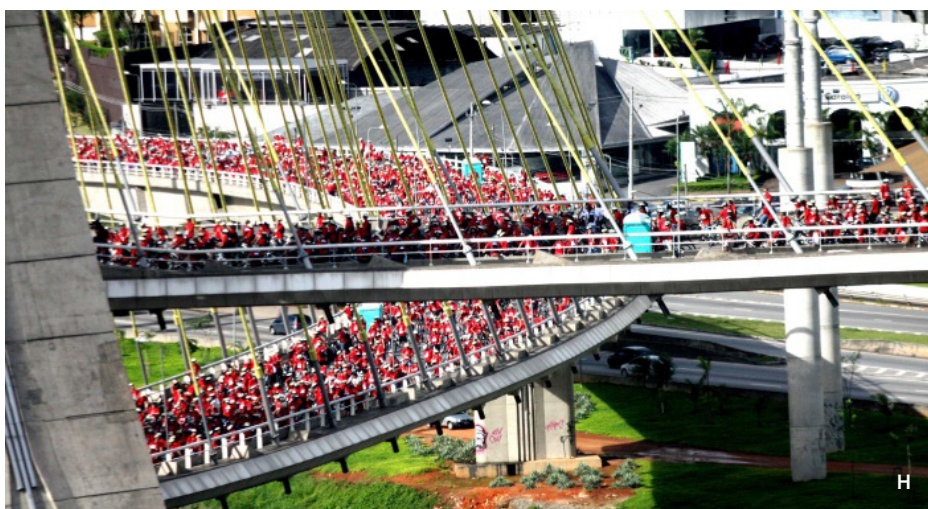
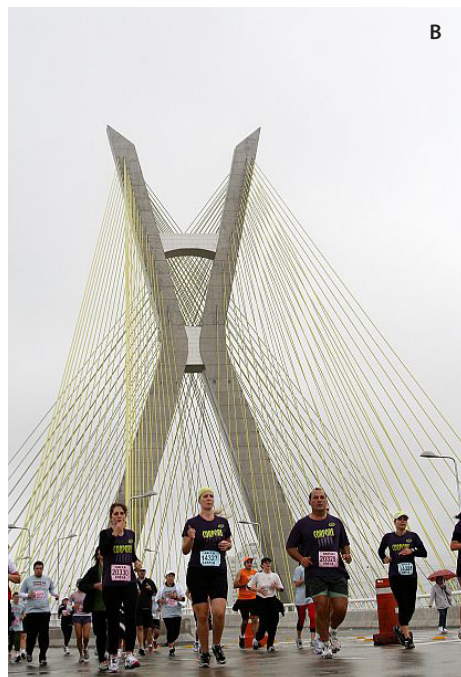
*Na outra margem alguém me espera*

*com um pêssego e um país*

Mário Benedetti (1986)

**Desde sua inauguração, diversas vezes a ponte estaiada foi escolhida para ser ou fazer** parte de eventos, comunicações e práticas sociais da cidade, emprestando a essas ações seus significados. A ponte ilustrou inúmeros anúncios e filmes publicitários, materiais promocionais de eventos, foi palco de atividades culturais e sociais, recebendo uma série de eventos performáticos realizados em suas pistas, como maratonas e corridas, passeios ciclísticos, provas específicas de deficientes físicos, desfiles de moda, etc. Essas escolhas são motivadas, pois as manifestações se revestem dos efeitos de sentido que são produzidos pela configuração da ponte, tornando-se mais visíveis ao público. Os sentidos da ponte são compartilhados com as práticas que nela acontecem, distinguindo cada uma das ações. Até mesmo ações individuais de cidadãos da cidade, que querem se expressar ou que procuram aparecer, ter alguns minutos de fama, a ponte também viabiliza essa condição para suas performances. Do mesmo modo, essas ações agregam novos sentidos à ponte, dinamizando-a, mudando o seu programa de uso e agregando novos sentidos e valores à sua existência, fazendo-a ser, como dissemos no capítulo anterior, a síntese da própria identidade da metrópole paulistana.





**Figura 56** Maratona Internacional de São Paulo e World Bike Tour.





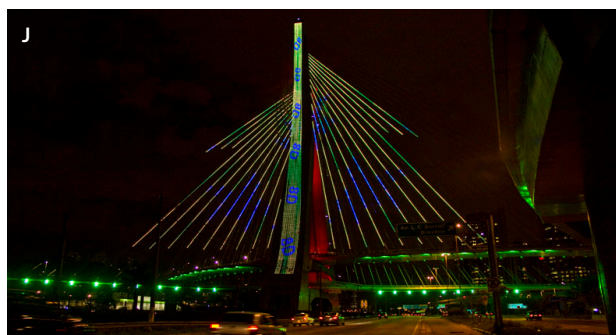
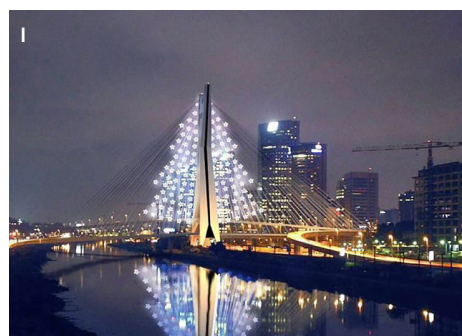
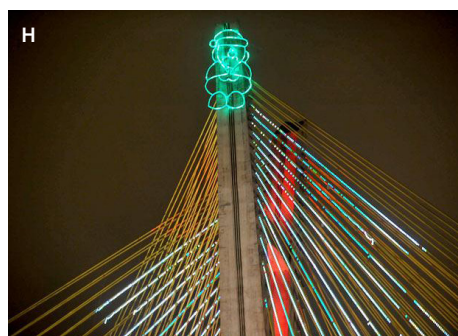
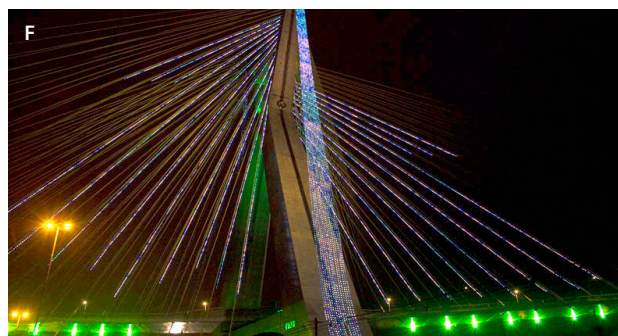
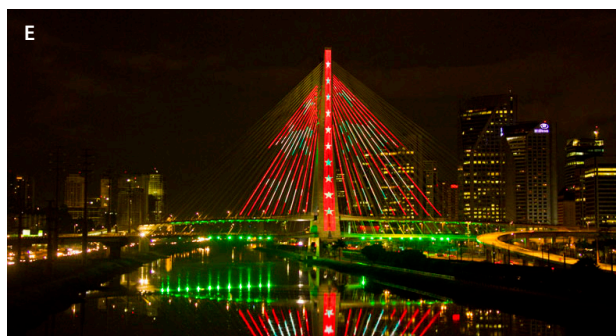
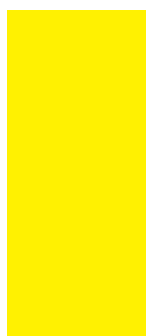
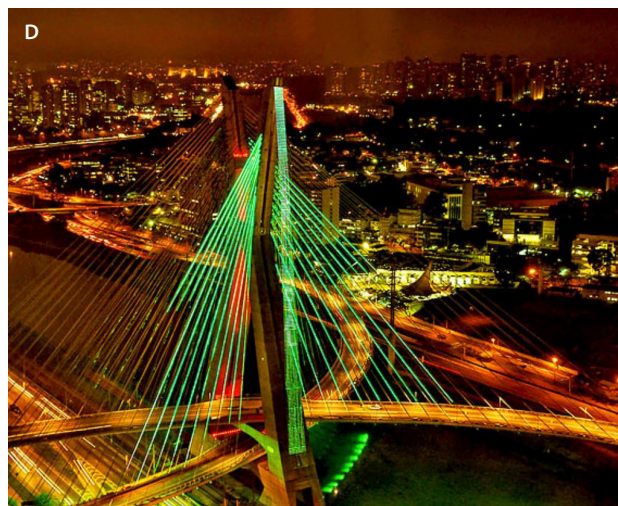


**Figura 57** Série Relações Diplomáticas: Coreia do Sul – Pontes, *badge* da cidade de São Paulo na rede social de geolocalização Foursquare, logomarca do Rotary Club Ponte Estaiada e presença da ponte no bloco de selos personalizados da cidade de São Paulo.



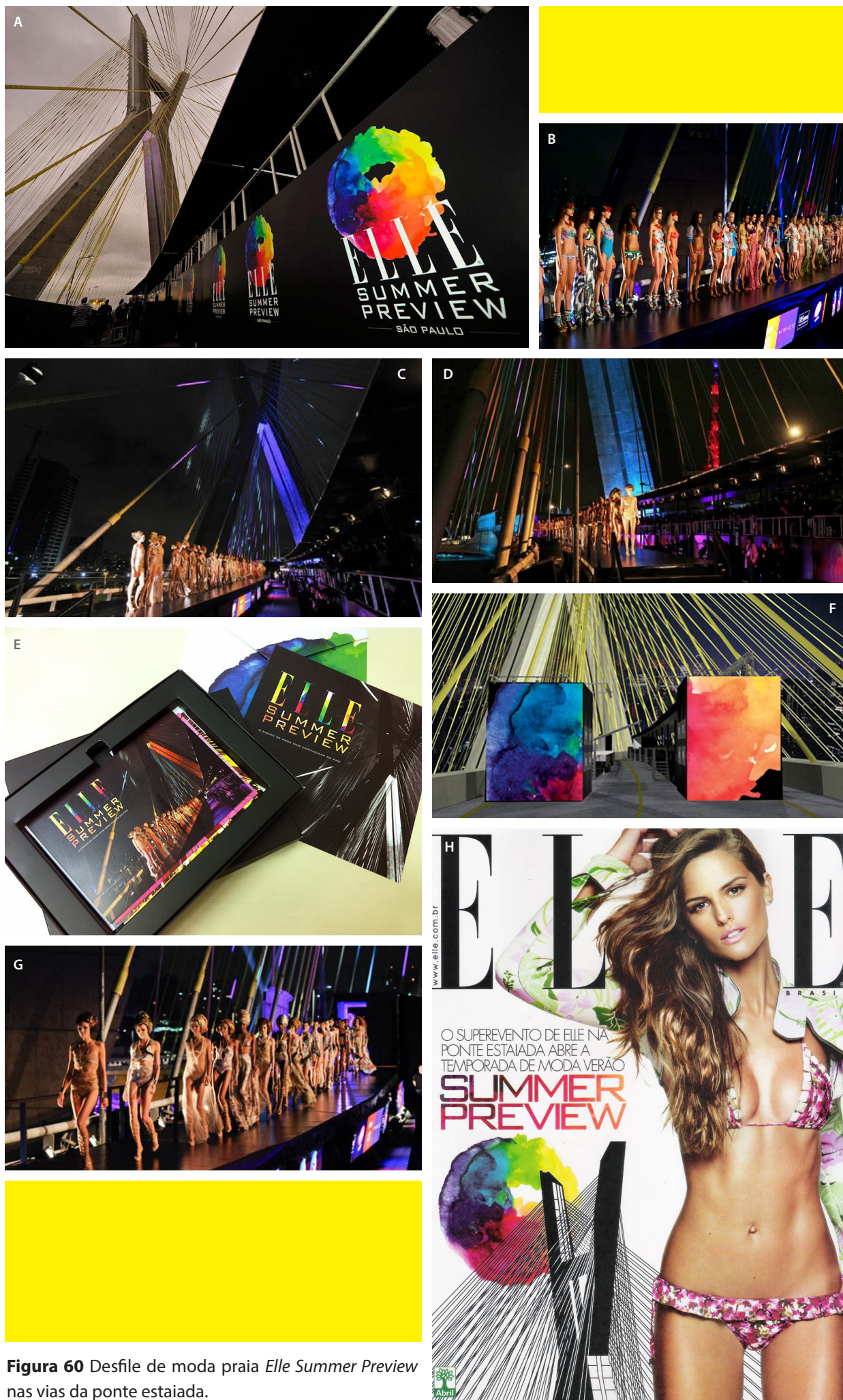
**Figura 58** Divulgação do Seminário de tendências Trendwatching, site e folheto de divulgação do evento Bridges Brazil 2011 e 2012.





**Figura 59** Ação publicitária Ponte Iluminada Telefonica.





**Figura 60** Desfile de moda praia *Elle Summer Preview* nas vias da ponte estaiada.





**Figura 61** Emerson Fittipaldi corre com uma Lotus a 200 km/h, trabalhadores fazem passeata por diminuição de jornada de trabalho e cenário da *Miss Universo 2011* transmitido pela TV Bandeirantes.





**Figura 62** Novelas *Passione* e *Guerra dos Sexos*, estúdio do *Jornal SPTV* e do programa *Manhattan Connection* e salto de paraquedas no *Domingão do Faustão*. A ponte estaiada está ao fundo de todos os programas.



**Figura 63** Programa *Pânico na TV* cujo objetivo era aparecer no *Jornal SPTV* da Rede Globo veiculado no dia 29/06/2009.



A



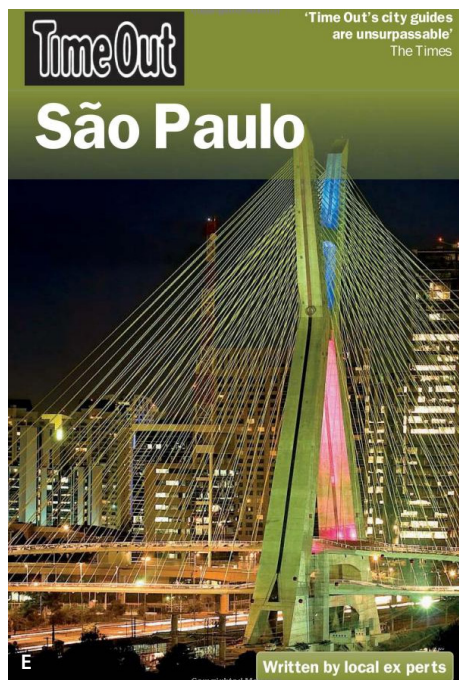
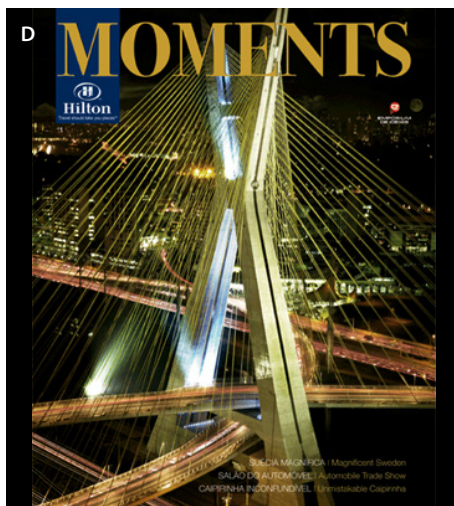
B



C



D

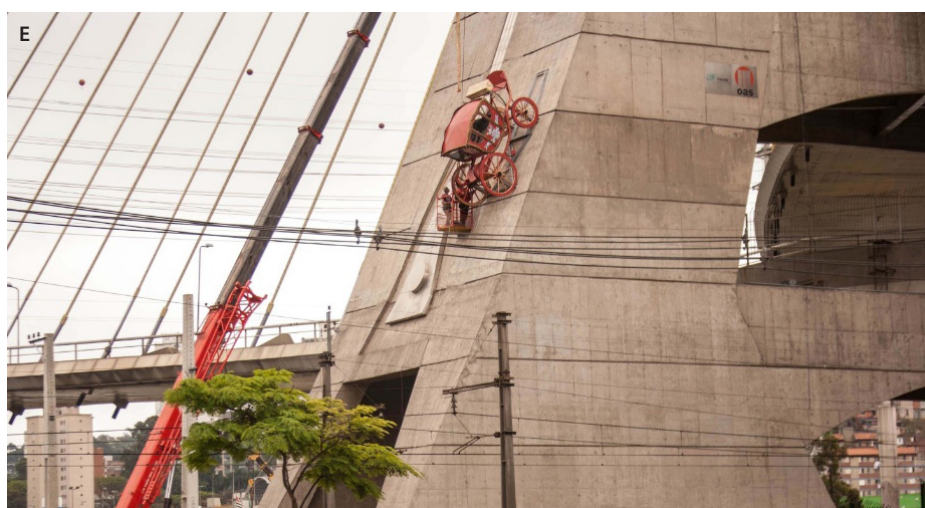


F



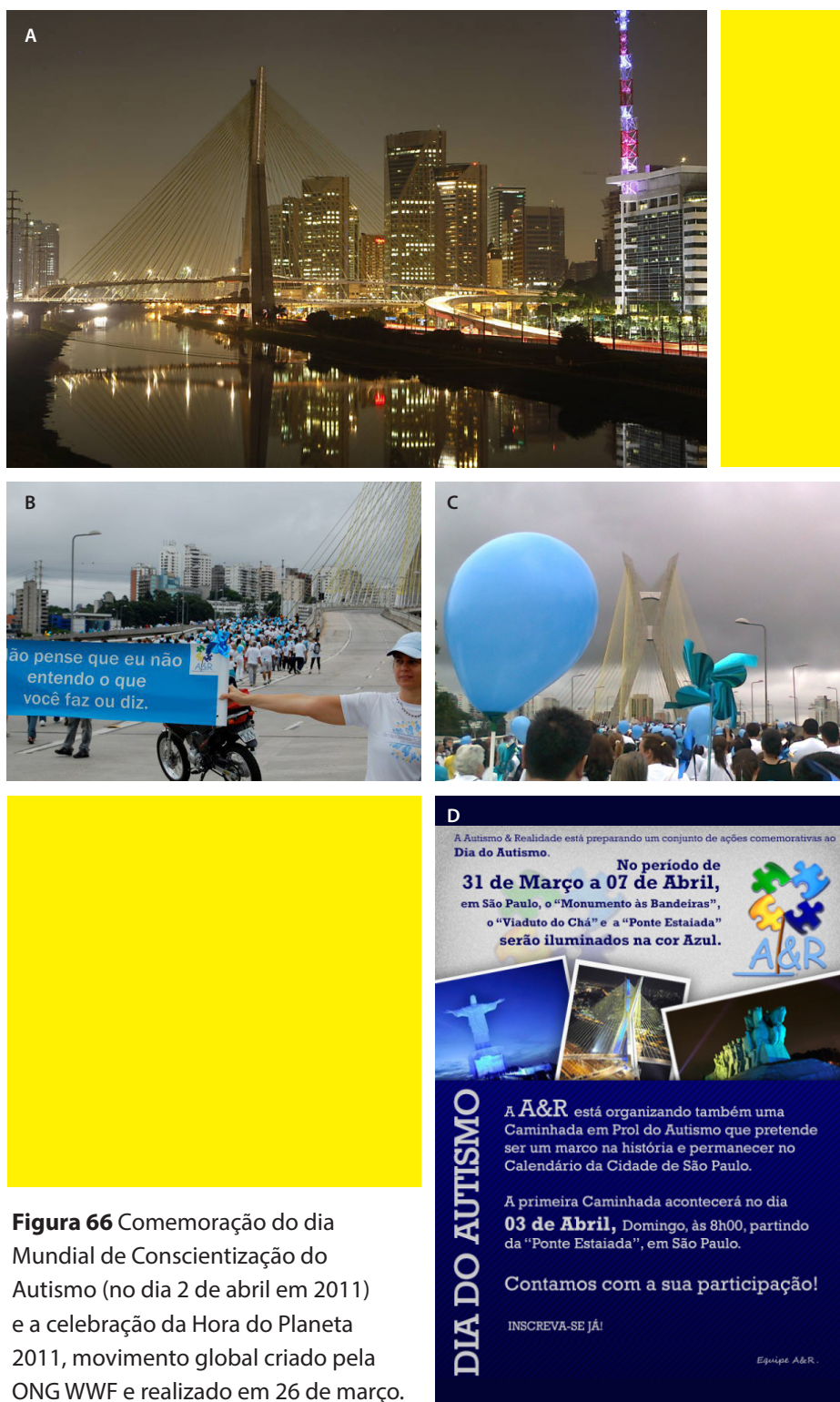
**Figura 64** Capa do guia de viagens inglês *TimeOut* sobre a cidade de São Paulo, capa do vídeo *Planeta dos Macacos*, foto de uma cena do filme *Ensaio sobre a cegueira*, capa do CD do grupo A-HA, revista *Moments* do Hilton Hotel Morumbi e *Guia de Bairro: Brooklin* da Empresa Cyrela. Todas as comunicações ostentam a ponte estaiada.





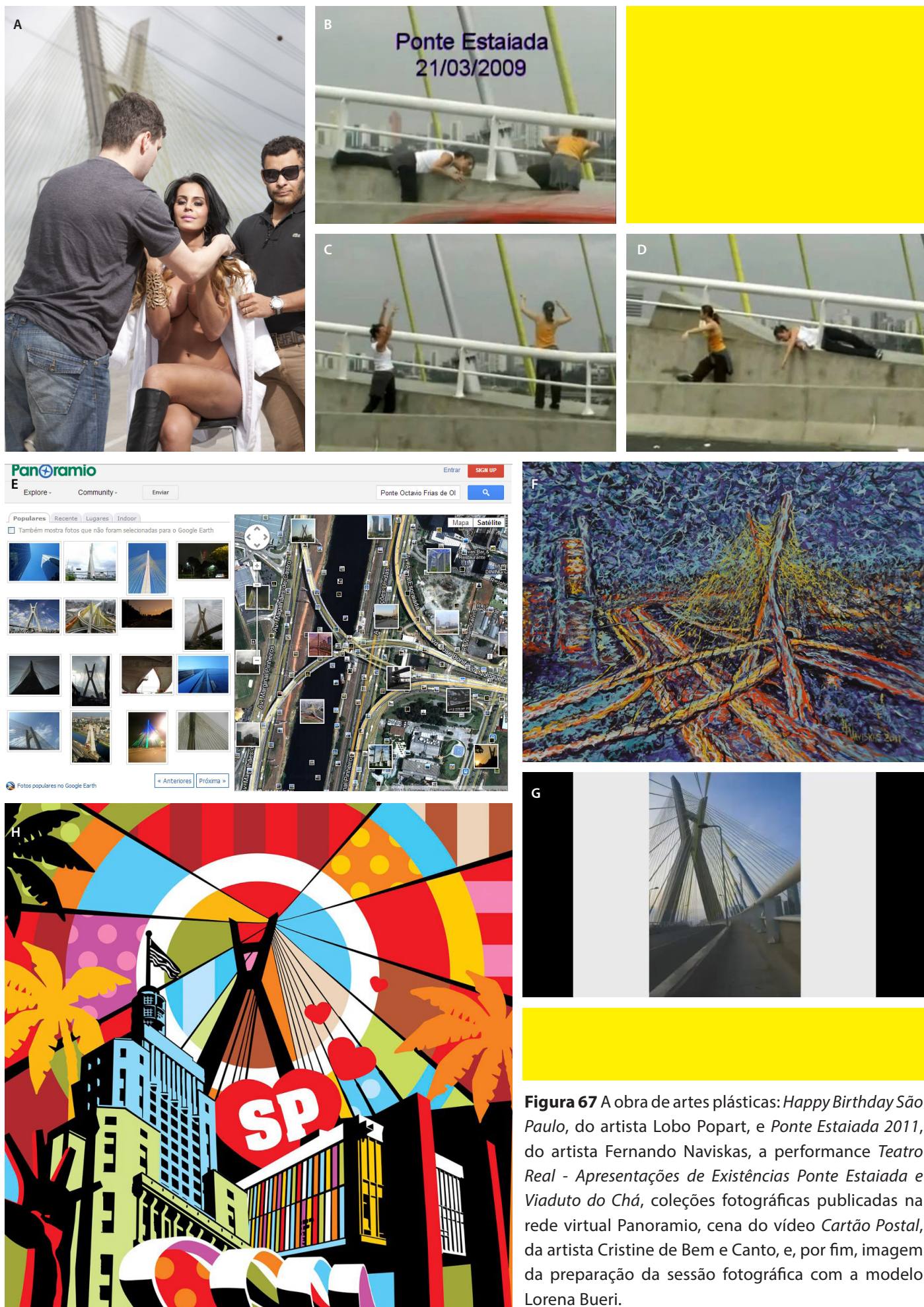
**Figura 65** Instalação Carruagem Srur 2012 que foi alçada no mastro da ponte, a carruagem de estilo imperial foi dirigida pelo artista Eduardo Srur na ciclovia vazia da marginal, competindo com o carro de stock car pilotado pelo campeão Ingo Hoffman.





**Figura 66** Comemoração do dia Mundial de Conscientização do Autismo (no dia 2 de abril em 2011) e a celebração da Hora do Planeta 2011, movimento global criado pela ONG WWF e realizado em 26 de março.





**Figura 67** A obra de artes plásticas: *Happy Birthday São Paulo*, do artista Lobo Popart, e *Ponte Estaiada 2011*, do artista Fernando Naviskas, a performance *Teatro Real - Apresentações de Existências Ponte Estaiada e Viaduto do Chá*, coleções fotográficas publicadas na rede virtual Panoramio, cena do vídeo *Cartão Postal*, da artista Cristine de Bem e Canto, e, por fim, imagem da preparação da sessão fotográfica com a modelo Lorena Bueri.





**Figura 68** Protesto contra a violência, do grupo Loucos pela Paz, homem se acorrenta na época da Copa, acidente em que uma moça foi lançada da ponte estaiada, um batida de carro e o local onde foi furtado fios de cobre da ponte estaiada.

Nosso objetivo neste capítulo não é realizar uma análise semiótica de cada fato descrito abaixo (processo que seria inviável em apenas uma pesquisa de mestrado). Ao contrário, tendo como base os postulados de Landowski, nosso propósito é buscar reiteraões que nos possibilitem sistematizar uma categorização das manifestações, buscando formar uma tipologia relacionada aos sentidos da ponte que também contribuem para fazer ser a identidade de São Paulo.

As ações escolhidas permitem ver manifestações de diferentes caracteres dos âmbitos social, cultural e comercial, perfazendo um conjunto de aspectos fundamentais na constituição da vida da cidade e da ponte estaiada. Para arrolar os eventos selecionados, foi feita uma divisão inicial, de caráter organizacional, que separa as manifestações pelo destinador principal do discurso ou da prática. Na totalidade das ocorrências, verificamos que se constituem como realizadores/ destinadores três diferentes sujeitos: o Poder Público, as empresas e/ou instituições privadas e também pessoas, isto é, um único sujeito individual com iniciativas de cunho subjetivo. Segue abaixo uma breve descrição de cada ação nessa primeira divisão.

### 7.1 Práticas de vida na ponte estaiada

Começemos pelas práticas sociais que foram realizadas e, portanto, destinadas pelo Poder Público:

- Maratona Internacional de São Paulo (Fig. 56): corrida pedestre, prática esportiva e social, é uma prova de atletismo realizada anualmente na cidade de São Paulo desde 1995, da qual participa os principais atletas da modalidade no país e destaques do exterior. Com trajeto olímpico de 42.195 metros, a prova acontece nas ruas da capital paulista, com a largada na Avenida Jornalista Roberto Marinho, próximo à ponte estaiada, e o ponto de chegada localizado no Monumento Obelisco Mausoléu ao Soldado Constitucionalista da Revolução de 1932, no Parque Ibirapuera. A edição XVIII da Maratona Internacional de São Paulo foi realizada em junho de 2012<sup>1</sup>, patrocinada pelos Governos do Brasil e do Estado de São Paulo e pela Prefeitura de São Paulo. Além disso, o evento conta com apoio da Caixa Econômica Federal e da Rede Globo São Paulo. A prova é a mais importante do país, em prestígio e em divulgação, uma vez que conta com a transmissão para todo o país, ao vivo, pela Rede Globo de Televisão.
- *World Bike Tour* (Fig. 56): trata-se de um projeto que contém um conjunto de atividades, como seminários, feiras e “um passeio de volta ao mundo” que culmina num passeio ciclístico nas cidades sede, sem objetivos competitivos, com a participação de milhares de pessoas. A prova tem edições em Lisboa, Porto, Madrid, Rio de Janeiro, Brasília e

---

1. Maratona de São Paulo, *site* e imagens.

São Paulo. Todas as edições na capital paulista ocorreram durante as comemorações do aniversário da cidade. A quinta edição, em 25 de janeiro de 2013, teve a participação de 8000 ciclistas que, antes da largada, preencheram toda a ponte estaiada montados nas suas bicicletas. O passeio seguiu pela Marginal expressa do rio Pinheiros até a Universidade de São Paulo. É patrocinado pela Prefeitura do Município de São Paulo e conta com apoio dos Correios, da empresa WTORRE e da Rede Globo São Paulo.

- A presença da ponte no bloco de selos personalizados da cidade de São Paulo e o selo da “Série Relações Diplomáticas: Coreia do Sul – Pontes” (Fig. 57), lançado em outubro de 2009, conta com a aparição da ponte estaiada. A série é regularmente difundida em comemoração às relações entre o Brasil e países amigos, como França, Itália, Rússia, etc. Segundo os Correios, os selos dessa série especial:

“(...) focalizam duas obras-primas da engenharia nacional da Coreia do Sul e do Brasil, a Ponte Incheon, (...) e a Ponte Octávio Frias de Oliveira, a Ponte Estaiada, (...). As imagens das pontes são caracterizadas pela beleza e harmonia de suas formas, simultaneamente arrojadas e simples.” (SÉRIE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS: COREIA DO SUL – PONTES, 2009<sup>2</sup>).

Nas práticas destinadas por empresas e instituições privadas, encontramos uma série de motivações específicas que permitiram ver muitas manifestações. São elas:

- O Seminário Internacional *Bridges Brazil*<sup>3</sup> (Fig. 58): é um evento da área de engenharia, promovido pela WBR - Worldwide Business Research, a maior empresa do mundo na realização de grandes conferências de negócios. As edições de 2011, 2012 e 2013 do *Bridges Brazil* foram realizadas no Hotel Golden Tulip Paulista Plaza em São Paulo e contaram com palestras sobre a construção de pontes. A ponte estaiada foi tema, nas três edições, das palestras proferidas pelo Engenheiro Catão Francisco Ribeiro, presidente da Enescil. A divulgação do evento que foi realizado em 2011 e 2012 mostrava imagens da ponte estaiada em destaque, significando sua importância para o evento.
- O Seminário Internacional *São Paulo Consumer Trend Seminar* (Fig. 58), um dos principais eventos de tendências de consumo no mundo, realizado pela consultoria TrendWatching nas cidades de São Paulo, Sydney, Singapura, Londres, Estocolmo, Berlin, Istambul, Shangai, Seul, Amsterdam, Johannesburg, New York, São Francisco e Toronto. Na última montagem em São Paulo, que ocorreu em 13 de agosto de 2012, a ponte estaiada foi escolhida para ilustrar e divulgar a edição do evento<sup>4</sup>.

2. Publicado no site dos Correios.

3. BRIDGES Brazil. Folheto do evento de 2011.; e BRIDGES Brazil. Edição 2012.

4. Página do evento “São Paulo Consumer Trend Seminar” na rede social Facebook.



Dentre as iniciativas do setor privado, muitas são provenientes da área de publicidade e comunicação de marcas e produtos, tais como:

- Ação batizada de “Ponte Iluminada Telefônica” (Fig. 59): foi patrocinada pelas empresas Vivo (antiga Telefônica) e Rede Globo de Televisão dentro do projeto Natal Iluminado em 2009 e 2010, realizado pela Prefeitura de São Paulo. Nela, uma iluminação especial e interativa foi desenvolvida na ponte estaiada, transformando-a em uma árvore de natal gigante. Na edição de 2009, houve uma ação publicitária em que o público podia participar, via internet, de um concurso de frases em comemoração ao Natal e ao Ano Novo. Em 2010, a ação interativa ocorria no site da empresa Telefonica: conforme o “estado de espírito” de cada dia, os internautas podiam escolher a cor representativa desse estado e, de acordo com a votação, as cores correspondentes eram projetadas na ponte estaiada, manifestando o estado de espírito geral da população no determinado dia. Os estados eram representados pelas seguintes cores: feliz (amarelo), paz (branco), conectada (azul), amor (vermelho) e esperança (verde)<sup>5</sup>.
- Desfile de moda *Elle Summer Preview* (Fig. 60), que abriu o calendário de desfiles de verão, realizado na noite de 12 de maio de 2012, promovido pela revista Elle Brasil, em comemoração ao 24º aniversário da revista, que transformou a ponte estaiada em uma passarela para modelos internacionais desfilarem moda praia<sup>6</sup>. Uma grande estrutura foi montada sobre a ponte para receber os convidados, atrizes, modelos, estilistas, personalidades da mídia e autoridades. A produção do evento foi de Paulo Borges que, segundo o site da revista Elle, “ressaltou a originalidade de realizar o desfile na ponte, um ícone da cidade”. Durante os desfiles, a música era do projeto Groove: “Tudo para tornar o Elle Summer Preview algo memorável para os 900 convidados”. A modelo Carol Ribeiro declarou: “Esse é um evento que vai enaltecer São Paulo e a crescente moda brasileira”<sup>7</sup>. A segunda edição foi realizada em 9 de março de 2013, novamente na ponte estaiada, confirmando seu status no mundo da moda.
- Ação de divulgação do Grande Prêmio de Fórmula 1 no Brasil (Fig. 61), em que Emerson Fittipaldi correu a 200 km/h com uma Lotus 72 (a mesma em que conquistou sua primeira vitória) pelas pistas da Marginal Pinheiros, celebrando os 40 anos de sua primeira bandeirada na Fórmula 1, ocorrida no dia 4 de outubro de 1970. O evento também marcou o lançamento do projeto “Fittipaldi 40 anos – o Brasil há 40 anos no alto do pódio”, que terminou em 2012. Fittipaldi “largou” com o Lotus do shopping

5. Vídeo do *making of* da instalação da “Ponte Iluminada Telefonica”; vídeo “Ponte Iluminada Telefônica” de lançamento do projeto, publicado no *site* Youtube; e o *press release* da imprensa sobre o evento, chamado Telefônica presenteia paulistano com a Maior árvore de Natal interativa e iluminada do mundo.

6. Elle Summer Preview em vídeo intitulado “Compacto Elle Summer Preview” que foi publicado no *site* Youtube.

7. Sagrati (2012). Matéria intitulada “Confira as atrações do Summer Preview” no *site* do Elle Preview Summer.

Cidade Jardim, passou pela marginal do rio Pinheiros, onde atingiu cerca de 270 km/h, e foi para a ponte estaiada, onde encerrou o passeio. O vídeo pode ser visto na matéria divulgada no dia 02 de novembro de 2010 no “Jornal Bom Dia São Paulo” da Rede Globo de Televisão<sup>8</sup>.

- O programa *Miss Universo 2011* (Fig. 61) (realizado no Brasil com transmissão da Rede Bandeirantes) teve como cenário de fundo a ponte estaiada estilizada, inclusive gerando estranheza, pois a ponte que é chamada de “ponte da Rede Globo”, mas estava na tela da concorrente.
- Diversos filmes publicitários, em especial de empresas que atuam no setor automobilístico e de telefonia celular, como a campanha do Dia dos Namorados de 2011 realizada pela empresa de telefonia Claro.

Outras duas ações de comunicação institucional que demarcaram a ponte como ícone identitário de um lugar:

- A denominação de um grupo do Rotary Club chamado Rotary Club SP Ponte Estaiada, estampando a ponte em sua logomarca (Fig. 57)<sup>9</sup>.
- A passeata realizada no dia 28 de maio de 2008 (Fig. 61), promovida por diversas centrais sindicais em comemoração ao Dia Nacional de Luta pela Redução da Jornada de Trabalho. O evento fechou a ponte estaiada, conforme publicado pelo jornal O Estado de São Paulo: “de acordo com a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), o bloqueio da Ponte Estaiada provocou um grande congestionamento na região”<sup>10</sup>.

A empresa Rede Globo São Paulo foi a que mais investiu em discursos e em simulacros da ponte estaiada em sua diversificada programação, de novelas a programas jornalísticos. É também responsável por consagrar a ponte nacionalmente, incorporando para si os diversos sentidos da ponte estaiada. Entre uma série de ações realizadas, citamos algumas bastante representativas (Fig. 62):

- Como prática principal e diária, a presença da ponte estaiada no cenário do estúdio panorâmico dos telejornais da Rede Globo de São Paulo: *SPTV* e *Bom Dia Brasil*. O estúdio panorâmico foi inaugurado em 26 de abril de 2008, no último andar do Edifício Evandro Carlos de Andrade, sede da Rede Globo paulista<sup>11</sup>. Na reportagem veiculada no programa *Vídeo Show* da mesma emissora, a apresentadora Geovanna Tominaga entrevista o âncora Chico Pinheiro sobre o estúdio de vidro da sede paulista. O jornalista

8. EMERSON Fittipaldi pilota Lotus pelas ruas de São Paulo GLOBO 02/11/2010. Matéria veiculada no jornal televisivo *Bom Dia São Paulo* da Rede Globo de Televisão sobre ação de divulgação do GP Brasil. Publicado no site Youtube.

9. Site Rotary club SP Ponte estaiada.

10. Spigliatti (2008).

11. Matéria “Globo apresenta nova programação” publicada no Portal G1 em 26 de abril de 2008; e vídeo do episódio do programa *Vídeo Show*, intitulado *Vídeo Show – Estúdio panorâmico de vidro do SPTV (Glass Studio)*, publicado no site Youtube.

fala sobre a deslumbrante vista panorâmica da cidade e da ponte estaiada e relembra a nomeação dada à ponte e à avenida, homenageando os dois jornalistas. Em seguida, cita a região como a mais “sofisticada de São Paulo”, a “nova Avenida Paulista”, com seus prédios inteligentes, caríssimos, comparando o local à cidade de Chicago, dizendo parecer ser uma cidade de “primeiríssimo mundo”. Em seguida, enquanto a câmera mostra imagens dos arredores, o jornalista narra os contrastes de São Paulo, comenta sobre o Rio Pinheiros, que “parece bonito, mas é um esgoto a céu aberto”, e fala da favela do Real Parque e Paraisópolis, concluindo que “São Paulo, com suas contradições, que é notícia”. A repórter comenta que o cenário é vivo, o jornalista diz que foi possível “incorporar a cidade em um jornalismo mais verdadeiro, mais transparente” e termina comentando detalhes técnicos do estúdio.

- A reedição da novela *Guerra dos Sexos*, lançada em primeiro de outubro de 2012 e concluída em 26 de abril de 2013, foi escrita por Sílvio de Abreu e Carlos Lombardi e abordou os conflitos entre homens e mulheres<sup>12</sup>. A ponte estaiada é a paisagem vista nas janelas do escritório do personagem Otávio, o principal representante do lado masculino, que foi interpretado por Tony Ramos.
- Cenas da novela *Passione*, exibida em 2010, em que os personagens principais eram proprietários de uma fábrica de bicicletas cujo escritório era próximo à ponte. As cenas iniciais do primeiro capítulo são tomadas áreas de São Paulo e da ponte estaiada. Essas imagens aéreas também foram utilizadas para contextualizar as mudanças de cena, durante toda a novela<sup>13</sup>.
- O programa de notícias *Manhattan Connection* é transmitido pelo canal pago Globo News da Globosat para o Brasil e para o mundo, diretamente de Manhattan, Veneza e São Paulo. Os comentaristas Lucas Mendes, Caio Blinder, Diogo Mainardi, Ricardo Amorim e Pedro Andrade debatem política, economia e cultura no Brasil, nos Estados Unidos e no resto do mundo. No dia 23 de janeiro de 2011, Ricardo Amorim passou a fazer comentários no estúdio de São Paulo e não mais no Rio de Janeiro, possibilitando ver a ponte estaiada em suas aparições.
- Por último, um episódio do *Desafio do Faustão*, veiculado em 13 de novembro de 2011, no Programa Domingão do Faustão, exibiu um salto de paraquedas realizado na ponte estaiada pelo paraquedista Sabiá<sup>14</sup>.

12. Cena da novela *Guerra dos Sexos*, na qual aparece a ponte estaiada, denominada: Charlô briga com Otávio por causa da festa.

13. *Passione* - 1º capítulo. 17/05/2010 (p1). Primeiro capítulo da novela *Passione*, da Rede globo de Televisão, publicado no site Youtube.

14. Sabiá salta do ponto mais alto da ponte estaiada de São Paulo. Notícia veiculada em 13/11/2011 no site globo.com; e vídeo intitulado “Sabiá saltando da ponte estaiada em São Paulo”, parte do “Programa Faustão”.



Para contrapor a hegemonia da Rede Globo, houve uma ação transmitida pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão no programa *Pânico na TV*, em que o jornal *SPTV* da Rede Globo e o apresentador Chico Pinheiro foram satirizados (Fig. 63).

- Veiculado no dia 29 de junho de 2009, o episódio do programa teve o objetivo de aparecer na edição do *SPTV* da Rede Globo. Na ponte estaiada, foram penduradas várias bexigas coloridas, um grande urso de pelúcia e faixas de felicitações em “comemoração ao aniversário do Chico Pinheiro”, chamariz que garantiu visibilidade através do estúdio envidraçado para os apresentadores Vesgo e Silvio e, consequente, presença no telejornal da emissora concorrente<sup>15</sup>.

Contamos também com algumas outras práticas e ações que são iniciativas de empresas ou organizações socioculturais, como:

- O filme rodado em 2008, *Ensaio sobre a Cegueira*, de Fernando Meirelles, baseado no romance de José Saramago sobre uma epidemia de cegueira que atinge uma grande metrópole (Fig. 64). Nas cenas do filme, um grupo anda pelas ruas de São Paulo e, no caminho, passa pela ponte estaiada, que ainda estava inacabada<sup>16</sup>.
- Várias capas de livros, cds e filmes, como a capa do cd single da banda norueguesa A-HA, denominado *Foot Of The Mountain* (Fig. 64), gravado em 2009, que tem como imagem de fundo a ponte<sup>17</sup>. A edição do *Guia Time Out São Paulo*<sup>18</sup> (Fig. 64), lançado em outubro de 2009 pela Time Out Guides, editora britânica especializada em guias turísticos de várias cidades do mundo. A edição número um da revista *Moments* do Hilton São Paulo Morumbi (Fig. 64) e o Guia de Bairro – Berrini (Fig. 64) publicado pela Cyrela Brazil Realty, uma das maiores incorporadoras do mercado imobiliário brasileiro. Por fim, o cartaz do filme *Planeta dos Macacos: A Origem* (Fig. 64), no qual o símio inteligente, que conduz a revolução no filme (macaco César), ergue o braço num gesto desafiador tendo a ponte estaiada ao fundo. A ponte Golden Gate de São Francisco, na Califórnia, é utilizada no cartaz original do filme<sup>19</sup>.
- A instalação urbana composta por uma carruagem de estilo imperial que foi alçada e colocada no mastro da ponte, com o objetivo de propor uma reflexão sobre a mobilidade urbana na cidade. A ação foi realizada durante as comemorações do Setembro Verde,

15. Ferreira (2008). Imagens publicadas no blog *Cenas da Cidade* de Danilo Ferreira; e vídeo intitulado “Vesgo e Silvio dão parabéns para Chico Pinheiro”, publicado no *site* Youtube.

16. Informações disponíveis no *site* da FOXFilm.

17. Fotos promocionais do novo álbum. Imagens promocionais da foto de capa do CD *Foot Of The Mountain*, gravado em 2009 pelo Grupo A-HA.

18. *Site* da editora TimeOut.

19. Matéria intitulada “São Paulo ganha versão do cartaz de Planeta dos Macacos: A Origem” publicada no portal IG.; e notícia Hilton Morumbi lança revista própria, publicada no *site* Mundo do Marketing sobre o lançamento da revista Moments; e o guia de bairro da empresa Cyrela.

um projeto de ocupação da cidade organizado pelo grupo Matilha Cultural, com programação diversificada: multimídia, filmes, exposições, palestras, oficinas e shows para discutir os principais conflitos socioambientais brasileiros (Fig. 65). No dia 19 de setembro, foi feita a simulação de uma corrida com o objetivo de verificar quem, durante o horário de rush<sup>20</sup>, chegaria primeiro ao final. A carruagem, dirigida pelo artista Eduardo Srur, corria na ciclovia vazia da marginal competindo com o carro pilotado pelo campeão de stock car Ingo Hoffman, que corria nas pistas da marginal. Tanto essa ação com a instalação da Carruagem Srur 2012 foram filmadas, mostrando como se deu o processo da construção e da colocação da obra na ponte<sup>21</sup>.

- A Comemoração do Dia Mundial de Conscientização do Autismo (Fig. 66), no dia 2 de abril de 2011, em que a ponte estaiada e diversos outros monumentos urbanos, nacionais e internacionais, foram iluminados na cor azul, que representa mundialmente o autismo. Na comemoração, em São Paulo, ocorreu uma caminhada nas pistas da ponte estaiada, com os integrantes vestidos de azul com muitas bexigas da mesma cor para lembrar esse dia<sup>22</sup>. As mesmas ações também foram realizadas em 2012.
- A Hora do Planeta (Fig. 66): um movimento global criado pelo WWF e promovido em 134 países (3.800 cidades do mundo). Na ação, governos, empresas e população demonstram a preocupação com o aquecimento global, apagando as luzes de vários locais públicos e residências durante sessenta minutos. De acordo com o coordenador do Programa Mudanças Climáticas e Energia do WWF-Brasil,

a Hora do Planeta é “um ato simples que busca chamar a atenção das pessoas para o cuidado que temos que ter com o planeta. A ação simbólica é um chamado para a reflexão, para o questionamento de como estamos contribuindo no dia a dia para um mundo melhor e sustentável” (WWF, 2011)<sup>23</sup>.

Na capital paulista, a ação foi realizada em 26 de março de 2011, desligando as luzes do Estádio do Pacaembu, da Biblioteca Mário de Andrade e dos Arcos do Anhangabaú, incluindo a ponte estaiada, o Obelisco do Ibirapuera, o Monumento às Bandeiras, o Teatro Municipal e o Mercado Municipal.

- A ação de um grupo teatral, realizada em 3 de maio de 2009, em que três pessoas realizaram movimentos de expressão corporal, lentos e marcados, que se opõem ao

20. Artista promove corrida entre carro e carruagem na marginal Pinheiros. Imagens da carruagem no portal UOL.

21. Vídeo “Instalação Carruagem Srur 2012”, produzido pela Aiuê Produtora de Conteúdo, e publicado no site Vimeo.

22. Matéria intitulada “Que luz é essa?” publicada no site do Instituto BM&Fbovespa.

23. Fotos sobre a Hora do Planeta publicadas no portal Estadão.

movimento rápido dos carros, nas pistas e nas grades da ponte estaiada. A execução dessa performance foi denominada, no vídeo publicado no Youtube, como “Teatro Real - Apresentações de Existências Ponte Estaiada e Viaduto do Chá”<sup>24</sup> (Fig. 67).

- Um grupo de manifestantes chamado Loucos pela Paz realizou um protesto contra a violência. Dois manifestantes, praticantes de rapel, se penduraram em cordas na ponte estaiada, exibindo mensagens de repúdio à violência e aos homicídios que assustaram a população no final de 2012. Os manifestantes foram detidos pela Polícia Militar<sup>25</sup> (Fig. 68).

Para terminar a seleção de práticas realizadas na ponte estaiada, tem-se as ações individuais realizadas por apenas uma pessoa em suas vias:

- O vídeo publicado no Youtube intitulado “Cartão Postal”, criado pela artista plástica Cristine de Bem e Canto, com texto de Lenine e Lula Queiroga, teve o objetivo de abordar a questão da construção da ponte estaiada na cidade de São Paulo (Fig. 67).
- A obra de arte plástica *Happy Birthday São Paulo*, do artista Lobo Popart, mostra alguns monumentos de São Paulo produzidos com técnica da pop art, como o Edifício Altino Arantes, o Masp, a mão esculpida do Memorial da América Latina e a ponte estaiada<sup>26</sup> (Fig. 67).
- Uma pintura realizada com um tipo de técnica de pinceladas e intitulada *Ponte Estaiada 2011*, do artista Fernando Naviskas<sup>27</sup>, compõe a série de obras denominada “São Paulo, Cimento e Gente” (Fig. 67).
- Diversas coleções fotográficas publicadas em redes virtuais como o Flickr, o Panoramio e o Skyscrapercity<sup>28</sup> (Fig. 67).
- A sessão fotográfica em que a modelo Lorena Bueri, eleita Gata do Paulistão (Campeonato Paulista de Futebol), posou nua nas pistas da ponte estaiada para uma pré-campanha da grife Maria Louka, que pertence à própria modelo<sup>29</sup> (Fig. 67).
- Um acidente envolvendo o motorista que sofreu ferimentos leves. De acordo com o motorista do Porsche, a mulher que conduzia o outro automóvel o fechou e por isso houve a colisão<sup>30</sup> (Fig. 68).

---

24. Vídeo publicado no site Youtube, intitulado “Teatro Real - Apresentações de Existências Ponte Estaiada e Viaduto do Chá”.

25. Matéria intitulada “Contra a violência, grupo se pendura em ponte e é detido pela polícia”, publicada 30 de Novembro de 2012 pelo portal Terra.

26. Obra publicada no site Flickr do artista Lobo Pop Art, intitulada *Happy birthday São Paulo!*.

27. Obra publicada no blog de Fernando Naviskas.

28. Página com imagens da ponte estaiada. Nos sites Flickr, Skyscrapercity e Panoramio.

29. Matéria intitulada “Gata do Paulistão faz ensaio totalmente nua na ponte Estaiada”, publicada no site Vírgula.

30. Notícia publicada no Portal G1, intitulada “Carro capota após acidente com Porsche em acesso de ponte em SP”.



- Em 20 de fevereiro de 2011, uma mulher caiu da ponte estaiada após ter sofrido um acidente de moto. O condutor da moto passava pela ponte com a namorada na garupa quando um carro o fechou. Ao desviar, colidiu na lateral da ponte e a mulher caiu de cerca de 10 metros de altura<sup>31</sup> (Fig. 68).
- Após oito dias de sua inauguração, a ponte estaiada foi alvo de roubo: dois jovens foram presos em flagrante no local, por furto de fios de iluminação da ponte (Fig. 68).
- No dia 19 de junho de 2010, um homem com uma bandeira do Brasil em punho acorrentou sua perna direita à ponte estaiada e disse que permaneceria no local até o jogo da Copa do Mundo, no dia seguinte, entre Brasil e Costa do Marfim (Fig. 68). Segundo o homem, o motivo era “mobilizar o sentimento de patriotismo do brasileiro. Parece loucura, mas é orgulho de ser brasileiro. Eu quero chamar a atenção para mostrar que tem gente aqui dando o sangue por eles [jogadores da seleção brasileira de futebol]”<sup>32</sup>.

Apesar de se constituir uma extensa lista de discursos, de atividades e de eventos que destacamos nessa pesquisa, esse arrolamento se fez necessário pela ampla diversidade de discursos enunciados e pelas práticas sociais realizadas na ponte estaiada. Com esse amplo espectro de iniciativas diferentes, podemos compreender a dimensão polissêmica das práticas realizadas e buscar uma categorização baseada no trabalho de Landowski, que nos permita ver uma classificação das manifestações com sentidos similares.

## 7.2 Rede de interações na ponte estaiada: identidades da cidade

A partir do modelo dos regimes de interação e de sentido de Landowski (2005), propomos um olhar para os eixos que o compõem: dividindo o quadro abaixo pelos eixos, temos os princípios globais que definem as interações. No eixo vertical, a questão basilar diz respeito à identidade (à esquerda) e à alteridade (à direita). A identidade advém do ser, ou seja, refere-se ao estado do sujeito, o seu modo de ser. Na ocorrência dos regimes de interação entre sujeitos (e/ou objetos), se sucede o fazer ser dos sujeitos, com sentidos próprios para cada um dos sujeitos, independentemente do outro. Em outras palavras, a identidade é formadora do si mesmo e, em uma interação, a significação é de cada sujeito, ou para ambos, mas separadamente. O segundo sujeito faz fazer ou faz ser a identidade do outro. O processo identitário se dá “por meio” do outro e não “com” o outro. Nesses regimes, a interação é objetivante e o sentido é significativo no processo existente na individualidade.

31. Piza. (2011). Matéria intitulada “Mulher cai de ponte estaiada após acidente com moto em SP”, publicada no portal G1.

32. Matéria intitulada “Vendedor se acorrenta à ponte estaiada para apoiar o Brasil na Copa!”, publicada no portal G1 em 19 jun. 2010.

Na alteridade, são pressupostos dois sujeitos diferentes que agem. Nesses regimes, o sentido não ocorre sem a presença do outro, trata-se de uma interação subjetivante que se dá na interdependência processual e os sentidos são compartilhados: ou pelo regime do acidente, nas interações diretas e imprevistas, ou no regime de ajustamento, de maneira simultânea, não mediada e valorada em ato pelo sentido sentido na própria experiência vivida, resultado da interação em sintonia.

Em relação ao eixo horizontal, a questão basal é o grau de risco que essas ações têm em si mesmas. O risco se define pela quebra de uma continuidade qualquer, que gera uma descontinuidade, uma mudança que pode ser repentina ou não. Podemos então representar em uma escala, em que, de um lado, observamos a constância, a regularidade, o contínuo, a situação “sem riscos” e controlada e, do lado oposto, o mais alto grau de risco, que se constitui no acontecer imprevisível, na quebra inesperada, na descontinuidade impressiva de uma situação que se fazia contínua.

As ações e as práticas em que a ponte estaiada está presente, mencionadas acima, foram analisadas com o crivo do par conceitual: identidade/alteridade homologado no plano de expressão por contínuo/descontínuo, que é a oposição básica do quadrado semiótico da ponte. Em primeira instância, pressupomos que nas ocorrências, nas interações em que o princípio é identitário, o fazer ser é do próprio sujeito em interação com a ponte. Sendo assim, a ponte tem um estatuto de objeto: ou funcional ou de valor, mediante cada tipo de interação. No eixo da alteridade, supomos que a ponte estaiada terá um estatuto de sujeito em relação.

No eixo do regime de risco, a gradação vai da interação mais regulada e controlada (a mais segura) à totalmente descontrolada e caótica (o risco puro). Já vimos que o risco é diretamente ligado ao contínuo/descontínuo e esse conceito se relaciona diretamente à duração e à duratividade do tempo. O risco também é condicionado ao lugar de sua ocorrência, ao espaço em que acontece, ou seja, ao quanto do espaço é ou não apropriado, podendo ser o lugar mais seguro ou mais exposto à ocorrência do risco. Assim, esse eixo do risco é definido pela relação espaço e tempo.

Landowski (2005) nomeou o eixo vertical esquerdo como da “prudência”, abrangendo interações em que o risco é controlado. Nesse caso, a relação do tempo pode ser definida na graduação que vai da continuidade, o tempo da constância, em um espaço determinado e um lugar definido, à continuidade-descontínua, o tempo da oportunidade, em um espaço instituído, um lugar certo e apropriado. No eixo direito, pelo alto grau de risco, Landowski o nomeou como da “aventura”. A relação vai da descontinuidade, que caracteriza o tempo momentâneo, em um espaço oportuno e um lugar cabível, à descontinuidade-contínua, portanto, do tempo da ocasião, do ato em um espaço criado, um lugar cunhado para tal. No esquema abaixo, podemos ver uma síntese do que foi abordado acima:

| <b>IDENTIDADE</b><br><b>Fazer ser de um dos sujeitos</b>                               |                                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| Tempo: constância<br>Espaço: instituído<br><b>Ponte: objeto funcional da travessia</b> | Tempo: momentâneo<br>Espaço: oportuno<br><b>Ponte: sujeito da travessia</b>           |
| Tempo: oportunidade<br>Espaço: apropriado<br><b>Ponte: mediador objeto de valor</b>    | Tempo: ocasião<br>Espaço: criado<br><b>Ponte: sujeito em relação de reciprocidade</b> |
| <b>ALTERIDADE</b><br><b>Fazer querer e fazer fazer</b>                                 |                                                                                       |

**Tabela 2** Diagrama do estatuto da ponte nas interações.

As práticas ocorridas na ponte foram analisadas frente a essa abordagem dos princípios que regem os diferentes regimes de interação: programação, acidente, manipulação e ajustamento. Esse diagrama do estatuto da ponte serviu como um tipo de rede de critérios para avaliar cada uma das manifestações e separá-las em blocos, na busca de uma categorização tipológica dos sentidos nas interações.

O estudo de cada comunicação ou prática se fez a partir do exame detalhado dos eventos apresentados anteriormente, escrito e fotográfico, em que a ponte estaiada se fez presente. Buscamos entender a enunciação que se fez ver em cada atividade pela análise do próprio enunciado, tanto pela divulgação realizada de cada um dos eventos quanto por suas ocorrências em ato. Enquanto enunciação das práticas sociais enunciadas, buscamos apreender qual a relação das manifestações com os processos de identidade/alteridade dos sujeitos em questão e, principalmente, da cidade de São Paulo. Buscamos também averiguar como ocorre a consecução do tempo e do espaço em cada uma das ações, relacionando-as à presença do risco e à presença da ponte nas interações, como, por exemplo, sendo objeto ou sujeito da ação. A análise comparativa nos permitiu categorizar as manifestações sob cada um dos regimes de interação, apreendendo seus sentidos para a população e para cidade, e assim criar a tipologia de sentidos da ponte, verificando em que medida São Paulo é (re)escrita nessas manifestações que produziram novos sentidos para a cidade. No quadro abaixo, apresentamos a relação de ações já divididas pelos regimes de interação com base no diagrama do esquema apresentado acima:



| PROGRAMAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | ACIDENTE                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Princípio: Regularidade<br>Espaço: Instituído<br>Tempo: da constância<br>Ponte estaiada: objeto funcional da travessia                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Princípio: Aleatoriedade<br>Espaço: Oportuno<br>Tempo: Momentâneo<br>Ponte estaiada: sujeito da travessia                                                                                              |
| Maratona Internacional de São Paulo<br>World Bike Tour<br>Badge São Paulo na rede virtual Foursquare<br>Estúdio dos telejornais da Rede Globo<br>Evento Bridges Brazil 2011 e 2012<br>Rotary Club SP Ponte Estaiada<br>São Paulo Consumer Trend Seminar<br>Selo da Série Relações Diplomáticas: Coreia do Sul – Pontes<br>Guia Time Out São Paulo<br>Revista <i>Moments</i>                                        | Mulher cai da ponte estaiada<br>Furto de fios de iluminação<br>Batida de carro sobre a ponte<br>Passeata Jornada de Trabalho<br>Rapel na ponte                                                         |
| MANIPULAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | AJUSTE                                                                                                                                                                                                 |
| Princípio: Intencionalidade<br>Espaço: Apropriado<br>Tempo: da oportunidade<br>Ponte estaiada: objeto de valor                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Princípio: Sensibilidade<br>Espaço: Criado<br>Tempo: da ocasião<br>Ponte estaiada: sujeito em relação de reciprocidade                                                                                 |
| Novela Guerra dos Sexos<br>Novela Passione<br>Ponte Iluminada Telefônica<br>Capa do cd da banda A-HÁ<br>Cartaz do filme Planeta dos Macacos<br>Desafio do Faustão - paraquedista Sabiá<br>Emerson Fittipaldi corre a 200 km/h<br>Desfile de moda Elle Summer Preview<br>Happy Birthday São Paulo do artista Lobo<br>Homem acorrentado<br>Modelo posa nua<br>Cenário da Miss Universo 2011<br>Programa Pânico na TV | Vídeo Cartão Postal<br>Dia Mundial de Conscientização do Autismo<br>Hora do Planeta<br>Ponte Estaiada 2011 de Fernando Naviskas<br>Filme Ensaio sobre a cegueira<br>Carruagem Srur 2012<br>Teatro Real |

**Tabela 3** Categorização das práticas sociais pelos Regimes de interação e de sentido.

Como sabemos, o regime de programação segue o princípio da regularidade que rege os comportamentos humanos e as práticas sociais. As ações com períodos estipulados, datas estabelecidas e já habituais no calendário da cidade são conferidas a esse regime. Normalmente, são atividades planejadas antecipadamente e, em sua realização, não se aceita riscos ou quebra de regras preestabelecidas. As interações ocorrem por meio dos critérios previamente definidos, em que cada qual realiza o seu papel definido anteriormente. Assim, são os eventos esportivos e empresariais seriados, como a XVIII Maratona Internacional de São Paulo e o São Paulo Consumer Trend Seminar. As manifestações que também estão plasmadas na rotina diária da cidade, como, por exemplo, quando a ponte é discursivizada para marcar, no tempo constante, o local de um lugar pré-definido, como o Rotary Club, a Rede Globo, a cidade de São Paulo no Foursquare e a principal ponte brasileira na série filatélica, etc. Nesses eventos, a ponte é apenas o marco de um espaço instituído no qual se faz a ação, ou seja, ela é o cenário, um objeto de sentido anestesiado. Ela nomeia e discursiviza uma espacialidade específica, enunciando seu papel funcional no uso cotidiano, identificando e pontuando os locais e a cidade. Avaliando esses eventos na globalidade da cidade, notamos que todos os eventos têm uma mesma particularidade que reitera o seu significado para São Paulo: trata-se de iniciativas de cunho internacional, que projetam o simulacro da cidade de São Paulo globalizada por seu ícone máximo: a ponte estaiada.

O processo de manipulação, conduzido pelo princípio da intencionalidade, pressupõe a interação com um *alter*, ou seja, com um sujeito de vontade e, portanto são dois sujeitos em relação com livre arbítrio de escolha. O sujeito manipulador tem um querer próprio, uma intenção de manipular o outro e, para tal, tem que se colocar no lugar do outro, a fim de saber o que teria força para fazer o outro também querer, aderindo à manipulação. O outro poderá ou não aceitar a manipulação, que está condicionada à sua interpretação e ao seu querer fazer. As atividades mercadológicas e publicitárias geralmente atendem a esse regime: uma das principais atividades do marketing das empresas é conhecer seu consumidor para desenvolver comunicações e ações em que eles acreditem e, com isso, comprem seus produtos e serviços. Nesse regime não há regularidade, justamente pela possibilidade de não se estabelecer o processo da manipulação, como no caso do marketing, em que o consumidor não adere à comunicação e não compra o produto. Assim, o regime atende ao risco, à interação arriscada (Imaginem quantos milhões são jogados fora, todos os anos, em campanhas publicitárias que não convencem seus consumidores!). Nas ações pontuadas no esquema acima, vemos que grande parte delas são iniciativas de empresas de comunicação que buscam o interesse e a adesão aos seus produtos midiáticos (incluindo as ações individuais pontuadas no quadro): programas, filmes, músicas, ensaios fotográficos, ações publicitárias, etc. As ações ocorrem em espaços apropriados e em tempo oportuno para sua realização, como, por exemplo, a

ação individual do homem que se acorrenta à ponte na época da Copa do Mundo ou a Ponte Iluminada Telefonica, realizada no período do Natal, que convidou os paulistanos a escolher suas cores conforme o estado de espírito do dia. Nessas ações, as interações com a ponte estaiada são objetais, ou seja, ela tem o estatuto de objeto que conduz o sujeito ao valor objetivado. Portanto, podemos dizer que a ponte funciona como um coadjuvante, isto é, um sujeito adjuvante que viabiliza e intermedeia essas interações.

Pode ser ocasional, mas é interessante notar, na maioria das ações listadas nesse regime, indicações que permitem ver aspectos opostos entre si, de caráter discursivo ou narrativo, na interrelação dos sujeitos da manifestação, nas próprias relações de seus destinadores ou, ainda, nos efeitos de sentido das configurações. Vejamos alguns exemplos: na novela *Guerra dos Sexos*, o próprio título apresenta a oposição que se coloca pela polêmica (guerra) entre os dois gêneros. Há, ainda, a oposição real entre destinadores nas guerras das redes de televisão. De outra ordem, a oposição figurativa no cartaz do filme *Planeta dos Macacos*, em que seres selvagens da natureza se opõem ao homem da urbanidade, figurativizado nas pontes de grandes cidades (Golden Gate, estaiada, etc.). Outra reiteração figurativa da oposição se presentifica no desfile de moda praia, manifestação em que modelos de biquíni e de maiô desfilam nas vias do palco citadino, onde a população veste terno e *tailleur*. Há, ainda, na novela *Passione*, uma oposição que contrapõe a grande cidade urbana, São Paulo, à vida rural da Toscana, na Itália. Por último, na corrida da Lotus na marginal e na ponte estaiada, em que Emerson Fittipaldi corre a 200 km/h em uma via cuja velocidade máxima permitida é 90 km/h. Na relação com a globalidade da cidade, a apreensão das ações, em particular nessas que apresentaram as oposições, identificamos efeitos de sentidos de poder e de autoridade que têm força inclusive para quebrar as regras já estabelecidas. Esses sentidos inerentes ao rol das ações analisadas são atribuídos ao objeto de valor que, nesse regime de interação, identificamos figurativizado na ponte estaiada e à cidade.

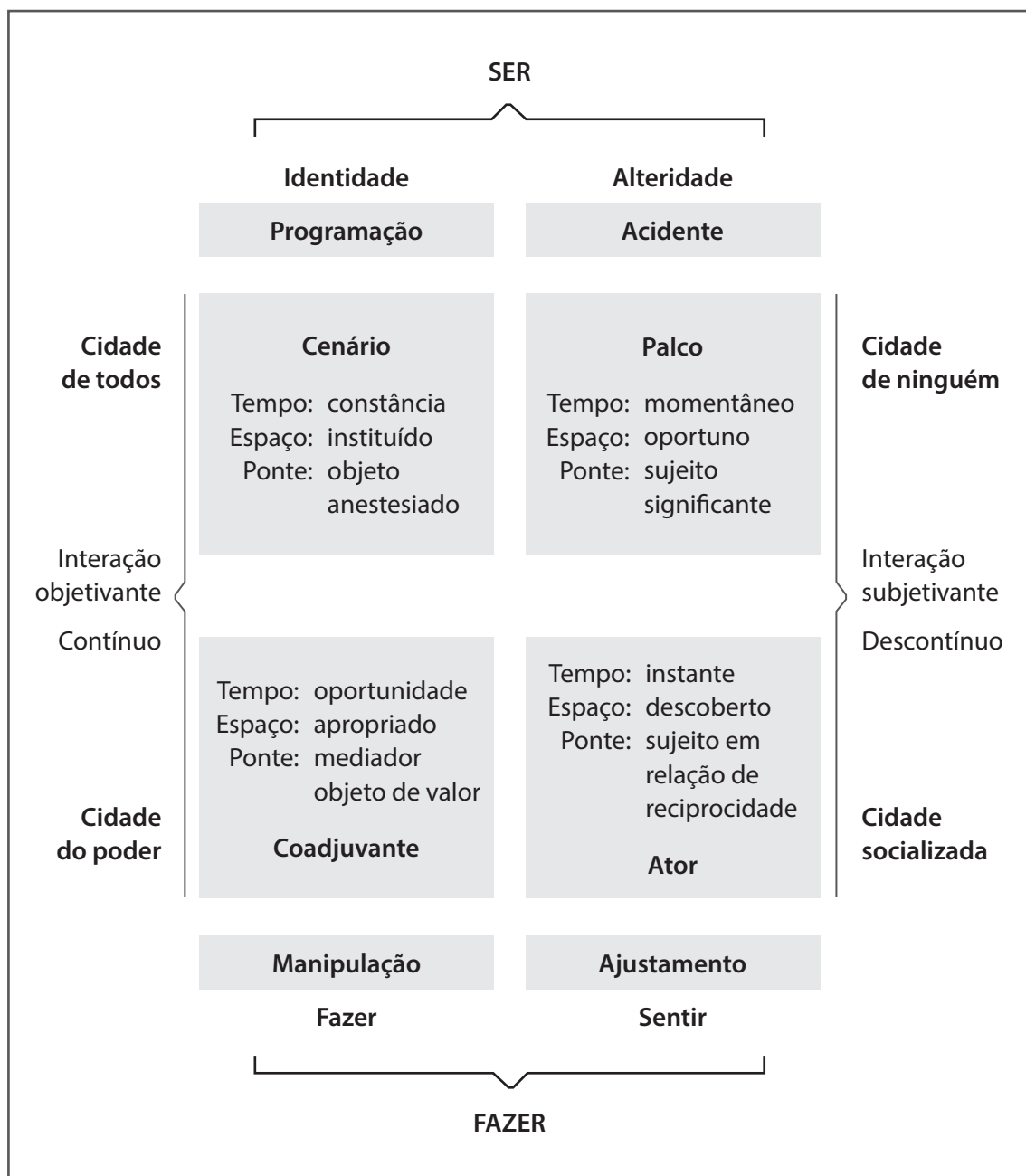
O regime do aleatório está condicionado ao princípio da imprevisibilidade e só ocorre quando há o assentimento total dos riscos inerentes à interação, que geralmente se realiza em um espaço inesperado e a qualquer tempo, ou seja, em qualquer instante. Por exemplo, nada mais accidental do que o próprio acidente de moto em que a moça cai da ponte, manifestação que a deixa desacordada e implica em mudanças, inclusive corporais. Mas também podemos apreender esse regime nas passeatas e nos protestos da ponte estaiada, que quebram a rotina, a continuidade e o fluir na ponte da cidade e colocam a população em suspenso, impactada pela ação. Nessas manifestações, a ponte estaiada é colocada como palco, um sujeito significativo e um espaço que propicia a realização das interações sob o regime do acidente, que interfere na interação e na população. Nessas dinâmicas também apreendemos outros sentidos de São Paulo: uma cidade que exclui e segrega e, portanto, está sob o risco iminente da violação e da



agressão no acidente de automóvel, no furto, no homicídio ou na população excluída que deu lugar à construção da ponte, criando o efeito de sentido de uma cidade de ninguém.

No regime do ajustamento, o princípio orientador é a sensibilidade, que depende da cumplicidade dos sujeitos em ato. Nesse regime, se aceita o risco, pois ele está presente na experiência vivida em si, em que se produz o sentido único e que se faz como valor criativo. Todas as ações apresentadas no esquema acima têm em suas manifestações uma proposta reflexiva e sensitiva que convida os sujeitos a uma nova dimensão sensível. Essas ocorrências guardam sentidos que, num processar da interação, convidam os sujeitos à percepção estética, possibilitando-os a vivenciar uma experiência estética geradora de sentidos para os partícipes. Essas vivências ocorrem em espaços criados para tal ocorrência, que independem de lugar próprio e acontecem em ocasiões propícias, desvinculadas de data e hora agendadas. Nesses eventos a ponte estaiada tem estatuto de sujeito em relação de reciprocidade e sintonia com o outro. Em outras palavras, é um dos atores principais da interação. Nas iniciativas, o convite ao sujeito é para um novo olhar, mais perceptivo, sendo a experiência sentida de uma nova existência, mais inclusiva, coletiva e social. As manifestações propõem que os cidadãos participem dinamicamente da vida da cidade, como podemos ver na performance expressiva dos membros do Teatro Real, cujos sujeitos se envolvem com a ponte e fazem ser uma única experiência estética e sensória, significativa para quem participa e para quem os assiste pelo vídeo. Em outro exemplo, tem-se a ação da Carruagem Srur, que unida à ponte fez ser a tradição e a modernidade da cidade nos sentidos da mobilidade. A população, convidada a refletir, pode sentir a estética e os sentidos que foram compartilhados na situação - inclusive na própria ação da corrida da carruagem vs carro - e tomar a experiência sensível e inteligível sobre os sentidos da mobilidade na vida da cidade. Em todas as ações, pode-se ver um convite à participação da população, criando sentidos de cidade socializada.

A partir dessa classificação, foi possível elaborar a categorização dos sentidos globais que são postos para a cidade de São Paulo, por meio da presentificação significativa da ponte estaiada em suas práticas cidadinas. No diagrama abaixo, podemos ver a dinâmica dos processos de interação e de sentidos da ponte e de São Paulo.



**Diagrama 6** Quadro sintético dos regimes de interação e os sentidos da ponte estaiada na cidade de São Paulo.

Vimos, anteriormente, que o propósito existencial da ponte estaiada não se limita apenas a promover a movimentação na cidade ou a ser um emblema paulistano, pois ela é síntese da própria identidade da metrópole paulistana, como é possível reiterar na categorização tipológica acima.

Na relação do eixo da identidade, na rotina diária de sua população, identificamos uma São Paulo que é de todos, uma cidade que acolhe imigrantes de todas as partes do mundo,

que oferece oportunidades a cada um por ser a cidade do trabalho, a cidade que empreende, um lugar onde todos se identificam, a cidade de todas as culturas, de todas as religiões e de todas as etnias que dinamizam a miscigenação. Uma cidade que abraça todos.

Ainda no eixo da identidade, a produtividade e a competição na cidade que é do poder, que sempre é a primeira, capaz de mudar rapidamente, a cidade empresarial, inovadora e tecnológica, da força econômica internacional, que é o “estaio” do Brasil.

No eixo da alteridade, uma cidade do imprevisível, uma São Paulo violenta, sem moral e sem lei, em que tudo pode ser feito em qualquer lugar. Em outras palavras, uma cidade do risco, do medo, da insegurança, que se paralisa frente à irregularidade, às arruaças e ao vandalismo, que fica sem ação, uma cidade de ninguém.

Na outra parte desse eixo, uma cidade cidadã, que pensa no coletivo e no bem comum, que abriga interrupções na vida cotidiana para refletir sobre melhores condições e sobre as diversidades. Uma cidade que compartilha e incentiva a cultura, o bem estar, o cuidado com o ambiente e que estimula a cidadania, ou seja, uma cidade socializada.

Para encerrarmos esse capítulo, retomaremos a questão discutida logo no primeiro parágrafo da análise desta pesquisa, em que apresentamos as alcunhas e os apelidos criados para nomear a ponte estaiada à época de sua inauguração. Reoperando o mesmo procedimento, à luz dos regimes de interação, (re)batizamos a ponte conforme os sentidos em relação aos da cidade de São Paulo que foram aprendidos em nossa análise.



**Diagrama 7** Quadro dos regimes de interação e sentidos com nomeação da ponte estaiada .

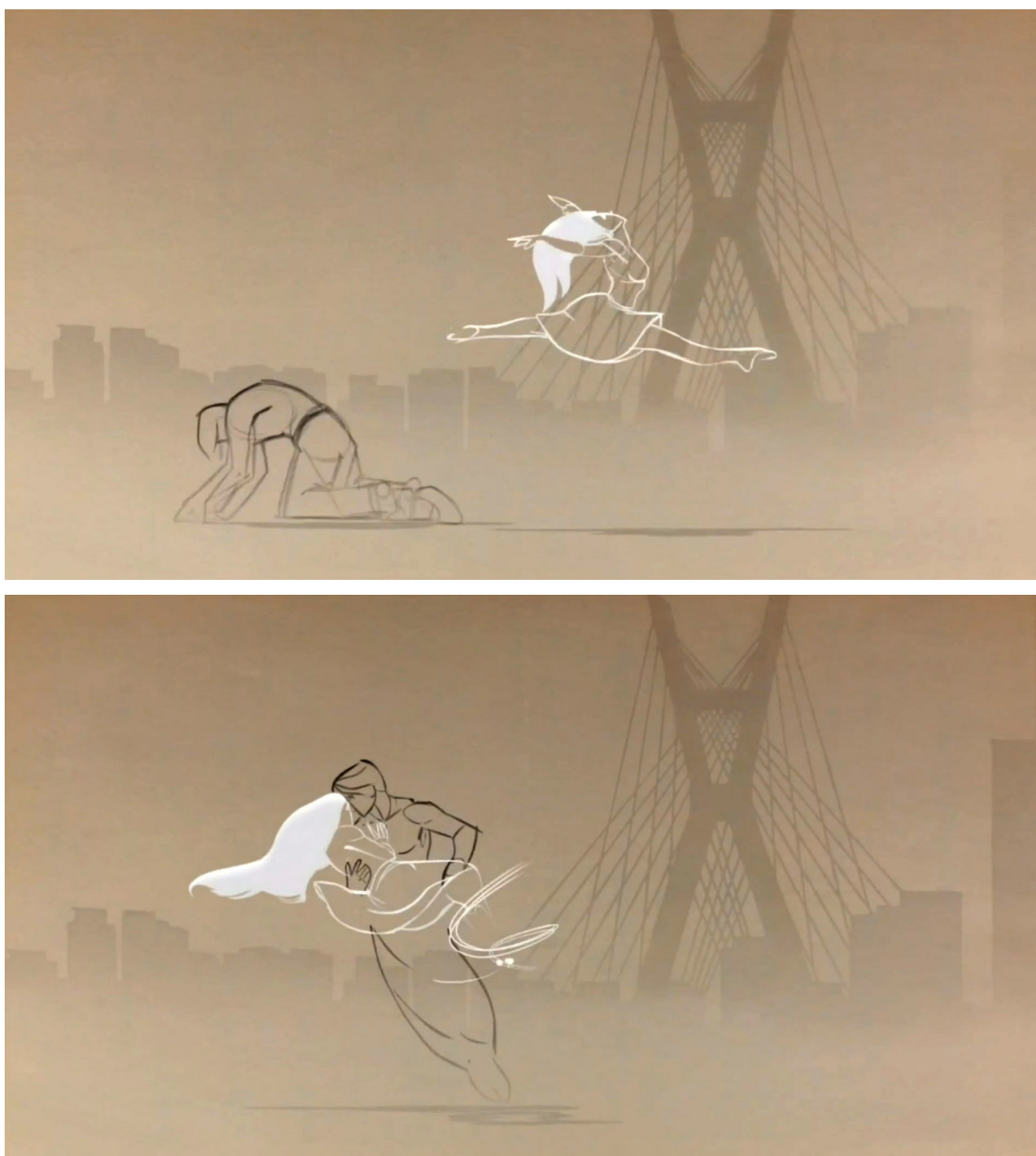


Na cidade programada para todos, a ponte tem o estatuto de “cenário”. Nada mais coerente que ser referenciada com a sua nomeação oficial. Para a cidade do poder, regida pela manipulação, a ponte é coadjuvante das estratégias de visibilidade dos destinadores das manifestações e a alcunha escolhida foi Ponte Globo.

Na cidade de ninguém, onde a ponte é apenas palco das interações arriscadas, o apelido foi apropriado de uma das manifestações iniciais, o Estilingão. Na cidade socializada em que a ponte é ator, ou seja, tem estatuto de sujeito, nas interações, o nome escolhido é Ponte Estaiada, aquele que por todos é referenciada.

A ponte estaiada, com suas linguagens polissêmicas que produzem múltiplos sentidos que a animam e animada pelas comunicações e interações que fazem produzir sentidos outros que a (res)semantizam, mostrou que a circulação de valores ao mesmo tempo significa São Paulo, com seus contrastes e dinamismo, com sua diversidade de povos, de culturas, de fazeres, de sentidos.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Figura 69** Imagens do final da abertura da novela *Amor à vida* em que a ponte é figurativizada como emblema de São Paulo e aparece no encontro final do casal de bailarinos.



De tudo ficaram três coisas...  
 A certeza de que estamos começando...  
 A certeza de que é preciso continuar...  
 A certeza de que podemos ser interrompidos  
 antes de terminar...  
 Façamos da interrupção um caminho novo...  
 Da queda, um passo de dança...  
 Do medo, uma escada...  
 Do sonho, uma ponte...  
 Da procura, um encontro!  
 Fernando Sabino (2006)

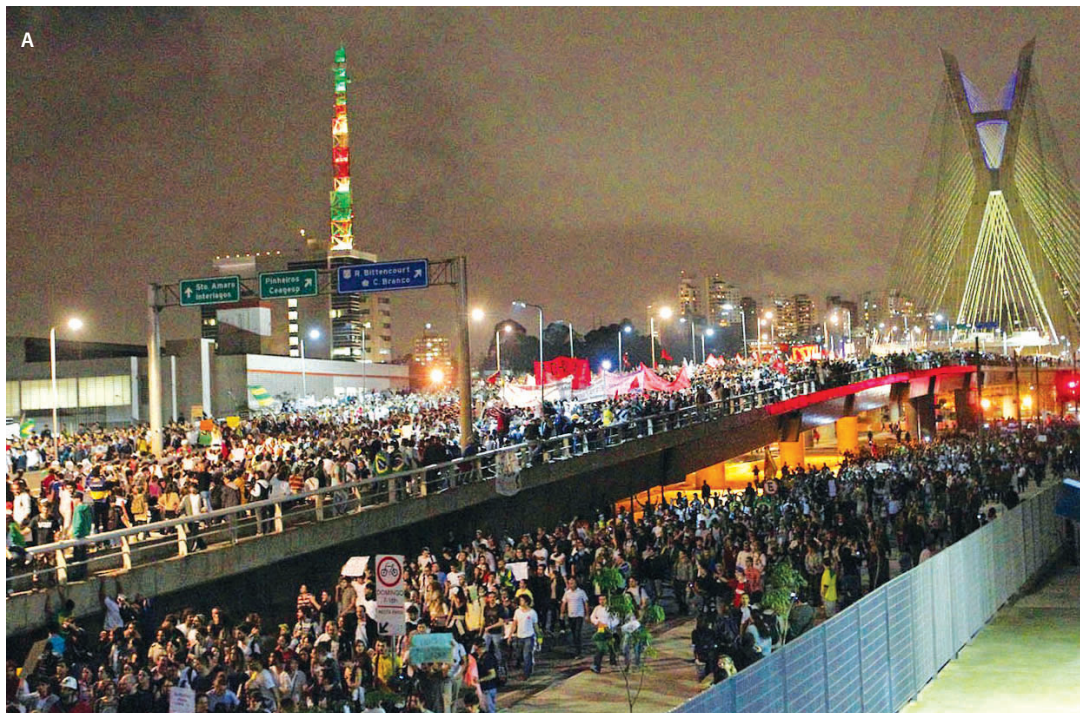
**Para iniciar as considerações finais, optamos por apresentar duas manifestações recentes da ponte.** Elas são bastante significativas, vívidas e emocionadas, pois, como exemplos finais, se prestam a mostrar no tempo e no espaço, de maneira enfática, as narrativas e os valores que (re)circulam e (res)semantizam a ponte estaiada e a cidade de São Paulo.

Dia 20 de maio de 2013. Uma nova novela, em horário nobre, se inicia na Rede Globo de Televisão (Fig. 69). A trama, intitulada *Amor à Vida*, se passa em São Paulo, que é mostrada por vários pontos emblemáticos, dentre eles, a ponte estaiada. Nas trocas de cena, a ponte aparece muitas vezes, inclusive com suas luzes coloridas, que atualmente não estão mais sendo acesas.

Segundo a Rede Globo, na matéria intitulada “Amor e São Paulo em animação gráfica! Reveja a abertura de *Amor à Vida*”<sup>1</sup>, a animação para a abertura diária da novela foi produzida por Ryan Woodward, animador norte-americano que participou de vários filmes de Hollywood. A animação foi realizada em um fundo bege escuro com desenhos representativos dos lugares de São Paulo que servem de cenário para um casal, figurativizados por desenho animado feito a traço: ele, em preto, e ela, em branco, dançam juntos um *ballet* clássico, embalados pela música *Maravida*, escrita por Gonzaguinha e cantada por Daniel. Durante a animação, algumas vezes a bailarina, fugidia de seu par, transforma-se em um pássaro e sai voando. Para a dança com seu par, ela reaparece em sua corporeidade original. Quando a ponte surge, a bailarina sofre a última transformação: volta ao seu corpo humano para ir ao encontro de seu par, após um toque dela nele e um abraço caloroso, ambos se transformam em pássaros e saem voando livremente. Durante a aparição da ponte, os seguintes versos são cantados:

*Quero meu peito repleto de tudo o que eu possa abraçar  
 Quero a sede e a fome eternas de amar, e amar e amar...*

1. Ver matéria “Amor e São Paulo em animação gráfica! Reveja a abertura de *Amor à Vida*”, publicada no site TVG da Rede Globo.



**Figura 70** Fotos do protesto popular ocorrido do dia 18 de junho em São Paulo. Os participantes escolheram a ponte estaiada para acolher esse ato público e social nessa impressionante manifestação de cidadania.

Dia 17 de junho de 2013. No dia em que essas considerações eram escritas, o Brasil se assombrava. No mais evidente regime do acidente, o Brasil parou e protestou: todos foram convidados a irem para as ruas. Em uma manifestação social e democrática sem precedentes, iniciada na cidade de São Paulo com o movimento Passe Livre, as ações de protestos foram difundidas pelas redes sociais e receberam força e adesão imediata. Protestos apartidários ganharam o país. Nesse dia, uma segunda-feira, o quinto dia de protestos que foram disseminados em muitos Estados, os brasileiros se uniram para dar voz às suas reivindicações por uma vida com mais qualidade e foram recebidos agressivamente pela polícia que revidou com bombas e ataques. Eram por volta de 300 mil pessoas em 11 Estados brasileiros. Iniciadas pelo pedido de redução de tarifas dos ônibus, as solicitações se misturavam aos clamores por educação, saúde, controle de gastos públicos e rechaço à corrupção. Em uníssono, a voz nacional pedia por mais ética.

No dia 18 de junho, sob o forte impacto da maior manifestação popular, o Jornal *Folha de São Paulo* publicou uma matéria intitulada “Ao menos 65 mil protestam nas ruas de São Paulo”, da qual destacamos um trecho:

Os manifestantes saíram em marcha pela avenida Faria Lima. O Movimento Passe Livre decidiu dividir a passeata em dois grupos. Uma parte seguiu pela Rebouças, até a marginal Pinheiros. O restante ocupou a Faria Lima.

No caminho, os manifestantes chamavam a população para participar. Nas janelas dos prédios, as pessoas colocaram lençóis e toalhas brancas em apoio à passeata. “Não vim brincar, vim protestar”, disse a aposentada Marita Ferreira, 82, que fez questão de participar. Durante o percurso, os manifestantes pediam para que as bandeiras de partidos políticos fossem guardadas. [...]. Os dois grupos se encontraram na ponte Octavio Frias de Oliveira. Enquanto isso, um terceiro grupo fechou a Paulista, nos dois sentidos, também de forma pacífica. O trânsito foi interrompido.

Na avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, um grupo se sentou no meio da via, gritando palavras de ordem.[...] Os PMs que acompanhavam a manifestação também decidiram se sentar e foram aplaudidos.

A ponte estaiada foi escolhida para acolher esse ato público e social nessa grandiosa manifestação de cidadania (Fig. 70). Na Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, na Marginal Pinheiros e, principalmente, nas vias e alças da ponte estaiada, os manifestantes bradavam suas reivindicações e cantavam bordões que se fizeram como hinos desse movimento.

De forma pacífica, aos poucos, toda a região foi tomada pela multidão, paralisando todo o movimento diário do trânsito daquele lugar. Automóveis não mais passavam, os executivos



que ainda estavam nos prédios paravam seus afazeres, para se juntar à multidão ou para presenciar, nas alturas dos prédios, o movimento patriótico.

Nas alças da ponte, abaixo de seu mastro gigante, o povo gritava:

*O povo acordou. O povo acordou. O povo acordou.*

Em outros momentos, bradavam:

*O povo, unido, não precisa de partido. O povo, unido, não precisa de partido. O povo, unido, não precisa de partido.*

E ainda:

*Chora Rede Globo, é o povo na rua de novo. Chora Rede Globo, é o povo na rua de novo. Chora Rede Globo, é o povo na rua de novo.*

Em momentos de organização do movimento, manifestantes falavam em alto falantes e as mensagens eram repetidas por todos, em uníssono, para que a comunicação se fizesse acontecer até o último participante do outro lado da ponte ou da avenida. Como na seguinte orientação dada por alguns para todos que estavam sentados na ponte ou nas avenidas: “Pessoal, (Pessoal) o outro lado (o outro lado) com trinta mil pessoas, (com trinta mil pessoas) tá vindo aí de trás (tá vindo aí de trás), e vai subir a outra alça (e vai subir a outra alça), desta ponte (desta ponte), a gente vai atrás (a gente vai atrás), e vamos depois pro Palácio (e vamos depois pro Palácio)”. Voz única e fervorosa pela continuidade da caminhada!

No dia 20 de junho, houve um conjunto de manifestações no território nacional, com mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas em mais de 120 cidades pelo Brasil. Mesmo depois das reduções dos valores das passagens de ônibus anunciadas em várias cidades, o movimento continuou.

No primeiro caso, um exemplo genuíno de manipulação por sedução instituída pela emissora que transmite a novela, permite ver um encontro sensível que, após muitas idas e vindas, resulta na reciprocidade sensível dos actantes que se transformam em pássaros enternecidos pelo embalo musical, em cenas que exprimem o sentimento de ambos e, possivelmente, de parte da população enunciatória que aderiu e viu a novela: *o querer repleto de tudo o que se possa abraçar, a sede e a fome eternas de amar, e amar e amar...* e, como testemunho desse encontro passionai, a presença da ponte estaiada referendando com seus sentidos a consagração.

O segundo discurso, midiaticizado para o Brasil e para o mundo, foi uma experiência muito significativa e imprevisível, vivenciada por grande parte da população paulistana que tomou para si a ponte estaiada e a fez ser um sujeito de expressão. No ato, a ponte deixou de ser empregada em seu programa de uso cotidiano e foi escolhida. Por isso, recíproca à manifestação popular que parou São Paulo. Não só as pessoas que lá estavam, mas todas que viam pelas janelas e que assistiam pela televisão comungaram com os motivos do manifesto solene de democracia e cidadania.

A primeira iniciativa se constitui no contínuo da vida cotidiana, no tempo em que os habitantes chegam às suas casas (seus espaços próprios), após o trabalho, para usufruírem de seu descanso e do convívio com a família. A segunda, no descontínuo, num instante que paralisou São Paulo, justamente no período do *rush* que bloqueia suas vias, em ações que ocorreram nos lugares emblemáticos da cidade, como a ponte estaiada que, mais do que o emblema, foi feita ser cidadã coparticipante dos sentidos sentidos da manifestação.

Ambas as ações, uma regida pelo regime de manipulação e outra pelo do ajustamento, guardam em si mesmas mesmas propriedades e potencial que também dão a ver os sentidos do outro regime, como a manipulação na midiática dos protestos, e o sensível no discurso do encontro do casal. Trata-se de exemplos que mostram o processo dialético que caracteriza a dinamicidade dos sentidos e a circulação de valores da ponte, como objeto/ sujeito semiótico.

Essa dinâmica própria de todo objeto semiótico é entendida claramente na axiologia da ponte e também se configura nos valores de São Paulo. Na globalidade, permitem ver como os processos de transformação significam a vida cidadina: nas ruas, nas residências, no bairro, na cidade, no Brasil e no mundo. Transformações na vida dos sujeitos: do Sr. José e da Dona Maria, da minha e da sua vida, dos motoristas, ciclistas, executivos, políticos, de todo um povo que reside nessa cidade.

Processos que remetem às relações entre continuidade e descontinuidade conformadas pela ação do sujeito coletivo ou individual, por um agente público, uma empresa ou uma pessoa. Como a continuidade descontínua de uma novela seguida de outra novela, que propõe de forma sedutora que acompanhem seus capítulos, na busca de valores que são gerais e comuns à humanidade e, por isso mesmo, são reeditados a cada nova novela. Como em *Amor à Vida*, que discursa um sentido (re)visitado que é fazer querer prosaico humano de ter amor e liberdade.

Transformações do âmbito de um processo do descontínuo continuado, como o protesto coletivo que quebrou a rotina normal da cidade e paralisou a todos nós. Na prática compartilhada, sentimos que “nada mais será como antes a partir daquele momento”. Processo de transformação em que sucumbem alguns para (res)surgir um novo sujeito coletivo, que até então estava adormecido. Esse sujeito coletivo também se fez ver e ser nos braços da ponte estaiada. Um novo sentido de cidadania social se fez ser em São Paulo.

Nas duas últimas manifestações, a ponte estaiada foi significativa e significado de São Paulo. Como a primeira ponte estaiada paulista e brasileira que ganhou fama internacional, ela inspirou outras pontes na cidade e no Brasil, com sua estética, sua força midiática e sua visibilidade produtoras de sentidos que distinguiram São Paulo e, também, evidenciaram sua identidade e suas contradições. Em maio de 2010, a Revista Grandes Construções publicou

uma matéria com o título “Ponte estaiada dita ‘tendência’ e inspira clones na Grande SP”<sup>2</sup>. O texto inicia com o seguinte parágrafo:

Se é bonita e funcional a ponte Octavio Frias de Oliveira, que faz a ligação da avenida Roberto Marinho aos dois sentidos da Marginal Pinheiros, em São Paulo, é assunto para debate. Mas é fato que, dois anos após a inauguração, ocorrida em maio de 2008, ela dita uma tendência e já inspirou ao menos dois clones na região metropolitana [...]. (REVISTA GRANDES CONSTRUÇÕES, 2010)

A Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira foi e continua sendo assunto para debate. O conjunto sincrético formado por suas linguagens polissêmicas deu a ver oposições e sentidos que a significam e que também a tornam significativa da metrópole. Sendo a primeira e a única ponte que, mesmo com as luzes apagadas nos dias atuais, mantém seu “brilho” (seja lá o que a ponte ilumine ou esconda) e convida a todos para interagir e compartilhar os seus sentidos e os da cidade de São Paulo.

Nesta pesquisa, constatamos que a trama da configuração e as redes de interações com a ponte operam uma multiplicidade de sentidos que compõem suas narrativas na cidade, em uma contextura entretecida que faz ver e sentir os sentidos que a significam, transformando-a em objeto de valor e sujeito semiótico. A axiologia apreendida no nível fundamental do percurso gerativo da ponte permitiu ver o poder transformador e a força contraditória que também fazem a cidade de São Paulo ser (res)significada como uma cidade local e global. O que são as transformações e as contradições senão um jogo entre o contínuo/descontínuo no tempo e no espaço, em que se processam rupturas em algo conhecido e continuado para que possa vir o novo e se viver o outro lado. Muitas vezes, em São Paulo, o novo que se impõe é, também, o novo que segrega, mas não pode ser o novo que liberta. O novo e o contraste que, apreendidos nos sentidos da ponte, são próprios da construção identitária de São Paulo, um lugar em que o percurso também se faz entremeado pela continuidade e pela descontinuidade que geram os sentidos de metrópole do desenvolvimento e da incoerência, de todos e de ninguém, poderosa economicamente e solidária socialmente.

Como significante de São Paulo, os discursos e as manifestações da ponte deram a ver uma pluralidade de sentidos que resumimos nas considerações finais. Primeiramente, em seu uso programado que convoca o sentido original de ser uma ponte-conexão viária entre vários caminhos e acessos que servem a todos, provendo ligação expressa para os habitantes da cidade por meio de seus viadutos, pontes e marginais. Esse sentido de ação continuada também foi iterado nas ações esportivas, como as corridas de rua, a pé ou de bicicleta, e nas

---

2. Freitas (2010). Ponte estaiada dita “tendência” e inspira clones na Grande SP. Revista *Grandes Construções* publicada em março de 2010.



comunicações dos telejornais diários e dos eventos periódicos, que configuram São Paulo como uma cidade programada para todos. Esses mesmos sentidos do regime da programação permitem observar, em seu contrário, uma ponte programada não para ser ponte, mas para ser emblema midiático em uma metrópole que não para, mas é bloqueada pelo congestionamento diário, pois não se investiu em transporte coletivo.

Mais que o cumprimento do programa de uso, os discursos planejados pelos destinadores oficiais objetivaram caracterizar a ponte estaiada como emblemática, fazendo ver, também, uma São Paulo Global, identificada com outras cidades mundiais emergentes. Os processos que fizeram surgir novas espacialidades, como a própria ponte e seus arredores, continuam sendo (re)edificados em ações que trazem visibilidade aos fazeres dos destinadores envolvidos na construção da cidade global. A projeção da visualidade fez São Paulo ser parte do conjunto de cidades globais, caracterizadas por altos edifícios prateados, brilhantes e luminosos, por construções viárias monumentais que extrapolam sua funcionalidade e primam por um estilo único e design arrojado que as distinguem no mundo. Espacialidades que também destacam cada uma das cidades e que, atualmente, em conjunto, compõem a expressão emblemática das cidades globais.

Essa visibilidade também se fez ver nas práticas sociais do trabalho e especificamente nos executivos vestidos com roupas carimbadas por grifes mundialmente reconhecidas. Sempre munidos com *gadgets* digitais que os conectam, de forma instantânea, com alguém em alguma dessas outras cidades mundiais, transforma-os em cidadãos do mundo. Em contraponto, essas práticas ocorrem em uma rede comunicacional padronizada instalada nas nuvens, no *cloud computing* mundial, que guarda todas as informações globais no espaço aéreo, no céu, no lugar de Deus. Esses mesmos procedimentos e sentidos, que padronizam o espaço interplanetário, também motivam consensualmente e condicionam os modos de ser e de viver dos executivos das empresas mundiais, normatizando as cidades como globais, representantes desse século comandado pela virtualidade lógica e binária das redes tecnológicas e telecomunicacionais. Nesse processo transformacional, caracterizado pelo contínuo/descontínuo da manipulação, observamos a anulação de uma São Paulo mais provinciana e genuína para surgir uma São Paulo do poder econômico, do mundo global e universal, coirmã das cidades globalizadas.

A ponte estaiada também fez ver e ser uma São Paulo Midiática, cujas manifestações são midiaticizadas e engrandecidas pelas telas do noticiário e do poder mercadológico. Uma cidade que espalha notícias e reflete seus fazeres, assim como a ponte estaiada no rio Pinheiros, que se reverbera em um jogo discursivo de visibilidades e invisibilidades, processados pelos interesses dos agentes do Poder Público e privado, permitindo ver o poder e a competição, como na novela *Guerra dos Sexos*, na Ponte Iluminada Telefonica ou no passeio a 200 km/h. Vimos que, mesmo em detrimento à própria população, os destinadores realizam suas ações midiaticizantes em prol da construção de visibilidade, tanto para si mesmos como para São Paulo, fazendo-a

ser uma metrópole competitiva e global, produzida pela imagem que, quando é realizada, focaliza algo, excluindo todo o seu entorno, que se coloca como seu próprio contraste. Nesse processo da transformação, sucumbe o autêntico ser paulistano para surgir o passante e o turista de São Paulo.

Muito além do emblema da construção simbólica da ponte que remete São Paulo como metrópole do poder global, verificamos que, em contraposição, são produzidos outros sentidos que possibilitam vislumbrar diferentes valores que também compõe a identidade da cidade. A ponte, como objeto ou sujeito, participa das interações e das práticas cidadinas que evidenciam a contradição identitária de si mesma e da cidade, como nos discursos e nas práticas no tratamento discriminatório dado aos favelados, no furto de fios e nos acidentes automobilísticos. Esses processos interrompem a narrativa da ponte e da cidade programada, emblematicamente, para estar a serviço do trabalho, para surgir aquela que surrupia sua população, uma *São Paulo do risco*. Nessas ocasiões, a ponte arriscada e imprevisível também faz ver uma São Paulo que é temida pela violência, pela insegurança, por segregar sua própria população, fazendo-se ser uma cidade de ninguém.

Como significante de uma cidade de identidade contraditória, que é capaz de subjugar sua população, fazendo-a invisível e sem identidade, ao mesmo tempo em que, pelo sentido do risco, da descontinuidade contínua, a ponte permite ver outros sentidos investidos e compartilhados em uma São Paulo democrática realizada nos discursos e nas práticas artísticas, como no filme *Ensaio sobre a Cegueira*, na *Carruagem Srur*, e nas iniciativas sociais, como a conscientização do autismo. Nessas manifestações e naquela em que a ponte fez ver e sentir a São Paulo competente para iniciar o maior movimento cidadão, democrático e social do Brasil por melhores condições da vida em sociedade, São Paulo se fez para a sociedade. Nesse processo cai a cidade individualista para emanar a cidade da coletividade. Nas ocorrências apreendemos os sentidos que fazem ser uma São Paulo Democrática, do coletivo, que se manifesta pela ética e pelo bem comum. Uma São Paulo política na vanguarda de um Brasil destinador de si mesmo.

Como a insígnia, a marca institucional, os monumentos paulistanos (como o Viaduto do Chá, o MASP e o Monumento às Bandeiras), a ponte estaiada conquistou o estatuto de significar algumas das inúmeras facetas de São Paulo e os múltiplos sentidos que essa megalópole produz.

O objetivo da categorização das manifestações de caráter cultural, social, político e midiático que ocorreram na ponte, foi justamente realizado a fim de permitir a elaboração de uma tipologia global que abarcasse toda essa polissêmica gama de sentidos emanados na e da ponte. A partir dos valores capturados nas manifestações estudadas, que (re)iteraram e (re)atualizam os sentidos da identidade cidadina, se processou a nossa segmentação, que resultou na tipologia dos valores axiológicos de São Paulo.

Como resultante desta pesquisa, e considerando os seus desenvolvimentos, o esquema tipológico poderá ser útil e testado em outros estudos realizados na pesquisa coletiva do CPS - Centro de Pesquisa Sociossemiótica, assim como em trabalhos da área da Comunicação e em outros campos de estudo, por pesquisadores que se interessem pelas linguagens urbanas e pela construção da emblematicidade e da identidade cidadina, por meio dos sentidos que perfazem as cidades em seus processos semióticos. A ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira e a cidade São Paulo seguem suas narrativas que acolherão inúmeras novas manifestações e sentidos que estarão disponíveis para desafiar novos estudos.



# REFERÊNCIAS

AMOR e São Paulo em animação gráfica! Reveja a abertura de Amor à Vida. Publicada no site TVG da Rede Globo. 20 maio. 2013. Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/amor-a-vida/Fique-por-dentro/noticia/2013/05/amor-e-sao-paulo-em-animacao-grafica-reveja-a-abertura-de-amor-a-vida.html>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

AO Menos 65 mil Protestam nas Ruas de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/114598-ao-menos-65-mil-protestam-nas-ruas-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

ARQUIDIOCESE Ortodoxa Grega de Buenos Aires e América do Sul. Ecclesia. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz\\_suas\\_formas\\_e\\_seus\\_significados.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html)>. Acesso em: 15 nov. 2012.

ARTISTA promove corrida entre carro e carruagem na marginal Pinheiros. **UOL Notícias**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2012/09/19/artista-promove-corrida-entre-carro-e-carruagem-na-marginal-pinheiros.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

BARROS, J. A. Arte é coisa mental: reflexões sobre o pensamento de Leonardo da Vinci sobre a arte. **Poiésis**, Rio de Janeiro, n.11, p. 71-82, nov. 2008.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EdUSC, 2003.

BRASIL. Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 10 jul. 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm)>. Acesso em: 05 out. 2012.

BATKE Collet construtora. Disponível em: <<http://www.bratke-collet.com.br/nossahistoria.php>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

BRISOLLA, F. et al. A Gigante da Marginal. **Veja São Paulo**. ed. 2031. São Paulo, out. 2007. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2031/ponte-estaiada-sobre-rio-pinheiros-cartao-postal>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

BROWN, P. L. Bridge Out of Nowhere Leads a Town to Its Future. **New York Times**, Nova Iorque, 19 fev. 2004. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2004/02/19/garden/bridge-out-of-nowhere-leads-a-town-to-its-future.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

BUNGE. Disponível em: <[http://www.bunge.com.br/Bunge/Nossa\\_Historia.aspx](http://www.bunge.com.br/Bunge/Nossa_Historia.aspx)>. Acesso em: jan. 2013.

CALATRAVA, S. **Santiago Calatrava, Arquitecto**: A minha Europa é a Europa das pontes multiculturais. [S.l.], 30 maio. 2009. Entrevista concedida à Euronews de Portugal e publicada no Youtube. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=E6rwTAmESJk](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=E6rwTAmESJk)>. Acesso em: 20 jan. 2013.

CARLOS, A. F. A. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <[bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2011.

CARRO capota após acidente com Porsche em acesso de ponte em SP. **G1**, São Paulo, 03 maio. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/05/carro-capota-apos-acidente-com-porsche-em-acesso-de-ponte-em-sp.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

CARTÃO Postal. Publicado no site Youtube, em 18 fev. 2009. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=lq5vaZSYpjc&feature=youtube\\_gdata\\_player](http://www.youtube.com/watch?v=lq5vaZSYpjc&feature=youtube_gdata_player)>. Acesso em: 30 set. 2012.

CHARLÔ briga com Otávio por causa da festa. Cena da novela Guerra dos Sexos, na qual aparece a ponte estaiada. Globo.com, 12 nov. 2012. Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/guerra-dos-sexos/videos/t/cenas/v/charlo-briga-com-otavio-por-causa-da-festa/2238588/>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

COMPACTO Elle Summer Preview. Publicado no site Youtube por Tresemmebr2. 06 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MkAopQvCH9Y>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

CONHEÇA os piores trânsitos urbanos do mundo. **Terra**, [S.l.], 28 ago. 2010. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4644413-EI294,00-Conheca+os+piores+transitos+urbanos+do+mundo.html>>. Acesso em: 08 out. 2012.

CONTRA a violência, grupo se pendura em ponte e é detido pela polícia. **Terra**, São Paulo, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/contra-a-violencia-grupo-se-pendura-em-ponte-e-e-detido-pela-policia,2008af97a555b310VgnCLD200000bbccEb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.



CREDENDIO, J. E.; TAKAHASHI, F. Ponte estaiada Octavio Frias de Oliveira é inaugurada em SP. **Folha Online**, São Paulo, 10 maio. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u400565.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

EMERSON Fittipaldi pilota Lotus pelas ruas de São Paulo GLOBO 02/11/2010. Matéria veiculada no jornal televisivo Bom Dia São Paulo da Rede Globo de Televisão, e publicado no site Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=We4f59YpFXY>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

ENTREVISTA Maluf CQC - Ponte Estaiada. Publicado no site Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TCoua5t4KB0>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

EXTENSÃO Av Roberto Marinho Águas Espaiadas. Publicado no site Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sSxcKGr1L-A>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

FEDERMAN, G. B. História dos 50 anos do ibape. **IBAPE-BA**: Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia da Bahia. [Salvador]. Disponível em: <<http://www.ibapebahia.org.br/IbapeBahia/NewsDisplay.aspx?id=52>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

FERREIRA, D. Pânico na Ponte Estaiada. Imagens publicadas no blog Cenas da Cidade. 29 jun. 2008. Disponível em: <<http://cenasdacidade.wordpress.com/2008/06/29/panico-na-ponte-estaiada/>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

FIX, M. Uma ponte para a especulação - ou a arte da renda na montagem de uma cidade global. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, pp. 41-64, Jan./Abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **São Paulo cidade global**: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.

FLOCH, J.M. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit**. Paris-Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1985.

FREITAS, H. Ponte estaiada dita "tendência" e inspira clones na Grande SP. **Grandes Construções**, São Paulo, 03 maio. 2010. Disponível em: <[http://www.grandesconstrucoes.com.br/br/index.php?option=com\\_contenido&task=viewNoticia&id=1213](http://www.grandesconstrucoes.com.br/br/index.php?option=com_contenido&task=viewNoticia&id=1213)>. Acesso em: 22 jun. 2012.

GLOBO apresenta nova programação. **G1**, 26 abril. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL364207-7084,00-GLOBO+APRESENTA+NOVA+PROGRAMACAO.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

GRANDE inauguração do novo cartão-postal de São Paulo ou construísse uma pirâmide!. **Contraponto e fuga**, [São Paulo], 13 maio 2008. Disponível em: <<http://contrapontoefuga.wordpress.com/2008/05/13/grande-inauguracao-do-novo-cartao-postal-de-sao-paulo-ou-construisse-uma-piramide/>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hackers, 2002.

\_\_\_\_\_; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Por uma Semiótica Topológica. In: \_\_\_\_\_. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

\_\_\_\_\_. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. de (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

GUIA de bairro região da Berrini. Cyrela. Disponível em: <<http://pdfcdn.webcyrela.com.br/Content/pdf/GuiaBairro/Berrini.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

HEPNER, A. **Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo**: centralidade e forma urbana na Marginal do Rio Pinheiros. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HILTON Morumbi lança revista própria. Mundo do Marketing. Disponível em: <<http://www.mundodomarketing.com.br/imprimirmateria.php?id=5953>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

HOUAISS, A. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

\_\_\_\_\_. Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

INAUGURAÇÃO de ponte em SP tem protesto por moradia e ciclovias. **G1**, São Paulo, 10 maio 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL465374-5605,00.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

INAUGURAÇÃO do Estilingão - Ponte Estaiada Octavio Frias. Publicado no site Youtube por Ciclo.Br. 10 maio. 2008. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=xWQAB\\_VTtEA](http://www.youtube.com/watch?v=xWQAB_VTtEA)>. Acesso em: 30 jan. 2013.

INSTALAÇÃO Carruagem Srur 2012. Vídeo produzido pela Aiuê Produtora de Conteúdo, e publicado no site Vimeo. Disponível em: <<http://vimeo.com/49701130>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

KAUFMAN, D. Striking Chords in Jerusalem. **Time Magazine**. [Nova York], 16 jul. 2007. Disponível em: <[http://www.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1642444\\_1849541\\_1849538,00.html#ixzz0iWuABfD](http://www.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1642444_1849541_1849538,00.html#ixzz0iWuABfD)>. Acesso em: 20 jan. 2013.

LACAZ, C. da S. Chucrí Zaidan (1891-1980). In: \_\_\_\_\_. **MÉDICOS SÍRIOS E LIBANESES DO PASSADO**: Trajetória em busca de uma nova Pátria. São Paulo: Almed, 1982. Disponível em: <[http://www.amlb.com.br/noticias/pgnoticias\\_det.asp?MTM6MTM6MjB8Nzl8Mw==](http://www.amlb.com.br/noticias/pgnoticias_det.asp?MTM6MTM6MjB8Nzl8Mw==)>. Acesso em: 30 jan. 2013.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**. São Paulo: Educ, 1992.

\_\_\_\_\_. **Interacciones arriesgadas**. Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Modos de presença do visível. In: OLIVEIRA, A. C. de (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. Para uma semiótica sensível. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Presenças do Outro**: Ensaios de Sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. Voiture et peinture: de l'utilisation à la pratique. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 241-254, dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12945/11604>>. Acesso em: jul. 2013

LIZ, J. Discord at opening of Chords Bridge. **Haaretz**, [Tel Aviv], 26 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/print-edition/news/discord-at-opening-of-chords-bridge-1.248541>>. Acesso em: 20 jan. 2013.



MAKING of da Ponte iluminada. Vídeo da instalação da iluminação da “Ponte Iluminada Telefonica”, publicado no site Youtube por Telefonicanaweb. 02 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gxW1hMemMal>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

MALAGUTTI, P. L. Os quatro elementos da natureza e a matemática. In: BIENAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MATEMÁTICA, 2, 2004, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBa, 2004. Disponível em: <<http://www.dm.ufscar.br/~dplm/O%20fogo.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MARCELO B. Box - real parque vs ponte estaiada. Publicada no site Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oTfkmOM94-0>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

NOGUEIRA, M. R. Complexo Viário Real Parque. **Prefeitura de São Paulo**, Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/obras\\_viarias/complexos\\_viarios/index.php?p=20026](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/obras_viarias/complexos_viarios/index.php?p=20026)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

OLIVEIRA, A. C. de. As semioses pictóricas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

\_\_\_\_\_; Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **As interações Sensíveis**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

PASSEATA na Av Jornalista Roberto Marinho e na Sede Rede Globo SP. Publicado no site Youtube em 23 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oOQxrDsX1FY>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

PASSIONE - 1º cap. 17/05/2010 (p1). Primeiro capítulo da novela Passione, da Rede globo de Televisão, publicado no site Youtube. 17 maio. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jBvA-YBM-e0>>. Acesso em 19 nov. 2012.

PEREIRA, T. R. C., **Interação, Sentido e Visibilidade no Futebol de Várzea em São Paulo:** sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PIZA, P. T. Mulher cai de ponte estaiada após acidente com moto em SP. **G1**, São Paulo, 22 fev. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/02/mulher-cai-de-ponte-estaiada-apos-acidente-com-moto-em-sp.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

PONTE Iluminada Telefônica. Vídeo de lançamento do projeto, publicado no site Youtube por Telefonicanaweb. 02 dez. 2010. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=nFklauu0yBs&list=UUAOITC58YDpPp1jn0QB6WQg&index=167&feature=plpp\\_video](http://www.youtube.com/watch?v=nFklauu0yBs&list=UUAOITC58YDpPp1jn0QB6WQg&index=167&feature=plpp_video)>. Acesso em: 20 fev. 2013.

QUE luz é essa?. **BM&F bovespa**, São Paulo, [2011]. Seção Em Ação. Disponível em: <<http://bvmfemacao.v2v.net/posts/85>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

RODOVIAS E VIAS. O novo cartão postal de São Paulo. **Revista Rodovias e Vias**, ed. 33. Curitiba, 2007. Seção Inédito. Disponível em <<http://www2.rodoviasevias.com.br/revista/materias.php?id=90&rvc=5>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

RODRIGUES, S. Religião vem de 'reler' ou 'religar'?. **Revista Veja**, [S.l.], 01 mar. 2012. Seção Consultório. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/religiao-vem-de-reler-ou-religar/>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

ROTARY club sp ponte estaiada. Disponível em: <<http://www.rotaryspponteestaiada.com/>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

ROTEM, T. The Controversial Bridge (תקולחמה רשג) (in Hebrew). **Haaretz**, [Tel Aviv], 19 maio 2008. retrieved 5 December 2011. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/misc/1.1325232>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SABIÁ salta do ponto mais alto da ponte estaiada de São Paulo. Globo.com, desafio do Faustão, 13 nov. 2011. Disponível em: <<http://tv.globo.com/programas/domingao-do-faustao/desafio-do-faustao/noticia/2011/11/sabia-salta-do-ponto-mais-alto-da-ponte-estaiada-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

SABIÁ saltando da Ponte estaiada em São Paulo. Parte do Programa Faustão, publicado no site Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hMM5cncr7PWs>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

SAGRADI, R. Confira as atrações do Summer Preview. **Elle**, São Paulo, 11 maio. 2012. Disponível em: <<http://elle.abril.com.br/materia/confira-tudo-que-ira-acontecer-no-summer-preview>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SÃO Paulo ganha versão do cartaz de “Planeta dos Macacos: A Origem”. **IG**, São Paulo, 19 ago. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/sao+ paulo+ ganha+ versao+ do+ cartaz+ de+ planeta+ dos+ macacos+ a+ origem/ n1597164623537.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SECRETARIA do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo. Pomar Urbano. **Governo do Estado de São Paulo**, São Paulo, [2011]. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/wp/ pomar/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SÉRIE Relações Diplomáticas: Coreia do Sul – pontes. Site dos Correios, 2009. Disponível em: <[http://www.correios.com.br/selos/selos\\_postais/selos\\_2009/selos2009\\_25.cfm](http://www.correios.com.br/selos/selos_postais/selos_2009/selos2009_25.cfm)>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SERRA: parceria com prefeitura não é recado eleitoral. **G1**, [São Paulo], 10 maio. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL465333-5601,00-SERRA+PARCERIA+COM+ PREFEITURA+NAO+E+RECADO+ELEITORAL.html>>. Acesso em: jul. 2012.

SPIGLIATTI, S. Em SP, ato por redução de jornada fecha Ponte Estaiada. **Estadão online**, São Paulo, 28 maio. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,em-sp-ato-por-reducao-de-jornada-fecha-ponte-estaiada,179344,0.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

TEATRO Real - Apresentações de Existências Ponte Estaiada e Viaduto do Chá. Vídeo publicado no site Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fntk5zbRtnE>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

TELEFÔNICA presenteia paulistano com a Maior árvore de Natal interativa e iluminada do mundo. Press release da imprensa sobre o evento. 2010. Disponível em: <[http://saladeprensa.telefonica.com/documentos/nprensa/Telefnica\\_pos\\_inauguracao1.pdf](http://saladeprensa.telefonica.com/documentos/nprensa/Telefnica_pos_inauguracao1.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2013.

THE ASSOCIATED Press. Jerusalem’s Bridge of Chords: a new addition to city of ancient symbols. **Haaretz**, [Tel Aviv], 25 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/travel-in-israel/jerusalem-s-bridge-of-chords-a-new-addition-to-city-of-ancient-symbols-1.248468>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

TRINDADE, E. Ponte Estaiada é inaugurada em clima campanha. **Estadão**. São Paulo, 10 maio. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,ponte-estaiada-e-inaugurada-em-clima-campanha,170554,0.htm>>. Acesso em: jul. 2013.



VENDEDOR se acorrenta à ponte estaiada para apoiar o Brasil na Copa!. **G1**, São Paulo, 19 jun. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/06/vendedor-se-acorrenta-ponte-estaiada-para-apoiar-o-brasil-na-copa.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

VESGO e Sílvio dão parabéns para Chico Pinheiros ao vivo. Publicado no site Youtube. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=jKbjIAUNq3A](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=jKbjIAUNq3A)>. Acesso em: 19 nov. 2012.

VIDEO Show - Estúdio panorâmico de vidro do SPTV (Glass Studio). Publicado no site Youtube. 07 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2vE2SZdFGXA>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

WORLD Trade Center São Paulo. Disponível em: <[http://wtc.sili.com.br/?page\\_id=19](http://wtc.sili.com.br/?page_id=19)>. Acesso em: 30 set. 2012.

# **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARANTES, O. B. F. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando conceitos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual Editora, 1988.

\_\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CASTILHO, K.; DEMETRESCU, S. (Org.). **Consumo - práticas e narrativas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011.

FARRET, R. L. **O espaço da cidade**. São Paulo: Projeto, 1985.

FELDMAN, S. A configuração espacial da metrópole. In: CAMPOS, C.; GAMA, L.; SACCHETTA, V. (Org.). **São Paulo metrópole em trânsito**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FERRARA, L. A. **Design em espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.

FERREIRA, J. S. W. **O mito da cidade-global**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FLOCH, J. M. **Identités Visuelles**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

\_\_\_\_\_. La contribution d'une sémiotique structurale à la conception d'un Hypermarché. **Recherche et Applications en marketing**, vol. IV, no. 2/89, p. 37–59, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sémiotique, marketing et communication**. Sous les signes, les stratégies. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

GREIMAS, A. J. **Maupassant**. Florianópolis: UFSC, 1993.

\_\_\_\_\_.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.



\_\_\_\_\_. **Semiótica do discurso científico e da modalidade.** São Paulo: Difel, 1976.

JAMESON, F. **Espaço e imagem:** teorias do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. URFJ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Virada Cultural:** Reflexões Sobre o Pós-Moderno. Rio de Janeiro. Ed Civilização Brasileira, 2006.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** São Paulo: José Olympio, 2002.

OLIVEIRA, A.C. de. **Linguagens na comunicação.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

\_\_\_\_\_. **Neolítico:** arte Moderna: Progressões/Regressões. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. **Semiótica, estesis, estética.** São Paulo: Educ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vitrinas:** acidentes estéticos na cotidianidade. São Paulo: Educ, 1997.

\_\_\_\_\_. ; FECHINE Y. **Visualidade, urbanidade, intertextualidade.** São Paulo: Hacker, 1998.

\_\_\_\_\_. ; LANDOWSKI, E. (Ed.). **Do inteligível ao sensível.** São Paulo: Educ, 1995.

PEZZINI, I. **Lo spot elettorale.** Roma: Meltemi, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Roma:** luoghi del consumo, consumo dei luoghi. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEMPRINI, A. **A Marca Pós-Moderna:** Poder e Fragilidade da Marca na Sociedade Contemporânea. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística.** v.1. São Paulo: Contexto, 2002.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural.** São Paulo: Paulus, 2007.

## DISSERTAÇÕES E TESES

D'ANDREA, T. P., **Nas tramas da segregação: O Real Panorama da Pólis**. 2008. Dissertação de mestrado da Faculdade de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-13102009-114940/pt-br.php>>. Acesso em: 05 jul. 2012

DEUS, A. I. **A Berrine na centralidade de São Paulo**. 2007. Dissertação de mestrado da Faculdade de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-26102007-145938/pt-br.php>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

MONTEIRO, P. R. **São Paulo nos centros das Marginais: a imagem paulistana refletida nos rios pinheiros e Tietê**. 2010. Tese de Doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-17062010-152626/en.php>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

## REVISTAS E ANAIS

ALENCAR, S. et. al. Entre o público e o privado: modos de visibilidade do consumo paulistano. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 16, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2010.

\_\_\_\_\_. et. al. Identidades do consumo em São Paulo: uma abordagem semiótica dos shoppings centers na produção de sentido para os paulistanos e a metrópole. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 17, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2011.

BAGGIO, A. T.; COTRIM, L. R. É na publicidade que o paulistano vive antes de se mudar: figuras de localização e estilos de vida em anúncios imobiliários. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 17, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2011.

BARROS, J. A. Arte é coisa mental: reflexões sobre o pensamento de Leonardo da Vinci sobre a arte. **Revista Poiésis**, Tubarão, n. 11, nov. 2008.

BAUER, T. A. A cidade como mídia: as assinaturas da ordem e as margens da vida real. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, 4, 2008. CISC University of Vienna. **Anais...** São Paulo, nov. 2008.

\_\_\_\_\_. São Paulo, o mito da cidade-global: ideologia e mercado na produção da cidade. In: Seminário Internacional de Desarrollo Urbano, 6, 2003, Buenos Aires. **Anais...** . Editado pela Prefeitura de Rio Claro, out. 2003. Disponível em: <[www.usp.br/fau/docentes/depprojeto/j\\_whitaker/doutjwhit.PDF](http://www.usp.br/fau/docentes/depprojeto/j_whitaker/doutjwhit.PDF)>. Acesso em: 05 dez. 2011.

BUENO, S. Simulacros da cidade de São Paulo na mídia impressa e digital. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 16, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2010.

CERVELLI, P. Intorno al margine: Per una semiotica della periferia urbana. **Carte Semiotiche**, Monografica Semiotiche dello spazio a cura di Paolo Bertetti, n. 8, 2005, p. 74-96. Disponível em: <[http://solima.media.unisi.it/documenti/Cervelli\\_Periferia.pdf](http://solima.media.unisi.it/documenti/Cervelli_Periferia.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2011.

CORTEZ, M. Grafite: regimes de interação na paisagem urbana . In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 17, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2011.

FIX, M. A 'fórmula mágica' da parceria público-privada: operações urbanas em São Paulo. In: Schicchi, M. C; Benfatti, D. (Org.). **Urbanismo: Dossiê São Paulo - Rio de Janeiro**. Campinas: PUCCAMP/PROURB, 2004, v, p. 185-198. Disponível em: <[http://www.usp.br/fau/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/fix\\_formulamagicaparceria.pdf](http://www.usp.br/fau/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/fix_formulamagicaparceria.pdf)>. Acesso em 05 dez. 2011.

GHIZZI, E. B. O processo perceptivo e os significados urbanos em tempo de globalização, **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 3, 2002, p. 235-239. Disponível em: <[revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1490/962](http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1490/962)>. Acesso em: 05 dez. 2011.

GOMES, R. C. Babel do século XXI: do mito às mídias. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/285/253>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, São Paulo, n.39, p.48-64, 1996.

LANDOWSKI, E. O olhar comprometido. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 2, p. 19-56, 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241/747>>. Acesso em: 05 dez. 2011.



LENZI, R. G. Os Ritmos de São Paulo: entre o trânsito e a veiculação de telejornais na internet. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 17, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2011.

\_\_\_\_\_. Práticas sociais desportivas na cidade de São Paulo: Rapel Urbano: experimentação e re-significação da cidade. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 16, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2010.

LOPES, I. C.; BEVIDAS, W. Verificação, persuasão, argumentação: notas numa perspectiva semiótica. **Todas as Letras J**, vol. 9, n.1, p. 32-41, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/650/580>>. Acesso em: 27 maio. 2011.

PEZZINI, I.; CERVELLI, P. Semiótica e consumo: espaços, identidades, experiências. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, p. 29-45, jun. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewArticle/1473>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

SÃO PAULO (Município). EMURB - empresa municipal de urbanização. **Estudo de viabilidade econômico financeiro CEPAC – Certificados de potencial adicional de construção operação urbana consorciada - água espreiada (OUC-AE)**. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento\\_urbano/sp\\_urbanismo/arquivos/cepac/oucae\\_estudo\\_de\\_viabilidade.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/arquivos/cepac/oucae_estudo_de_viabilidade.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2011.

SARZI, R. Paisagens da Metrópole Global nas Telenovelas. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 17, São Paulo. **Anais...** São Paulo, Edições CPS, 2011.

# REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

**Figura 1** (Pgs. 14-15)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 2** (Pgs. 40-41)

[A] <[http://runnersworld.abril.com.br/noticias/cerca-2-mil-corredores-encaram-meia-pontes-chuva-266211\\_p.shtml](http://runnersworld.abril.com.br/noticias/cerca-2-mil-corredores-encaram-meia-pontes-chuva-266211_p.shtml)>.

[B], [H] e [N] <[http://portoimagem.zip.net/arch2008-05-16\\_2008-05-31.html](http://portoimagem.zip.net/arch2008-05-16_2008-05-31.html)>.

[C] <<http://prosegur.goodlife.pt/oferta/264>>.

[D] Jorge Araújo/ Folha Imagem, <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/publifolha/ult10037u351788.shtml>>.

[E] <<http://publifolha.folha.com.br/catalogo/images/cover-136054-600.jpg>>.

[F] <<http://media.muccashop.com.br/i/products/saraiva/a-trajetoria-de-octavio-frias-de-oliveira-2.jpg>>.

[G] <<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/17923-veleiro-na-paraiba.htm>>.

[I] <[http://cliqueambiental.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://cliqueambiental.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html)>.

[J] e [L] <<http://www.nautica.com.br/forum/viewtopic.php?f=2&t=5365&start=30>>.

[K] <<http://www.downloadswallpapers.com/papel-de-parede/veleiro-na-turquia-16259.htm>>.

[M] <<http://s11.photobucket.com/user/Genesio1967/media/Manobradasvergas.jpg.html>>.

Acessos em: 17/07/2013.

**Figura 3** (Pg. 43)

Foto: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 4** (Pg. 44)

[A] Lucas Czapski Simoni, <<http://www.flickr.com/photos/mozen/6296021851/in/faves-64458139@N08/>>.

[B] Santa Sampa, <<http://www.flickr.com/photos/santa-sampa/3752427050/sizes/z/in/faves-64458139@N08/>>.

[C] Carolina Munhoz, <<http://www.flickr.com/photos/carolmunhoz/5863483066/in/faves-64458139@N08/>>.

[D] Gabriele Bartolucci, <<http://www.flickr.com/photos/gabriele73/4120509448/in/faves-64458139@N08/>>.

[E] Paulo Guimarães, <<http://www.flickr.com/photos/pauloguimaraes/2535810354/in/faves-64458139@N08/>>.

[F] Eduardo Maurer, <<http://www.flickr.com/photos/dumaurer/6807104239/in/faves-64458139@N08/>>.

[G] Rafael Manfrini, <<http://www.flickr.com/photos/rmanfrini/2541988971/in/faves-64458139@N08/>>.

[H] Guilherme Perez Simões, <<http://www.flickr.com/photos/guiperez/4429175745/in/faves-64458139@N08/>>.

Acessos em: 17/07/2013.

**Figura 5** (Pg. 46)

Fonte: <<http://img.vejas.abril.com.br/t/1/image/t455x600q75/veja-sao-paulo-02031.jpeg>>.

Acesso em: 25/07/2013.

**Figura 6** (Pg. 49)

[A], [G] e [I] Luciana Rossi Cotrim.

[B] Eduardo Silva, <<http://www.flickr.com/photos/elesestaovoltando22/6170677896/>>.

[C] Michael Guimarães, <[http://www.flickr.com/photos/michael\\_mike/6792905497/](http://www.flickr.com/photos/michael_mike/6792905497/)>.

[D] Claudio Margini Jr, <<http://flickeflu.com/photos/claudiomj67/interesting>>.

[E] e [J] Danilo Ferreira, <<http://cenasdacidade.wordpress.com/2007/10/29/primeiro-post-ponte-estaiada-na-av-roberto-marinho/>>.

[F] Guto Magalhães, <<http://www.flickr.com/photos/gutooo/2458741358/>>.

[H] <<http://culturaeviagem.wordpress.com/2013/04/18/as-pontes-mais-espetaculares-do-mundo-e-do-brasil/>>.

Acessos em: 17/07/2013.



**Figura 7** (Pg. 52)

[A] Tatiana Sapateiro, <<http://www.flickr.com/photos/tatianasapateiro/2455221226/>>.

[B] Tiago Baccarin, <<http://www.flickr.com/photos/tiagobaccarin/2597937129/in/faves-64458139@N08/>>.

[C] Veri Sousa, <<http://www.flickr.com/photos/verisousa/2588818564/in/faves-64458139@N08/>>.

[D], [E], [I] e [J] Luciana Rossi Cotrim.

[F] Henrique Bronze, <<http://www.flickr.com/photos/hbronze/2499837962/in/faves-64458139@N08/>>.

[G] Danilo Ferreira, <<http://cenasdacidade.wordpress.com/2007/10/29/primeiro-post-ponte-estaiada-na-av-roberto-marinho/>>.

[H] Rodrigo Soldon, <<http://www.flickr.com/photos/soldon/5188542074/>>.

Acessos em: 03/08/2013.

**Figura 8** (Pg. 54)

Esquemas elaborados a partir da foto de Adão W. Filho, <<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/34656-ponte-estaiada-sp.htm>>.

Acesso em: 03/08/2013.

**Figura 9** (Pg. 56)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 10** (Pg. 57)

Fotos: Douglas Rodrigues Gomes.

**Figura 11** (Pg. 60)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 12** (Pg. 63)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 13** (Pg. 67)

Ilustração: <<http://picsbox.biz/key/credo%20catolico%20en%20espanol>>.

Esquema elaborado a partir da foto de Adão W. Filho, <<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/34656-ponte-estaiada-sp.htm>>.

Acessos em: 03/08/2013.

**Figura 14** (Pg. 68)

[A], [B] e [D] Redesenho dos esquemas presentes na apresentação “Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira”, de Catão Francisco Ribeiro, <<http://www.revistatechne.com.br/engenharia-civil/132/imagens/IE.pdf>>.

[C] Redesenho do esquema da Wikimedia Commons, <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pascal\\_triangle.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pascal_triangle.svg)>.

[E] <<http://www.loopbaanconsult.com/trainingen/8195327-een-perfecte-close-up-van-een-verbazingwekkende-fibonacci-patroon-in-een-nautilus-schelp-3/>>.

Acessos em: 03/08/2013.

**Figura 15** (Pg. 69)

[A] <<http://wp.kzuka.com.br/musassa/2011/05/18/o-que-e-belo/>>.

[B] Redesenho do esquema presente na apresentação “Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira”, de Catão Francisco Ribeiro, <<http://www.revistatechne.com.br/engenharia-civil/132/imagens/IE.pdf>>.

Acessos em: 03/08/2013.

**Figura 16** (Pg. 73)

[A] Matheus Gonçalves, <<http://www.flickr.com/photos/toadpunk/3651428633/in/faves-64458139@N08/>>.

[B] Márcia Rebonato, <<http://www.flickr.com/photos/marciarr/3708879678/in/faves-64458139@N08/>>.

[C] Edson Ramons, <<http://www.flickr.com/photos/epamos/2481513739/in/faves-64458139@N08/>>.

[D] Agê Barros, <<http://www.flickr.com/photos/agealessandro/3337192242/in/faves-64458139@N08/>>.

[E] Silnei Laise de Andrade, <<http://www.flickr.com/photos/mochilabrasil/3123826005/in/faves-64458139@N08/>>.

[F] Fernando Xambre, <<http://www.flickr.com/photos/51763924@N06/4880731761/in/faves-64458139@N08/>>.

[G] Guilhermino Pinheiro, <<http://www.flickr.com/photos/guilhermino/4843847376/>>.

[H] Antônio Carlos Lima, <<http://www.flickr.com/photos/antoniocarloslima/5238950831/in/faves-64458139@N08/>>.

[I] Tacio Valente, <<http://www.flickr.com/photos/taciovalente/2593631839/in/faves-64458139@N08/>>.

[J] Tiago Baccarin, <<http://www.flickr.com/photos/tiagobaccarin/2598770188/in/faves-64458139@N08/>>.

[K] Samuel Jr., <<http://www.flickr.com/photos/samucs/3469252449/in/faves-64458139@N08/>>.

[L] Rodrigo Soldon, <<http://www.flickr.com/photos/soldon/6196666322/in/faves-64458139@N08/>>.

[M] Felipe Lange Borges, <<http://www.flickr.com/photos/flborges/6012961579/in/faves-64458139@N08/>>.

Acessos em: 03/08/2013.

### Figura 17 (Pg. 74)

Esquemas elaborados a partir da foto de Adão W. Filho, <<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/34656-ponete-estaiada-sp.htm>>.

Acesso em: 03/08/2013.

### Figura 18 (Pg. 87)

Fonte: <<http://www.bratke-collet.com.br/nossahistoria.php>>.

Acesso em: 05/08/2013.

### Figura 19 (Pg. 87)

[A] e [B] <<http://www.centroempresarial.com.br/pt-br/o-complexo/historia.asp>>.

[C] <<http://www.grupocopabo.com.br/contatos/contatos-fale-conosco.aspx>>.

Acessos em: 05/08/2013.

### Figura 20 (Pg. 90)

Fotos: Alexandre Hepner.

Fonte: HEPNER, Alexandre. *Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo: centralidade e forma urbana na Marginal do Rio Pinheiros*. 2010. 334 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

### Figura 21 (Pg. 92)

[A] <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/multiplan-vende-edificio-por-r-165-milhoes>>.

[B] <<http://morumbishopping.com.br/portal/o-shopping/sobre-o-shopping/>>.

[C] <[http://www.ccy.com.br/0.6\\_Album.html#](http://www.ccy.com.br/0.6_Album.html#)>.

Acessos em: 05/08/2013.

[D] Alexandre Hepner. Fonte: HEPNER, Alexandre. *Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo: centralidade e forma urbana na Marginal do Rio Pinheiros*. 2010. 334 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

### Figura 22 (Pg. 95)

[A] <<http://wtc.com.br/pt/releases/release-institucional-complexo-wtc-sao-paulo/>>.

Acesso em: 05/08/2013.

[B], [C], [D], [E] e [F] Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 23** (Pg. 96)

[A] <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/aflalo-gasperini-arquitetos-edificio-eco-berrini-17-10-2011.html>>.

[B] <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sede\\_do\\_BankBoston](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sede_do_BankBoston)>.

[C] <<http://sertaourbano.com.br/lazer-na-cidade-de-sao-paulo/shoppings-na-cidade-de-sao-paulo/>>.

[D] <<http://www.hoteis.com/ho204088/grand-hyatt-sao-paulo-sao-paulo-brasil/>>.

Acessos em: 05/08/2013.

**Figura 24** (Pg. 99)

[A] Carlos Augusto Magalhães, <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=428430>>.

[B] Edmundo Ubiratan, <<http://www.flickr.com/photos/edmundoubiratan/5884694467/sizes/l/in/photostream/>>.

Acessos em: 05/08/2013.

[C], [D], [E], [F], [G] e [H] Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 25** (Pg. 100)

Fonte: <<http://shp.org.br/geral/?secao=2>>.

Acesso em: 05/08/2013.

**Figura 26** (Pg. 102)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 27** (Pg. 103)

[A] <<http://geoberrini.com/>>.

[B] Jorge Abu Jamra, <<http://www.panoramio.com/photo/12743574>>.

[C] <[http://i1168.photobucket.com/albums/r491/sergiomazzi/7bROZ\\_zpse291f2b0.jpg](http://i1168.photobucket.com/albums/r491/sergiomazzi/7bROZ_zpse291f2b0.jpg)>.

Acessos em: 05/08/2013.

**Figura 28** (Pg. 106)

[A] <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=100121455&langid=5>>.

[B], [C] e [D] Luciana Rossi Cotrim.

[E] <<http://p2.trrsf.com.br/image/fget/cf/619/464/images.terra.com/2012/12/27/favelarealparquebrunosantosterra.jpg>>.

Acesso em: 23/07/2013.

**Figura 29** (Pg. 110)

Esquemas elaborados a partir do Google Maps, <<https://maps.google.com.br/>>.

Acesso em: 06/08/2013.

**Figura 30** (Pg. 111)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.

**Figura 31** (Pg. 114)

[A] Imagem da apresentação da reunião do Grupo Gestor da OUC-AE realizada em outubro de 2009, <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento\\_urbano/sp\\_urbanismo/arquivos/ouae/ouae\\_apresentacao\\_18\\_roggouae09out.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/arquivos/ouae/ouae_apresentacao_18_roggouae09out.pdf)>.

[B] Imagem da apresentação da reunião do Grupo Gestor da OUC-AE realizada em setembro de 2011, <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento\\_urbano/sp\\_urbanismo/arquivos/ouae/23\\_ggoucae\\_set\\_2011.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/arquivos/ouae/23_ggoucae_set_2011.pdf)>.

Acessos em: 07/08/2013.

**Figura 32** (Pg. 115)

Fotos: Luciana Rossi Cotrim.



**Figura 33** (Pg. 117)

[A], [B] e [C] Imagens da apresentação da reunião do Grupo Gestor da OUC-AE realizada em dezembro de 2011, <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento\\_urbano/sp\\_urbanismo/arquivos/ouae/24\\_ggoucae\\_apresent\\_dez\\_2011.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/arquivos/ouae/24_ggoucae_apresent_dez_2011.pdf)>.

[D] Editoria de Arte/Folhapress, <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/871033-conjunto-popular-comeca-a-ser-erguido-em-area-valorizada-de-sp.shtml>>.

[E], [G] e [H] Luciana Rossi Cotrim.

[F] Roney Domingos/G1, <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/06/ultimo-morador-deixa-favela-ao-lado-da-ponte-estaiada-apos-briga-judicial.html>>.

Acessos em: 07/08/2013.

**Figura 34** (Pg. 121)

Mapa redesenhado a partir da imagem disponível em: <[http://www.emcondominios.com.br/imagens/mapa\\_brooklin.jpg](http://www.emcondominios.com.br/imagens/mapa_brooklin.jpg)>.

Acesso em: 25/07/2013.

**Figuras 35 e 36** (Pg. 126)

Fonte: apresentação “Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira”, de Catão Francisco Ribeiro, <<http://www.revistatechne.com.br/engenharia-civil/132/imagens/IE.pdf>>.

Acesso em: 03/08/2013.

**Figuras 37 a 41** (Pg. 128)

Fonte: edição online da *Revista Techne*, número 132, março de 2008, <<http://www.revistatechne.com.br/engenharia-civil/132/artigo76381-1.asp>>.

Acesso em: 04/08/2013.

**Figura 42** (Pg. 131)

[A] Carlos Alkmin, <<http://www.flickr.com/photos/carlosalk/4663988003/sizes/l/in/faves-64458139@N08/>>.

[B] Miguel Schincariol, <<http://www.flickr.com/photos/miguelschincariol/2908206034/sizes/o/in/faves-64458139@N08/>>.

[C] André Lelis Gonçalves, <<http://www.flickr.com/photos/lelis718/3459360468/sizes/l/in/faves-64458139@N08/>>.

[D] Amanda Campos, <<http://www.flickr.com/photos/amandacampos/3493509877/sizes/l/in/faves-64458139@N08/>>.

[E] Ricardo Campelo, <<http://www.flickr.com/photos/ricampelo/5477341512/in/faves-64458139@N08/>>.

[F] Catharina Obeid, <<http://www.flickr.com/photos/unreeal/2877238530/sizes/z/in/faves-64458139@N08/>>.

[G] Paulo Uemura, <<http://www.flickr.com/photos/38396699@N02/3531537318/in/faves-64458139@N08/>>.

[H] Wally Gobetz, <<http://www.flickr.com/photos/wallyg/7647398488/in/faves-64458139@N08/>>.

Acessos em: 04/08/2013.

**Figura 43** (Pg. 134)

[A] <<http://globotv.globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/>>.

[B] <<http://globotv.globo.com/rede-globo/bom-dia-sao-paulo/>>.

[C] AgNews, <<http://www.abril.com.br/entretenimento/fotos/gravacao-novela-passione-ponte-estaida-sao-paulo-abril-557700.shtml?ft=gravacao-passione-sp-07g.jpg>>.

[D] <<http://www.portaldapropaganda.com/midia/2007/04/0004>>.

[E] <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/kom-arquitetura-edificio-jornalista-25-04-2008.html>>.

[F] Captura de tela do vídeo “Ex-presidente FHC falou sobre sua vida pessoal e expectativas para 2013”, <<http://g1.globo.com/globo-news/manhattan-connection/videos/t/todos-os-videos/v/ex-presidente-fhc-falou-sobre-sua-vida-pessoal-e-expectativas-para-2013/2319816/>>.

[G] <<http://i.imgur.com/Cv22O.jpg>>.

Acessos em: 04/08/2013.

#### **Figura 44** (Pgs. 136-137)

[A] <<http://fenomenoarqu.blogspot.com.br/2010/08/con-cual-postura-del-conocimiento-te.html>>.

[B] <<http://www.timecenter.com/articles/when-time-began-the-history-and-science-of-sundials/>>.

[C] <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jerusalem\\_Chords\\_Bridge\\_5.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jerusalem_Chords_Bridge_5.JPG)>.

[D] Saffron Blaze, <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Agora\\_and\\_El\\_Puente\\_de\\_l'Assut\\_de\\_l'Or\\_Bridge.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Agora_and_El_Puente_de_l'Assut_de_l'Or_Bridge.jpg)>.

[E] Marielle Plomp, <<http://www.flickr.com/photos/marielle/7866655386/>>.

[F] <<http://www.flickr.com/photos/vonrulen/5545470136/>>.

[G] <[http://speednthrash.blogspot.com.br/2008\\_08\\_01\\_archive.html](http://speednthrash.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html)>.

[H] Brad Ratner/Reuters, <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL613828-5602,00.html>>.

Acessos em: 04/08/2013.

#### **Figura 45** (Pg. 143)

[A] <[http://www.vsemoneti.ru/wp-content/uploads/IMG\\_10361.jpg](http://www.vsemoneti.ru/wp-content/uploads/IMG_10361.jpg)>.

[B] <<http://www.nipic.com/show/1/52/d8e2f3dd9687e723.html>>.

[C] e [D] <<http://metalica.com.br/ponte-estaiada-mastro-x-necessidade-estrutural>>.

[E] <<http://www.currencymuseum.net/macau.htm>>.

Acessos em: 04/08/2013.

#### **Figura 46** (Pg. 144)

Fonte: <<http://www.allnumis.com/>>.

Acesso em: 27/07/2013.

#### **Figura 47** (Pg. 148)

[A] <<http://antigosverdeamarelo.blogspot.com.br/2010/11/fabrica-dkw-vemag-1956-1967-universal-f.html>>.

[B] <<http://2.bp.blogspot.com/-NiQZG8eA8tI/TuFBCIX5PvI/AAAAAAAAAwB/C--VtPFxatA/s1600/urbanizacao-do-brasil-3.jpg>>.

[C] Flavio Veloso, <<http://www.flickr.com/photos/flavioveloso/7296604888/sizes/o/in/faves-64458139@N08/>>.

Acessos em: 04/08/2013.

#### **Figura 48** (Pg. 154)

Captura de tela do vídeo “Marcelo B. Box - Real Parque vs Ponte Estaiada”, <<http://www.youtube.com/watch?v=oTfkmOM94-0>>.

Acesso em: 08/08/2013.

#### **Figura 49** (Pg. 160)

Captura de tela do vídeo “Passeata na Av Jornalista Roberto Marinho e na Sede Rede Globo SP”, <<http://www.youtube.com/watch?v=oOQxrDsX1FY>>.

Acesso em: 08/08/2013.

#### **Figura 50** (Pgs. 162-163)

Fotos: Mundano, <<http://www.flickr.com/photos/artetude/sets/72157616661937801>>.

Acesso em: 08/08/2013.

#### **Figura 51** (Pg. 166)

Foto: Mundano, <<http://www.flickr.com/photos/artetude/3426682654/in/set-72157616661937801>>.

Acesso em: 08/08/2013.

**Figura 52** (Pg. 175)

Fotos: Guto Magalhães, <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=445341&page=83>>.  
Acesso em: 08/08/2013.

**Figura 53** (Pg. 177)

[A] Club do Fordinho, <<http://www.clubedofordinho.com.br/galeria/displayimage.php?album=78&pos=18>>.  
Acesso em: 29/07/2013.  
[B], [D] e [E] Guto Magalhães, <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=445341&page=83>>.  
[C] <[http://www.enferrujado.com.br/component/option,com\\_registration/Itemid,0/task,register/index.php?option=com\\_content&task=view&id=74&Itemid=1](http://www.enferrujado.com.br/component/option,com_registration/Itemid,0/task,register/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid=1)>.  
Acesso em: 15/11/2012.  
Acesso em: 29/07/2013.

**Figura 54** (Pgs. 180-181)

[A] Estilo Ramy, <<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2008/05/419478.shtml>>.  
[B] <<http://contrapontoefuga.wordpress.com/page/2/>>.  
[C] <<https://www.midiaindependente.org/pt/red/2008/05/419716.shtml?comment=on>>.  
[D] e [F] <<http://contrapontoefuga.wordpress.com/2008/05/13/grande-inauguracao-do-novo-cartao-postal-de-sao-paulo-ou-construisse-uma-piramide/>>.  
[E] <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/05/419566.shtml>>.  
[G] Thiago Benicchio / Apocalipse Motorizado, <<http://girame.wordpress.com/2008/05/14/uma-ponte-estaida-para-poucos-e-bons/>>.  
[H] Henrique Parra, <<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2008/05/419566.shtml>>.

[I] Guto Magalhães, <<http://www.flickr.com/photos/gutooo/2481519710/in/photostream/>>.  
[J] <<http://urbanistas.com.br/sp/2008/05/09/pic-nic-na-inauguracao-da-ponte-estaiada/>>.  
Acessos em: 08/08/2013.

**Figura 55** (Pg. 182)

[A] <<http://contrapontoefuga.wordpress.com/2008/05/13/grande-inauguracao-do-novo-cartao-postal-de-sao-paulo-ou-construisse-uma-piramide/>>.  
[B] <<http://contrapontoefuga.wordpress.com/page/2/>>.  
[C] Gustavo Escatena / Imagem Paulista, <<http://girame.wordpress.com/2008/05/page/2/>>.  
Acessos em: 29/07/2013.

**Figura 56** (Pg. 190)

[A] <[http://msalx.viajaequi.abril.com.br/2012/09/03/1324/5tY2z/01251542\\_0i5e5g6c3c.jpg?1346689766](http://msalx.viajaequi.abril.com.br/2012/09/03/1324/5tY2z/01251542_0i5e5g6c3c.jpg?1346689766)>.  
[B] Leandro Moraes/Folha Imagem, <[http://rodolfolucena.folha.blog.uol.com.br/arch2008-06-01\\_2008-06-30.html](http://rodolfolucena.folha.blog.uol.com.br/arch2008-06-01_2008-06-30.html)>.  
[C] <[http://www.pedalemfamilia.com/2012\\_01\\_01\\_archive.html](http://www.pedalemfamilia.com/2012_01_01_archive.html)>.  
[D] e [G] Roberto Sekiya, <<http://robertosekiya.album.uol.com.br/world-bike-tour-sao-paulo---roberto/9489935>>.  
[E] Fábio Ura / ZDL, <<http://esporte.uol.com.br/album/2011/08/18/paisagem-no-esporte.htm>>.  
[F] <[http://www.cadernosp.com.br/cidade/5413/18%AA-Maratona-de-S-Paulo-acontece-no-domingo-\(17\)/](http://www.cadernosp.com.br/cidade/5413/18%AA-Maratona-de-S-Paulo-acontece-no-domingo-(17)/)>.  
[H] <<http://3.bp.blogspot.com/-Dk1GII9erVE/TzPHinDZh0I/AAAAAAAAAnM/EarU59Vp08A/s1600/SP%2520~1.JPG>>.  
Acessos em: 29/07/2013.



**Figura 57** (Pg. 191)

[A] e [B] <<http://blog.correios.com.br/filateliasao-paulo-estampa-selos-personalizados/>>.  
 [C] <<http://www.rotaryspponteestaiada.com/>>.  
 [D] <http://www.foursquarebrasil.com.br/wp-content/uploads/2011/12/Sampa-Bage-l-Foursquare-BR.png>>.  
 [E] <<http://www.selosefilatelia.com/PastaLancamentos09/027.html>>.  
 Acessos em: 08/08/2013.

**Figura 58** (Pg. 192)

[A] Captura de tela do *site* Bridges Brazil 2012, <[http://www.iqpc.com/redForms.aspx?id=644098&pdf\\_form=1&culture=PT-pt](http://www.iqpc.com/redForms.aspx?id=644098&pdf_form=1&culture=PT-pt)>.  
 [B] <<http://www.icz.org.br/downloads/bridges-brazil-2011.pdf>>.  
 [C] <<http://trendwatching.com/seminars/saopaulo/>>.  
 Acessos em: 30/06/2012.

**Figura 59** (Pg. 193)

[A] <<http://promoview.com.br/virtual/39420-telefonica-ilumina-ponte-e-lanca-concurso-cultural/>>.  
 [B] Samir Baptista, <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI3387731-EI8139,00-SP+Ponte+Estaiada+estreia+decoracao+de+Natal.html>>.  
 [C] <<http://altacultura.wordpress.com/2011/12/25/ponte-estaiada/>>.  
 [D] Fernando Borges/ Terra, <<http://noticias.terra.com.br/brasil/maior-arvore-de-natal-do-mundo-e-iluminada-em-sp,8fa9e24bef62b310VgnCLD200000bbcceb0aRCD.html?vgnnextfmt=fmtExpandedPics#>>.  
 [E], [F] e [J] Bob Toledo, <[http://www.onprojecoes.com.br/portfolio\\_foto.php?id=183&posicao=0](http://www.onprojecoes.com.br/portfolio_foto.php?id=183&posicao=0)>.  
 [G] Carlos Alkmin, <<http://promoview.com.br/virtual/39420-telefonica-ilumina-ponte-e-lanca-concurso-cultural/>>.

[H] Marcelo Pereira/ Terra, <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/iluminacao-de-natal-da-ponte-estaiada-e-inaugurada-em-sp,174368f40d94b310VgnCLD200000bbcceb0aRCD.html>>.  
 [I] <<http://www.elbran.com.br/blog/post/view/identifier/Natal/>>.  
 Acessos em: 31/07/2013.

**Figura 60** (Pg. 194)

[A] Marcelo Soubhia, <<http://elle.abril.com.br/materia/veja-mais-cliques-da-montagem-do-elle-summer-preview#image=4faeec6e9827686337000235>>.  
 [B] <<http://absurdinhos.wordpress.com/2013/02/26/verao-2014-elle-summer-preview-acontece-no-dia-09-de-marco/>>.  
 [C] <<http://www.revistaversatile.com.br/elle-summer-preview-2013/>>.  
 [D] Paulo Liebert, <<http://blogs.estadao.com.br/boulevard/ponte-da-estaiada-virou-passarela-para-o-1o-desfile-de-moda-praia-2013/>>.  
 [E] <<http://elle.abril.com.br/materia/veja-em-primeira-mao-o-convite-do-elle-summer-preview/galeria-maior?id=2013-02-19-convite-elle-summer-preview-2013>>.  
 [F] <<http://elle.abril.com.br/materia/noite-grandiosa>>.  
 [G] <<http://blogcartaodevisita.wordpress.com/2013/03/19/elle-summer-preview-2013/>>.  
 [H] <<http://posting.org/image/a4iaymonv/>>.  
 Acessos em: 31/07/2013.

**Figura 61** (Pg. 195)

[A] Iwi Onodera / EGO, <<http://www.gp1.com.br/celebridades/noticias/nao-me-sentia-preparada-para-lidar-com-pessoas-pobres-diz-miss-universo-leila-lopes-213161.html>>.  
 [B] Eduardo Anizelli / AE, <<http://fotos.limao.com.br/galeria,,18587,,17,%7C,geral-passeata-para-a-ponte-estaiada-em-sao-paulo-00.htm>>.

[C] e [D] Marcos Ribolli / Globoesporte.com, <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/fotos/2010/11/fotos-emerson-fittipaldi-pilota-lotus-em-sao-paulo.html>>. Acessos em: 01/08/2013.

### Figura 62 (Pg. 196)

[A] <<http://globo.tv.globo.com/rede-globo/sptv-1a-edicao/>>.

[B] Captura de tela do vídeo "Sábida pula da ponte Estaiada", <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_rxYUyPK34c](http://www.youtube.com/watch?v=_rxYUyPK34c)>.

[C] AgNews, <<http://www.abril.com.br/entretenimento/fotos/gravacao-novela-passione-ponte-estaiada-sao-paulo-abril-557700.shtml?ft=gravacao-passione-sp-07g.jpg>>.

[D] <<http://i.imgur.com/Cv22O.jpg>>.

[E] Captura de tela do vídeo "Ex-presidente FHC falou sobre sua vida pessoal e expectativas para 2013", <<http://g1.globo.com/globo-news/manhattan-connection/videos/t/todos-os-videos/v/ex-presidente-fhc-falou-sobre-sua-vida-pessoal-e-expectativas-para-2013/2319816/>>.

Acessos em: 01/08/2013.

### Figura 63 (Pg. 197)

[A] Cenas da Cidade.com, <<http://www.flickr.com/photos/cenasdacidade/2623189552/in/photostream/>>.

[B] Cenas da Cidade.com, <<http://www.flickr.com/photos/cenasdacidade/2623189700/in/photostream/>>.

[C] Cenas da Cidade.com, <<http://www.flickr.com/photos/cenasdacidade/2622364441/in/photostream/>>.

Acessos em: 01/08/2013.

### Figura 64 (Pg. 198)

[A] <[http://www.aceshowbiz.com/still/00003489/blindness\\_09.html](http://www.aceshowbiz.com/still/00003489/blindness_09.html)>.

[B] <<http://www.cinepop.com.br/filmes/planeta-dos-macacos-2011.php>>.

[C] <<http://pdfcdn.webcyrela.com.br/Content/pdf/GuiaBairro/Berrini.pdf>>.

[D] <[http://www.mundodomarketing.com.br/images/materias/hilton\\_moments.jpg](http://www.mundodomarketing.com.br/images/materias/hilton_moments.jpg)>.

[E] <[http://www.amazon.com/Time-Out-Sao-Paulo-Guides/dp/1846701260/ref=sr\\_1\\_1?ie=UTF8&qid=1375334881&sr=8-1&keywords=time+out+sao+paulo](http://www.amazon.com/Time-Out-Sao-Paulo-Guides/dp/1846701260/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1375334881&sr=8-1&keywords=time+out+sao+paulo)>.

[F] <<http://noaneo.fr/a-ha-foot-of-the-mountain-594>>.

Acessos em: 01/08/2013.

### Figura 65 (Pg. 199)

[A], [B] e [E] Rogério Canella/UOL, <<http://noticias.uol.com.br/album/2012/09/19/artista-promove-corrida-entre-carro-e-carruagem-na-marginal-pinheiros.htm>>.

[C] <<http://blogs.estadao.com.br/edison-veiga/page/29/>>.

[D] Marcelo Mora/G1, <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/09/desafio-de-mobilidade-em-sp-entre-carruagem-e-carro-da-empate-tecnico.html>>.

Acessos em: 01/08/2013.

### Figura 66 (Pg. 200)

[A] Moacyr Lopes Junior/Folhapress, <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/2502-horadoplaneta#foto-49361>>.

[B] Autismo e Realidade, <<http://www.flickr.com/photos/autismoerealidade/5874741132/>>.

[C] Autismo e Realidade, <<http://www.flickr.com/photos/autismoerealidade/5874187887/in/photostream/>>.

[D] <[http://caminhosdoautismo.blogspot.com.br/2011\\_03\\_01\\_archive.html](http://caminhosdoautismo.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html)>.

Acessos em: 01/08/2013.

**Figura 67** (Pg. 201)

[A] <[http://ed2013familia.blogspot.com.br/2012\\_08\\_05\\_archive.html](http://ed2013familia.blogspot.com.br/2012_08_05_archive.html)>.

[B], [C] e [D] Capturas de tela do vídeo "Teatro Real - Apresentações de Existências Ponte Estaiada e Viaduto do Chá", <<http://www.youtube.com/watch?v=fntk5zbRtnE>>.

[E] Captura de tela do site Panoramio, <<http://www.panoramio.com/>>.

[F] Fernando Naviskas, <<http://criacaoevida.com/2013/03/30/fernando-naviskas/>>.

[G] Captura de tela do vídeo "Cartão Postal", <<http://www.youtube.com/watch?v=lq5vaZSYpjc>>.

[H] Lobo Pop Art, <<http://352x.blogspot.com.br/>>.  
Acessos em: 01/08/2013.

**Figura 68** (Pg. 202)

[A] Fernando Borges/Terra, <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/contraviolencia-em-spmotociclistas-usam-fantasia-e-rapeledd08f3dd4cddb310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>.

[B] Fernando Borges/Terra, <<http://www.maismorumbi.com.br/noticias/manifestantes-praticam-rapele-na-ponte-estaiada-para-contestar-violencia/>>

[C] G1, <<http://jorgejansen.blogspot.com.br/2010/06/acorrentado-na-ponte.html>>.

[D] Paulo Toledo Piza/G1, <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/02/mulher-cai-de-ponte-estaiada-apos-acidente-com-moto-em-sp.html>>.

[E] <<http://www.destakjornal.com.br/noticias/sao-paulo/roubo-de-fios-8216-apaga-8217-ponte-inaugurada-h-225-seis-dias-23485/>>.

[F] Fabiano Correia/G1, <<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2012/05/veja-fotos-de-acidente-com-porsche.html#F437041>>.

Acessos em: 01/08/2013.

**Figura 69** (Pg. 222)

Captura de telas do vídeo "Abertura de amor a vida HD 1080p", <<http://www.youtube.com/watch?v=PJw7sgj1Rzg>>.

Acesso em: 11/08/2013.

**Figura 70** (Pg. 224)

[A] <<http://www.imprensa.com/2013/06/o-que-eu-penso-disso-tudo.html>>.

[B] Mídia Ninja, <<http://www.flickr.com/photos/55449636@N07/9079176562/>>.

Acessos em: 09/08/2013.